

37(091)(81) Santos, Pedro de Souza.
S237c Cidadania e educação dos negros através da
 imprensa negra em São Paulo (1915-1937) /
 Pedro de Souza Santos. -- Itatiba, 2007.
 136 p.

 Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-
 Graduação Stricto Sensu em Educação da
 Universidade São Francisco.
 Orientação de: Maria Ângela Borges Salvadori.

 1. Educação dos negros - História. 2. Racismo.
 3. São Paulo (Capital). 4. Imprensa negra. 5.
 República. 6. Movimentos sociais. I. Salvadori, Maria
 Ângela Borges. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

Pedro de Souza Santos
R.A. 002200500563

**CIDADANIA E EDUCAÇÃO DOS NEGROS ATRAVÉS DA
IMPrensa NEGRA EM SÃO PAULO (1915-1937)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: História, Historiografia e Idéias Educacionais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Ângela Borges Salvadori.

Itatiba
2007

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que sofreram na pele a violência do preconceito racial e que resistiram não se silenciaram lançando mão de estratégias variadas na luta pela liberdade e para a conquista dos seus direitos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Francisco e Diva pelo início de tudo, pela confiança e o carinho dispensados e por me fazerem acreditar que as coisas eram possíveis.

A minha companheira Ana que com a sua tolerância me auxiliou nos momentos mais agudos desse trabalho aos meus filhos Jymmy, Julyana e Lincon por terem compreendido a minha ausência em alguns momentos.

Aos amigos de trabalho especialmente Valdir, Valéria e José Luiz que se desdobraram e cobriram as minhas ausências em diversas ocasiões, sem eles dificilmente daria conta de cumprir as exigências do programa.

Não poderia deixar de mencionar os amigos do mestrado que com as suas observações e críticas ajudaram muito na minha trajetória de pesquisador em especial a turma de história Sérgio, Eliane, Antonio, Silvana, Renata e Maria Célia, e a Débora da turma de matemática pelas sucessivas caronas de Itatiba até Francisco Morato.

Aos professores Moysés Kuhlmann e Maria Gabriela pelas sugestões, pelas aulas ministradas de forma competente e pelo comprometimento de ambos com o trabalho acadêmico.

A professora Regina Pahim Pinto pela leitura atenciosa desse trabalho, pelas observações e sugestões feitas.

A Maria Ângela um agradecimento todo especial, pois a sua orientação segura fez com que eu avançasse na construção desse trabalho. Pela paciência na leitura dos meus primeiros textos e as sugestões que ajudaram no meu amadurecimento intelectual, pela sua disposição em sempre atender as minhas dúvidas, pelo seu bom humor característico e principalmente pelo seu compromisso com os alunos e orientandos.

Agradeço também a todos meus alunos que mesmo sem saberem me incentivaram nessa tarefa.

E por fim, a Universidade São Francisco pelo desconto concedido nas mensalidades e a CENP pela concessão da bolsa mestrado, sem esses benefícios certamente não seria possível a realização desse trabalho.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo estudar a formação de alguns conceitos de cidadania e educação incentivados pelos diversos grupos de negros na cidade de São Paulo no período de 1915 a 1937, identificando as ações propostas para tal fim. Partindo das orientações teóricas propostas pela história social, pretende-se compreender os caminhos seguidos por esses grupos e a suas contribuições para a formação de uma identidade coletiva de luta. Nesse sentido, elegeu-se os jornais da imprensa negra como fonte primária para esse trabalho. A pesquisa procurou recuperar o conteúdo dos diversos textos contidos nesses jornais na perspectiva de desvendar e mostrar as ações defendidas e incentivadas pelos seus dirigentes. Ao longo do texto apresentam-se os jornais descrevendo em linhas gerais a trajetória de cada um, evidenciando as suas semelhanças e diferenças, a maneira como se posicionavam frente a algumas questões da época tais como a imigração, as políticas de saneamento e o desemprego e, de que maneira abordavam em suas páginas a situação de desigualdade social enfrentada pelos negros. Pretende-se ao final deste trabalho mostrar a importância conferida a educação como meio de ascensão social numa sociedade hierarquizada e preconceituosa.

Palavras-chave: educação, cidadania, integração.

ABSTRACT

This dissertation has as an object the study of the formation of some concepts citizenship and education motivated by several groups of blacks people in São Paulo city in the period of 1915 to 1937, identifying the actions proposed for such end. Starting with the theoretical orientations proposed by social history, we intend to comprehend the ways followed by these groups and their contributions to the formation of a collective identity. With this purpose, we chose the black press newspapers as primary source for this assignment. The research purposed to recover the content from the several texts included in these newspapers aiming to uncover and display show the actions defended and motivated by their leaders. Throughout the text it is presented the newspapers outlining each one's trajectory, evidencing theirs similarities and differences, the way they were behaved before some questions from that time such as immigration, the sanitation policies and unemployment and how they approached on their pages the situation of social inequality faced by black. It is intended in the end of this assignment to show the importance conferred to education as a means of social ascension in a hierarchized and prejudiced society.

Keywords: education, citizenship, integration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	07
CAPITULO 1: A imprensa negra.	
1.1 A imprensa negra na historiografia brasileira.....	17
1.2 Os jornais.....	20
ANEXO 1.....	71
CAPITULO 2: Imprensa negra: educação e cidadania.	
2.1 Imprensa negra e educação.....	75
2.2 Imprensa negra e cidadania.....	84
2.3 Imprensa negra, os discursos higienistas e a questão do trabalho.....	86
2.4 O lugar da mulher na imprensa negra.....	101
CAPITULO 3: Histórias de vidas, histórias para vida	
3.1 Histórias; lições para vida.....	108
3.2 Narrativas biográficas.....	114
3.3 Os abolicionistas.....	120
ANEXO 2.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	126
Relação de arquivos e bibliotecas consultados.....	130
Fontes.....	131
Bibliografia.....	133

INTRODUÇÃO

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois submetida a imposição, ligada a privilégios, enraizada em particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam. (DE CERTEAU, 2006, p.67)

Este trabalho se articulou a um lugar de produção circunscrito às vicissitudes do cotidiano de um pesquisador que, concomitante a este ofício esteve comprometido com a sua jornada de trabalho de professor de escola pública e de pai de família. Em muitos momentos a vivência das cobranças acadêmicas, profissionais e pessoais o que, implicou em um trabalho de (re) elaboração de estratégias para o encaminhamento da pesquisa e o cumprimento dos prazos. Em outros momentos, essas circunstâncias revelaram-se em um espaço privilegiado de trabalho, uma vez que possibilitaram uma articulação entre aquilo que De Certeau (2006) denominou de o lugar de produção, a prática acadêmica e a escrita do texto.

A proposta inicial de trabalho era a de realizar uma análise a respeito da exclusão educacional das camadas populares em São Paulo especialmente da população negra no início do século XX. Com o tempo e com base em alguns estudos¹ mais recentes sobre determinados aspectos da vida dos negros durante e após a escravidão, trabalhos que sinalizam para variadas ações autônomas dos negros frente aos limites impostos pela sociedade, abandonou-se este caminho, optando-se por outro que apresentasse os desvios, ou seja, algumas iniciativas dessa população voltadas para sua educação.

Nesse sentido, verificou-se que estudar o processo de educação dos negros no Brasil é deparar-se com variadas dificuldades que se colocam como obstáculos na trajetória da pesquisa. Entre tantas, encontram-se, por exemplo, um número diminuto de relatos escritos pelos negros e a invisibilidade das suas ações em geral na historiografia brasileira. Assim, nas análises das fontes disponíveis, é necessário um trabalho de superação dos limites que aparecem a todo o momento. Em outros termos, é preciso garimpar e analisar outras fontes de pesquisa ou ainda aquelas já utilizadas em estudos anteriores, lançando sobre elas um novo olhar, saber interrogá-las na perspectiva de desvendar outros possíveis sentidos conferidos à educação, fomentados pelos diversos grupos de negros no Brasil e em São Paulo em particular. É preciso lembrar a todo tempo as considerações de Bloch (2001), no que tange a análise dos documentos, ou seja, mesmo aqueles considerados mais esclarecedores só nos falam quando sabemos interrogá-los.

Investir nesta empreitada implicou também em deparar-se com uma bibliografia específica limitada e com uma escassa produção historiográfica relativa à educação dos

¹ Nessa linha, encontram-se os trabalhos de Robert Slenes, Sidney Chalhoub, Maria Cristina Wissenbach, Mary Karasch, Maria Helena Machado, Célia Maria Marinho Azevedo e João José Reis.

negros. Ao mesmo tempo revelou-se um exercício de superação e de busca de alternativas que contribuíssem para viabilização da pesquisa.

No trabalho de esquadramento de fontes que pudessem contribuir para o alargamento das análises a respeito da história da educação dos negros em São Paulo, foram encontrados no CEDIC-PUC/SP (Centro de Documentação e Informação Científica), e no Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP), vários periódicos da imprensa negra que circularam na cidade de São Paulo e em outras cidades do Estado no período de 1915 até 1965.

Numa análise preliminar de alguns desses jornais, constatou-se uma preocupação premente de diversos grupos de negros com a situação de desigualdade e discriminação a qual a população negra estava submetida. Verificou-se que, a educação era uma das muitas bandeiras de luta pela integração do negro naquela sociedade.

Diante da possibilidade de se estabelecer uma aproximação entre esses jornais e o binômio educação/cidadania e a partir daí levantar algumas hipóteses na perspectiva de desvendar algumas ações voltadas para a formação dos negros na cidade de São Paulo, elegeu-se os jornais da imprensa negra como fonte privilegiada de pesquisa, e o período de 1915 a 1937 como período de análise.

O ano de 1915 marca a publicação de um dos primeiros periódicos da imprensa negra em São Paulo - “O Menelick” - e 1937, ano limite da pesquisa, momento em que é instituído por Getúlio Vargas, o Estado Novo, período caracterizado pelas perseguições políticas e por uma censura que pretendeu a todo custo silenciar as vozes dissonantes, principalmente a imprensa de contestação.

Em 16 de setembro de 1931 foi fundada na cidade de São Paulo a “Frente Negra Brasileira”, associação que teve uma participação bastante significativa na luta contra a desigualdade, o preconceito e pela afirmação social dos negros. Em 1933 foi fundado por esta associação o jornal “A Voz da Raça” que teve grande circulação entre a população negra da cidade de São Paulo, chegando inclusive a outras regiões do Estado e do país. Em 1936 a Frente Negra Brasileira transformou-se em partido político, e em 1937 juntamente com o seu órgão de imprensa foi dissolvida pela ação do Estado Novo.

Num primeiro momento, foram selecionados os jornais publicados na cidade de São Paulo levando-se em consideração o período da pesquisa e num segundo momento, com base nas informações contidas na primeira página de cada um dos jornais, foi elaborado um quadro informativo (quadro1) contendo título e local de publicação, período e número de edições de cada jornal. Em seguida, realizou-se a leitura dos

jornais e um trabalho de seleção de algumas matérias publicadas, tendo em vista a sua relação mais direta com o objetivo proposto nesse trabalho.

Nesse sentido, pretende-se também apresentar e analisar os discursos presentes nesses jornais. Observar as (inter) relações com o contexto histórico e a (re) elaboração de estratégias de luta pelos grupos que estavam à frente desses periódicos cuja intenção também era de promover certa conscientização dessa parcela da população.

A princípio, a preocupação era a de identificar nesses jornais, os textos aparentemente mais críticos onde estivessem manifestos os conceitos de educação e cidadania e a idéia de luta pela integração dos negros. No entanto, na medida em que se avançava na leitura e análise desses jornais percebeu-se que a luta pela integração ocorria em diversos momentos, ou seja, essa luta muitas vezes era incentivada através dos textos críticos outras tantas através daqueles aparentemente negligenciáveis².

Identificou-se, nas várias matérias publicadas, um esforço em promover a formação dos leitores segundo alguns modelos propostos pelas pessoas que estavam à frente desses jornais.

Os conceitos de educação e cidadania são entendidos aqui no seu sentido amplo, num sentido formativo. Uma educação voltada para a formação moral, intelectual, cultural e para uma consciência de grupo de pertencimento entre os negros. E o direito a cidadania representado no acesso a tudo aquilo que possibilitasse aos negros a sua integração na sociedade republicana nas primeiras décadas do século XX.

Muitas vezes esses conceitos se fundem no decorrer desse trabalho, sendo apresentadas as suas inter-relações, a educação como forma de permitir ao indivíduo o seu acesso à cidadania e, a educação como um direito a ser assegurado para o cidadão. De outra maneira, a luta pela conquista da cidadania ocorria ao mesmo tempo em que se promovia o incentivo à educação dos negros e ambas faziam parte de um processo de formação incentivado pelos jornais.

Nesse sentido, pretende-se identificar e analisar algumas ações voltadas para a conquista desses direitos, ações desenvolvidas cotidianamente por essa população, mostrar iniciativas dos grupos ou pessoas que dirigiam esses jornais na construção de um projeto de afirmação social em São Paulo no início do século XX, ou na luta por um lugar a partir do qual pudessem imperar as tradições construídas em longos séculos de escravidão.

² Segundo Ginzburg (1989), o saber é caracterizado a partir da capacidade de se remontar uma determinada realidade a partir de dados aparentemente negligenciáveis.

Entende-se, que as ações e idéias veiculadas pelos jornais da imprensa negra integravam um quadro de possibilidades de luta pela integração dos negros na sociedade e a constituição de uma instrução não escolarizada da população negra em São Paulo.

Nesse contexto, a educação passava a ser valorizada pelos diferentes setores da sociedade brasileira, estando presente nos discursos da elite republicana. A educação foi erigida à condição de caminho necessário e, muitas vezes, único à construção de um perfil ideal para os brasileiros.

As referências às experiências educacionais difundidas entre a população negra ainda são escassas na produção relativa à história da educação no Brasil e, em grande parte, isso se deve ao fato de que muitas das iniciativas de instrução promovidas por essa população ocorreram em espaços diversos e em situações distintas, muitas vezes ultrapassando os limites de uma educação escolarizada: “antes de o modelo escolar tornar-se espaço privilegiado da atividade educacional, outras formas de educação foram responsáveis pela incorporação das novas gerações às diversas formas de organização das sociedades”. (FONSECA, 2002, p.125).

Com o objetivo de promover o acesso dos negros a uma educação escolarizada, principalmente devido às dificuldades de ingresso e permanência nas escolas públicas, foram criadas, por algumas entidades negras, escolas³ para essa população dentre as quais encontram-se a Irmandade dos Homens Negros do Rosário que, em 1910, criou uma escola para a população negra; o Centro Cívico Palmares que fundou uma escola na década de 1920 e a Frente Negra Brasileira que fundou uma escola em São Paulo tendo inclusive o seu curso reconhecido pelo Estado. Assim, “numa tentativa de conscientizar a população negra mais desfavorecida sobre os problemas que a atingiam e de apontar soluções para isto; a escolarização era uma destas saídas”(DEMARTINI, 1989, p. 58).

Os periódicos da imprensa negra foram criados e dirigidos por diversos grupos de negros, muitas vezes associados aos clubes culturais existentes na época; em outras estavam ligados a grupos independentes ou ainda a grupos de comprovada participação política-partidária. Portanto, embora apresentassem algumas características em comum, como as suas dimensões, os eventos culturais, os textos críticos e/ou de incentivo a determinados comportamentos e ações, etc., e objetivos muito aproximados, eles não

³ Ver “O Clarim da Alvorada”, 27-10-1929, p.3; “Progresso”, 24-03-1929, p.2.

podem ser tomados como um todo uno⁴, uma vez que, enquanto alguns jornais utilizavam-se de um discurso pautado na valorização dos negros como estratégia de convencimento: “Os homens de côr estão trabalhando por que todos reconheçam seu valor, por que sua capacidade não seja menosprezada pela raça branca”. (O Clarim da Alvorada, 28 de set. 1928, p. 4). Em outros, os textos assumem outra conotação, falam daquilo que ainda não foi conquistado: “Acreditamos, que o momento não é propício para qualquer afirmativa. Os elementos negros estão muito fraccionados. Sem união não há força. Isso é que os pretos do Brasil ainda não perceberam”. (Progresso, 23 de jun. 1929, p.2). Em alguns casos, notam-se ambigüidades nas publicações de um mesmo jornal, o que tanto pode sinalizar para alguns caminhos, inclusive para uma postura democrática dos grupos que dirigiam esses periódicos.

Pretendiam ser um veículo capaz de dar voz a protestos, reivindicações, críticas e incentivo àqueles que tinham acesso a sua leitura. Nesse sentido, buscavam educar os negros *moralmente e intelectualmente* através da publicação de diversas matérias que incentivavam alguns aspectos considerados positivos, tais como, a educação, o trabalho, a vida regrada em relação a práticas de lazer e hábitos de consumo, por exemplo, e a união; e condenar aqueles outros considerados negativos como, a preguiça, a boêmia e a acomodação.

Alguns desses jornais refletiam as inquietações dos grupos que os dirigiam e, num sentido mais amplo, tinham um caráter pedagógico e instrutivo, pois além do forte apelo político para a tomada de uma certa consciência considerada adequada por seus editores, apresentavam em suas páginas diversas matérias relacionadas aos negros o que, acredita-se, pode ter contribuído para o seu processo de formação. Além disso, a divulgação de eventos do cotidiano – tais como festas, bailes, concursos de poesia e beleza, que raramente apareciam nos periódicos da grande imprensa, pode também ter contribuído para um processo de auto-reconhecimento e construção da identidade. Assim, os negros poderiam mostrar as suas qualidades e expressar as suas idéias, o que via de regra não acontecia na chamada grande imprensa.

Na análise desta fonte identificam-se iniciativas dos negros enquanto grupo e o uso da palavra escrita como estratégia de divulgação das suas idéias, num período que, marcado pelas mudanças promovidas pelo regime republicano e por um discurso

⁴ Dentre os jornais analisados, observam-se algumas tendências políticas, como no caso do jornal A Voz da Raça, que tinha em seu cabeçalho a seguinte frase: Deus, Pátria, Raça e Família, algo muito próximo da trilogia integralista, Deus, Pátria e Família. E o jornal Brasil Novo, declaradamente socialista, dirigido por Guaraná Santana dissidente da Frente Negra Brasileira.

recorrente apoiado em medidas higienistas e teorias eugênicas, compartilhado pelos diversos setores da sociedade, onde segundo Motta (1986), reforçavam-se as qualidades do esteriótipo branco e os defeitos do esteriótipo negro.

No projeto civilizatório republicano⁵ foi estabelecido um conceito de cidadania que materializa-se através da educação mas, ao que parece, uma parcela significativa da população brasileira, principalmente negros e mestiços, foram colocados na marginalidade, considerando-se que, naquele momento, essa população teve poucas oportunidades de acesso a essa educação. É mesmo possível pensar esta exclusão como um dos dispositivos encontrados, sob o regime de trabalho assalariado, para manter condições sociais próximas a anterior.

De outra maneira, o cotejamento das fontes possibilitou a identificação de uma ação de luta de diversos grupos de negros letrados, na perspectiva de promoverem a integração e a afirmação social dessa parcela da população. Assim, os periódicos da imprensa negra contribuíram para a luta deste grupo na sociedade republicana das primeiras décadas do século XX.

Alguns autores que estudaram esta temática indicaram que a circulação desses jornais era restrita a uma elite negra letrada, principalmente devido às dificuldades econômicas e ao analfabetismo de grande parcela da população negra. Classificaram a imprensa negra como uma imprensa adicional uma vez que, segundo suas análises, as informações veiculadas restringiam-se à população negra. Segundo eles, os jornais desta imprensa não traziam informações a respeito dos *grandes* acontecimentos no Brasil ou no mundo. Em outras palavras, minimizaram o lugar destes periódicos no processo de constituição de identidades e formas de resistência.

Entende-se que havia uma preocupação premente dos editores e grupos que dirigiam esses periódicos, no sentido de apresentarem alguns caminhos e possibilidades para a luta contra a situação de desigualdade vivenciada pelos negros. Pretendiam entre outras coisas chamar a atenção para as questões que afligiam a população negra. Assim, palavras de ordem, como o *levantamento moral e intelectual da raça*⁶, são usadas com bastante frequência em vários desses jornais. “Quando se fala em união da raça negra,

⁵ Segundo Marta Carvalho, a educação era o instrumento para unificar, disciplinar, moralizar, homogeneizar e hierarquizar as populações brasileiras, com vistas a efetivação de um particular projeto da sociedade.

⁶ Em geral as pessoas que escreviam nos periódicos da imprensa negra deste período, utilizavam-se do termo raça na definição da população negra. Segundo Moura (2002), o uso do termo raça estava relacionado a um motivo de exaltação da negritude.

no sentido de se estabelecer as bases para o alevantamento moral e intellectual do negro, [...]”. (SANTOS, O Clarim, abr. 1935, p. 1).

Tomando a imprensa negra como um lugar importante para a construção dos sentidos que grupos negros tentaram dar as suas vidas e da possibilidade para a percepção de seus modos de interpretar a sociedade paulista do século XX, planeja-se organizar esta dissertação em três capítulos.

O primeiro capítulo, “A imprensa negra”, tem início com a análise de outros trabalhos sobre esse tema. De um lado trabalhos cujos autores estabeleceram alguns conceitos e uma periodização temporal e progressiva nesta imprensa; de outro, estudos recentes, mais localizados que, atribuem outros significados a esta fonte. Em seguida foram apresentados os conteúdos de cada jornal, e, a partir daí, procurou-se identificá-los, localizando suas semelhanças, diferenças e eventuais contradições.

No segundo capítulo, “Educação e cidadania”, nos debruçamos sobre a questão da educação e a formação da cidadania. Para tanto, problematizamos alguns conceitos de educação veiculados nesta imprensa tais como a idéia de uma educação não escolarizada e o incentivo à formação de um conceito de cidadania para os negros. Apresenta-se, ainda, conteúdos específicos relacionados a essa temática e analisa-se o contexto educacional do Brasil naquele momento, buscando um dialogo entre o modelo educacional vigente e aquele proposto por alguns grupos de negros.

Ainda nesse capítulo, aborda-se a implementação de políticas que levassem o país à modernização, políticas influenciadas pelos pressupostos teóricos das chamadas correntes evolucionistas.

No terceiro capítulo, “Histórias de vida, histórias para vida” foram analisadas diversas biografias publicadas nesses jornais, histórias de personagens ficcionais ou não que, possivelmente, contribuíram para a formação de uma identidade de grupo. Também nesse capítulo, apresentamos algumas matérias relacionadas à escravidão, identificando-se a presença de algumas figuras constantemente vinculadas a esse tema.

Pelas páginas desses jornais veicularam diversas matérias que no seu conjunto colocaram em evidência os negros e as suas condições sociais. Esses jornais num sentido amplo funcionaram naquele momento como um canal de comunicação entre os leitores, as associações negras e entre aqueles que não mantinham nenhum vínculo associativo. Sendo assim, a imprensa negra pode ser compreendida como um órgão de informação, na medida em que fez ver a negritude, mostrar o que estava acontecendo pelas associações negras e principalmente por mostrar a situação de desigualdade dos

negros em São Paulo. E de formação uma vez que procurou incentivar determinadas atitudes, comportamentos e ações considerados adequados e a condenar tudo aquilo que estivesse contrário a esses valores.

CAPÍTULO 1

A IMPRENSA NEGRA

[...]. “Então, eu conversando com o Manuelzinho Borba, pensamos: ‘Sabe o que devemos fazer. Ir para a imprensa negra. Vamos para a imprensa porque na imprensa a gente pode expor o que sentimos e podemos combater esses erros; que estão querendo vender o negro, são trânsfugas, e essa coisa toda. ’ E aí pensamos: ‘Mas em que jornal? Só tem o Clarim da Alvorada. Então vamos lá falar com o Leite. ’

Eu já conhecia o Leite, o Manuelzinho só conhecia o Jaime de Aguiar. Fomos lá falar com o Leite, e ele nos recebeu muito bem, era um sujeito sensato e tal. E aí começamos a trabalhar com o ‘Clarim’, visando sempre a elevação da raça, a integração do negro na sociedade, a orientação do negro dentro dessa sociedade discriminatória.

Enfim tudo o que se referia ao negro mas estava ali para denunciar as discriminações, orientar também pelo jornal, porque o jornal era também um orientador”.

(Apud MOTTA, 1986, p. 54)

1.1 A imprensa negra na historiografia brasileira

Roger Bastide foi um dos primeiros pesquisadores a se debruçar sobre o tema da imprensa negra e analisar alguns jornais publicados no Estado de São Paulo no período de 1915 a 1937. Dentre os jornais publicados foram relacionados em seu trabalho os seguintes: “Menelick”, “O Bandeirante”, “O Alfinete”, “A Liberdade”, “O Kosmos”, “O Clarim da Alvorada”, “A Tribuna Negra”, “Quilombo”, “O Xauter”, “A União”, “A Protectora” “Getulino”, “Progresso”, “Promissão”, “O Clarim” e “A Voz da Raça”. Em seu estudo, ele esclarece que o objetivo “não é, pois dar um quadro histórico da imprensa negra em São Paulo, mas sim discernir, através dela, a mentalidade de uma raça.” (BASTIDE, 1973, p.129). Analisou os jornais de uma maneira geral, privilegiando alguns títulos, principalmente aqueles que circularam na década de 1930. Assim, este autor, imprimindo uma análise sociológica da imprensa negra, estabeleceu algumas conceituações que foram amplamente utilizadas por outros autores:

Em primeiro lugar, raramente é uma imprensa de informação: o negro letrado lê o jornal dos brancos; é uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe da gente de cor. Os norte-americanos acharam um termo que a define muito bem: é uma imprensa adicional. Esses jornais procuram primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de cor. É, pois, um órgão de educação. (BASTIDE, 1973, p130)

Ainda nesta direção Bastide, promoveu uma periodização da imprensa negra em São Paulo, lançando mão de uma análise calcada em critérios de evolução na trajetória desta imprensa. Um processo de transformação em que, aos poucos, esta imprensa passaria de um período a outro adquirindo características mais complexas. Assim, segundo a sua interpretação, a história da imprensa negra estaria dividida em três períodos: O primeiro período tem início em 1915 com “O Menelick” e vai até 1929; o segundo período, de 1930 a 1937, “é o período da formação, do desenvolvimento e do apogeu da *Frente Negra*, a passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política”. (BASTIDE, 1973, p. 132, Grifos do autor); o terceiro período tem início a partir de 1945 com o retorno do regime democrático no Brasil. Assim, segundo Bastide,

“de 1937 a 1945 é o vazio. É preciso esperar a volta do regime democrático para surgir de novo a imprensa de cor, [...]”. (BASTIDE, 1973, p.133).

Miriam Nicolau Ferrara também trabalhou com uma periodização desses jornais: o primeiro período de 1915 com “O Menelick até 1923 com o Getulino. Naquele período o negro tenta sua integração à sociedade brasileira; para tanto procura identificar-se com a sociedade dominante, assimilando ou copiando valores brancos, [...]”. (FERRARA, 1981, p.184); o segundo período de 1924 com o jornal “O Clarim da Alvorada” até 1937 com a instauração do Estado Novo. É o momento em que, “as reivindicações ganham força e a imprensa negra atinge seu ápice. [...]. Agora o problema do negro é visto e abordado de modo mais direto e objetivo”. (Idem, p.185); o terceiro período vai de 1945 com a volta da democracia até 1963, ano de paralisação da imprensa negra. Naquele período, alguns jornais veiculavam propagandas eleitorais.

Miriam Nicolau Ferrara analisou os jornais da imprensa negra publicados no Estado de São Paulo no período de 1915, com o surgimento de “O Menelick” até 1963 com a publicação do “Correio do Ébano”. Apresentou as características de alguns jornais correspondentes a cada período levando em consideração os seus aspectos em comum e a partir daí, caracterizando de maneira geral os jornais que circularam dentro de cada período.

Segundo Clovis Moura (2002), apoiando-se nessa periodização, os jornais da imprensa negra passam do *absenteísmo político* na sua origem para uma participação mais política na sua última fase.

A partir dessas colocações nota-se uma valorização maior de determinados jornais e períodos. Esses autores partem de um ponto comum que são os anos iniciais da década de 1910 descrevendo a trajetória de alguns desses jornais, o contexto em que estavam inseridos e estabelecendo uma periodização *evolucionista* desta imprensa, linear onde no decorrer do processo histórico atingiria o seu ápice.

De modo geral, segundo estes autores, os jornais da imprensa negra não registram os acontecimentos da sociedade brasileira, restringindo-se apenas às informações deste grupo. “O certo, porém, é que essa imprensa era quase *impermeável* aos acontecimentos da sociedade dominante.” (FERRARA, 1981, p. 187, grifo nosso).

Nesse sentido, destacam a ausência de notícias referentes à África, a inexistência de um conhecimento específico sobre essa civilização. Assinalando que, “se a imprensa valoriza o negro, é o negro ocidentalizado que assimilou valores da sociedade branca e não o negro visto do ângulo da cultura africana.” (FERRARA, 1981, p. 188)

A esse respeito, Bastide concluiu que:

Dir-se-ia que esses jornalistas têm medo de lembrar sua origem, de evocar uma África, bárbara em seus pensamentos, um país que é imaginado quase como um país de selvagens. E isso a tal ponto que os negros do Brasil se erguem contra as idéias de Garvey, as de volta à África; querem permanecer brasileiros, e é preciso subentender: membros de uma nação civilizada. Numa palavra, a valorização não se estende para além do período brasileiro; o glorificado não é jamais o africano, mas o afro-brasileiro. (BASTIDE, 1973, p. 149)

As considerações apresentadas nesses trabalhos inserem-se num campo de análises que, embora reconhecendo a importância desta imprensa na luta pela afirmação social dos negros, caracterizaram-na no seu conjunto desconsiderando as suas particularidades e o sentido das ações propostas em cada jornal.

Os trabalhos desenvolvidos sobre a imprensa negra do período republicano seguiram, a sua maioria, a tendência de se deter sobre o conteúdo informativo destes documentos, afastando-se de uma análise mais profunda do discurso presente neles. A quantidade de trabalhos nesse sentido é consideravelmente grande, mas todos costumam partir de uma mesma referência: a linha teórica fundada pelos professores Roger Bastide e Florestan Fernandes da Universidade de São Paulo, entre as décadas de 1950 e 1960. (MIRANDA, 2005, p. 15)

Nesse sentido, Bastide (1973) e Moura (2002) afirmaram que os jornais da imprensa negra tinham uma circulação restrita e eram dirigidos a uma elite negra letrada. Desta maneira, ignoraram em suas análises outras possibilidades de acesso e leitura desses jornais. Antunes Cunha, militante negro que escreveu diversas matérias no jornal “O Clarim da Alvorada” e em outros jornais explica que, a princípio, a circulação desses jornais era restrita a um público letrado, fato depois superado, pois “junto a muitos desses reunia-se gente sem estudo para ouvir as notícias. Avó, pai sem leitura, comprava o jornal, para que os netos, os filhos lessem para eles.” (CUNHA apud GONÇALVES & SILVA, 2000). Assim, a leitura poderia ser ampliada para além dos segmentos alfabetizados. E a história da educação dos negros no início do século XX pode ser ampliada para além da escola.

Em seu trabalho “Os arcanos da cidadania”, Marinalda Garcia destaca o papel da imprensa negra paulista na década de 1920 e a sua contribuição para formação de um conceito de cidadania entre os negros. Diferentemente de Roger Bastide e Miriam Nicolau Ferrara esta autora analisou um período de menor abrangência desta imprensa.

Contudo, o seu trabalho trilhou o mesmo caminho dos anteriores, atrelando a criação desta imprensa a uma luta ideológica como se pode observar nesta passagem: “Tomando por base as obras de Bastide e Ferrara, procuramos descrever as reivindicações dos intelectuais pelo fim das desigualdades e o modo como colocavam em prática os seus instrumentos de luta em direção à cidadania.” (GARCIA, 1997, p.30-31).

Rodrigo Miranda, à luz da história cultural, analisou os diversos discursos presentes no “Getulino”, jornal da imprensa negra criado em Campinas no ano de 1923. Utilizando-se dos conceitos de representação procurou identificar neste periódico os significados da linguagem para a constituição de identidades raciais. Assim, realizou um trabalho de busca no sentido de extrair dos discursos presentes neste jornal os sentidos apresentados para a formação de uma identidade própria.

1.2 Os jornais

Os jornais da imprensa negra paulista apresentavam características distintas que confluíam para um mesmo objetivo, a integração plena dos negros na sociedade. As estratégias adotadas por esses jornais para tal fim foram as mais variadas possíveis, passando pela divulgação de textos críticos, poesias, histórias e exemplos de vida, textos de incentivo, divulgações de eventos culturais e esportivos no meio negro, incentivo à educação, combate a comportamentos considerados inadequados, comemorações do 13 de maio e do 28 de setembro, concursos de beleza, notas de falecimento e missa de sétimo dia, notas de nascimento e batismo, notas de casamento e de bodas, notas de formaturas, informações sobre alguns acontecimentos no Brasil e no mundo, dentre outros.

Todos os jornais analisados neste trabalho utilizaram-se desse expediente, alguns com maior frequência que outros:

A comunidade negra em São Paulo vivia - como minoria que era - com as suas entidades e seus clubes. Por isso, tinha necessidade de ter um veículo de informação dos acontecimentos sociais que tinham na comunidade, porque o negro tinha a sua comunidade: uma série de comunidades recreativas e sociedades culturais. Como é natural, a imprensa branca não ia cuidar de dar informações sobre as atividades que essa comunidade tinha. Daí surgiu a imprensa negra. Havia também nossos literatos, nossos poetas que queriam publicar os seus trabalhos, e essa imprensa cumpria tal função: de servir de meio de

comunicação. São Paulo era pequena e as comunicações muito mais fáceis. Então, na nossa imprensa, fazíamos notícias de aniversários, de casamentos, de falecimentos. Tudo isso era feito pela nossa imprensa. (LEITE Apud Moura, 2002, p.12)

Muitas vezes o próprio nome do jornal estava atrelado a algum acontecimento considerado importante ou a uma idéia de luta; o seu cabeçalho, em geral, procurava deixar evidente qual a sua finalidade, a que veio.

Esses periódicos normalmente tinham o formato in-quarto⁷ e as suas dimensões⁸, em geral, eram de 32 a 46 cm por 23 a 32 cm. A primeira página apresentava o cabeçalho com o nome do jornal, subtítulo - *Orgam mensal, noticioso, literario e critico dedicado aos homens de cor*, nome dos redatores, local, data, número de edição e, em geral o valor do jornal. Em alguns jornais, nas edições publicadas por ocasião do dia 13 de maio e do 28 de setembro, o número de páginas era ampliado chegando a ter entre oito e dez. Na maior parte dos jornais as páginas estavam divididas em quatro colunas, o que garantia maior aproveitamento dos espaços e também uma melhor configuração das suas páginas.

As matérias, em geral, não estavam ordenadas em uma seqüência, antes se encontravam distribuídas mais aleatoriamente pelas páginas. Era comum, por exemplo, o leitor ler uma coluna em uma página de uma determinada edição e encontrá-la em outra página na edição seguinte.

A periodicidade desses jornais era, em alguns casos, semanais, em outros quinzenais ou ainda mensais, algo que geralmente era anunciado na primeira página. Embora, em quase todos os jornais analisados ocorriam atrasos nas publicações. Eram vendidos através de assinaturas semestrais e/ou anuais e também avulsos em determinados pontos da cidade, previamente informados no próprio jornal, ou ainda em eventos promovidos pelas associações recreativas da época. Fato interessante é que, em todos os jornais analisados, em determinados números, havia uma nota de cobrança aos assinantes em atraso.

A maior parte desses jornais publicava diversos anúncios em suas páginas, e pela leitura dos mesmos e de algumas notas a respeito da oferta de espaços nos jornais para anunciantes, possivelmente esse expediente se constituiu em uma fonte de recursos no

⁷ Possuíam 4 páginas. Popkin, utilizou essa denominação para descrever os jornais de 4 páginas publicados na França revolucionária no século XVIII.

⁸ Alguns jornais posteriores à década de 1930 possuíam dimensões maiores muito próximas as dos jornais de hoje.

auxílio a manutenção de alguns desses jornais, como por exemplo, no caso dos jornais “O Menelick” e “A Rua” que, publicavam anúncios por *preços módicos*.

Embora, o fator econômico dificultasse o acesso e a circulação destes jornais entre as camadas populares, não os impediu de modo definitivo. A esse respeito, Correia Leite, fundador e colaborador do jornal “O Clarim da Alvorada”, esclarece que, “ninguém comprava e nós dávamos os jornais gratuitamente. Pagávamos o papel com nosso dinheiro e sempre tínhamos prejuízo”. (apud FERRARA, 1981, p. 50).

Alguns desses jornais pertenciam às associações recreativas e culturais, outros a grupos independentes formados por trabalhadores assalariados e outros ligados a determinados grupos políticos. Eram mantidos com o dinheiro arrecadado com as suas vendas, em alguns casos pelas associações recreativas e culturais à qual pertenciam, mas, no geral, quem sustentava esses jornais eram os seus membros com parte de seus ordenados. Em algumas ocasiões, eram realizados bazares, leilões com objetos doados pelos membros das associações, bailes, dentre outros eventos como alternativas para arrecadação de fundos.

As dificuldades para produção e circulação destes periódicos foram muitas. Contudo, foram criados subterfúgios para sua sobrevivência: “Uma das estratégias usadas para contornar as dificuldades foi a de aumentar o período de tempo entre uma publicação e outra, espaçando mais a publicação e, conseqüentemente, as despesas”. (PINTO, 1993, p. 72)

Em quase todos os jornais aceitavam-se *colaboradores diversos* para a publicação de artigos, isso muitas vezes ocorria mediante ao cumprimento de algumas exigências previamente estabelecidas e divulgadas pelos próprios jornais, tais como: ser texto de autoria própria, não difamar ninguém, não usar pseudônimos, etc. Em alguns casos só se aceitavam colaboradores que fossem assinantes do jornal. Como havia um trabalho de seleção daquilo que seria publicado, os textos que eram publicados acabavam por transparecer as concepções destes jornais:

EXPEDIENTE

Não serão publicados artigos em linguagem violenta contra quem quer que seja.

A redacção não se responsabilisa pelos originaes assignados e tão pouco publica escriptos com pseudonymos, a não ser os da redacção. Só se aceita collaboração de assignantes. Os originaes, embora não publicados não serão restituídos. (Elite, 20 de jan. 1924, p. 1)

Todos os jornais analisados divulgavam eventos realizados pelas várias associações culturais e recreativas da época, e muitos publicavam notícias de outros jornais da imprensa negra, havendo ainda aqueles que republicavam determinadas matérias veiculadas pela grande imprensa.

Nem todos abordavam questões polêmicas da época ou faziam alusão à situação política e econômica do Brasil e também às questões da conjuntura mundial. Entretanto, foram escolhas feitas por esses jornais, que mostram muito mais a opção por um caminho possível do que propriamente um desconhecimento, como afirmou Bastide (1973).

Os trechos dos jornais citados nesse trabalho foram reproduzidos fielmente conforme estavam escritos e, em alguns casos com os erros gramaticais dos seus autores.

A seguir, foi elaborado um quadro onde constam todas as edições dos jornais analisados neste trabalho bem como o ano de publicação de cada uma. E com base na leitura dessa fonte e numa análise individual de cada título procuramos descrever as suas características⁹, destacando as suas semelhanças e diferenças.

⁹ Alguns temas apresentados nesses jornais como, educação, cidadania, abolição e biografias, não foram analisados neste capítulo, essa discussão ocorrerá nos dois capítulos seguintes.

Quadro 1

Jornais da imprensa negra analisados no período de 1915 a 1937.

Título - Local	Período	Edição	Total
O Menelick – São Paulo	1915, 1916	1, 2*	2
A Rua – São Paulo	1916	3	1
O Xauter – São Paulo	1916	2	1
O Alfinete – São Paulo	1918, 1919, 1921	3, 4, 5, 8, 74, 75, 76, 77	9
O Bandeirante – São Paulo	1918, 1919	2, 3, 4	3
A Liberdade – São Paulo	1919, 1920	1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 18	14
A Sentinella – São Paulo	1920	1	1
O Kosmos – São Paulo	1922, 1923, 1924, 1925	3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30	21
O Clarim da Alvorada – São Paulo	1924 a 1933	2 ao 8, 12 ao 28, 30, 31, 33 ao 36. **1, 3 ao 9, 12 ao 23, 25, 26, 28 ao 42.	67
Elite – São Paulo	1924	2, 3, 4	3
Auriverde – São Paulo	1928	2, 3, 5, 6	4
Progresso – São Paulo	1928 a 1932	1, 3 ao 11, 13 ao 21, 23, 26, 27, 29 ao 42, 45, 48, 51,52	40
Chibata – São Paulo	1932	***	2
A Voz da Raça – São Paulo	1933 a 1937	1 ao 22, 24 ao 36, 38 ao 45, 47, 49 ao 53, 56 ao 62, 64, 65, 67, 69,70	61
Brasil Novo – São Paulo	1933	1,2,3,16	4
O Clarim – São Paulo	1935	1, 2, 3, 4	4
Total Geral			237

* Consta na primeira página desta edição o número 3, possivelmente ocorreu um erro no momento da impressão, pois após análise deste jornal verificou-se que na verdade tratava-se do número 2.

**A partir de 5 de fevereiro de 1928 teve início a sua segunda fase começando com nova numeração.

*** Foram publicados apenas dois exemplares que não apresentavam número de edição.

O Menelick

“O Menelick” foi um dos primeiros jornais da imprensa negra a ser publicado em São Paulo em 1915 e, em seu subtítulo, logo abaixo do título, aparecia escrito: *Orgam, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor*. Era composto por um redator chefe, Deocleciano Nascimento, que escreveu para diversos jornais da imprensa negra paulista; um redator secretário, Geralcino de Souza; um presidente, Reginaldo Maximo Gonçalves; um secretário, Otaviano Ferraz; um tesoureiro, Marceano Marques de Oliveira; um procurador geral, Paulo de Souza Lima e os repórteres, Theofilo Gonçalves de Freitas, José Luiz Sampaio e José Paulino. Contava inclusive com dois representantes, um no Rio de Janeiro, Octaviano José dos Prazeres e outro em Campinas, Antenor Egydio.

Esse jornal não pertencia a nenhuma associação, era um órgão independente do qual faziam parte vários sócios, “*O Menelick* não tem proprietário, é uma sociedade composta de illimitados socios que todos fazem por um e um faz por todos.” O Menelick, 17 de out. 1915, p.1).

No primeiro número, os seus redatores publicaram uma nota na qual esclareceram aos leitores, o significado do seu título e a intenção do jornal:

Aos 18 de julho do corrente anno, a convite do Snr. Deocleciano Nascimento reuniram-se em sua residência a Rua da Graça n° 207 os seguintes Snrs:

Geralcino de Souza, Juvenal de Pádua Mello, Paulo de Souza Lima, Octaviano Ferraz, Marceano Marques de Oliveira, João Benedicto, Marcellino Cruz, Reginaldo Maximo Gonçalves, José Paulino, Aristides Alves da Costa, Avelino Paiva e José Luiz Sampaio.

[...]

Fundou-se então este jornal o qual buscou adquirir um nome, que não deveria, mas era esquecido dos Homens de cor, é esse o nome, o de Menelik II, o grande rei da raça preta, falecido em 1913.

Surgiu então a fundação deste jornal com a denominação de “O Menelik”.

[...]

Destino

Como resa o cabeçalho deste jornalsinho: *orgam* mensal, noticioso, crítico e literario dedicado aos Homens de Cor, é necessario agora que o leitor compreenda que é o destino que cada uma destas palavras tomam, ou função que exercem.

- a) E’ mensal, porque destina aparecer de mez a mez.
- b) E’ noticioso para travarmos conhecimentos de factos que se dão e passam sem previo conhecimento da classe nossa.

- c) *E' critico (só entre a classe)* para colher os ditos filosoficos que navegam nos labios desse povo.
- d) E' literário para mostrar ao mundo *as sabedoria que occultamente vaguea no cérebro da classe.*
- e) E' dedicado aos homens de cor para prestar-lhe, homenagens. (O Menelick, out. 1915, p. 1, Grifos nosso).

Segundo essas informações, os objetivos desse jornal seriam trazer informações aos leitores de fatos da sociedade, principalmente daqueles ocorridos em grande parte entre a população negra e, incentivar a manifestação de uma parcela dessa população através das suas páginas. Como observou a redação, esse jornal seria um órgão crítico somente entre os negros, pode-se entender essa atitude como um direcionamento das suas críticas aos próprios negros ou ainda àquilo que produziam.

Este jornal era composto por quatro páginas, e iniciava a sua edição sempre com uma poesia. Publicava anúncios, mesmo não sendo encontrado nenhum nas duas edições analisadas, pois foi observado o seguinte aviso na sua primeira edição: “O Menelik publica anuncios por preços módicos.” (O Menelick, 17 de out. 1915, p. 1).

Aceitava colaboradores diversos, no entanto alertava que, “qualquer collaboração que cahir na sua caixa e elle descobrir que ella foi roubada de algum livro, revista ou cousa que o valha, nem que seja o rei que assigne, vae pr'o balaio e o nome do collaborador falso é criticado por quanto tempo for lembrado.” (O Menelick, 1 de jan. 1916, p. 4)

“A caixa e o balaio” era uma seção deste jornal onde os redatores agradeciam nominalmente os colaboradores e também justificavam algumas vezes a não publicação de alguns textos.

Publicava notícias de eventos realizados em algumas associações e na seção “*Vida Social*” eram feitas felicitações de casamentos e nascimentos, publicava ainda notas de falecimento e de amparo a pessoas com alguma enfermidade. Realizou um concurso de beleza feminina e, em uma de suas edições, provavelmente a terceira, iria indicar os nomes das futuras candidatas, e os votantes deveriam ser homens e assinantes do jornal; o voto consistia em preencher um cupom publicado no jornal com o nome e o endereço da candidata, bem como o nome do assinante. Esse expediente, além de permitir a aparição das mulheres nas páginas desse jornal, possivelmente colaborou para o aumento da sua vendagem.

Nesse jornal foram encontradas duas colaborações assinadas por mulheres e quatro colaborações onde os seus autores fizeram alusão às mulheres.

Uma característica forte deste jornal era a publicação de diversos textos poéticos, dentre os quais a poesia a seguir:

Versos de pé quebrado

Não há pau para tamanco
 Como seja o tanueiro
 Que põe sua raiz na estrada
 Não deixa ninguém passar.
 Atirei um limão verde
 No menino no portão
 Louca fiquei por elle,
 Elle me chamou de louca.
 Eu fui indo num caminho
 Sant'Antonio me chamou
 Mecê livre do peccado
 Quando o santo chama a gente.
 E não chupo mais cachaça,
 Que a cachaça é pr'a remédio,
 A cachaça faz-me por
 Da sala para a cosinha.
 Tenho meu choro saudade
 Trancado lá na despensa
 Se hei de morrer de amores
 Não hei de morrer de fome.
 Minha laranjeira doce
 Carregada de formiga,
 Quem por amores se mata
 Forte asneira
 (Amaral, O Menelick, 17 de out. 1915, p. 4).

Foram analisados os dois números encontrados desse jornal e, nesse processo, constatou-se que, diferentemente do que foi publicado em outros trabalhos sobre a imprensa negra, a edição de 1º de janeiro de 1916, embora apareça com o número três em sua primeira página, na verdade é a edição de número dois. Como observado em depoimentos prestados a outros pesquisadores, os trabalhos de tipografia eram precários na maioria dos jornais desta imprensa, muitas vezes esse trabalho ocorria em oficinas improvisadas nos fundos da casa de algum membro do jornal. Assim, possivelmente ocorreu um erro no momento da impressão deste exemplar.

Na terceira página da primeira edição de “O Menelick”, apareceu a seguinte informação: “Communicamos que, *O Menelick* aparecerá novamente no dia 1 de janeiro do anno vindouro, aonde circulará firmemente mensal, devendo aparecer no primeiro domingo de cada mez.” (O Menelick, 17 de out. 1915, p. 3).

Na edição de janeiro de 1916, na sua primeira página os redatores desse jornal agradeceram a paciência dos leitores, especialmente das mulheres, por aguardarem tanto tempo a sua nova publicação, fazendo a seguinte declaração:

Leitoras

O Menelick depois de passar quarenta dias sem o carinhoso affecto de vossas mãos delicadas – o o berço gentil de sua alma, teve saudades de vós. E voltando novamente, aninhando-se ao lado da generosidade - beleza feminina, eil-o.

Eil-o jurando que d'ora avante virá todos os primeiros Domingos de cada mez trazer-vos trazervos novidades das estrellas e espera ser recebido com os habituados e graciosos sorrisos de vossos labios de rosas! Enquanto que o seu humilde redactor atira aos vossos mimosos pés mil beijos de gratidão. (O Menelick, 1 de jan. 1916, p. 1).

Outra característica observada nesse jornal é o carinho destinado às leitoras, nos dois números analisados os redatores apresentavam suas saudações primeiro a elas e depois aos leitores. Possivelmente havia entre os leitores desse jornal um número significativo de mulheres.

O Xauter

Jornal produzido em São Paulo, no ano de 1916, cujo cabeçalho era: *Jornal Independente. Propriedade de uma sociedade Anonyma*. Não apareceu na edição analisada a sua periodicidade. Era vendido através de assinaturas semestrais e a cobrança dos atrasados era feita de maneira bastante severa: “As pessoas que não pagarem a sua assignatura ate o dia 6 do próximo mez suspenderemos a remessa do jornal.” (O Xauter, 16 de mai. 1916, p. 2)

No seu segundo número, possivelmente pelo estranhamento e curiosidade a respeito do seu título, apareceu uma nota explicativa sobre o seu nome e qual o seu objetivo:

Significação

O que quer dizer Xauter?

Ora uma palavra que a primeira vista parece muito com qualquer cousa estrangeira, pode muito bem ser franceza ou allemã; mas assim sendo pode-se pronunciar de qualquer forma, porque ninguem tem obrigação de saber linguas estrangeiras.

[...]

Para gaudio de nossos leitores avidos de sabedoria ahi vae a resposta: Xauter significa, guia dos caminhantes nos areas da Arabia deserta.

(veja dicionario de Fonseca e Roquete pág. 967, columna segunda, linha 35. a)

Pois bem, levem o Xauter a beira da estrada do deserto, que elle cumprirá o seu dever. (O Xauter, 16 de mai. 1916, p. 1).

Nesta citação, observa-se que este jornal pretendia ser um guia para os seus leitores, indicar alguns caminhos considerados ideais para os seus leitores através das suas páginas.

Possuía quatro páginas e publicava alguns anúncios na sua última página. Nesta edição não foram encontrados textos poéticos nem tampouco notas de falecimentos, nascimentos, casamentos e aniversários.

Tinha uma seção intitulada “Notas políticas”, onde era noticiado algum acontecimento político ocorrido no Brasil. Foram encontradas duas notícias referentes ao Grêmio Dramático 28 de setembro, uma informando a data de realização do primeiro baile a ser realizado por essa associação, e outra apresentando a sua nova composição.

Na sua segunda página, em uma de suas colunas, apareceu a seguinte matéria a respeito de uma associação recreativa e cultural da época:

NO CRUZEIRO DO NORTE

Todas as mães de famílias e meninas que prezam a sua reputação, devem fugir da sociedade Cruzeiro do Norte, como se foge de um covil de tigres.

“O Xauter”, ao entrar no salão, ficou horrorizado, de ver a immoralidade que alli impera.

O Cruzeiro do Norte é um antro de prostituição disfarçada!

Lá, fica a reputação de uma menina, e muitas vezes a honra de uma familia inteira.

Deveis leitores, fugir dessa sociedade, e nem pela rua passar quando estiverem ensaiando, porque esses ensaios vos encaminhará para a perdição. (O Xauter, 16 de mai. 1916, p. 2).

Observa-se a preocupação deste jornal com a preservação moral dos negros. Nesse sentido, é importante notar que nem todas as associações gozavam de prestígio junto aos jornais da imprensa negra. Aquelas que eram consideradas impróprias, segundo alguns conceitos morais tidos como corretos, eram atacadas e muitas vezes boicotadas.

Outra situação eram as brigas, as pendengas entre alguns jornais da imprensa negra, ou por questões políticas ou por algumas críticas não aceitas. No caso específico de “O Xauter”, ocorreu um desentendimento entre os seus redatores e o jornal “A Rua” e ao que parece, o incidente deveu-se a uma nota publicada naquele jornal questionando

o nome Xauter e também indicando alguns erros gramaticais encontrados no jornal. Esta briga tornou-se pública através das páginas deste jornal:

Os redactores d' "A Rua", tendo o cérebro fecalizado, recorreram as propriedades (sic) do ventre, para serem originaes entre os seus companheiros.

Depois de considerações fora de proposito, explicam (sem lhe termos perguntado) de onde vem o nome, "O Xauter".

Impotentes para desfazerem-se das nossas acusações e baseando-se num erro que encontraram a custa de muito rever a grammatica e o dictionario, vem dizendo que não estão incluído na lista de Leonardo da Vinci. (O Xauter, 16 de maio 1916, p. 1).

Não satisfeitos com essas severas críticas, e em tom de revide, passaram a indicar vários erros gramaticais cometidos pelos redatores de "A Rua":

Esses homens que fazem tanta popaganda do seu saber ao que parece não fazem uso dele, pois ao pretenderem pregarem moral a um novo companheiro, iniciaram o tratamento na segunda pessoa do plural, e terminaram na segunda do singular! Nas Notas e Noticias, na 2ª columna, 5ª linha, encontramos um erro que um menino de escola não cometteria. Na 2ª pagina 1 columna, linha 13ª encontramos um outro. Se continuassemos na analyse, encontraríamos uma boa porção delles. Não o fazemos para que os snrs. d' "A Rua" saibam que sahimos da escola para fazer o jornal e não o fazemos de escola.

[...]

Tenham coragem! Defendam-se, e fiquem certos que mais uma Magdalena arrependida não abalará o mundo. (O Xauter, 16 de maio 1916, p. 1).

Essas situações conflituosas, num cadinho reforçam a teoria de que, esses jornais apresentavam singularidades que demonstram um quadro bastante heterogêneo da imprensa negra.

Em outra matéria publicada nesta edição numa coluna cujo nome era "Datas" o autor inicia o seu texto falando primeiro da coincidência ocorrida naquele ano de 1916, onde a morte de Jesus Cristo foi celebrada no dia 21 de abril, data do enforcamento de Tiradentes:

Pela consequência dos factos deu-se este anno o que pode-se dizer interessante ou seja a coincidência da morte de Jesus e de Tiradentes no mesmo dia.

Aquelle foi martyrizado antes de ser crucificado só por ter dito que era o filho de Deus e ia redimir o genero humano e este fora enforcado por pensar em libertar um povo feito escravo de Portugal.

Jesus morre redimindo o genero humano, Tiradentes morre como sendo a aurora do dia 7 de setembro de 1822. (O Xauter, 16 de mai. 1916, p. 3).

A construção da imagem mitificada de Tiradentes ocorreu nas décadas iniciais da República e deveu-se a busca de um perfil que incorporasse a figura do herói nacional.

Segundo Lara (1992), a associação do herói com Cristo foi parte de um processo de afirmação cívico-religiosa que permitiu a sua aceitação por monarquistas, abolicionistas, republicanos, por operários e patrões, pela esquerda e pela direita.

A Rua

Jornal *Literario, critico e humorístico*, como reza o seu cabeçalho, teve o seu inicio no ano de 1916. Tinha como redator chefe Domingos José Fernandes e redator secretario, Oliveira Paula. Era vendido através de assinaturas semestrais ou anuais e também avulsos em alguns pontos da cidade. No exemplar analisado não foi encontrada nenhuma informação a respeito do vínculo ou não desse jornal com alguma associação ou grupo.

Era composto por quatro páginas e publicava anúncios na ultima página mediante um pequeno pagamento como constava em seu expediente: “Anuncios e outros reclames preços módicos” (A Rua, 24 de fev. 1916, p. 1)

Assim como “O Menelick”, publicava muitos textos poéticos e literários, em geral descrevendo algum grande amor por uma mulher. Não constam nesse número analisado artigos assinados por mulheres, entretanto elas apareceram retratadas em alguns textos e foram alvo de um concurso de beleza realizado por esse jornal:

Concurso de Belleza

“A Rua” que é um apreciador fanatico do bello, inicia hoje um concurso de belleza que será encerrado no numero 16.

Será offerecido,a formosa senhorita que entre as outras considerada rainha, 1 libra esterlina; a segunda em votos 1 caixa de papel de cartas a phantasia e a terceira uma assignatura annual da “A Rua”.

As urnas e com coragem, ó mocidade vibrante!... (A Rua, 24 de fev. 1916, p. 3).

Nesta mesma edição foi publicada uma lista com os nomes das concorrentes e um cupom a ser preenchido pelo eleitor com o seu nome e o de sua candidata.

Numa de suas colunas intitulada “Secção Critica”, que ocupava praticamente duas páginas, eram relacionadas algumas regiões da cidade de São Paulo, especificamente Braz, Luz, Centro, Mooca, Canindé e Belenzinho e, em seguida eram feitas várias críticas a determinadas pessoas que moravam nessas regiões: “O Carneiro de Juba da rua 15 por ser um verdadeiro caloteiro. Pois não sei se elle paga a lã do corpo!” (A Rua, 24 de fev. 1916, p. 2).

Este jornal na sua última página tinha uma coluna de utilidade pública, na qual eram indicados aos leitores alguns serviços de médicos, advogados e salões de barbeiro.

O Alfinete

Aos leitores

Quando fundamos o nosso pequeno jornal conforme já é de dominio dos nossos assíduos e compreendedores leitores, tínhamos e temos em mira, unica e exclusivamente, combater a apathia em que vivem os homens pretos da nossa querida pauliceia, o dezamor de si mesmo e, por isso mesmo, defendel-os, encital-os, convidal-os com palavras escriptas e com conselhos oraes, para um caminho mais cheio de luz e de saber... (O Alfinete, 28 ago. 1921, p. 1).

Normalmente as edições deste jornal iniciavam-se com essas palavras de ordem, havia uma preocupação premente em alertar e orientar os seus leitores. O combate à apatia era uma das suas muitas bandeiras, e indicar caminhos considerados necessários para que os negros saíssem dessa situação era o seu compromisso. Nesse sentido, os redatores desse jornal eram enfáticos nas suas críticas e fervorosos em seus conselhos, tendo como característica marcante as suas alfinetadas.

O Alfinete começou a circular em São Paulo em 1918, era um jornal independente que se denominava *Orgam Litterario, crítico e recreativo dedicado aos homens de cor*. Constava neste jornal apenas o nome do seu diretor Augusto Oliveira e somente na sua edição de número 75 apareceu o nome de Frederico B. de Souza que era o seu secretário. Era publicado quinzenalmente nos anos de 1918 e 1919, e mensalmente no ano de 1921. A sua venda era realizada através de assinaturas semestrais, anuais ou números avulsos.

É importante observar que o período entre a publicação de uma edição e de outra, nem sempre correspondia com aquele indicado nos jornais, fato comum em grande parte da imprensa negra, inclusive neste jornal:

O 5º numero do nosso jornal sahe com um sensível atraso, justificando-o sobejamente a situação em que nos collocou a “epidemia” reinante, que a nós todos alcançou.

Assim sendo, pensamos que estamos desculpados pelos que cheios de anciedade, nos esperavam impacientes. (O Alfinete, 4 de jan. 1919, p. 3).

Nota-se a preocupação do jornal em dar satisfações aos seus leitores, explicando o motivo de tal atraso, procedimento esse realizado novamente em outra edição que informou sobre a quebra de uma máquina na sua tipografia. Inclusive recorrendo a outro jornal para informar os seus leitores: “Communica-nos da redacção do ‘Alfinete’ que durante este mez por força maior deixou de publicar, devendo continuar a publicar-se no próximo mez de outubro”. (A Liberdade, 28 de set., 191, p. 3)

Com base na leitura de vários jornais da imprensa negra, constatou-se que em geral os atrasos nas publicações dos jornais ocorriam principalmente por motivos econômicos, mas não exclusivamente como se observa nos exemplos mencionados anteriormente.

“O Alfinete” publicava notícias de nascimentos, aniversários, casamentos, batizados, falecimentos, pessoas enfermas. Publicava poemas, textos literários, matérias sobre as leis abolicionistas e textos de incentivo à educação dos negros:

Nós homens de cor, conscientes dos nossos deveres para com a nossa muito amada patria, desejamos que homens, mulheres e crianças da nossa raça aprendam a ler para obterem um lugar digno no seio da sociedade brasileira.

O nosso modesto jornalzinho é uma pequena amostra da boa vontade de alguns homens de cor, que tem por escopo unico, estimular o cultivo das bellas letras no nosso meio social.

Avante! Pois todo o nosso successo depende do apoio moral e material dos nossos dignos amigos e leitores. (O Alfinete, 9 de mar. 1919, p. 1).

O autor iniciou este texto fazendo duras críticas à situação de acomodação dos negros frente ao quadro de desigualdades e lutas a que estavam submetidos. “Digam o que quizerem, mas é uma verdade, estamos convencidos que a maioria dos nossos homens de cor, pouco ou nada fazem para sahirem do triste estado de decadencia em que vivem! É lastimavel.” (O Alfinete, 9 de mar. 1919, p. 1). E apontava que a educação era o caminho para a integração dos negros na sociedade brasileira e para a conquista de espaços, diferentes daqueles comumente ocupados. Ele lembrou ainda que para a concretização de tal objetivo seriam necessários a união de todos e o apoio ao jornal.

Outra característica desse jornal era a publicação de críticas a determinados comportamentos:

Reparos da V. Sá Barbosa

Não é admissível, que o snr. The Villalba, tenha contratado enlace, com a Snrta. Fontine e ande com aspecto de garanhão na Villa, querendo conquistar todas, as senhoritas.

Tome cuidado Sr. Villalba, que qualquer dia tomaras uma corrida que... nunca mais quererás dedicar amores ás senhoritas da villa. (O PREGO, O Alfinete, 14 de jan. 1919, p. 3).

Criticava também algumas associações que não ofereciam aos seus associados atividades consideradas mais intelectuais como, por exemplo, conferências, peças teatrais, etc. Condenando ao mesmo tempo o fato de tais associações dedicarem-se somente a realização de bailes.

“O Alfinete” era composto por quatro páginas e nas edições publicadas em 1918 e 1919, foram feitos anúncios na sua quarta página; nos exemplares produzidos no ano de 1921, não foram feitos anúncios.

Nem só de textos críticos vivia este jornal que também, realizava concursos de beleza feminina e publicava em suas colunas textos como este:

MIMI

(Recitativo para menina)

Eu tinha um gatinho

Chamado Mimi

Esperto como elle

Outro eu não vi.

Um dia o travesso

Sabe o que fez?

Se atira a um ratinho

E... era uma vez.

Assim eu dizia

Julgando chegada

O ultimo instante

Do rato: coitado!

Mas eis de repente

Que entra o Totó

Cãosinho atrevido

Como elle? Elle só!

Mimi ao vel-o

Medroso ficou

Que já do ratinho

Nem mais se lembrou.

E o ratinho ligeiro
 Entrou num sapato
 E assim ficou livre
 Das unhas do gato.

(ZEFINDO, O Alfinete, 30 de out. 1921, p. 2)

O Bandeirante

Jornal de propriedade do Grêmio Recreativo, Beneficente, Dramático e Literário Bandeirantes. Foi fundado em 1918, ocasião na qual foi realizada uma grande solenidade na sede do “Grêmio Bandeirantes”, tendo sido convidado na ocasião Joaquim Cambara, presidente do “Grêmio Recreativo Kosmos” que, na ocasião proferiu um inflamado discurso de inauguração deste jornal.

Após a publicação de dois números iniciais desse jornal, o “Grêmio Bandeirantes”, passou a enfrentar uma série de dificuldades, agravando-se mais com a saída de vários sócios do seu quadro de membros. Essa crise refletiu-se no jornal, pois, com o agravamento da situação econômica, a sua publicação teve que ser suspensa em alguns momentos. A duras penas um grupo remanescente do “Grêmio Bandeirantes” conseguiu manter a publicação deste jornal durante o seu primeiro ano:

Hoje se ergue á nossa frente o primeiro marco da (sic) em meio do nosso caminho áspero e íngreme que nos tem sido!
 Volvemos o nosso olhar ao trajecto percorrido, ao passado que já se vae longo e mais se distancia ainda, e nos certificamos de que nesta hora e neste dia, um anno encerra o seu cyclo completo.
 Um anno que passou! Foi elle um largo lapso de tempo em que serenamente, mourejamos na lida jornalística, e, assim, pudemos manter o nosso jornal na altura do mais puro e elevado conceito dos espíritos esclarecidos. (SOUZA, O Bandeirante, abr. 1919, p. 1).

No seu primeiro número o seu subtítulo aparecia como *Orgam mensal de defeza da classe dos homens de cor*, sendo alterado nas edições seguintes para, *Orgam de combate em prol do reerguimento geral da classe dos homens de côr*. Essa alteração, muito mais que substituir algumas palavras por outras, acaba por reforçar uma idéia, um objetivo qual seja o de promover a ascensão dos negros.

Grave erro Muitos há que dentre nós formam uma idéia errônea do que seja o reerguimento de nossa classe; muitos há que, adulterando

completamente o fim elevado que todos devemos ter em vista, pensam e pregam, sem nenhum fundamento, simplesmente a separação de raças, selecionando a nossa da raça branca!...

[...]

Aggremiemo-nos, elevemos o nosso conceito perante todos, sejamos juizes severos de nos mesmos, soledifiquemos a fraternidade que nos confunde com os brancos nascidos debaixo da bandeira auri-Verde; procuremos o trabalho e busquemos a luz para a nossa intelligencia, pois, assim, não presenciaremos mais o espetáculo pouco edificante que hoje deparamos. (D'ALENCASTRO, O Bandeirante, set. 1918, p. 2,3).

“O Bandeirante” era composto por quatro páginas, publicava notícias do Grêmio “Bandeirantes” e de outras associações; notas de casamentos, nascimentos, e falecimentos; havia poucos anúncios e estavam expostos na quarta página. Aceitavam-se colaboradores, desde que os artigos não fossem *plágios* e nem muito extensos.

O título desse jornal pode ser associado a um momento em que se pretendia construir a identidade de São Paulo, como uma metrópole em pleno desenvolvimento ou, ainda a uma ação de desbravamento, abrir novos caminhos para esta imprensa e para os negros.

A Liberdade

Devido á iniciativa do Sr. Gastão Rodrigues da Silva, appareceu hoje mais um jornal pra tratar da defesa dos homens de cor, quando no direito dessa defesa...

[...]; então as columnas da “A Liberdade”serão uma escola para a classe a qual pertencemos.

[...]

Que “A Liberdade” consagre o seu surto de energia a favor do levantamento moral da classe, no meio deste desalento em que vivemos, não desalentando dos ardorosos deveres de combate em prol da pátria. (Souza, A Liberdade, 14 de jul. 1919, p. 1).

Com essas palavras iniciou-se a publicação do primeiro número deste jornal em julho de 1919. Pretendia ser um órgão de educação dos negros e, para tanto, constantemente em suas colunas eram publicadas diversas matérias que faziam críticas severas à chamada situação de *desalento* em que os negros se encontravam. Ao mesmo procurava indicar alguns caminhos para romper com essa situação. Isso acontecia com as publicações de textos que muitas vezes versavam sobre a educação, sobre comportamentos, sobre a situação dos negros em São Paulo e principalmente sobre o preconceito.

No seu segundo número foi publicada uma matéria em alusão à Revolução Francesa na qual o autor fez um paralelo daquele acontecimento, especificamente o episódio da Queda da Bastilha, com o surgimento deste jornal:

14 de julho

A humanidade contempla o raiar deste dia com o coração a transbordar de alegria. E como não ser assim, se elle nos lembra a tomada do famoso presídio que era a Bastilha e a consagração dada pelos governantes como o dia da liberdade dos povos.

[...]

E é para estes que a 14 de julho surgiu a luz, mais um orientador das cousas da vida, em cujas páginas elles encontrarão a estrada tão decantada, e a nos dar expansão, ao pensamento de batalhador.

[...]

... Que a data 14 de julho corra paralela e de braços com o 13 de maio data que emancipou uma raça, que com o seu suor e com o seu sangue, firmou o alicerce da grandeza e da riqueza desta nossa Patria immensa que se chama Brasil. (Conde, A Liberdade, 3 de ago. 1919, p. 1).

Os seus objetivos apareciam estampados em seu cabeçalho, *Orgam dedicado á classe de cor, critico, literário e noticioso* ou ainda, *Orgam critico, literário e noticioso, dedicado á classe de cor*. Era composto por redator, secretário, gerente e agentes; publicava-se quinzenalmente, muitas vezes com alguns atrasos, como no ocorrido na publicação da edição número 16 que saiu com quatro meses de atraso. Esse atraso não foi justificado pelo seu redator e apenas foi encontrado na matéria de capa desta edição uma rápida referência a ele: “Quando os leitores esperavam que viesse hoje tratar dos assumptos costumeiros, mórmente, depois de um grande repouso,...” (MATUTO, A Liberdade, 12 de set. 1929, p. 1).

Esse jornal era vendido por assinaturas semestrais e anuais ou ainda adquirido através de números avulsos, nesse caso poderia ser encontrado à venda no engraxate da Rua 15 de novembro nº. 2, próximo ao Café Girondino.

Assim, como outros jornais da imprensa negra, este jornal realizava as cobranças das suas assinaturas e de outras dividas, através da publicação de alguns avisos informando o atraso. No entanto, ele o fazia de uma maneira bastante peculiar:

“A Liberdade”

Por não pagarem o rateio da “A Liberdade”, foram sepultados nesta quadra as seguintes pessoas:

D. Maria de Paula Barros, Julia Macedo Costa, Maria da Conceição, Benedicta de Castro, Izaura do Carmo, Eudoxia dos Santos e Anna

Martyr de Oliveira e os Srs. Alfredo Eugenio da Silva (Alfredinho), Antoini Duarte, Benedicto Antonio dos Santos, Francisco de Paula Souza, Narciso Gervazio e Paulo Alves.
Descanço eterno. (A Liberdade, 1 de fev. 1920, p. 3).

Utilizando-se de um artifício cômico para realizar as suas cobranças, possivelmente essa era uma estratégia de sensibilização dos devedores. Ou seja, tocar na sua moral, afinal ter o seu nome sepultado publicamente, para muitos poderia representar uma questão de honra saudar a dívida, e talvez para outros pudesse não significar nada.

Essa atitude acaba por revelar um pouco as dificuldades econômicas enfrentadas por esse jornal, que muitas vezes eram contornadas com a realização de alguns eventos:

“A Liberdade” convida todas as senhoras leitoras e todos os leitores e as pessoas amigas para assistirem o grande baile em benefício deste jornal que vai realizar-se na noite de 18 do corrente mez no Salão Internacional ao largo do Riachuelo n. 56...

[...]

O jornal que já tem recebido diversas prendas de senhoritas para o leilão a redacção pede as pessoas que queiram fazer offerta de uma prenda para p leilão queira mandar todas as terças e quartas-feiras das 9 as 12 da noite no largo do Riachuelo n. 56. (A Liberdade, 12 de out. 1919, p. 2).

As diversas matérias deste jornal estavam distribuídas entre as suas quatro páginas, com exceção das edições número 2 e 13 que foram publicadas com seis páginas. Publicavam-se anúncios na sua última página, sobre os quais não foram encontradas referências a respeito da sua cobrança.

As matérias eram escritas pelos chamados colaboradores e, ao que parece, a princípio não eram pagas. Porém, foi encontrada, nas edições 16 e 18 deste jornal, a seguinte nota: “Toda a correspondência deve ser dirigida para a rua Vergueiro n. 94 e as publicações serão pagas.” (A Liberdade, 12 de set. 1920). Nas demais edições não havia esse alerta com relação à cobrança.

Publicava poesias, notícias de várias associações e jornais, notas de felicitações de casamentos, bodas, nascimentos, aniversários e batizados; e informações de falecimentos e de pessoas enfermas. Notas como esta a seguir, que demonstram de certa maneira a preocupação deste e de outros jornais em mostrar os negros, compartilhar das suas alegrias e tristezas e principalmente colocá-los em evidência:

Anniversários

No dia 5, passou o anniversario natalício do sr. Capitão Mario da Silva Prado.

[...]

Nascimentos

No dia 1] do corrente, o lar do nosso amigo Adolpho João de Barros foi enriquecido com o nascimento de uma filhinha que terá o nome de Risoleta.

[...]

Enfermo

Acha-se ligeiramente enfermo o sr. “Conde” José de Melo, muito digno representante desta folha.

[...]

Fallecimentos

No dia 10, falleceu a exma. sra. D. Julia Dias, mãe do sr. João Alves, director do Grêmio “Kosmos”. (A Liberdade, 28 de set. 1919, p. 3).

Publicava também uma coluna intitulada “crítica”, onde eram escritas algumas notas de condenação a determinados comportamentos e atitudes, chegando inclusive a questionarem os jovens sobre a moda:

Os sapatos Tennis

Durante o carnaval deste ano, diversos rapazes e moças de cor usaram os sapatos Tennis, para melhor divertirem-se durante os festejos de “Momo”.

Terminando o carnaval, diversos rapazes e moças tomaram por moda o uso dos taes sapatos que somente servem para sport como: pic-nic, passeio campestre e banhos de mar.

Fazendo uso diário desse sapatos, e chegando até a tomar parte em matinées e soirés dansantes!!

Que ingenuidade!!!

Será por economia? Eu creio que não. Porque os rapazes e moças de cor da nossa paucicéia, nunca mediram sacrifícios para trajarem-se no rigor da moda, pois que temos visto grande número de rapazes e moças de cor, pelo triangulo da nossa paucicéia envergando toilllets que honram a nossa capital e a nossa raça. (Marcondes, A Liberdade, 28 de dez. 1919, p. 2).

Essa preocupação indica uma particularidade desse jornal que se contrapõe ao seu próprio título, ou seja, demonstra um conservadorismo e no limite um conflito de gerações. O que transparece um conceito de liberdade que, esbarra em certas convenções e em determinados hábitos.

A Sentinella

Jornal publicado em São Paulo a partir de outubro de 1920 que, como reza sua primeira página era publicado quinzenalmente. As assinaturas eram semestrais e anuais e era também era vendido em números avulsos.

Publicava notícias de casamentos, aniversários, batizados, falecimentos e de algumas associações.

Tinha como característica marcante as críticas que, aliás, ocupavam praticamente duas páginas deste jornal. Pretendia exercer um controle moral mais forte, sendo assim, foi implacável nas críticas veiculadas em suas páginas. Como pode-se observar nessa a seguir:

Crítica

Com a dona Fina. Tome cuidado, isto é feito para uma mãe de filhos. Andar com saias curtas por cima dos joelhos! Cahe fora tentação.

[...]

Com as negras semvergonhas que fazem ponto nos quatro cantos entre as ruas Silva Pinto, da Graça e Três Rios, embriagam-se e depois fazem uma algazarra do diabo, tudo por causa de macho. Criam vergonha, suas negras sem cabellos.

[...]

Com a Maria Carioca, sabemos que esta neguinha brevemente ficará suspensa de dançar no salão do Glycerio, por ser donzella desordeira e faladeira. Não seja tão escandalosa. (A Sentinella, 10 de out. 1920, p. 3,4).

A questão moral era latente nos jornais da imprensa negra, assim como na sociedade paulista naquele momento. Havia uma espécie de código moral, compartilhado por grande parte das pessoas que freqüentavam as associações culturais e recreativas e aquelas que colaboravam com esses jornais. Nesse sentido, essas associações estabeleceram algumas normas que deveriam ser cumpridas pelos seus associados ou por aqueles que desejassem participar dos seus eventos.

Essas ações tinham como justificativa a preservação da integridade dos próprios freqüentadores e da imagem das associações. Entretanto, em algumas ocasiões, essas medidas se transformaram em armadilhas:

No domingo 19 de setembro p.p. eu na qualidade de simples mestresala, não porque eu tenha competência para desempenhar este elevado cargo, mais por generosidade dos meus amigos aos quais agradeço, cheguei na referida sociedade as 21 horas; 10 minutos depois chegava ali meu primo Mario Silva, que a poucos dias chegara da vizinha cidade de Campinas, de onde fora director de uma das melhores sociedades daquela vizinha cidade.

Ao senhor Mario Silva; porém foi-lhe vedada a entrada pelo presidente, porque estava calçado com o sapato Tennis. (SILVA, A Sentinella, 10 de out. 1920, p. 3).

A sociedade a qual o autor se refere era, o Grêmio Recreativo Niterói que tinha como uma das suas restrições, o uso deste tipo de calçado. Nesse relato, Benedito Lazaro da Silva informou que, mediante a proibição da entrada do seu primo, ele tentou de todas as maneiras interceder a seu favor, algo que não foi considerado, sendo proibida a permanência de Mario Silva. Ele termina o seu relato pedindo a sua eliminação do quadro de membros dessa sociedade.

Esse jornal era composto por quatro páginas e não foi encontrada nenhuma referência à publicação de anúncios. O seu subtítulo era *Orgam critico, literario e noticioso*.

O Kosmos

A respeito da importância desse jornal, José Correia Leite em depoimento feito a Miriam Nicolau Ferrara esclareceu que, “‘O Kosmos’ foi um jornal sério, que se preocupava muito com atividades culturais. Seu diretor, Francisco Batista de Souza, foi secretário da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, e colaborou no jornal ‘O Clarim’”. (apud FERRARA, 1981, p. 52)

Jornal de propriedade do Grêmio Dramático e Recreativo “Kosmos” começou a circular em São Paulo provavelmente em junho de 1922. Publicava-se mensalmente, com alguns atrasos e era vendido por assinaturas e avulso. As colaborações para publicação eram aceitas de assinantes e, no caso dos não assinantes as matérias eram cobradas. Isso ocorria mediante ao cumprimento de algumas exigências dentre as quais: “Não serão publicados artigos em linguagem violenta contra quem quer que seja”. (O Kosmos, 15 de mar. 1923, p. 1). E como forma de agradecimento aos colaboradores, publicava os seus nomes na sua coluna “Auxilio”.

Publicava diversas matérias, desde as chamadas notícias sociais, passando por poemas, textos literários, textos que abordavam a situação dos negros, críticas e principalmente notícias do Grêmio “Kosmos”:

GREMIO DRAMATICO E RECREATIVO “KOSMOS”

[...]

1ª Reunião Extraordinária em 8 de Março de 1923.

[...]

Eliminação

De acordo com o artigo 27 § 3. c ultima parte a Directoria eliminou os sócios Augusto de Oliveira e Orestes Parisi.

Suspensão

De acordo com o artigo 26§ 1º foi suspenso por 30 dias e destituído do cargo de fiscal Scenico, Snr. Edgard França. (O Kosmos, 15 de mar. 1923, p. 3).

Além dessas informações a respeito das deliberações da diretoria dessa sociedade, eram comuns as publicações dos seus balanços anuais e das suas atividades culturais. Nas 21 edições analisadas deste jornal, foram encontrados apenas dois anúncios.

“O Kosmos” estava dividido em quatro páginas, cada uma separada em três colunas. Em determinadas ocasiões algumas colunas eram preenchidas com as chamadas “Notas Liturgicas”, cujo objetivo era trazer algumas informações a respeito de alguns eventos religiosos:

O objecto do tempo de Pentecostes é nos indicado pelo mysterio da descida do Espirito Santo sobre os Apostolos congregados no Cenaculço.

Este tempo figura a longa peregrinação que faz a igreja sobre a terra e que só terminará no fim do mundo pelo juizo universal. (O Kosmos, 18 de maio 1924, p. 3).

A veiculação dessas matérias demonstra uma característica desse jornal em dar ênfase a questões ligadas à religião.

Na sua edição de setembro de 1922, foram publicados alguns textos em alusão à independência do Brasil. Esses textos traziam em suas linhas um resgate histórico da história da independência brasileira, enalteciam as figuras de Tiradentes, D. Pedro I e José Bonifácio, falavam da união dos brasileiros na luta pela emancipação e para a construção da pátria:

7 DE SETEMBRO

Dia supremo de gloria.

Gloria que não tem rival; perpetua será na história,

Da Independência immortal.

Commercio, industria e riqueza,

Que gera o labor feliz;

Grupam os povos em massa,

De um potentado paiz.

De S. Paulo á Metrópole,

Foi um grito triumphal,
 Dado por Pedro 1º,
 O grande Monarcha Imperial.
 Salve José Bonifácio,
 O paladino ideal;
 Que com sua energia ardente,
 Dominou á Portugal,
Todos os brasileiros
 Tem grande satisfação;
 Pela passagem da grande data,
 Da nossa emancipação.
 (CAMPOS, O Kosmos, set. 1922, p. 2, grifo nosso)

Um aspecto comum em vários jornais da imprensa negra era a valorização da nacionalidade. Assim, sempre que possível, como exposto na citação acima, procuravam (re) afirmar essa condição entre os negros, o seu reconhecimento enquanto parte integrante do povo brasileiro. Ou ainda, de maneira mais explicita: “Somos brasileiros filhos legítimos deste colossal paiz, desta formidavel nação de mares, serras e valles; berço de um povo heroico que tem a sua grandeza alimentada com o sangue dos nossos avós, com o suor enfim dos nossos maiores”. (O Kosmos, 16 de nov. 1924, p. 2). Enfim, mostrar o seu lugar na construção da nacionalidade.

Havia nesse jornal uma coluna cujo título era, “Ideas dos outros”, onde eram publicadas diversas piadas; havia também uma coluna de “Provérbios” - provérbios sertanejos: “Todos são iguais quando se abotoam”; provérbios portugueses: “O silêncio é ouro, a palavra é prata”. (O Kosmos, out. 1922, p. 4).

As críticas, bastante severas, localizavam-se numa coluna que tinha por nome – “Observando”, eram feitas a tudo aquilo que era considerado impróprio para os negros, como observa-se no teor desse texto:

Diariamente os jornaes criticam justa e benevolmente o actual exagero da moda, que em geral, as senhoras adoptam nos seus vestuarios, prejudicando assim, - a moral e o physico. São bem desnecessários os decotes descommunaes, os braços nus, a demasiada pintura, que forçosamente virá estragar a belleza feminina.
 As senhoras que vivem captivas da moda, tornando-se uma boneca, um objeto de luxo, unica e exclusivamente para prender a attenção do homem, terá fatalmente que ver fracassado o seu falluz imperio, com o sello horrivel do tempo; - a velhice, lhe imprime na face.
 O recato e o pudor, davam melhor brilho a belleza feminina; a modestia concorria para o encanto irresistivel de mulher... Hoje; é ridiculo, é mesmo criticavel!
 Se todas reflectissem, não adoptando os trajes berrantes e os gestos desabridos, haveria do sexo forte mais respeito e os seus encantos, não seriam severamente ultrajados pela critica. A mulher só por si,

predomina o homem, com a esthetica da sua belleza. (O Kosmos, nov. 1922, p. 2, 3).

Dentro de um contexto marcado pelo conservadorismo moral essas críticas acabam por revelar o compartilhamento de algumas idéias e valores patriarcais e machistas. Nesse caso específico, associou determinado tipo de roupa a uma atitude de vulgaridade das mulheres, como se o fato de vestirem-se de uma maneira diferente ocorresse somente em função de atrair a atenção masculina.

Elite

O Dinheiro

Com fóros de nobreza decadente,
Misturada ao embuste de um cigano,
O dinheiro foi fruto onipotente
E abaixo dos céus, só elle é soberano.
Peverte os sentimentos facilmente,
Até a um rei elle transmuda num tyranno
E, açulando-o pertinaz e insistente,
Faz jorrar aos cachões o sangue humano!
E é inçante em seu poder que airoso e mudo,
Vai transformando ou corrompendo tudo,
(Triste fado!) a passar de mão...
E assim, entre o palácio e a espelunca,
E' esse damnado que não para nunca,
Que torna um homem cynico ou ladrão!...
(CAMARGO, Elite, 20 de jan. 1924, p. 1).

E assim teve início mais uma edição do “Elite” como habitualmente acontecia nas suas publicações, sempre apresentavam no alto da primeira página um poema.

O jornal “Elite”, *Orgam official do Grêmio Dramatico e Literário “Elite da Liberdade”*, provavelmente foi criado no final de 1923¹⁰. Tinha como redator chefe, Frederico Baptista de Souza; secretário, Abílio Rodrigues; diretor responsável, Alfredo Eugenio da Silva (presidente do grêmio); gerente, Olívio Cardoso; e colaboradores diversos, desde que os artigos não fossem em *linguagem violenta*.

¹⁰ Não foi encontrada a sua primeira edição. Entretanto, a sua segunda edição ocorreu em 20 de janeiro de 1924, e como este jornal era publicado mensalmente, possivelmente ele foi criado no final de 1923. Nesse sentido, encontramos uma matéria na edição de 17 de fevereiro de 1924 na terceira página, a respeito de um concurso de beleza realizado por este jornal, onde constava uma relação com os nomes de algumas concorrentes e a quantidade de votos de cada uma. Essa relação como observada pelo jornal era referente aos meses de dezembro de 1923 e janeiro de 1924.

Segundo O depoimento de Pedro P. Barbosa o Grêmio Dramático, Recreativo e Literário “Elite da Liberdade”,

tratava-se de um grupo fechado, andavam sempre bem trajados, promoviam bailes, pique-niques e viagens. Seu diretor, Alfredo E. da Silva, era funcionário público da Secretaria da Fazenda do Estado. Para filiar-se ao grupo era necessário provar que era casado, chefe de família, com situação econômica estável. (apud FERRARA, 1981, p.59).

Nos três números analisados desse jornal a edição 2 e 3 contavam com quatro páginas e a edição 4 com seis páginas, foram encontrados poucos anúncios que estavam distribuídos pelas páginas.

Realizava concurso de beleza feminina, além de publicar diversas notícias sociais, atividades de algumas associações recreativas e pequenas notas informando os resultados obtidos por algumas pessoas em determinados exames: “A senhorita Durvalina Leonarda de Moura Baptista, foi aprovada com distinção pela Escola de Comercio e Preparatórios, em Portuguez, Francez, Inglez, Dactylographia e Correspondencia, tendo sido diplomada em Portuguez, Dactylographia e correspondência. Parabéns”. (Elite, 20 de jan. 1924, p. 4). Esta mesma nota foi publicada na edição número 20 do jornal “O Kosmos”. A crença na educação como uma via de ascensão social numa sociedade rigidamente hierarquizada e com poucas possibilidades de integração, principalmente para a população negra.

Uma prática comum entre alguns jornais da imprensa negra era distribuir os seus exemplares em algumas associações, como no caso deste jornal que era enviado periodicamente para o grêmio “Kosmos”.

Nesse jornal não havia a coluna de críticas, comum em grande parte dos jornais da imprensa negra. Em alguns desses jornais foram encontradas críticas severas às associações que privilegiavam os bailes como atividade cultural. Foi encontrado um artigo no “Elite” no qual o seu autor fez um longa explanação sobre o baile e as suas conseqüências para a vida de quem gosta dessa atividade, a sua análise vai na contramão daquelas concepções negativas que parte da população tinha, inclusive de alguns jornais:

O BAILE

Dentre todos os divertimentos o que mais nos proporciona prazeres verdadeiros é, sem ducida, o baile.

[...]

Com elle tudo dança, ri, canta e... gosa. Até as velhotas de coletes(sic), não se contem em suas cadeiras quando a batuta se agita num tentador fox-trot.

[...]

E ainda há gente que condemna com exagero esse divertimento.

[...]

Prender as filhas como já tenho visto, prohibir as filhas de ir aos bailes, não consentir em sua casa as mocinhas que, divertidas, freqüentam os bailes!

[...]

A vida é curta, gente pudica.

Ella só consiste em três cousas: nascer, gosar e morrer.

[...]

Sou rapaz, não libertino, e procuro dar á minha vida a cor esverdeada duns bellos olhinhos de graciosa loirinha ou o contorno symetrico dum bello collo de formosa virgem. (MONTEZUMA, Elite, 17 de fev. 1924, p. 1).

A propósito dessa predileção por moças brancas, os relacionamentos amorosos e conjugais entre negros e brancos nesse período foram marcados pelo preconceito e pouco aceitos pela sociedade. De outra maneira, dificilmente o casamento de um branco com uma negra ou vice-versa era aceito pelas famílias brancas independente da situação econômica e social dos negros.

Repulsiva Attitude

Na Rua Onze de Agosto o proprietario da officina de encanador, sabbado ultimo não teve duvida em collocar a porta da sua casa, um cartaz espalhatoso, impresso em letras garrafaes com os seguintes dizeres: *luto pela morte de meu filho fulano que se casou com uma negra*. (Progresso, 31 de dez. 1929, p. 1, grifos do autor).

Segundo Domingues (2004), tanto as relações sexuais quanto as uniões legais entre brancos e negros no início do século XX não abrandaram naquele momento a dinâmica conflituosa das relações raciais.

Auriverde

Orgam Humorístico, noticioso fundado em abril de 1928, cujo diretor presidente era João Augusto de Campos e redator Deocleciano Nascimento. Sua publicação era semanal, saindo pontualmente aos domingos. Com exceção da edição número seis que devido às comemorações do treze de maio foi alterada a sua publicação: “O Auriverde

não circulará Domingo, dia 6, devido aos preparativos de 13 de maio; nesse dia elle sahirá augmentado”. (Auriverde, 29 de abr. 1928, p. 3).

Esse era um dos poucos jornais que anunciava a sua tiragem, chegando a publicar por edição dois mil exemplares. Fato esse que permitiu que a sua periodicidade fosse semanal:

A Nossa folha

Ficamos satisfeitiíísimos, em ver a grande acceitação que obteve a nossa minúscula folha, por parte dos que nos honraram em a ler; pois, já contamos com um numero elevado de leitores, que nos apoiaram, entusiasmadamente, encorajando-nos a sustentar o nosso ideal de mantel-a, sempre com o intuito de visar os interesses da classe preta. Contudo isto, cremos que a quem duvide que a nossa marcha, apenas iniciada, vá além, e que será difficil sustentarmos ella semanalmente. (Auriverde, 8 de abr. 1928, p. 1).

Possivelmente o fato de Deocleciano Nascimento ser o redator desse jornal contribuiu para o sucesso de sua aceitação, pois era uma pessoa que gozava de muito respeito e carinho junto às diversas associações culturais da época.

O jornal “Auriverde” era vendido por assinaturas mensais e semestrais, era composto por quatro páginas e dependendo da ocasião poderia ter esse número ampliado. Publicava vários anúncios que em sua maioria encontravam-se na última página. Possuía a sua própria tipografia que estava localizada na Rua Turiassu nº 47 e um escritório na Rua Dr. Álvaro de Carvalho nº 34. Nesta tipografia além, da impressão do jornal, realizavam-se outros trabalhos de impressão por encomenda.

As cobranças das assinaturas eram feitas através de notas publicadas no próprio jornal, expediente que como já ressaltamos, era comum nos jornais da imprensa negra, porém a maneira como se dirigiam aos leitores era bem diferente: “Para bom andamento de nossas tiragens e entregas aos nossos assignantes, rogamos que efectuem seus pagamentos da forma que lhes aprouverem”. (Auriverde, 8 de abr. 1928, p.3)

Outra característica desse jornal eram as notas de esclarecimentos de erros acontecidos na impressão e revisão dos textos:

COCHILOS

Por mais cuidado que se tenha na revisão, sempre escapa uns gatos. Depois da impressão, o revesor culpa o typografo, e este culpa o revesor; tira-se a conclusão, acha-se a razão, mas o serviço já está prompto. Há aborrecimentos de parte a parte, desculpas etc.

Neste numero, por exemplo o typografo deixou de emendar o titulo do soneto Namoradas, que é o certo e está namorados. Desgostou bastante o escriptor, mas já estava impresso quando se deu pelo engano. E assim, tantos outros “gatos”, pelo que pedimos desculpas aos nossos leitores. São cousas da arte. (Auriverde, 8 de abr. 1928, p. 2).

Mesmo quando no processo de seleção das colaborações enviadas encontravam alguma irregularidade, os redatores desse jornal procediam de maneira bastante educada:

Secção dos novatos

O Auriverde, desobrigando-se do programa entre a mocidade negra de São Paulo, tem immenso prazer de acolher todas as collaborações que apresentem caracteristicos inegaveis de autenticidade.

Temos sobre a meza, um numero respeitavel de trabalhos necessitando emendas, mas que afinal, trazem um aspecto de propriedade do “autor”. E nós daremos publicidade a todas ellas mas reservamos o direito de corrigenda.

Chegou nos todavia, ás mãos um trabalho em versos assignado pelo sr. Francisco E. do Carmo, o qual não nos é desconhecido, isto é, conhecemos o autor de uma das poesias que é o grande Fagundes Varella.

Dest’arte, deixamos de publical-a e avisamos o nosso amavel collaborador que não torne nessa symptomatica mania, de “biscoitar” producções alheias, o que nos obrigará a castigal-o merecidamente.

E por conhecer-mos esta deixamos de acreditar nas outras que a acompanham, mesmo porque a correteza orthografica das estrophes contrasta lamentavelmente com a dedicatoria e trecho para uso da redacção.

Ahi fica o aviso aos interessados.

(A Redacção, Auriverde, 13 de maio de 1928, p. 3).

É importante notar a preocupação que os redatores desse jornal tinham com o conteúdo que seria publicado. Afinal, esse como os outros jornais da imprensa negra surgiram também da necessidade de dar visibilidade aos negros e tudo aquilo que produziam. Nesse sentido, exigir autenticidade dos diversos textos que eram enviados a esses jornais representava a possibilidade de assegurar esse objetivo.

A negativa em publicar a poesia plagiada demonstra também o nível de conhecimento que possuíam.

Outra característica desse jornal é que, em algumas ocasiões, suas edições eram produzidas com um número maior de páginas e apresentavam algumas ilustrações, como por exemplo, na sua edição que circulou no dia 13 de maio de 1928:

AURIVERDE

Domingo passado, não circulou a nossa folha, conforme noticiamos, por motivo, de termos des'zejo de tiral-a, duplicada em 13 de Maio, e ao mesmo tempo illustrada; ella deveria como nosso plano, apresentar-se aos nossos leitores, com 10 páginas no mínimo, mas devido a dois desarranjos seguidos em nossa machina de impressão, quebra de uma peça seguidamente, fez gourar o nosso intento, bem contra a nossa vontade. Pois, com tristeza commentamos esse acontecimento.(Auriverde, 13 de maio 1928, p. 5).

Observa-se ainda na citação a preocupação em reiterar a não publicação do jornal no domingo anterior.

Esse jornal publicava notícias sociais, notícias de algumas associações e de outros jornais e de eventos esportivos e culturais. Havia uma coluna com o nome de “Charada” onde eram feitas algumas perguntas ao leitor e no número seguinte eram publicadas as respostas. Esse expediente possivelmente pode ter contribuído para a vendagem desse jornal, ou seja, o leitor acabava sendo estimulado a comprar o número seguinte para verificar as respostas das perguntas feitas no número anterior.

Chibata

Nós somos o Judas da raça, quem serão os Christos?

Editor: Homem negro; Gerente: F. Xicocosta

Quando este jornal circula, sente-se cheiro de difunto...

E assim tem início o jornal “Chibata” fundado em fevereiro 1932, por José Correia Leite. Foram publicados apenas dois números: “Editamos dois números do ‘Chibata’”. Quando ia sair o terceiro, um grupo da Frente Negra foi lá, empastelaram minha casa, quebraram tudo. Diziam que estavam empastelando o jornal. Aí nós paramos, não editamos nem o ‘Chibata’ nem ‘O Clarim da Alvorada’”. (LEITE apud FERRARA, 1981, p. 58).

Esse jornal foi criado com o objetivo principal de atacar e satirizar a “Frente Negra Brasileira” e o seu presidente na ocasião Arlindo Veiga dos Santos defensor do Patrianovismo, dar umas chibatadas, como observa-se neste texto publicado no seu primeiro número:

O Nosso Artigo Sem Fundo
Homem NEGRO

Ha alguns milênios quando se abriu o primeiro botequim, na era em que despontava os primeiros clarões das mentalidades civilisadoras; teve um cachaça a feliz idea de colocar na porta desse tolerante botequim - Homem conhece-te a ti mesmo.

Essa legenda ficou atravez dos seculos servindo de lição para todos os individuos fracos de idea.

Assim, caros leitores, relembrando a frase venal, de um famoso tocador de pistão de vara, cujo, palavirão deixamos de citar, diante de tanta familia presente, pedimos venia para apresentar o primeiro numero deste nosso pasquim – CHIBATA, que promete pela esculhambação, concertar os desatinados erros dos constructores da nossa igrejinha.

Este pasquim sae a lume, sem temer o estouro da boiada, e nem os arreganhos do *vallente e manhoso constructor* da obra que vai salvar a *pátria nova*, mesmo que... que tristeza... (Chibata, fev. 1932, p. 1, grifos nosso).

José Correia Leite poderia ter utilizado o jornal “O Clarim da Alvorada” para realizar essas denúncias contra a “Frente Negra Brasileira” ao invés de criar um novo jornal para esse fim, não foi encontrada nenhuma informação a esse respeito. No entanto, pode-se pensar que a criação desse jornal ocorreu devido à preocupação em preservar a imagem de “O Clarim da Alvorada” ou, ainda foi criado com a intenção de atacar a “Frente Negra Brasileira” de uma maneira bem humorada, bem irônica e debochada o que, dificilmente seria possível fazer no jornal “O Clarim da Alvorada” dado o seu perfil.

Havia um descontentamento de parte dos membros da “Frente Negra Brasileira” com relação à sua direção. Contestavam a forma personalista com que Arlindo Veiga dos Santos exercia a sua presidência e principalmente por manter o seu irmão Izaltino Veiga dos Santos no cargo de secretário geral desta entidade, mesmo com uma forte denúncia de falta de idoneidade moral contra ele:

Tudo isso porque? Vejamos; no findar deste anno, o Isaltino Veiga dos Santos, mais companheiros, foram empossar em nome da Frente Negra Brasileira, a directoria de uma organização negra, em São Sebastião do Paraizo. Uma vez nessa localidade, o Isaltino, enamora-se de uma das mais distinctas senhoritas de acatada familia dessa localidade. Vem para São Paulo, e o namoro continua em cartas expressas e envios de retratos, até que a bandalheira explode, e o Isaltino é casado – O nosso pessoal em contacto com os negros de São Sebastião, é convidado a tomar medidas enérgicas. Por intermédio dos Drs. Guaraná de Sant’Anna e Arlindo Veiga dos Santos, fizemos todo possível para numa attitude amistosa afastar esse moço que se incompatibilizou com os verdadeiros princípios que pregamos. E esses homens promettem e despromettem e acabam sustentando o rapaz no seu posto. Por vezes fomos desafiados para trazermos a publico esta

triste “mazela”. Então fizemos o já conhecido jornaleco a CHIBATA. (O Clarim da Alvorada, 27 de mar. 1932, p. 1).

Devido ao acirramento dessa situação José Correia Leite retirou-se dessa entidade, na ocasião trabalhava no jornal “O Clarim da Alvorada” que, logo após o empastelamento da “Chibata” publicou essa nota citada acima como forma de denúncia e protesto. Antes do seu empastelamento, esse jornal já havia sofrido algumas ameaças de um pessoal do Arouche, possivelmente ligado à “Frente Negra Brasileira”.

No dia 28 de março de 1932 a “Frente Negra Brasileira” encaminhou ao Gabinete de investigação do DEOPS um ofício que terminava com o seguinte conteúdo: “Embora julgássemos importante para acalmar os animos exaltados dos nossos associados, com referencia ao caso da A Chibata e si bem que ela não tenha sahido graças as providencias tomadas por V.Excia.” (DEOPS, prontuário 1538).

No jornal “Chibata” quase todas as matérias eram críticas à Frente Negra e ocorriam de variadas maneiras, em forma de poema, de música e de adivinhação: “Um homem casado que namora uma moça solteira, o que é?” (Chibata, fev. 1932, p. 1). Nesse caso específico a provocação foi dirigida ao secretário geral desta entidade, Isaltino Veiga dos Santos.

Além das críticas, publicava notícias de outras associações, alguns anúncios e crônicas.

Brasil Novo

Jornal que se declarava como *Órgão Socialista* começou a circular em 3 de abril de 1933 e tinha na sua direção o advogado J. Guaraná de Sant’ Anna.

Na sua edição inaugural foi publicado um longo texto explicando a razão de serem socialistas:

Porque somos socialistas?
 Porque desejamos a felicidade do Brasil
 Porque dentro dos ideaes que nortearama revolução de 1930, o Socialismo é a única forma politica-social capaz de nos dar a evolução que anciamos, sem os excessos e os riscos de nos deslocarmos para uma dictadura proletária no Brazil.
 [...]
 O governo revolucionario, esta cumprindo o que prometeu esta dando ao Brazil uma legislação avançada, evoluida.

Negros, proletários, e oprimidos, jamais tiveram o amparo governamental e legal que a Revolução de 1930 está nos dotando.

Os corrilhos, plutocratas, os eternos inimigos da massa que trabalha, encontram a cada passo obstáculos para a realização dos seus programas, absorventes, egoísticos, contrários a índole evolutiva dos povos.

E, quais são esses embargos, esses obstáculos? A legislação humana, socialista, que a República Nova consciente e sinceramente está realizando.

Vimos da opressão e chegaremos a realidade de uma democracia, onde exista uma legislação adequada ao momento, que é alta e evidentemente socialista. (Brasil Novo, 3 de abr. 1933, p. 1).

Observa-se que o autor ao mesmo tempo em que conclama o socialismo enaltece o movimento de 1930, pois na sua concepção o chamado governo revolucionário só poderia promover as mudanças propostas e ansiadas pela população através de um projeto socialista. Um *socialismo racional e moderado* e não o chamado *socialismo vermelho*¹¹.

Nos jornais da imprensa negra analisados nesse trabalho, esse foi o único a usar o termo proletário em referência aos trabalhadores. O seu discurso, embora, apresente algumas ambigüidades pretendeu inserir a luta dos negros num movimento de construção da chamada República Nova. Nesse sentido, conclamou os negros a se organizarem ao lado dos brancos na luta pela República:

Os negros do Brasil devem se arremessar, precisam se organizar, com elevado objectivo, porém, de (sic) com os seus irmãos brancos, no mais estreito e fraternal anseio, trabalharem juntos, pela grandeza do Brasil. (SANT'ANNA, Brasil Novo, 3 de abr. 1933, p. 1)

É importante observar que, naquele momento as manifestações políticas eram intensas principalmente devido às cobranças por uma nova constituição. Sendo assim, a conotação de classe utilizada neste jornal estava associada à luta pelo fortalecimento do Estado republicano.

Parafraseando Hobsbawm (1998), classe é mais que uma condição econômica, não define um grupo de pessoas em isolamento. É uma relação de diferença ou semelhança, mas também uma relação que varia qualitativamente de função social, de exploração, de dominação.

¹¹ Utilizavam esse nome em referência ao socialismo considerado mais radical.

Neste período, havia uma acentuada resistência de grande parte da população brasileira com relação ao socialismo. As pessoas temiam o socialismo. Nesse sentido, os redatores desse jornal resolveram publicar um texto, esclarecendo o modelo de socialismo que pretendiam e a sua plataforma de reivindicações:

O ESPANTALHO SOCIALISTA

Ainda existem os que se atemorizam e fazem carectas quando se lhes falla de socialismo. Revestem-se de um ar grave e sentenciam as cousas mais absurdas em torno das ideias que, hoje, são os anseios dos povos civilizados. Esses individuos obsoletos cujo conservadorismo responde a (sic), são ou immensamente hypocritas ou então expressões negativas de intelligencia e cultura sociologica.

[...].

Actualmente o que pretendemos e pleiteamos, dentro do ponto de vista socialista são: syndicalisação das classes, introdução definitiva do cooperativismo em todas as suas modalidades, modificação completa do regime alfandegario, *gratuidade do ensino*, divorcio a vinculo, Estado Leigo e politica internacional pacifista. (Brasil Novo, 17 de abr. 1933, p. 1).

Foram analisados quatro números desse jornal, e constataram-se em todos eles notícias a respeito da Alemanha, especificamente do nazismo. Eram textos informativos e críticos, como este, publicado na sua edição número 16:

A maior das humilhações

Foi inaugurado nos arredores de Brunswick um pellourinho para quem falar mal de Hitler!

E' inacreditável! Hors, povoação que fica situada nos arredores de Brunswick, assistiu, estupefada a installação de um pellourinho na praça do mercado.

[...]

Os que montavam guarda á columna fatídica avisaram o povo de que seria amarrado o dia inteiro ao pellourinho todo aquelle homem ou mulher que insultasse Hitler. (Brasil Novo, 17 de abr. 1933, p. 1).

Esse jornal era composto por quatro páginas, publicava notícias de eventos esportivos e culturais, anúncios e era vendido avulso. Nos exemplares analisados não foram encontradas notícias das associações culturais e recreativas e as chamadas notícias sociais.

“O Brasil Novo” fazia uma forte oposição à “Frente Negra Brasileira”; seu diretor J. Guarana Sant’Anna, havia sido membro dessa entidade, exercendo inclusive a função

de advogado. Devido a divergências políticas, Guaraná Sant'Anna e um grupo de pessoas utilizaram-se desse jornal como meio de denúncias contra essa entidade:

O Sr. Arlindo Veiga dos Santos patrianovista inveterado, chefe presumptivo de uma phalange incosciente de negros que aneiam a restauração monarchica no Brasil,...

[...]

Nada lhe salvará, nem patrianovismo, nem a fallecida ala direita da Frente Negra de São Paulo, nem os processos sórdidos de intrigas e calumnias, nem mesmo o seu calculado e espetaculoso orthodoxismo catholico.

Os negros do Brasil redimidos pela Republica Nova, despertaram do somno lethargico que a ignorância e a insensatez os junzia. (Brasil Novo, 10 de abr. 1933, p. 1,2).

Além de combaterem o patrianovismo, faziam sérias críticas à presença do seu irmão Isaltino Veiga dos Santos no cargo de secretário geral da Frente Negra e, denunciavam as supostas irregularidades nos balancetes dessa instituição.

As investidas contra os irmãos Veiga dos Santos e a “Frente Negra Brasileira” foram aumentando de proporção e o movimento de contestação foi se fortalecendo. Para defender-se dessas investidas, Arlindo Veiga dos Santos muitas vezes, recorria à Delegacia de Ordem Política Social (DEOPS), enviando a esse órgão público ofícios que traziam informações a respeito de determinadas pessoas e de algumas associações que o atacavam. Um exemplo foi este ofício enviado ao delegado de Ordem Política Social:

Oficio nº 509

Da secretaria Geral

S. Paulo 11 de junho de 1933.

Exmo. Snr. Dr. Armando Soares Caubi

D.D. Delegado de Ordem Política Social

NESTA.

Ilustre Patrício.

- Por intermédio da presente, em nome da Frente Negra Brasileira tomamos a liberdade de levar ao conhecimento de V. Excia., o seguinte:- Ultimamente, com o fito de um saneamento moral, no seio da Gente Negra desta cidade, os dirigentes da F.N.B., viram-se forçados a expulsar do seio frentenegrino, diversos elementos que de muito vinham embarçando a nossa marcha social, inclusive o Dr. J. Guaraná de Sant'Anna, isto porque não nos interessa de maneira alguma envolvermos em politica, mesmo porque temos coisa de imediato interesse a tratar, como por exemplo, alfabetisação geral da nossa gente, caixa beneficente, compriendendo-se assistencia juridica, instrucção militar etc., pois é dessa maneira que nós os frentenegrinos queremos contribuir ajudando a V. Excia. E as demais autoridades

constituídas, a trabalharem para o completo saneamento da desordem de inteligência, ora reinante em nossa patria, muito especificamente neste Estado, onde abertamente se fala em separatismo, comunismo e outras ideologias exóticas que só têm servido para embaraçar o trabalho dos homens que presentemente governam nossa querida patria.

Com a expulsão dos negros acima citados, formaram eles clandestinamente, ajudados por politicos interesseiros a tal Frente Negra Brasileira Socialista; *esse caso porém já havia sido enviado ao ilustre chefe de policia demissionado*, que tomou as necessarias providencias, achando-se presentemente um inquérito aberto e já quase em conclusão no Gabinete de Investigações, cujo trabalho esta sendo tratado com especial carinho e justiça pelas dignas autoridades daquela repartição policial.

[...]

Sem outro assunto gratos pela atenção que nos tem sido dispensada em nome da F.N.B. subscrevemo-nos de V. Excia. (DEOPS, Promptuario 1538, grifos nosso).

Esse officio, feito em papel timbrado pela “Frente Negra Brasileira”, foi assinado por Arlindo Veiga dos Santos, Presidente Geral; Isaltino Veiga dos Santos, Secretário Geral; João Francisco de Araújo, 1º Secretário.

Esse jornal publicava pequenas notas que traziam informações de determinados acontecimento em alguns países, como por exemplo: “Chang Kai Chek deixa a presidência do conselho de defesa da China”. (Brasil Novo, 3 de abr. 1933, p. 3). Ou ainda, matérias a respeito de alguns acontecimentos políticos no Brasil, dentre as quais a publicação da lei de repressão a usura de 1933.

Progresso

O periódico de hoje não representa mais que um dos rebentos a que nos alludimos, o qual atravessa a fase de sua oblectação, por impervios caminhos ao enalço do fim collimado: - Exaltar o Brasil glorificando a raça hontem vilipendiada, cuja escravidão é u’a mancha na Historia da nossa civilização.

Seu escopo é propugnar pelos opprimidos tendo como diretriz unica elevar o nome dessa mesma raça, semeando os germens civis do trigo moral para sagrada crestagem do *pão-progresso*. (Progresso, 23 de jun. 1928, p. 1, grifos nosso).

Com essas palavras iniciava-se a publicação de mais um jornal da imprensa negra em São Paulo, o “Progresso”. Pretendia dentre outras coisas promover a *elevação moral* dos negros conduzindo-os ao caminho do *progresso*. Sendo assim, atuou de

maneira bastante contestatória em relação à situação dos negros em São Paulo, as críticas em alguns momentos eram dirigidas aos próprios negros, mas no geral eram feitas a uma parcela da sociedade que continuava a usar de preconceito no tratamento aos negros.

Na sua edição número 8, de janeiro de 1919, foi publicada a seguinte crítica:

O tenente Francisco Lourenço dos Santos, oficial do exercito brasileiro, estando de passagem na cidade de Ribeirão Preto, fora rudemente menosprezado em um salão de barbeiro, que por irrisão tinha o nome de “Salão Brasil”, simplesmente pelo facto de não ser branco.

- Preto – dissera-lhe o barbeiro a que pedirá servil-o, não pode ser atendido.

O distinto militar, dando mostras de muita educação e altivez, limitou-se a sair do salão, que por signal é propriedade de um estrangeiro, e sem fazer commentarios deixou em paz o raspador de queixos. (Progresso, 13 de jan. 1929, p. 5)

Segundo esse jornal, o povo de Ribeirão Preto dando mostras de sua indignação recorreu a “Legião Brasileira” e a “Liga de Propaganda” duas instituições patrióticas dessa cidade que, imediatamente passaram a cobrar uma retratação do ocorrido pelo proprietário da barbearia. Além dessa medida, muitos moradores da cidade passaram a boicotar esse salão como forma de protesto.

Esse jornal era composto em sua maior parte por seis páginas e em menor número por quatro. Publicava alguns anúncios que geralmente eram encontrados na sua última página. Era publicado mensalmente e vendido através de assinaturas semestrais: “Para prosperidade das letras, e para a grandeza da imprensa negra do Brasil, é bastante que V.S. tome uma assignatura do “Progresso”. (Progresso, 5 de fev. 1930, p. 2). Possuía tipografia própria, onde eram realizados também serviços por encomenda.

A partir da sua edição de número 14 passou a ser de propriedade da empresa Wanderley & Ferreira uma sociedade cujos donos eram respectivamente Argentino Celso Wanderley e João Baptista Ferreira e tinha como editor o poeta Lino Guedes.

Além dessas pessoas, possuía representantes nas seguintes localidades: Tiête, Limeira, Cosmópolis, Sorocaba, São Vicente, Botucatu, Rio Claro e Uberaba.

Em janeiro de 1931, o dono da farmácia “São Benedito” realizou uma promoção dando 20% de desconto e direito a uma consulta médica gratuita às pessoas que se apresentassem com o recibo da assinatura deste jornal correspondente a aquele ano.

Segundo Moura (2002), esse jornal foi fundado como parte das comemorações e divulgação do centenário da morte de Luiz Gama. Nesse sentido, empreendeu uma campanha em prol da construção de uma herma em sua homenagem no largo do Arouche:

A comissão que se encarregou em nome dos pretos do Brasil, de perpetuar no bronze a memoria do baluarte da abolição que foi aquelle que se chamou Luiz Gonzaga Pinto da Gama, está em vias de desobrigar-se da incumbencia.

[...]

A iniciativa do “Progresso” é digna do apoio de quantos vê nella, o esforço colectivo a qual encherá de orgulho uma raça que assim evidencia que sabe impor á sua vontade quando se trata dentro da ordem de patentear á saciedade o valor de seus maiores. (Progresso, 31 de jun. 1931, p. 1).

Foram realizados diversos eventos a fim de angariar recursos para tal objetivo. Muito mais que a construção de um monumento à memória de Luiz Gama está iniciativa acenava com a possibilidade de valorização dos negros em São Paulo e num sentido mais amplo mostrar a existência de heróis negros. De outra maneira, os negros reconhecerem-se como parte integrante daquela sociedade.

Esse jornal empreendeu severas críticas a situação moral dos negros realizando inclusive uma campanha:

O systema filosofico mais productivo para combater os erros de uma raça como a nossa, é, a meu ver, o moralismo. A experiência da minha mocidade presente, a observação in loco dos costumes degenerados e degenerantes da nossa gente, me ensinaram a apontar o unico remedio para nossa regeneração racial: a moral. Por mais que os tribunos asseverem que a união, a fraternidade, a visão radiosa do ideal, são os meios indispensáveis para o reerguimento dos negros nada conseguirão se não atacarem de rijo os vícios amoraes da nossa raça. (NETTO, Progresso, ago. de 1932, p. 3).

Nas suas considerações ele indicou que a solução para regeneração racial seria a moralização dos negros. A ideologia do branqueamento difundida pelo discurso dito científico de certa maneira influenciou uma fração da população negra em São Paulo que, passou a construir uma imagem negativa de determinados aspectos da vida dos próprios negros.

Esse jornal publicava uma coluna intitulada “Sociais” onde felicitavam os casamentos, as bodas, nascimentos, batizados e, ainda notas de pezar por alguns falecimentos. Publicava notícias de algumas associações recreativas e culturais,

informações a respeito de teatro e esportes. Algumas vezes, publicou uma coluna na qual eram feitos pedidos de ajuda para algumas pessoas necessitadas.

Uma característica marcante desse jornal era a de publicar certo número de artigos que de alguma maneira colocassem em evidência as questões referentes ao preconceito racial:

Scienza Medico-Juridica

Na aula inaugural da Faculdade de Direito, o dr. Alcântara Machado, deu uma excelente lição de eugenia. Falando do exame pre-nupcial, s.s. depois de mostrar os motivos da proibição de casar, sendo um delles o preconceito de raças que tem levado certos Estados “yanques” a castigar com penalidades a união de individuos de raça branca com os de outras raças, conclue: Esse preconceito está baseado em duas affirmativas, ambas falsas; a inferioridade das outras raças em relação á branca e a subalternidade do mestiço. (Progresso, 28 de abr. 1929, p. 2).

O autor com esse artigo utilizando das considerações de uma ciência pretendeu mostrar a não inferioridade dos negros frente aos brancos, contestando um discurso cientificista e racista¹² existente na época.

Em algumas ocasiões, destacavam algumas características físicas:

“A côr morena é a cor de ouro”...

A cor morena, bem escura está em moda. Quem por exemplo, tomar os jornaes norte americanos, que annunciam viagens para Havana, lera este apello:

“Porque vos deixaes esbranquiçar aqui durante o inverno, quando podereis ir amorenar-vos em Havana, a cidade mais chic do mundo?”

[...]

As mulatinhas nos Estados Unidos como do Brasil estão vingadas – ellas que teem a pelle curtida naturalmente. (Progresso, 13 de jan. 1929, p. 3).

Em outras, destacavam a capacidade intelectual:

O cientista negro Juliano Moreira já distinguido pelo imperador Hirohito.

[...]

O professor Moreirta foi distinguido pelo imperador Hirohito, com a Ordem do Sagrado Thesouro do Japão e recebeu grãos honorários de varias sociedades scntificas japonezas. (Progresso, 13 de jan. 1929, p. 3).

¹² Esse assunto será abordado mais profundamente no capítulo 2.

Combatiam a idéia de inferioridade racial e ao mesmo tempo se contrapondo a isso promoviam a valorização de algumas características físicas e intelectuais dos negros.

Outra característica desse jornal era a publicação de matérias alusivas a algumas personalidades que participaram do processo de abolição da escravidão no Brasil. Eram publicados artigos que enalteciam os gestos dessas pessoas e o reconhecimento de que haviam contribuído para o fim desse regime:

Visconde de Ouro Branco

Nós, os descendentes da raça outrora escravizada rendemos a vossa veneranda memória, sincero prélio e tributo de gratidão, porque fostes vós o verdadeiro benfeitor dos míseros oprimidos, o sublime timoneiro dos nossos avoengos.

Que clemente fostes naquella tempo vândalo, naquella era de homens obsecados e iníquos, somente uma alma nobre, ouzaria erguer a voz em faces dos escravocratas essa perfeição anuncio da divina providencia surgido no solo brasileiro para REMIRMOS FOI José Maria da Silva Paranhos.

Tosteis nosso Catão!

Que seríamos, presentemente se existisse a nefanda lei que dava direito a um homem captivar seu semelhante? Que seria da hodierna juventude que já procura safar-se do jugo da ignorância correndo ao encalço da instrução? Que seria da infância? Seria das pobres anciãos? Que grande feito praticastes! (CASTRO, Progresso, 15 de nov. 1928, p. 4).

È importante destacar que, a gratidão expressa nesse artigo estava associada a uma idéia de que essas pessoas haviam de alguma maneira intercedido em favor dos negros ou ainda por terem sido generosos no seu tratamento, dentro de um contexto marcadamente desfavorável para essa população.

Nesse jornal, havia uma coluna cujo nome era “Abolicionista que tomba”, onde trazia algumas homenagens e informações a respeito de pessoas envolvidas na luta a favor da abolição que haviam falecido.

O Clarim da Alvorada.

Jornal fundado em São Paulo, a 6 de janeiro de 1924, por José Correia Leite e Jayme de Aguiar, conforme depoimento feito a seguir:

Vivi no meio da colônia italiana lá no Bexiga até mais ou menos 20 anos. Nos meus 20 anos, comecei a freqüentar as sociedades de bairros negros. Foi quando encontrei Jayme de Aguiar. Ele era um

intelectual já formado, e eu não tinha nem curso primário. Foi ele quem me orientou, me deu umas aulas de gramática, até que ele surgiu com a idéia de fundar um jornal.

Um dia, ele apareceu e disse: Já tenho o título do jornal. Vai se chamar “O Clarim”. Como eu não era o mentor intelectual da coisa, me incumbi da parte mais pesada, que era a tipografia e outras coisas, e saiu o primeiro número em formato muito pequeno.

Aí, um dia, apareceu na redação de “O Clarim” um cidadão alegando ser proprietário do título. Ele tinha um jornal de picaretagem e cavação, e nós não queríamos nos envolver com ele, apesar dele ser mestiço. E começamos a pensar como fazer. Nós pensamos em “O Clarim da Vitória” ou o “Clarim da Alvorada”. Mas aí, eu disse: vitória do que? Nós nem principiamos... E assim, “O Clarim da Alvorada” surgiu como uma bandeira de luta e veio até 1932. (apud FERRARA, 1981, p. 54, 55)

Nesse depoimento, José Correia Leite declarou que o jornal teria circulado em São Paulo até 1932. Possivelmente ocorreu um lapso¹³ no seu depoimento, pois esse jornal teve ainda uma edição em maio de 1933 e outra em setembro de 1940.

Esse periódico circulou com o nome de “O Clarim” até a sua edição de número 4, em 6 de abril de 1924. A partir da quinta edição, de maio desse mesmo ano, teve acrescentado ao seu título em letras menores “da Alvorada”. Somente na décima segunda edição, o seu título apareceu de maneira uniforme, “O Clarim da Alvorada”.

O período que vai da sua fundação até a edição de número 36, publicada em 15 de outubro de 1927, é denominada a sua primeira fase. Aparecia como subtítulo *Orgam literario, noticioso e humoristico* e os seus diretores apareciam com pseudônimos. Nas edições publicadas no mês de maio dessa fase o seu subtítulo era alterado para, *Orgam literario, noticioso pelos interesses dos homens de cor, de São Paulo*, e os seus diretores utilizavam-se dos próprios nomes em substituição aos pseudônimos normalmente utilizados nos demais números.

Nessas edições, em geral eram escritos artigos que, tinham como foco a abolição da escravidão e os seus desdobramentos entre a população negra:

Salve o 13 de Maio de 1888- 1926.

Commemora-se hoje em todos os recantos do nosso tão caro Brasil mais um aniversari da extinção da escravidão; portanto são passados trinta e seis annos que nesse grande dia a nossa querida pátria cantou o belo hynno da Liberdade perante as nações civilisadas, tornando-se mais feliz, fora considerada verdadeira potencia, entrou no rol das grandes potencias. (O Calrim da Alvorada, 13 de maio 1924, p. 1).

¹³ Segundo Ferrara (1981), as informações obtidas através desses depoimentos, não ofereceram dados precisos e nem concordantes, devido ao distanciamento do tempo e a conseqüente falha de memória.

Nas edições comemorativas do 13 de maio, esse jornal tinha o seu número de páginas ampliadas normalmente de 4 para 6 ou 8, chegando inclusive ao número de 20 páginas conforme a sua edição número 33 de maio de 1927.

Em 5 de fevereiro de 1928, teve início a sua segunda fase, naquela ocasião, seu subtítulo foi alterado para, *Pelo interesse dos homens pretos noticioso, literário e de combate*. Nessa nova fase, outras pessoas passaram a compor a administração desse jornal e a sua organização passou a ser a seguinte: Redator principal, Jayme de Aguiar; Redator secretário, José Correia Leite; Gerente, Luiz de Souza; Diretores, Urcino dos Santos e João Soter da Silva. Daí até a sua edição 42, de 13 de maio de 1933, ocorreram algumas mudanças na sua organização, no seu cabeçalho, na sua diagramação, nos seus membros e endereço.

Segundo Ferrara (1981), esse jornal era mantido com o dinheiro do próprio grupo e os anúncios publicados eram pagos o que contribuía com a sua manutenção. As suas tiragens variavam entre mil e dois mil exemplares por mês.

A sua publicação era mensal e, em geral saía com alguns atrasos devido as dificuldades econômicas enfrentadas para manter o jornal circulando. Para contornar essa situação realizavam alguns eventos para angariar fundos: “Para auxiliar o único jornal dos pretos, procurai convites para o baile de 7 de maio próximo, nos Clubs Dansantes!...” (O Clarim da Alvorada, 17 de abr. 1927, p. 3).

Era vendido o número avulso e por assinaturas semestrais, a partir de 1926 as assinaturas passaram a ser anuais.

No final de 1925, esse jornal realizou um concurso bem diferente daqueles que geralmente ocorriam na época:

Qual o preto mais feio?

[...]

A direcção deste orgam pretende em janeiro, por ocasião do anniversario do mesmo, encerrar o presente concurso e, para tal fim, desde já conta com o apoio geral dos leitores.

E' de praxe os jornaes, de vez em quando apresentar aos seus leitores e admiradores surpresas: prêmios aos assignantes, concursos de beleza, sympatia etc., ultimamente se preocupam os jornaes de apresentar aos seus leitores problemas de formações de phrases e períodos por intermedio de palavras crusadas nos apresentamos aos nossos, um de maior facilidade que está ao alcance do preto mais prompto de S. Paulo. É o bastante o leitor amigo adquirir os números do nosso jornal de hoje até aquela data, ir votando na pessoa que lhe parecer **mais feia e pernóstica** e nos enviar a referida cedula á nossa redacção para contagem dos votos e bem assim publicação dos nomes

já votados ordenadamente. (O Clarim da Alvorada, 15 de nov. 1925, p. 4, grifos do autor).

Os leitores só poderiam indicar e votar em candidatos que fossem filiados a alguma associação cultural. Possivelmente esse concurso, além de promover a descontração entre os leitores, ajudou no aumento da venda desse jornal nos meses em que foi realizado.

José Correia Leite militou durante algum tempo na “Frente Negra Brasileira”, havia inclusive uma intenção por parte do presidente dessa instituição de transformar o jornal “O Clarim da Alvorada” no seu órgão oficial.

No final de 1931, José Correia Leite por divergências políticas desligou-se dessa instituição escrevendo a seguinte carta:

S. Paulo, 23 de Dezembro de 1931.

Presados Snrs.

Saudações.

Tive a elevada honra de figurar até o presente, como um dos membros do chamado grande conselho, dessa organização onde tive as minhas esperanças depositadas, como negro humilde, mas trabalhador consciente.

Por este intermédio, solicito minha demissão desse quadro, onde nada pude fazer.

O motivo é todo pessoal. Sou negro que não me habituo com as incoherencias e o personalismo.

Estou em pleno desacordo com as ideologias políticas e o clericalismo do snr. Presidente dessa instituição ultra-nacionalista. [...].

(a) José Correia Leite.

- Redactor responsável do “Clarim D’Alvorada” e actualmente da “A Chibata”. (DEOPS, prontuário 1538).

A cópia desta carta, foi enviada pela Frente Negra Brasileira à “Delegacia de Ordem Política Social” para notificar o seu desligamento e explicar que o mesmo, juntamente com um grupo estava agindo contra aquela instituição.

Como forma de protesto contra as posições de Arlindo Veiga presidente da “Frente Negra Brasileira”, o grupo que dirigia “O Clarim da Alvorada”, declarou-se em greve, não publicando o jornal no mês de fevereiro de 1932:

O pessoal do O Clarim d’Alvorada. Declara-se em greve da desobediência contra o Gandi da frente!...

O motivo é que os nossos confrades estão envergonhados – o popular órgão da mocidade negra, deixa de circular para evitar maiores vergonhas. (Chibata, fev. 1932, p. 1).

No mês seguinte, a casa de José Correia Leite onde esses dois jornais eram impressos, foi invadida por um grupo de homens que violentamente promoveram um quebra-quebra. Episódio que foi noticiado da seguinte forma pelo próprio jornal: “Nunca saímos tão grandes. O assalto na calada da noite, desta redacção, por um bando de assalariados, bêbados e dezordeiros!...” (O Clarim da Alvorada, 27 de mar. 1932, p. 1).

Esse jornal, segundo Correia Leite, tinha como objetivo conscientizar os negros da sua situação de desigualdade. Com isso, muitos de seus artigos versavam sobre a importância da educação enquanto o caminho para a ascensão social dos negros. Cobrava ainda uma ação dos negros frente aos seus problemas:

A verdadeira liberdade do elemento negro começara a raiar do combate decisivo e leal, illuminando o analfabetismo preparando uma geração nova para os novos embates que se ão de ferir nos recessos amplos da democracia futura! (O Clarim da Alvorada, 27 de dez. 1925, p. 1).

Em 1929 empreendeu uma campanha pela realização do 1º Congresso da Mocidade Negra, algo que acabou não acontecendo devido à falta de apoio dos demais grupos.

Segundo Jayme de Aguiar uma das estratégias adotadas por ele e o Correia Leite para dar credibilidade a esse jornal no início de sua publicação era a seguinte:

Conforme depoimento de Jayme de Aguiar, no início era grande a falta de colaboradores e o grupo viu-se sozinho para fazer o jornal. A fim de dar importância ao mesmo, assinavam com pseudônimos; assim, Jayme de Aguiar assinava com os seguintes: Maria Rosa, Moysás Cintra, Jim de Araguay, Praxedes, Ana Maria e Jim do Vale; Correia Leite, com o pseudônimo de Tuca, e Menotti del Picchia com o de Hélios. Mais tarde, agruparam-se ao jornal pessoas de renome na época, como: Evaristo de Moraes (Criminalista), Aureliano Leite (deputado), Candido Mota Filho (ministro), Ciro Costa (poeta), Mario Vasconcelos (homem de letras), que davam colaboração principalmente nas edições comemorativas do 13 de maio. (FERRARA, 1981, p. 55).

Esse jornal contava com agentes no Rio de Janeiro, Santos, Bahia, Sorocaba e Assis. Com relação aos atrasos na sua publicação, geralmente eram justificados através

notas de esclarecimentos. Havia também a errata, onde realizavam as correções de algumas palavras que foram impressas com erros gramaticais.

Outra característica, era a luta pela conscientização dos negros que, muitas vezes estava relacionada ao lugar que ocupavam naquela sociedade, nessas ocasiões, os artigos publicados procuravam mostrar os seus esforços em benefício do país:

O preto e a pátria
Devemos ocupar na evolução social do paiz o lugar que nos compete, dignamente como homens uteis á nossa pátria.
Em todas as materias de progressos da nossa terra, o preto nunca deixou de prestar seu fraco auxilio. O obreiro mais humilde de que a patria possui é o preto, de sol a sol diariamente o notamos no cumprimento de seus deveres. (CORREIA, O Clarim da Alvorada, 12 de out. 1924, p. 3).

Nesse caso, essa cobrança era dirigida aos próprios leitores que, deveriam reconhecer a sua contribuição para o crescimento do Brasil e lutarem por um lugar considerado digno.

O Clarim

Fundado em fevereiro de 1935, *Orgam da mocidade negra*, editado pelo “Departamento Intelectual do Clube Negro de Cultura Social”. Apresentava a seguinte composição: diretor, José de Assis Barbosa; gerente, Sebastião Macedo; secretária, Eunice de Paula; redatores Henrique Antunes Cunha e Manoel A. dos Santos. De todos os jornais analisados esse foi o único que contava com uma mulher na sua diretoria.

Esse jornal estava dividido em quatro páginas e nas edições de maio tinha esse número ampliado para oito. Os anúncios estavam distribuídos pelas páginas, e ao que parece eram pagos: “Anunciar no Clarim é anunciar com inteligência”. (O Clarim, fev. 1935, p.2)

Iniciou a sua publicação fazendo alguns esclarecimentos aos leitores e explicitando os seus objetivos:

E o toque continua...
Apresentamos o primeiro numero do O “Clarim” que com esta edição ensaia os seus primeiros passos.
O que é o Clarim? O que será
O que elle é todos vos estaes vendo.

Uma grande vontade que um pugillo de moços idealistas possuem como escopo de servir da melhor maneira possível aos interesses de uma raça sofredora;

O que será! O trabalho sacrificio que essa plêiade de moços vem dispendendo no intuito de encontrar uma formula que venha satisfazer os interesses da mocidade Negra de São Paulo, nos dá a certeza de que, se não conseguirmos construir um grande Orgam, pelo menos esta iniciativa serve de incentivo para a formação, no nosso meio, da Imprensa negra, em collaboração com outros organs existentes.

O Clarim, como official do Clube Negro de Cultura Social, terá por diretriz a aproximação da juventude negra ao sentido de ampliarmos as nossas condições intellectuaes, moraes e phisicas para que a mocidade possa *conquistar o seu devido lugar* no conceito de outra colletividade.

A tarefa está iniciada. (O Clarim, fev. 1935, p. 1, grifos nosso).

Os seus objetivos aparecem de forma evidente, despertar e promover a união da mocidade negra oferecendo suportes intelectuais e morais para a sua integração. Nesse caminho, reforçava a idéia de que através da educação as novas gerações poderiam ter melhores condições de vida na sociedade:

Atravez do panorama (sic) que a vida nos apresenta, é interessante notar que, a divisibilidade do pensamento, juntamente com a falta de instrucção do negro tem impedido a elle que foi e ainda é, uma parte da base da formação do patrimônio nacional, occupar posição que lhe deveria ser admissivel não só pelo trabalho como também pelo sangue que elle derramou em defesa da pátria.

[...]

Em 88, quando os libertaram do jugo ignóbil, deixaram de oriental-os e elles, como bando de pássaros libertos sahiram em busca de melhor abrigo.

[...]

E mais tarde com um pouco de experiência da vida, procuravam se infiltrar lentamente em todas as camadas sociaes.

E no momento depende do negro a sua maior elevação moral e intellectual! Perante a sociedade.

Por conseguinte, vós negros, procurae instruir vosso filhos encaminhando-os para a batalha rude de amanhã, ensinae a elles apoiarem-se mutuamente na marcha para concretização desta nobre missão. (OLIVEIRA, O Clarim, abr. 1935, p. 1).

Além de textos críticos, esse jornal publicava notas sociais (casamentos, aniversários, batizados, etc.), concurso de simpatia feminina, formaturas, notícias de eventos esportivos e informações das atividades realizadas pelo “Clube Negro de Cultura Social”.

A Voz da Raça

Este jornal aparece na hora em que precisamos tornar publico, nos dias de hoje, de amanhã e de sempre, os interesses e comunhão de ideias da raça, porque as outras folhas, alias veteranas, por despeitos politicos, tem deixado de os fazer; porém isso não tem importancia; diz o ditado que “a dor ensina a gemer!...” e si não fosse a dôr... este jornal não surgiria e nos continuaríamos marcando passo e sendo alvo da continua atitude dos diarios paulistas que, na surdina, vão pondo no cesto os originais que no presente momento o seu assunto vise a moral e a união politica do negro.

O seu programa, na parte principal é desprezar as polemicas em geral e trabalhar com afinco, denodo e coragem dentro da concordia e da moral.

Assim sendo, fica entregue a população o orgam acima epigrafado – A Voz da Raça. (A Voz da Raça, 18 de mar. 1933, p. 1).

Com esse editorial teve início a publicação desse jornal, *Orgam Oficial da “Frente Negra Brasileira”*.

A princípio, era publicado semanalmente, depois a partir do número 18 passou a ser quinzenal e, em 1935 passou a ser mensal. Era composto por quatro páginas, publicava poucos anúncios e vendido através de assinaturas semestrais e anuais, podendo ainda ser comprado pelo número avulso, havendo uma diferenciação de valor entre o número do dia e o número atrasado que era vendido pelo dobro do preço.

Esse jornal tinha as suas dimensões maiores que a dos outros jornais da imprensa negra analisados nesse período, muito próximas dos jornais atuais.

A partir da sua edição número 36, de 28 de abril de 1934, o seu subtítulo passou a ser, *Orgam da Gente Negra Brasileira*.

Publicava periodicamente várias informações sobre a “Frente Negra Brasileira” dentre as quais, balanços de contas, comunicados aos associados, atividades dos seus departamentos de: música, saúde, formação social, dentário, biblioteca, etc.

Na sua coluna social, eram publicadas notas de casamentos, nascimentos, noivados, falecimentos e de pessoas que se encontravam adoentadas. Noticiava eventos realizados pelas diversas associações culturais e alguns eventos esportivos.

Os artigos enviados pelos colaboradores passavam por um processo de análise antes de serem publicados pela redação do jornal. Entretanto, isso não impediu a publicação de alguns textos não originais, copiados de outros autores:

AVISO

No nosso numero passado por acumulo de serviço publicamos uma composição plageada de abalísado mestre. Avisamos ao pseudo autor que não o faça mais, porque lhe poderão advir conseqüências graves, em virtude da direção não se responsabilisar pelos artigos assinados. (A Voz da Raça, 2 de set. 1933, p. 4)

Constantemente eram publicadas notas que tinham por objetivo incentivar as pessoas a fazerem uma assinatura do jornal, o tom era enfático: “Tomar uma assinatura d’A VOZ DA RAÇA, hoje mesmo, é elevar o nível MORAL e INTELECTUAL do negro, é ‘brasileirar’ este imenso e estremecido BRASIL”. (A Voz da Raça, 19 de ago. 1934, p. 4, grifo do autor). Ou ainda:

Ler “A Voz da Raça”
Assinar “A Voz da Raça”
Propagar “A Voz da Raça”
Anunciar “A Voz da Raça”
E’ estar trabalhando para elevação intelectual da Raça!
(A Voz da Raça, 11 de maio 1935, p. 2).

Nas edições publicadas no mês de maio, os artigos cujo tema era a abolição não mencionavam aquelas personalidades que, geralmente apareciam em outros jornais da imprensa negra, como por exemplo, a princesa Isabel. Os artigos sobre a abolição colocavam o negro como o grande artífice desse evento:

- Mas na verdade é que a abolição foi feita pelo negro.
Só meio século depois os negros começaram a compreender esta verdade: a abolição foi feita pelo negro, apoiada pelo soldado negro, contra a vontade da nação, que diante dessa *conquista*, teve que tomar da enxada e proletarizar-se, como ainda hoje vae fazendo, embora com muito custo, porque a nossa gente foi creada num meio terrível, onde o fato de ser branco já representava aristocracia.
Os negros devem pois, agradecer á abolição aos negros nossos antepassados. (SANTOS, A Voz da Raça, 13 de maio 1933, p. 4, grifo nosso).

As considerações desse autor sobre a abolição colocam os antigos escravos como os seus realizadores. Eles que lutaram contra o cativo e pelo fim da escravidão que, materializou-se através da sua abolição legal, com isso ele buscou reforçar junto aos leitores a dívida de gratidão aos seus antepassados.

Enquanto rejeitava aquelas personalidades brancas ligadas à abolição em outros momentos enaltecia outras consideradas exemplos de luta e de moralidade. Como pode-se observar nesse artigo escrito em homenagem a Tiradentes:

TIRADENTES, tinha a mesma condição social e cultural, das dos homens intelectuais da época, na qualidade de ALVERES do Regimento de Infantaria.

[...]

O que sabemos, é que coube á TIRADENTES, a ser o eterno exemplo moral e do que se possa considerar sobre a dignidade humana!

[...]

Joaquim José da Silva Xavier, o inesquecível TIRADENTES, foi a expressão moral do Brasil!

Soube com elegância e beleza de suas atitudes, dar a nossa emancipação POLITICA. (LUCRECIO, A Voz da Raça, abr. 1937, p. 1).

A princípio essa situação poderia parecer estranha, uma vez que a figura de Tiradentes estava associada ao movimento republicano e, esse jornal, influenciado por Arlindo Veiga dos Santos, apresentava algumas tendências monarquistas. Contudo, a aproximação com Tiradentes justificava-se pelo fato de o considerarem o iniciador do processo de independência do Brasil. Nesse sentido, o seu culto estava ligado à idéia de que ele havia lutado pela libertação da pátria dos laços de Portugal.

Foi observado anteriormente que alguns jornais da imprensa negra atacavam de forma contundente a “Frente Negra Brasileira” que, em alguns momentos respondia a esses ataques através do seu órgão de imprensa:

E assim, principalmente para aqueles que, a fito de desprestigiado, vivem taxando a Frente Negra Brasileira de agremiação monarquista, comunicamos que em sua sede existe um cartaz com letras garrafais assim expresso:

E' EXPRESSAMENTE PROIBIDO DISCUTIR POLITICA ou RELIGIÃO NA SÉDE.

Diante de tal liberdade, cremos que fora do recinto da Frente Negra Brasileira, os seus associados poderão adoptar a politica ou religião que entenderem. (A Voz da Raça, 20 de jan. 1934, p. 1).

Outra característica desse jornal era o seu caráter nacionalista, foram muitos os textos que explicitaram essa sua tendência, chegando inclusive a publicar alguns hinos em suas edições:

Hino da Gente Negra Brasileira
Letra do Dr. Arlindo Veiga dos Santos

Musica do Professor Alfredo Pires

1º

Salve! Salve! Hora gloriosa,
Em que aponta no pais,
Esta aurora luminosa
Que fará a Pátria feliz.

Coro

Gente negra, Gente forte,
Ergue a fronte varonil.
E's a impávida coorte
- Honra e gloria do Brasil.

[...]

Ouve:- os clarins dos PALMARES

Vem falar da pátria nova!

Ressoa o clangor nos ares

Chamando os bravos á prova! (A Voz da Raça, 29 de abr. 1933, p. 3).

Pretendiam incentivar o patriotismo entre os negros indicando-lhes o caminho para a valorização da pátria e principalmente reforçando a idéia de que deveriam contribuir para o seu *engrandecimento*. De outra maneira, mostrar que eram cidadãos brasileiros zelosos dos seus deveres para com o país.

Essa valorização e incentivo ao patriotismo foi uma constante nesse jornal, como observa-se nesse artigo, escrito por Adalberto Pires de Freitas publicado na edição de número 33, publicada em março de 1934:

A nossa Bandeira é o nosso dever

A nossa Bandeira pelas suas cores, faz-nos lembrar as nossas florestas luxuriantes, de nossas verdes Campinas, as nossas riquezas, o nosso céu e a nossa índole pacifica. Creada por decreto do Governo Provisório em 19 de Novembro de 1889.

[...]

Caro leitor! Não só ao Exercito e a nossa gloriosa Marinha de guerra cumpre o dever sagrado de zelar pela integridade territorial, pela soberania e pela honra do nosso Brasil.

Todo cidadão brasileiro tem um dever a cumprir para com sua Pátria e como logo se percebe, um programa vasto e elevado, fácil e nobre, cuja realização se impõe o concurso de toda mocidade que é a sentinela avançada de todas as conquistas que o Brasil possui.

Da mocidade negra o Brasil espera todas as suas energias físicas e morais e para os dias incertos que tivermos que transpor, prosigamos, apenas vontade, caráter e abnegação por um Brasil forte e Unido. (FREITAS, A Voz da Raça, 17 de mar. 1934, p. 2).

Em 6 de janeiro de 1934, foi inaugurada nesse jornal a “Seção Doméstica”. “Com esse titulo abrimos hoje esta nova seção por onde divulgaremos, ás nossas muitas e atenciosas leitoras, tudo que possa-lhes interessar, da vida do lar”. (A Voz da Raça, 6 de

jan. 1934, p. 3). E em 1937, foi criada a “Seção Feminina”, onde as mulheres associadas da “Frente Negra Brasileira” poderiam publicar os seus textos.

ANEXO 1

Ilustrações dos jornais analisados

Ilustração 1 – Jornal “O Menelick” - São Paulo, 17 de outubro de 1915, ano I, nº. 1, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 2 – Jornal “A Rua” - São Paulo, 24 de fevereiro de 1916, ano I, nº. 3, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 3 – Jornal “O Xauter” - São Paulo, 16 de maio de 1916, ano I, nº. 2, p.1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 4 – Jornal “O Alfinete” - São Paulo, 3 de setembro de 1918, ano I, nº. 2, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP

Ilustração 5 – Jornal “O Bandeirante” - São Paulo, agosto de 1918, ano I, nº. 2, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 6 – Jornal “A Liberdade” - São Paulo, 14 de julho de 1919, ano I, nº. 1, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 7 – Jornal “A Sentinella” - São Paulo, 10 de outubro de 1920, ano I, nº. 1, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 8 – Jornal “O Kosmos” - São Paulo, agosto de 1922, ano I, nº. 3, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 9 – Jornal “O Clarim da Alvorada” - São Paulo, 13 de maio de 1924, ano I, nº. 5, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 10 – Jornal “Elite” - São Paulo, 20 de janeiro de 1924, ano I, nº. 2, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 11 – Jornal “Auriverde” - São Paulo, 15 de abril de 1928, ano I, nº. 3, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 12 – Jornal “Progresso” - São Paulo, 23 de junho de 1928, ano I, nº. 1, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 13 – Jornal “Chibata” - São Paulo, fevereiro de 1922, p.1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 14 – Jornal “A Voz da Raça” - São Paulo, 18 de março de 1933, ano I, nº. 1, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 15 – Jornal “Brasil Novo” - São Paulo, 3 de abril de 1933, ano I, nº. 1, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 16 – Jornal “O Clarim” - São Paulo, fevereiro de 1935, ano I, nº. 1, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 17 – Jornal “Auriverde” – Seção de anúncios, São Paulo, 29 de abril de 1928, ano I, nº.5, p. 4. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 18 – Jornal “O Alfinete” – Seção de anúncios, São Paulo, 22 de setembro de 1918, ano I, nº. 3, p. 4. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 19 – Jornal “O Clarim da Alvorada” – Anúncios, São Paulo, 22 de junho de 1924, ano I, nº. 6, p. 4. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 20 – Jornal “A Voz da Raça” – Os aliados de Momo, São Paulo, janeiro de 1937, ano III, nº. 61, p. 3. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 21 - Jornal “O Menelick” – Concurso de Beleza, São Paulo, 1 de janeiro de 1916, ano I, nº. 2, p. 4. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 22 – Miss Progresso, “Progresso” – São Paulo, 15 de fevereiro de 1930, ano II, nº. 21, p.3. Acervo CEDIC – PUC/SP.

O Menelik

Organ mensal, noticioso, literario e critico dedicado aos homens de cor

ANNO I

Redactor-Chefe: **Deocleciano Nascimento** Redactor-Secretario: **Generalino de Souza**

NUM. 1

O MENELIK

Assignatura 1\$500
por semestre

O MENELIK

Aos 18 de Julho do corrente anno, a convite do Sr. Deocleciano Nascimento reuniram-se em sua residencia, sita a Rua da Graça n.º 207 os seguintes Srs:

Generalino de Souza, Juvenal de Padua Mello, Paulo de Souza Lima, Octaviano Ferraz, Marceano Marques de Oliveira, João Benedicto, Marcellino Cruz, Reginal do Maximo Gonçalves, José Paulino, Aristides Alves da Costa, Avelino Paiva e José Luiz Sampaio.

O Sr. Deocleciano Nascimento aproveitando aquella oportunidade, convocou uma sessão, convidando o Sr. Juvenal de Paula Mello, para servir de secretario, e pedindo a palavra, expôz o motivo da mesma, a qual travava-se da fundação deste jornal.

Nenhuma só voz manifestou contra a opinião desse ideador.

Fundou-se então este jornal, o qual buscou adquirir um nome, que não deveria, mas era esquecido dos Homens de cor, é esse nome, o de Menelik II, o grande rei da raça preta, fallecido em 1913.

Surgiu então a fundação deste jornal com a denominação de «O Menelik».

É conveniente prever que apesar daquelle brilhante passo unanimemente approvedo por todos os presentes, os quaes considerou-se socios desde aquelle momento, não era ainda a hora do desabafo da alma de seu ideador.

— Porque?

— Porque a palavra é facilissima, mas a realização — producto da mesma é difficilissima.

Regosijo

A' Exma. Sra. D. Maria José de Almeida, distincta oradora e presidente do Club 13 de Maio de S. Paulo.

São dias tão felizes, repletos de venturas,
Esses que vos leva de glorias rodeada,
Porque sois vos a mais gentil e admirada
Do quadro juvenil das lindas creaturas.

Nas festas certo é; das tantas formosuras,
A voz do oradora, a ti é confiada;
E ouve-se ella, terna, suave e denotada
Que de tu'alma vem guiadas de recturas!

No meio da palavra que de tu'alma salta,
As vozes — muito bem — do auditorio, aparta
A tua que é sonora, meiga e primorosa!

Sempre no final da tua oração
Ouve-se profunda e longa ovação
De palmas que dá gloria a ti que és talentosa.

Deocleciano Nascimento.

X—VIII—MCMXV.



É verdade que não se acreditasse que a «classe» despresasse a magnifica idéa de um seu semelhante, mas, é certo que o mundo não pode ser abrangido só pela conformidade.

Agora cremos que o nosso jornal, ha de ter um futuro brilhante, porque contamos com a approvação geral da «classe dedicada».

Para conquistar amizade geral que futuramente esperamos obter, expulsaremos apiedosamente das columnas d' «O Menelik» este vocabulo chamado — combate.

Nunca procuraremos combater, embora haja base. Seremos como o humilde servidor que não combate contra a força; usaremos para tal fim o proverbio velho: — o calado vence.

PROPRIEDADE

«O Menelik» não tem proprietario, é uma sociedade, composta de illimitados socios que todos fazem por um e um faz por todos.

Eis os seus fundadores e directores:
Presidente: — Reginaldo Maximo Gonçalves.

Secretario: — Octaviano Ferraz.

Thezoureiro: — Marceano Marques de Oliveira.

Procurador geral: — Paulo de Souza Lima.

Representantes: — Avelino Paiva, pelo districto de Villa Buarque, Consolação etc. Residencia, Rua Cunha Horta 15. Marcellino Cruz, por Bellem-zinho, Braz etc. Residencia, Rua José Monteiro, 2. Cabo Manoel Domingos pelo districto do Canindé e Braz, Residencia Rua Henrique Dias, 59 e José Felice, pelo districto da Luz Residencia, Rua Imigrantes, 121.

Reporters: — Theo. Filho Gonçalves de Freitas, José Luiz Sampaio e José Paulino.

Redactor-chefe: — Deocleciano Nascimento.

Redactor-secretario: — Generalino de Souza.

N. B. Qualquer representante desta folha exerce a função de procurador, em nome do procurador geral.

DESTINO

Como resa no cabeçalho deste jornalinho: Organ mensal, noticioso, critico e literario dedicada aos Homens de Cor, é necessario agora que o leitor comprehenda que é o destino que cada uma destas palavras tomam, ou função que exercem.

a) É mensal, porque destina apparecer de mez a mez.

b) É noticioso para travarmos conhecimentos de factos que se dão e passam sem previo conhecimento da classe nossa.

c) É critico (só entre a classe) para colher os ditos philosophicos que navegam nos nos labios desse povo.

a) É literario para mostrar ao mundo as sabedorias que occultamente vagueia no cerebro da classe.

e) É dedicada aos homens



Redactor-chefe
Gomães José Fernandes

A RUA

Redactor-secretario
Oliveira Paula

ANNO I

Literario, critico e humoristico

NUM. 8

EXPEDIENTE

Anunciação assues	108000
As gesturas semestres	28600
Numero avulso	\$100
Numero abastado	\$200
Scopla livre-linha	\$300

Arrecados e outros recibos pagos m-dicos.

As idias emitidas neste jornal são de exclusiva responsabilidade dos autores. "A RUA" cubra pontualmente todas as quintas feiras.

A correspondencia deve ser enviada para a Caixa do Correio do Bras ou ao Redactor Secretario das 2 de 4 horas da tarde ao Largo da Concordia 4.

As assignaturas são pagas a distadamento.

Maria da Saudade

Reminiscencias

Maria da Saudade foi a minha primeira namorada. Morava a Maria em frente á casa de meu padrinho, entre o tu olemo de uma praia e os gritos de meu Paó custando a taboada aos filhos dos pescadores. Era uma moçinha rechitica, triste, com dois olhos negros, melancolicos, e um rosto que parecia moldado em cera. Eu era novo e tempo pagador de ceramujos, e corria a praia toda debaixo de um sol abrasador, jaléco de brim ao léo, quasi sempre corrido pelas pragas do mulherio da vizinhança, ao pisar-lhes as roupas brancas correndo ao sól. Foi nesse tempo que eu conheci a Maria da Saudade.

Não sei bem á que senti ao vê-la pela primeira vez. Á caminhada da igreja, acompanhada pelo irmão, um f-d-llo que metava os gatis á pedrada, gritando continuamente: —olha o rãz, olha o rãz, truz. Sei que de pois desse dia qualquer coisa se operou em mim; brinetas bem, não fra mais corrido pelas mulheres da vizinhança, e ao sól oposto sentava-me á porta da casa da Maria da Saudade, nítos embuçadas, e olhava, a olhava embevecidamente...

Um dia de manhã, um fio cortante, ao passar, beti á porta da casa da Maria da Saudade para vê-la; veio-me receber, debulhada em lagrimas, uma Santa vizinhança do lugar, a Mãe do João Barqueiro, um valentão que tocava viola. A velha me abraçou comovidamente e me fez entrar. Dentro de um saizão todo branco, grialado á cabeça, rosto macerado de tuberculoso,

Anciã

(Inédito)

Tu riste muitas vezes em ventuosos dias,
Cheia de fina graça e franco bom humor;
Eras saaz folla sentindo o dore ardor
Das meigas illusões e das lindas magias.

Dava te a clara luz da vida as fantasias,
Cheias de mansidão e cheias de esplendor,
A primavera dava te encantos e cor,
Do perlustre do ceu das meigas alegrias.

Tu rias!.. Olha agora os olhos já sem brilho,
Os labios já sem riso, a face malicenta,
Mostram que da alegria abandonaste o trilho!

E's uma alma já fria; hoje o que te seduz,
E' encontrar ao cahir nos braços da tormenta
Alguns palmos de terra ao lado duma cruz!

JOSE JORGE DAS NEVES.

jazia a Maria da Saudade, labioz arroxados, n'um sorriso, sorriso mesmo de santidade!.. Affetivei-me chorando, cheio de dor, na minha primeira illusão.

Risos e Lagrimas

Para a Roizna

É o meio do outeiro, no pequenico jardim vestido de folhagens muito verdes e luxuriantes, entrebroto-se insolentemente vaidosa uma rosa purpurina. Em derredor floriera apenas, pequeninas violetas e modestas saudáveis rosas, tão rosas, como os sonhos amargurados dos poetas tristes...

E a manha era loira... Haviam xilencios de aves pelas ramarias espeças das arvores frondosas... Á rosa sonhava... O vento, sussurrante e meigo, muito meigo e suave, n'uma doce indolencia de amante f-liz, beijava a rosa, proclamando-a Rainha dos Jardins.

Só para amar o vento, a rosa desprezava os amores vultis de um B-rja f-lor de amarelle e de uma B-rboleta de grand-s azas azues.

E a rosa sonhava beijada pelo vento... e orgulhosa, tinha escarnos maldicos para com as outras flores... pallidas de p-razes.

Mas veio a tarde e trouxe naves t-apestuosas... O vento bramio, bramio, bramio assustadoramente. As flores pequeninas, pequeninas e modestas se acullaram medrosas entre as verdes ramagens do pequeno canteiro. Mas, aí... a rosa, era bella demais, era demais activa para assim se inclinar diante do estante embravecido e forte. Pobre rosa rubente!... gem en... gem en... gem en... e se desfez num turbilhão de petalas vermelhas, tão vermelhas como as lagrimas dos corações torturados.

Que te sirva, criança, de lição essa historia da rosa...

Zsatinno

Partir..

Quando se nos parte é muito triste
E teu do morto á dura saudade,
E certo se acortura uma no-nova,
Fada comto á devida parate.

De que parte o sentido do destino
E a resposta de um tom que não se abrange
Mas só pôde quem a sua de luctuosa
Resposta dá e sua que não entende!

Partir é ter mais amor em teu peito;
E a despedida tem sempre cor.
Entre que a tir deitas os olhos...
E a vista abandona a que fôrta.
Para seguir sua guerra do sentido.
São Carlos

SONETO

Aldor os teus deaires de primoras...
Os teus olhos iguaes as termalinas...
E's a mais bella dentre as mais bellas
Nevadoras aqui na redondeza!

Quando eu contemplo as humides retinae...
Dezas teus olhos cheios de pureza
Espavorda ing-me a tristez.
A minha alma gorgoea cavatinas...

E logo hezannas... canto a primavera
Que ha no teu seo... o sei das tuas trezças
O teu olhar cheio de mostalgias...

E visto alegre a estele da chivera
Pra celebrar a missa da Esperanza
No Altar em fôr das muitas festivas!

R. N.

Recordação Dolorosa

A' Alguem...

Foi em 1910 que te vi pela primeira vez; eras já tão linda quando, com teu traje modesto e ainda de criança, passaste lazeira pela rua... em direção ao Grupo Escolar. Eu que sempre fui sonson, não pude, ao verte tão linda e atraente, deixar de sentir um tanto apaixonado pela tua belleza ingenuavel, pelo teu porte activo e respeitoso que tanta ternura albergava no teu coração de criança, onde, todos sentimentos ao pino! Senti desde então em meu sensível coração, o vazio incessante das chammas de um fogo estranho intensissimo gerado pelo amor que desde então presidia suas pulsações! Resignei amar-te! Mesmo soffrendo tudo, que o destino me impuzera.

Foi assim que passaram quatro annos, para mim quatro longos annos, até que me foi dado o momento em que trouxei em palavras parte do que sentia, que não tardei mandar-te em versinhos. Te, minha bella, que dotada de entendimento, poderias avaliar qual não foi a minha satisfação, ao receber tua grata missiva! Peguei-a e li repetidas vezes de pois de ter heijado o bouquetinho que acompanhava e... e...

Só nisso consistia a minha felicidade! Pois tão depressa tu me esqueceras e o bouquetinho murchara se.

Hoje, pobrezinho! Como se f-za planta lo num vaso -o coração é umedecido com as lagrimas e alimentado com a infinita saudade, na minha Recordação dolorosa.

Responde O. de Paula

O XAUTER

JORNAL INDEPENDENTE

EXPEDIENTE

Propriedade de uma Sociedade Anonima
ASSIGNATURA
Mensal R\$ 2000
De originaria não sendo desobrigada ainda
que não publicadas
Toda a correspondência deverá ser dirigida á
Redacção
A RUA TELLEIRA LEITE, N. 14

ANNO I

S. PAULO, 16 de Maio de 1916

NUMERO 2

Significação

O que quer dizer a palavra Xauter?

Ora uma palavra que a primeira vista parece muito com qualquer coisa estrangeira, pode muito bem ser franceza ou allemã; mas assim sendo pode-se pronunciar de qualquer forma, porque ninguém tem obrigação de saber linguas estrangeiras.

Tudo o que fica escripto não passa de um preambulo que os leitores dirão naturalmente desnecessario.

Não importa que os leitores digão ou deixem de dizer o fato é, que a carreira jornalística nos obriga sempre a um preambulo as vezes pau, mas que sempre é necessario antes de dizermos o que pensamos.

Nos parece que já estamos tornando um tanto longo sem termos ainda respondido a pergunta que iniciou estas despretenciosas linhas.

Para gaudio de nossos leitores avidos de sabedoria ahí vai a resposta: Xauter significa, *guia dos caminhantes nos areas da Arabia deserta.*

(Veja dicionario de Fonseca e Roquete pag. 967, columna segunda, linha 35.a)

Pois bem, levem o Xauter a beira da estrada do deserto, que elle cumprirá o seu dever.

A mensagem

No dia primeiro de Maio, o sr. dr. Rodrigues Alves, apresentou ao dr. Altino Arantes, o resumo dos seus trabalhos durante o quadriennio que se findou.

E' um documento simples mas importante, não só pelo modo claro e positivo com que está exposto á attitudo do governo

deantes dos factos extraordinarios e imprevisto, como tambem pelos sabios conselhos que preoccupam o espirito publico.

Em face da terrivel crise financeira que atravessamos, S. Exa. soube bem achar um lenitivo, estabelecendo um regimen de severa economia.

Em fim, para o novo presidente, é uma guia seguro para poder se haver com firmeza no governo.

Notas politicas

O dr. Altino Arantes no dia 1.º de Maio, tomou perante o Congresso e o povo o dever de dirigir o destino do estado.

S. Exa., com o seu tino politico, promette desempenhar essa missão a contento de todos.

Os seus secretarios, são todos homens de valor já demonstrado.

Emfim, a intelligencia, a grandeza e a boa vontade do sr. dr. Presidente, soube reunir na forma de seus secretarios.

Um repto de honra

(Todo o homem tem o direito de ser louco)

VICTOR HUGO — O homem que ri

Todos os erros são sophismas; e todo o sophisma se reduz a uma indução ou redução defeituosa. Stuart Mill admittie o que elle chama de sophisma de simples inspecção ou *á priori*, os quizes se firmam nos proprios principios, e que não são falsos raciocinios. São aquelles, diz elle, em que não existe a conclusão propriamente dita, e em que a proposição é aceita não como provada, mas como não carecendo de provas. E' esta a doutrina da escola: «o que é verdadeiro do effeito, é o verdadeiro da causa». Consiste o sophisma aqui, não em mal raciocinar, porém em não raciocinar.

Os redactores d'«A Rua», ten-

do o cerebro focalizado, recorreram á as propriedades sulphuricas do ventre, para serem origines entre os seus companheiros.

Depois de considerações fóra de proposito, explicam (seja lha ternos perguntado) de onde vem o nome «O Xauter».

Impotentes para desfazerem-se das nossas accusações e baseando-se num erro que encontraram a custa de muito rever a grammatica e o dictionario, vem dizendo que «não está» incluído na lista de Leonar lo da Vinci.

Esses homocis que fazem tanta propaganda do seu saber ao que parece não fazem uso d'elle, pois ao pretenderem pregarem moral a um nosso companheiro, tentam o tratamento na segunda pessoa do plural! Nas Notas e Noticias, na 2.a columna, 5.a linha, encontramos um erro que um menino de escola não commetteria. Na 2.a pagina, 1.a columna, linha 13.a encontramos um outro. Se continuássemos na analyse, encontraríamos uma boa porção d'elles. Não o fazemos para que os snrs. d'«A Rua» saibam que sahimos da escola para fazer o jornal e não o fazemos de escola.

Nada de irregular houve na subida d'«O Xauter». Não assumimos compromisso algum com a administração d'«A Rua» e directoria do Kosmos, dissemos que iamõs indagar o o que conseguíssemos saber, declararíamos publicamente, e isso havemos de fazer embora todos esses idiotas companheiros de Decoleciano queiram protestar.

E' esse semanario que nos assucina os tympãos numa cruel insistencia querendo defender os outros!

Só exclamando como Shakespeare: «si vis pacem para bellum...»

«A Rua», não refutou os nossos argumentos por isso não somos obrigados a reforçar.

Vemos transparecer nos columnas do mesmo jornal, todo o

deapito que causou o apparecimento d'«O Xauter». Vemos «O Binoculo» implorando de joelhos para que nos ataquem... Vemos «O Mendik» nesse outro que é a sua relação, onde o idiotismo anda de braço dado com a ignorancia pedir a seus filhos que são mais vigorosos, que nos enfrentem! Assistimos enojados o desespero d'«A Rua» que querendo satisfazer a todos, vem tropeçando em todas as grammaticas que lhe estorvam o caminho!

«O Xauter» é uma criança e fiando-se na sua minoridade, tentam confundil-o com as suas saaneiras, mas, a criança que mal sabe caminhar, está revestida da uma grossa couraça, contra qual serão impotentes todas as investidas hypocritas e mentirosas desses dissimuladores, clientes do dr. Franco Rocha, que só poderemos comparar ao celebre largatho de Paulo Mantegazza.

Tenham coragem! Defendam-se, e fiquem certos que mais uma Magdalena arrependida não abalará o mundo.

No correr da penna

Em tempo que já se foram, em epocha não muito remota; epocha extincta e de já mais viva; a Santa Cruz da Liberdade, era uma capella tosca medieval, muito conhecida por Santa Cruz dos Enforcados. Nos dias de festas realizavam allí actos religiosos em sua grandeza; as lampadas de prata espargiam luz tremula, no recinto fluctuavam nuvens brancas de incenso, com as harmonias pausadas e serenas do organo, o coro dos sacerdotes entoava a Salve Maria... depois o toque dos sinos extridentemente feriam o espaço. Nesses dias festivos dos tempos idos de antanho; tempos que verte sobre as almas uma doce poesia connovamente, afflúa allí numeroso concurso de lies.

ORGAN LITTERARIO,
CRITICO E RECREATIVO

Alfinete

DEDICADO AOS
HOMENS DE COR

Publica-se quinzenalmente

COLLABORADORES DIVERSOS

DIRECTOR:
A. Oliveira**EXPEDIENTE: —**

ANNO 4000
SEMESTRE 2000
AVULSO \$100
PACAMENTO ANNUO \$2000
Todas as collaborações devem ser enviadas á rua Tibiropé, 6 — (Luz)

Nos nossos leitores:

Nas leis psicologicas das evoluções dos povos, o papel da raça negra, embora seja inferior em alguns paizes como nos da Africa, é tão importante e marraha em igualdade de condições moral e intellectual quanto os outras raças.

Nos Estados Unidos a sua capacidade creadora é assombrosa. Ella distingue-se em todos os pontos de vista na agricultura, e na industria, o despertar de sua energia vital, allada a umasolida cultura intellectual desenvolveu mara villiosamente o progresso dessa grande nação, cujo commercio supplantou os das maiores potencias da Europa. No proprio paiz ella impoz-se ao respeito de sua rival, a branca, com a qual trilha paralelamente no caminho da civilisação.

E no Brazil? Em tempo não remoto exestiram homens de côr, verdadeiramente orgulhosos de sua classe. José do Patrocínio espirito combativista no jornalismo brasileiro, sustentou e defendeu com brilho a companhia abolicionista até quebrar

as ultimas elos que nos prendiam ao ferrete da ignominia — a escravatura.

Luiz Gama, tambem de côr, trabalhou infatigavelmente em defesa de sua classe até o surgir, a 13 de Maio de 1888 da aurora triumphal da nossa liberdade.

Pois bem, desde esse dia que devia abrir a senda para o primeiro passo de um futuro melhor eis que a nossa raça, cae e desaparece incensivelmente no borbolino da civilisação da branca, atropelando-se todos as suas energias, desrupeperando-se moralmente, sem nunca impor-se a nenhuma questão quer de ordem social quer intellectual.

Parece que vive com o pensamento accorrentado, ou si se julga na realidade inferior, e neste caso, petulante si se introduzir em assumptos que lhe não competem.

Mas de que serviu finalmente a lei do abolicionismo no Brazil?

Unicamente para mostrar ao extrangero a nossa apparente civilisação, porque se ella aboliu a escravatura official, implantou o servilismo particular; se derrubou o regimen de escravas obrigatórios impoz o de servos voluntarios.

Quem são os culpa-

dos dessa negra mancha que macula eternamente a nossa frente?

Nós, unicamente nos que vivemos na mais vergonhosa ignorancia no mais profundo abscameato moral, que não comprehendemos finalmente a angustiosa situação em que vivemos.

Cultivemos, extirpemos o nosso analphabetismo e veremos se podemos ou não imitar os nort-americanos.

OLIVEIRA

**Preconceitos
de raça**

AO HOM E DEDICADO AMIGO
Candido Lopes de Souza

Cumpriremos o nosso dever para com a nossa razão, os nossos sentimentos e a nossa patria, se soubermos estabelecer as necessarias proporções do nosso saber e das nossas virtudes, nas manifestações das nossas sympathias e affeições.

Sim, se isto fizermos realisaremos a harmonia e a tolerancia, porque o meio em que as vezes nos achamos, não nos permite os arroubos das mais felizes e puras explosões da nossa consciencia.

Prezados, portanto, usar do discernimento, a fim de captar a amizade e a consideração daquelles que não pensam como nós.

Para isso convem enlarmos-nos, por meio dos nossos exemplos, na pratica de tudo quanto possa revelar o espirito de bondade, de carinho, de doçura de perseverança e de abnegação, podemos fallar mais alto e melhor do que as palavras

que poucas vezes actuam na nossa razão.

E' na calma das nossas meditações que podemos apreciar o justo valor dos nossos conhecimentos, acções e affectos.

Tudo no mundo tem a sua utilidade, tudo gira na escala da evolução, tudo contem em si o germe de uma vida que se manifesta como vibração, luz e calor.

Compreender isto é penetrar no mysterio da criação, quero dizer, e ter encontrado a chave do verdadeiro conhecimento que é a unidade na diversidade ou a essencia divina circulando em todo o universo.

O que nos amamos e veneramos nos nossos semelhantes não é a sua forma corporea, nem tão pouco temos a ideia das suas virtudes pelo seu vestuario e estado, assim tambem não deveremos oxidar ou desprezar um homem de cor preta, porque muitos dessa raça poderiam ser o estimulo na pratica do Bem e do Dever, e muitos brancos ou a esses moços bonitos que são verdadeiros parasitas sociais, cerebros ócos sem ideacs, não tendo um fim nobre e elevado a attingir na vida.

Todos os homens que mais se tem distinguido no Brazil, como sejam José do Patrocínio, Luiz Gama, dois vultos que se esforçaram em pró do ideal da abolição da escravatura; Coelho Netto, illustre escriptor e poeta; Calisto Cordeiro, o querido caricaturista; Armando Prado notavel advogado e orador; e muitos outros são a gloria e o talento dessa raça martyr; a nossa patria infelizmente, tem essa mancha que os seus não limparão, porque é monstruosa, provando a decadencia e ignorancia em que jaziamos. A escrava-

DIRECTOR:
ANTONIO dos SANTOS
DIRECTOR LITTERARIO:
J. D'ALENCASTRO

O BANDEIRANTE

Assignaturas

Anno 3000
Semestre 2000
Pagamento adiantado

Organ mensal de defeza da classe dos homens de cor

ANNO I

S. PAULO, AGOSTO DE 1918

NUM. 2

Vencendo a encosta

Passou o tempo... A sua marcha ovante e ininterrupta foi plena dos mais variados acontecimentos...

Reanceando o nosso olhar atraz, pela extensão de todo um caminho que viemos percorrendo, notamos que alguma cousa de util e de agradável fizemos; n'esse rapido retrocesso constatamos que n'este mez, ha um anno justamente, foi que assentamos as bases do nosso modesto Gremio.

Desde então, a nossa marcha, mais grado os possiveis embaraços que encontrámos, tem sido como o tempo — também ininterrupta, — e coroada dos mais bellos triumphos...

Esse tem sido o nosso caminho percorrido!

Entretanto, convem lembrar aqui que, durante esse decurso, tivemos tambem momentos de fundas tristezas: — Muitos dos que conosco deram o passo inicial — que foi o impulso maximo para a fundação, não só de nosso Gremio como tambem de nosso jornal, — ficaram para atraz, abandonaram-nos em meio da jornada, sem nenhuma justificativa plausivel.

E referir-se áquelle, ao nosso Gremio, é tambem referir-se a este, ao nosso jornal. Ambos, formam um todo, uma unica peça.

Foi isto, talvez, mais o producto delecterio de uma comprehensão danosa da fundação e da existencia de nosso jornal.

Ou foi isto, talvez ainda, simplesmente a má vontade que aquelles sentiram em cumprir com os seus deveres de companheiro e de assumir insignificantes compromissos. E' o que nós cremos mais ter sido.

Lamentavel proceder esse! Não obstante essa má vontade, ahí está, forte, cheio de esperanças e de gloria o nosso "Bandeirantes".

Elle não morreu, como aquelles queriam que acontecesse! E'elle viverá enquanto esse punhado de valentes que o tem trazido até aqui, quizerem conduzi-lo ainda e sempre assim!

Esses que nos abandonaram, esqueceram-se de que o Gremio Bandeirantes e este jornal são já, para todos nós, não sómente uma causa collectiva, em a qual todos tomam uma minima parte, mas, sim, uma causa propria.

Isso é o que comprehendem o nosso amor proprio e os nossos brios.

Deixar desaparecer o "Bandeirantes" é renegar uma obra que é nossa!

Elle hoje é bem um compromisso moral para aquelles que, como nós, pertencem a mesma classe.

E aquelles que ficaram para atraz, que se conservem mesmo por lá! São uns fracos! E os fracos, como é intuitivo, não podem mesmo acompanhar a marcha dos fortes!

Não precisamos de timoratos e tampouco de desalentados!...

Queremos companheiros, mas companheiros decididos, alegres, animosos, de coração aberto aos interesses do "Bandeirantes", que será o mesmo que interessar-se pelos destinos da nossa classe, ainda desagregada.

E d'estes, felizmente, temos tanto precisamos para marcharmos na conquista de "maior numero" e de nosso desideratum.

Apezar dos pequenos incidentes havidos, o nosso Gremio tem progredido bastante e se imposto no conceito dos circulos sociais d'esta Capital, imposição essa que tambem começa a ser feita nos meios do interior do Estado — onde se trabalha a bem dos interesses da classe dos homens pretos.

E o nosso jornal, apezar do abandono de alguns, verdadeiros desertores, ahí está mais disposto do que nunca para desenvolver a campanha a que se obrigou em seu programma de estréa.

Tanto isto prova, que o seu reaparecimento hoje é em commemoração do anniversario do "Bandeirantes".

E esse facto representa bem uma victoria, das mais bellas e gratas para o nosso amor proprio e nossa causa.

Com isto, todos aquelles que ficam vindo nos acompanhando até aqui, que nos acompanhem ainda.

E que todos saibam querer verdadeiramente o Gremio Bandeirantes! Que ninguém mais fique para atraz!

Que todos prestem os seus concursos ao nosso jornal! Que o desanimo não abata jamais as energias e a alegria encorajante qualquer um de nós!

Carremos o nosso grupo, e aguardemos que ainda possamos festejar um outro acontecimento como este, cujos antecedentes sejam uma serie de continuados successos em prol de nossa luta saneadora.

Fraquejar é cerrar os olhos á luz do triumpho que nos espera além! Estacar no meio do caminho é, como disse algum, ser aniquillado pelos que não de vir!...

Não fraquejemos, pois! Prosigamos sempre! A frente é o nosso caminho!

Anememo-nos cada vez mais, e marchemos corajosamente na mesma estrada que até aqui vamos fazendo, que, assim, mais alto elevaremos a nobreza de nosso esforço, de nossa lucha.

Alem da harmonia que deverá existir impertubavel entre nós, homens de cor, ao brilho, cada vez maior, de nossa causa, brilhe tambem aos nossos passos sempre a mais esplendida esperança!

Joaquim Gambará

No dia 4 corrente, seguiu para Capava, neste Estado, onde foi se incorporar ao 6.º Regimento de Infantaria, o nosso distincto amigo Joaquim Gambará.

Dignissimo Presidente do Gremio Dramatico e Recreativo "Kosmos", a sua forçada ausencia torna-se dolorosa ao corpo social, que o considera a sua alma mater, o seu esteio, o seu equilibrio, e a quem tambem devem as associações de homens de cor a verdadeira fraternidade que hoje gozam, no campo social, onde ha pouco medravam as dissensões.

Honra sublime deste Gremio, para onde convergiam as scentelhas fulgurantes de outras associações, tem elle no coração de cada um de nós um lugar reservado á sua grande alma, pela estima e união que creou entre os confrades das associações a que pertenceu e ainda hoje pertence, mesmo na sua forçada ausencia.

Ausente pelas circunstancias, esta sua ausencia não o desloca da sua posição de socio e Presidente deste Gremio; pois, assim foi resolvido, á vista do seu alto merecimento, difficil de ser sequer alcançado por outrem. Assim, continuará o grande amigo Joaquim Gambará como Presidente deste Gremio, onde desenvolveu a sua feliz actividade, tornando-o o centro de convergencia de todas as associações unidas dos homens de cor, como para o coração convergem todas as manifestações do bem e das virtudes.

Tendo se apresentado ao Gremio Dramatico e Recreativo "Kosmos" para a sua despedida esta foi accedida edemente quanto a sua ausencia, não lhe sendo concedida a sua commissão nem de socio, nem de Presidente. Falou por esta occasião, apresentando a

Redactor :
Gustavo Silva
Secretario :
Frederico B. de Souza
Gerente :
Joaquim Domingues

A LIBERDADE

ASSIGNATURAS

Anno 5\$000
Semestre 3\$000
N.º do dia 100
Atrazado 200

Pagamento adiantado

Organ. dedicado á classe de côr, critico, litterario e noticioso.

ANNO I

SÃO PAULO, 14 DE JULHO DE 1919

NÚMERO I

Toda a correspondencia deve, ser enviada, para o Largo de Riachuelo 56 sob teleph. 4133 Central; as originaes, mesmo não publicados, não serão devolvidos.
Publica-se quinzenalmente

“A Liberdade”

Devido á iniciativa do sr. Gastão Rodrigues da Silva, apparece hoje mais um jornal para tratar da defeza dos homens de côr, quando no direito dessa defeza.

Gastão da Silva, homem alegre, onde a tristeza não tem morada, apreciador da ordem, apregoando a moral social, possuindo fulgurante radiação de espirito, elevando assim a conquista pelo seu ideal, apparentando sempre uma soberania, é de esperar-se que sua penna não vacilará para dizer a verdade, seja ella recta e penetrante, contando que sua desenvoltura dão-lhe forças para combater, e elogiar aos que se tornarem dignos de sua attenção ou desprezo.

Nas sociedades em que convive, tem abrilhantado, concorrendo para a elevação social, os nomes das que elle pertence e outras que por sympathia, hypotecou tambem uma parcella de seu amer proprio.

Parece-nos, um consultor juridico, quando se lhe pede um conselho associativo, e porque? porque elle dedica-se, estuda as questões sociaes, para reverter em beneficio das que lhe pedem o conforto de suas luzes.

O seu pensamento e acção, indica a sua entusiastica apreciação das cousas que se passam, não escapando-lhe a menor cousa, como um grande observador; dotado de principios liberaes, amigo do trabalho, admirador da classe dos homens de côr, sente-se as vezes elevado na sua fé de regeneração dos homens sociaes a que pertence, sem contar com as desillusões.

Com o apparecimento do jornal “A Liberdade”, era justo que rendessemos uma homenagem a Gastão, porque, possuindo dotes tão elevados, tambem saberá nos dar occasião de admirar seus escriptos, o que para

nós será uma ventura, tendo muito que aprender nos seus artigos, combatendo os erros, tornando-se invejavel; uma vez que venha com o cultivo da verdade; então as columnas da “A Liberdade” serão uma escola para a classe a que pertencemos.

Gastão que tem sido uma fulgurante personalidade nas sociedades de homens de côr, não deixará de o ser agora quando vê o seu ideal realisado, porque agora é que sua esphera de acção mais campo lhe proporciona para observar melhor os uscs e costumes dos nossos caros irmãos.

Cabe-lhe a primazia da fundação deste jornal, espirito preparado, argumentador inflexivel, de uma logica transparente, “A Liberdade” nada tem a perder; todos conhecem Gastão, com a fita palavra elevada, elle traduz a nobreza de seu coração, as attensões que lhe prestamos, indica a amizade que soube colher em todos os auditorios onde se faz ouvir, e onde tem coihido as maiores e profundas manifestações de apreço.

Que “A Liberdade” consagre o seu surto de energia, a favor do levantamento moral da classe, no meio deste desalento em que vivemos, não desalentando dos ardorosos deveres de combate em prol da Patria - são os votos que apresentamos ao seu incançavel fundador.

S. Paulo-Junho de 1919.

F. B. de Souza

Procurando sempre defender a classe de côr, vem demonstrando um dos abolicionistas que muito trabalhou pela mesma classe, o incansavel Luiz Gama.

Este era natural da Bahia, foi vendido com outros escravos para o Rio de Janeiro, ahí foi elle comprado pelo mercador de escravos da cidade de Lorena, Antonio P. Cardoso. Rmettido a cidade de Campinas, onde não encontrou quem o compra: se por ser bahiano, e tendo aprendido a ler e escrever e contar, dotado de rara intelligencia, em breve tempo poudo adquirir sua liberdade.

Declaro dar no proximo numero a continuação.

J. Domingues.

Alma morta

I
Estava a Morte alli, em pé, deante, Sim, deante de mim, como serpente Que dormisse na estrada, e de repente Se erguesse sob os pés do caminhante

II
Era de ver a funebre bacchiante! Que torvo olhar! que gesto de dementel! E eu disse-lhe: Que buscas, impudente Loba faminta, pelo mundo errante?

III
— Não temas, respondeu (e uma ironia Sinistramente extranha, atroz e calma, Lhe torceu cruelmente a bocca fria)

IV
Eu não busco teu corpo... Era um trophéu Glorioso de mais. Busco a tua alma. Respondi-lhe: A minha alma já morreu
14—7—919

Eponina R. da Silva

Pelos Salões

Grêmio Dramatico e Recreativo
Rosmos

Realizou-se a festa da fundação do quadro de “Damas” daquela sociedade, em 21 de Junho do corrente anno. Foi levado o drama “Amor louco” em 3 actos e a comedia “Quintas Teixeira”. Os personagens que fizeram parte no drama e na comedia.

Personagens:

Sr. Benedicto Braga
• Mario Franco
• José Martinho
• Joaquim Domingues
D.ªna Maria Honorina
Sr. Luiz Henriques

A Comedia

Personagens:

Sr. Joaquim Domingues
• Mario Franco
• Luiz Henriques
D.ªna Anathalia dos Santos
• Euprosalina Nascimento

Pelo sr. Luiz Mascarenhas foi cantada as cançonetes “Zelinda” e “Canção do Carreiro”, que cooperou ainda mais para realçar o festejo daquelle sociedade.

A SENTINELLA

Redactores:
E. A. Baltazar, B. Lazaro
e colaboradores diversos

Publica-se quincenalmente
ASSIGNATURA: Anno . . . 8\$000
Semestre . . . 4\$500
Numero Avulso . . . \$200

Pagamento adiantado

ORGÃO CRÍTICO — LITERÁRIO E NOTICIOSO

ANNO 1

10 DE OUTUBRO DE 1920

NUM. 1

Expediente:

Os originaes não publicados
não serão restituídos

A nova direcção do jornal
ficou assim constituída:

1.º Chefe - E. A. Baltazar
2.º Chefe - B. Lazaro

Colaboradores, Diversos

Todas as correspondencias deverão
ser dirigidas ao Sr. chefe desta folha
a Rua Tibérica, 88

Grêmio R. Dramatico Kosmos

Eu venho vos participar que es-
tou aqui a vossa disposição, no
momento que o sr presidente
juntamente com a sua distincta
directoria, achar que esta folha
merece a maior attenção, o pra-
zer e a gloria de ser levrado em
suas columnas, o nome do Grê-
mio Dramatico Recreativo Kos-
mos e bem assim os seus assump-
tos sociais.

Terminando esta participação,
venho com a minha fraca palavra
apresentar os meus elogios aos
distinctos veteranos desta distinc-
ta aggremação.

Como tambem dou os meus
votos de sinceridade a digna di-
rectoria em exercicio porque esta
é que soube cumprir com o seu
dever de honra, e espero que pro-
cederá sempre assim, para que
este nome se seja a uma altura
sempre elevada, porque este nome
está gravado dentro do meu co-
ração e deixou para sempre sau-

dades infindas dentro do meu co-
ração.

Envio meus sinceros procedi-
mentos pelo bom procedimento
da mesma.

Ernesto A. Baltazar.
Redactor-chefe.

Os soberanos belgas no Brazil

* Recebe em seu coração
o glorioso Rei, S.-M. Alber-
to I. Manifestações de direi-
to e justiça foram-lhe tribu-
iados, por todos os brazi-
leiros, aos reaes hospedes.

A soberana familia veio
encher os nossos corações
de prazer e alegria, muito
nos orgulhamos de receber
este grande apostol do di-
reito e da justiça.

Devemos contribuir pois
a demonstrar ao rei eroe
e sua real familia por todos
os meios o grande prazer
que nos brazileiros sentimos
por esta visita á nossa pa-
tria.

«A Sentinella» orgulha-se
deste acontecimento e apre-
senta os votos de boa vin-
da á S. M. Rei Alberto I e
soberana familia.

Baltazar.

Quebradínhas

Leia o leitor amigo
Collegas do coração
Que nestas quadrinhas digo
O que passa nos sa'des.

Nosso director,

Que tem infeliz sorte
Por certa joven
Ameaçado a morte.

Attento e alerta
Vive nosso Redactor
Não passa apenas
De um simples calor.

Na alma dos admiradores
Fervem ardores activos
Contra preparo de combate
Contra o reporter

Elhos vivos.

Noticias

Licença.

Officiou à Directoria do C. R.
Ituano, solicitando licença por
tempo indeterminado o Sr. Anto-
nio P. da Silva, director daquelle
Centro.

Em viagem.

Seguiu em companhia de seus
patrões para S. José dos Campos,
o Sr. Antonio P. Silva, ex-direc-
tor desta folha.

—Seguiu para o Rio em com-
panhia de seus patrões a Sra.
Da. Inez de Oliveira, digna di-
rectora do «C. R. Princesa do
Norte».

Nossos Auxiliares.

Entrou para o nosso jornal o
Sr. Joaquim de Andrade e sua
senhora Margarida da Conceição.
Nossos parabens.

Restabelecido.

Acha-se restabelecido da infer-
midade de que fora acometido o
nosso amigo sr. Theodoro da
Silva, muito digno director do C.
Ituano.

Desejamo-lhe felicidade.

Assignaturas

Anno . . . 54000
 Semestre . . . 24000
 N. avulso . . . 4200

O KOSMOS

Redactor
 Abílio Rodrigues
Gerente
 Joaquim Domingues
Secretario
 José M. M. Baptista

ORGAN DO GREMIO DRAMATICO E RECREATIVO «KOSMOS»**ANNO I****S. PAULO, AGOSTO DE 1922****NUM. 3****EXPEDIENTE**

Toda a correspondência deve ser enviada para a rua Vergueiro, 116 casa 9. Só se aceita collaboração de assignantes. Os originaes, mesmo não publicados não serão devolvidos.

Muitos julgam que a arte dramatica é facil a primeira vista e que se pode de um momento para outro, encarrregar-se o annador do desempenho de um papel, sem lembrar que é necessario ter em conta, o preparo intellectual do mesmo e o dom especial da pessoa, para tal fim.

Essa arte que immortalizou João Caetano, Almeida Garret, Talma, que teve tambem como celebridades, Eduardo Brazão, Lucinda Simões, e outros, que tem actualmente, Aurea Abranches, no theatro portuguez e Italia Fausta, no theatro nacional.

Quem nos dirá que esses mesmos, não encontraram difficuldades em adquirir hoje os direitos de celebridades, perante o publico em geral?

Quer dizer que o palco contém segredos que o proprio artista fica muitas vezes, na contingencia de desempenhar um papel de responsabilidade. Que para produzir o riso em uma assistencia, basta só o gesticular das palpebras e o acenar de um dedo, que para ver os olhos do espectador humidos de lagrimas, basta só pronunciar uma phrase com certo e determinado sentimento. Mas para isso é necessario que o actor saiba empregar com exactidão os gestos physionomicos e que tenha adquirido por muitos annos os conhecimentos da arte.

Geralmente não são todos os actores e amadores, que se compenetraram das partes que lhes são confiadas, não; porque o genero diverge muito do physico. No theatro temos o symico, o rustico, o amoroso e o comico, generos esses que em certas occasões não vem condizer com o caracter da pessoa, e o actor ás vezes se vê abarbadado e ter que fazer das tripas coração.

E ainda ha quem a firme não ser o drama, uma arte difficil!

MUITO BEM

No ultimo numero do "O Kosmos", deparei com um artigo do senhor Oliveira, sob o titulo "Fallatorio" e que muito nos lixegeou.

Sim, porque o senhor Oliveira, applicou uma bella corrigenda, fazendo "Justica aos do casa", assim deve ser; si todos tivessem essa bella inspiração, as cousas deveriam correr ás mil maravilhas; mata lixegeado fiquel porque em meus rabiscos "Pela moral", de leve toquei em assumptos relativamente ao cumprimento das leis sociais, demonstrando que certos factos, não só interessa á directoria mais a todos os que são amantes da moral.

Hoje, os ensaios de muitas sociedades é peor de que as reitas livres, onde compra-se e vende-se a "vontade do freguez"; é preciso que, as pessoas que se interessam, especialmente os que são responsaveis, applicuem a corrigenda como diz o senhor Oliveira, fallando a verdade sem subterfugos, sem offender a ninguém porque a verdade não é offensa, a não ser para os vaidosos. Sem tirar a gloria do autor do "Fallatorio", um dos representantes deste jornal, attando sua pedrada, dando a noticia de um ensaio do G. Barão do R. Branco, talvez quizesse com isso manifestar seu modo de pensar com respeito a nossa casa; porem, seja como for, encontramos tres coincidencias — 1.º Pela moral — 2.º a noticia sobre o Rio Branco e 3.º fallatorio", eis porque estou lixegeado.

Deveriamos não descansar sobre este assumpto, porque na verdade é assim que podemos prestar algum serviço ao nosso Gremio e aos da aquelles que suas directorias concordem com este modo de pensar; e nos artigos bem formados como o do senhor Oliveira, que reconhecemos existir homens que se batem pelo dever em levantar o nome de uma sociedade, seja sua ou não, porem, ainda que não venha defender o interesse tão sómente social, seja uma

prova de consideração a classe que pertencemos, apontando sem offensa o nosso mal.

Oxalá que, a leitura desse artigo, faça effeito, não só em nosso meio social, como nas congêneres; pois não sou iguista, o bem que desejo ao Gremio "Kosmos", desejo as demais, todas são formadas de homens de côr, e a gloria de uma, deve entender-se ás demais, demonstrando os sentimentos elevados, que bem podem os homens de côr prestar á sociedade geral, hypothecando o seu dever social para a gloria da sociedade do que faz parte. Não devemos atacar nem criticar sem razão, actos que prejudiquem as pessoas, mas sim apontar o mal e si possível for, collocar a seu lado o remedio para não morrer sem assistencia medica.

Accete o senhor Oliveira, os sinceros parabens do teu admirador.

16 — 8 — 1922

X

INSTANTANEO

de éfe... Bé... éce...

(idade, 47 Janeiro)

Dizem ser o pé direito
 E ter fama de mandão,
 Quer as cousas a seu goito,
 Não quer ver nenhum lambão.

Se alguém fizer bonito,
 Não consente; — é irrisorio!
 Seja em termos, não quer grito;
 Quando reane o auditorio.

Chama, instiga, faz barulho,
 Pinta o sete e tem razão...
 Não pretende ir de embrulho,
 Quando firma uma opinião.

Vendo o "Kosmos" elogiado,
 Fica alegre e perde o goito,
 Diz consigo: — Apoiado!...
 Entre em acção o pé direito.

Photographo.

O Clarim Da Alvorada

Direcção: Jim de Araguay & Leite — ORGAM LITERARIO NOTICIOSO E HUMORISTICO

A Redempção de nossa raça

Os debates na Camara e no Senado durante os cinco dias. A Princesa Regente sanciona a LEI AUREA.

Salve 18 de Maio de 1888 1924

Commemora-se hoje em todos os recantos do nosso tão caro Brasil mais um anniversario da extincção da escravidão; portanto são passados trinta e seis annos que neste grande dia a nossa querida Patria cantou o bello hymno da Liberdade perante as nações civilisadas, tornando-se mais feliz, fora considerada verdadeira potencia, entrou no rol das grandes potencias.

Era necessario que se extinguisse para sempre o captivo? De que vale o trabalho forçado? De como se poderá trabalhar com capricho, recebendo em pagamento castigos; si o trabalho para ser a base da produção é necessita da espontaneidade e applicação?

Para que o trabalho seja feito com todas as disposições necessarias é preciso que o seu executor seja bem pago. Os nossos avós recebiam em pagamento dos seus arduos trabalhos — açoites, fragellos e outros castigos terriveis.

Causados muitas vezes de tanto soffrer, iam suicidarem-se para não mais poderem, porém muitos supportaram esses tormentos resignados, até que appareceram uns homens de senso, de caridade que sabiam o quanto padeciam aquelles pobres infelizes que vieram do Velho Continente, enganados pelos tyrannos; vieram devastar florestas, formar innumeras fazendas, aqui emplantaram uma nova geração e a elles e a todos seus descendentes o Brasil deve os seus alibores.

Tambem entre esses homens de senso salientava-se uma Senhora Nobre a quem devemos dar o titulo de mãe de todos os captivos; A Princesa Isabel a "Redemptora", conhecia tambem das innumeras injusticias.

Implorems a Jesus pela sua alma bendita e para todos que se esforcaram na campanha da nossa redempção!...

No dia 7 de Março de 88, cahiu o Gubi nete Cotegipe, em virtude da Princesa Regente D. Isabel puzer a demissão do Con-selheiro Coelho Bastos, que se excedera na chefia da policia. Foi chamado para o governo o Conselheiro João Alfredo, estadista bahiano; outra coisa da demissão do gover-no anterior fora tambem grandes luctas com o Partido Liberal e Abolicionista. Além disso, Cotegipe era contra a extincção im-mediata do captivo; e, o ministerio soli-vario com seu auxiliar demittiu-se com elle.

Não cessavam as luctas e a Princesa Re-gente na sua fala do Throno daquelle anno disseira o seguinte:

"A realização do elemento porvir, pelo influxo do sentimento nacional e das liberalidades parthenicas, em honra do Brasil, ablanda-se pacificamente de tal modo que hoje é a impressão acclamada por todas as classes, com admiráveis exemplos de abolição por parte dos proprietarios. Quando o proprio tal-

vesse privado com espontaneamente colaborar para que o Brasil se des-faça da infeliz herança, que as ne-cessidades da lavoura hariam mandado. Confio que não hesitareis em apa-gar do direito patria a unica excepção que nelle figura em antipathia com o espirito liberal e christão das nossas instituições".

A 8 de Maio, foi apresentado o projecto afim de ser convertido em lei; o Conselheiro Rodrigo Silva, que regia a pasta da Agri-cultura, sentado ao lado do Presidente que era o Barão de Lucena, leu o projecto, que viera de ordem de S. A. Real, a Princesa Regente D. Isabel, em nome de S. M., o Im-perador que propunha a extincção da es-



Princesa D. Isabel

cravidão no Brasil. Apoz a retirada do Mi-nistro, o deputado J. Nabuco, mandou a mes-ma um requerimento pedindo nomeação de uma commissão de cinco membros, sendo a seguinte: Duarte Azevedo, J. Nabuco, Gon-galves Ferreira, Affonso Celso Junior e Al-fredo Correa. Lido e approved o parecer que o Sr. Duarte Azevedo fora pelator, ficou deliberado entrar em sessão do dia seguinte a 9, na segunda parte da ordem do dia, entrou em 2.ª discussão. Falaram An-drade Figueira e Alfredo Chaves, contra, e Rodrigo Silva, a favor. O Sr. Araujo de Góes representante do 8.º districto da Bahia, justificou uma emenda, acrescentando ao artigo 1.º "desde a data da lei".

Manifestaram-se por uma votação nominal pedida pelo Sr. Zama, 83 deputadnos e contra os seguintes: Barão de Araguay, Bulhões Carvalho, Castrioto, Pedro Luiz, Bezannet, Alfredo Chaves, Laurerda Werneck, Andrade Figueira e Cunha Leitão.

A 10, na sessão realisada o Sr. Affonso Celso Junior justificou na projecto apre-sentando uma emenda de ser considerado de festa nacional o dia em que fosse assig-nada a lei. Sendo approved pela Camara, no mesmo dia remetteram ao Senado.

No Senado na sessão do 11, o Sr. Dantas, depois de ler o projecto, pediu que fosse nomeada uma commissão de cinco membros para dar parecer, que ficou assim composta dos seguintes senadores: Dantas, Affonso Celso, Visconde de Ouro Preto, Telxéira

Junior, Visconde de Pelotas), Visconde de Tamnay, que apoz varias considerações veri-ficadas, approvaram. O Barão de Cotegipe apoz de se bater violentamente contra o projecto nada ponde conseguir. Entrou em discussão no dia seguinte, sendo approved.

O sr. Candido de Oliveira requerou dis-pensa de intersticio para entrar em 3.ª dis-cussão no dia seguinte em sessão extraordi-naria por ser domingo. E a 18 de Maio, de-pois de falarem os srs. Paulino de Souza, contra, e Dantas e Correa, a favor, terminou a missão do Congresso, approvando o pro-jecto, por maioria de votos.

Incumbin então o Presidente o sr. Senador Cruz Machado de officiar ao governo afim de ser marcado o dia, hora e lugar, no Paço, para receber a commissão portadora dos autographos do projecto.

O Presidente do Conselho vivamente em-cionado, dissera estar autorizado a declarar que a Princesa, as 15 horas daquelle mesmo dia receberia a commissão.

Reinava grande contentamento em toda a Capital brasileira!...

E a hora designada, recebeu no Paço, a commissão do Senado, rodada de seus mi-nistros, e com a penha de ouro que lhe fora offerecida por uma subscrição popular sancio-nou a lei.

Que satisfação tiveram aquelles que apoz innumeras esperanças conseguiram o ideal dos captivos — a Liberdade!...

Hoje que todos nós somos livres, que vi-vemos em communhão com todos os homens tendo as mesmas regalias e que já consti-tuímos uma raça forte e poderosa que pro-mette muito cooperar em prol dos seus des-cendentes do Brasil devemos tambem pedir ardentemente a Jesus pelos abolicionistas: Luiz Gama, José do Patrocinio, José Anto-nio Bento, Rio Branco e Ruy Barbosa e todos enfim que trabalharam pela remissão dos nossos martyres, — a gloria eterna!

Brasil, nossa querida patria! Vós que sois for o que tendes progredido tanto, apozar dos factos passados, de ha trinta e seis a nos, attendeis os vossos fillos queridos o que pedimos de todo o coração!...

Mandeis quanto antes buscar os despojos daquella grande senhora, mãe dos captivos, tambem nossa mãe "A Redemptora"! afim de que possa ao lado de seu Pai e de todos os brasileiros descansar por toda a eterni-dade. Assim praticareis um bello acto de gratidão que será sempre lembrado por todos nós e por todos os povos do universo!

Hoje é festa nacional! Pensemos portanto no nosso futuro; perdoemos de coração aquelles que foram a causa da escravidão dos nossos antepassados!...

Somos todos iguaes, nada ha mais bello neste mundo do que a caridade a justiça, a gratidão e a a liberdade!...

Dr Gustavo da Veiga

ABVOGADO

RUA S. BENTO, 30 - 10. ANDAR
SÃO PAULO

Redactor-Chefe:
Frederico Baptista de Souza
Secretario:
Abilio Rodrigues

ELITE

Director responsavel
ALFREDO EUGENIO DA
SILVA
Presidente do Grupo

ORGAN OFFICIAL DO GREMIO DRAMATICO, RECREATIVO E LITERARIO "ELITE DA LIBERDADE"

COLLABORADORES DIVERSOS

Gerente: OLIVIO CARDOSO

ANNO I Composto e impresso na "Typ. Paulista" - R. Assembla, 56-58 S. PAULO, 20 DE JANEIRO DE 1924 Redação e administração: RUA DOS ESTUDANTES, 14 NUM. 2

EXPEDIENTE

Não serão publicados os artigos em linguagem violenta contra quem quer que seja.

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados e não publica artigos com pseudônimos, a não ser os da redação. Só se aceita a colaboração de assinantes de origem, embora não publicados não serão restituídos.

ASSIGNATURAS

Anno 5000
Semestre 3000
Numero avulso 2000

O Brasil de amanhã

La no alto do Corcovado será em breve erigido o maior monumento do mundo. A imagem do Redemptor, descrenando toda a suplidão do oceano que no horizonte parece estreitar-se precipitadamente com a abobada celeste num amplo de amor, será um sentinella, e mais do que isso ainda: será o fanal que ha de allumiar o caminho, o melhor o "Porto Seguro", onde poderão aportar todos que quizerem cooperar com o nosso para a prosperidade do nossa amada Patria.

É o Christo Redemptor collocado nos picaros do Corcovado, perscrutando outra vez o olhar o horizonte, lá estará em imagem, e em espirito, na transcendencia de sua divindade inconcussa, de sua magestade intangivel, vigilante, salvaguarda dos destinos de nossa Patria, protector do povo brasileiro! Terra abençoada, o Brasil, pelas excepcionalissimas condições que offerece ao exercicio de todas as iniciativas de trabalho e prosperidade, está em posição invejavel, em futuro muito próximo uma potencia de primeira grandeza na America Latina.

Estas considerações vêm a proposito da situação de relativa paz e tranquillidade, por que se atravessando a nação no momento actual, justamente numa época em que em quasi toda a parte a humanidade geme e soffre, vergada sob o peso de todas as adversidades.

O DINHEIRO

Com fóros de nobreza decadente,
Missurada ao embuste de um cigano,
O dinheiro foi feito omnipotente
E abalxo dos céus, só elle é soberano.

Perverte os sentimentos facilmente,
Até a um rei elle transmuda num tyranno
E, agulando-o pertinax e insistente,
Faz jorrar aos cachões o sangue humano!

E é inçante em seu poder que airoso e mudo,
Vai transformando ou corrompendo tudo,
(Triste fado!) a passar de mão em mão...

E assim, entre o palacio e a capeiuca,
E' esse damnado que não pára nunca,
Que torna um homem cynico ou ladrão!...

ARCHIMIRO DE CAMARGO.

Com a alta do cambio, que vae promissoramente de vento em popa, já se notam em toda a parte, no alto commercio e na lavoura, enfim, em todos os departamentos, uma actividade humana desdobrada-se multiforme, surtos de novos e grandes empreendimentos, indícios de que o anno que ora iniciamos será para nós um anno feliz.

O governo por seu turno, bem inspirado no desejo de restituir a paz ao seio da familia brasileira, levanta logo no fim do anno que expirou, o estado de sítio que se ia tornando permanente; manda emissario de sua confiança ao Rio Grande do Sul negociar um accordo mediante o qual cesse a luta fratricida que ha um anno vem ensanguentando o solo de um dos maiores Estados da federação, e, consequentemente, entravando seu magallico progresso e prosperidade.

E o ministro da guerra, que por signal é filho daquelle grande Estado, após trabalhos que foram coroados de brilhante exito, volta de lá abençoado por todos, depois de ter restituído a paz e a concordia á familia gaúcha, sobressaltada e apprehensiva.

Indubitavelmente foram estes dois acontecimentos a causa principal da haixa do nosso cambio.

Outro acontecimento de grande importancia é o da vinda ao Brasil de uma missao de financistas inglezes, de reputada fama, para

estudar as nossas condições economicas e financeiras.

Essa missão que aqui chegou logo em principios do anno, e que actualmente São Paulo tem a honra de hospedar, já se manifestou acerca das nossas possibilidades, de modo altamente lisonjeiro para nós.

E essas palavras merecem ser registadas, tanto mais por serem proferidas por uma missão composta de homens especialistas em materia de finanças, e tambem, pelo facto de ser a Inglaterra o paiz mais interessado pelo nosso progresso. Pois é sabido que é ella quem tem maior capital aqui empregado.

Em summa: tudo vae correndo ás mil maravilhas.

Oxalá que assim seja, e que o anno de 1924 seja um anno completo de venturas e felicidades para nós e para a Patria. E' o que ardentemente desejamos, aos nossos amigos e leitores ao darmos o segundo passo.

ECHOS DO PROJECTO F. REIS

Ha uma lagrima terrivel orgulhosa de sua ferocidade; lagrima que não verte aos olhos para no contacto com o exterior, não perde a sua temperatura de ferro ardente; lagrima inexoravelmente cruel; lagrima que vibra como a picareta do mineiro no solo da caverna; lagrima que mata na propria vida, que aniquila o pensamento humano; capaz de por a pé, provocar o que ha de mais negro na

vida, a abdicção da fé, a abdicção do cumprimento do dever, o desapparecimento do individuo em prejuizo da collectividade — a lagrima vertida no seio d'alma, pelo pranto da alma, a lagrima moral.

Choram, nestes dias amargos, alguns milhares de huicene a quem o capricho da creação envolveu na epidemie negra.

Toda a atmosphera brasileira, como fumo de fornalha, o halito de fogo exhalado de um gemido doloroso que se avoluma no espaço e que vai sucinando, subindo até se perder esterilmente nas regiões do vacuo. Em todos os rostos de epidemie negra, uma expressão de desampno.

Em todas as rodas, uma queixa que jámais passará de uma queixa.

E a Camara alta que acaba de votar a Lei que será o opprobrio inexoravelmente lançado em face de tantos brasileiros, continuará consciente de que cumprio o seu dever.

Todos nós estamos convencidos de que mais negro no Brasil, seria aumentar o incartado da raça infeliz.

Mas, o que nós faremos a alma, como ferro em brasa, e insensivelmente, a forma por que certo parimentar justificou o seu projecto, o que vae constar dos annos do Congresso por toda uma eternidade!

Sim, por toda uma eternidade vae ficar patente que, o sangue negro é uma corrupção, que o elemento negro é uma desordem na formação do caracter ethnologico nacional.

E o porvir, das altas picaretas da posteridade amaldiçoará o negro, esse negro que fez o Brasil agrícola com seus braços, que fez o Brasil intellectual com o sangue das suas espousas as queas abertaram com tanto carinho os grandes vultos que hoje sentem praser em se tornarem os nossos mais encarnçados inimigos.

E' assim que, hoje, nos sentimos sobejamente pagos da nossa dedicação e do nosso sacrificio.

Pois bem. Eramos.

Deixemos passar o corcel do puritanismo victorioso.

Além a temporada virá a bonança.

O Brasil atravessa o periodo mais amargo da sua existencia independente. Centuplicamos os nossos esforços; educamos os nossos filhos, sacrificamos tudo para eleva-los á altura de perfeito cidadão e dia virá em que, proclamarão bom alto para todo universo, que são brasileiros tão dignos como os demais o são e o Brasil ainda moçoado de então, consciente da sua força, consciente no seu valor e orgulhoso de si, lançará fogo aos papavellos infamantes que um dia encarneceram da sua propria caia.

T. Camargo.

Progresso

ANNO I

Proprietario: *Argentino C. Wanderley*
Editor: *Lino Guedes*

NUM. 1

O "Progresso"

Caminhera por invias rotas até a perfeição

Infatigável mater é a velha imprensa. Os seus rebentos fuma deliciosa rota de promissões, crescem, desenvolvem-se, e muitas véses tornam-se independentes, patronos acatáveis e necessários, aos interesses de uma classe, de um povo, nas villas, nas cidades, nas metrópoles.

Quanto mais elle se embrenha no emaranhado do tempo, com o incondicional apoio de todos quanto anseiam pelo progresso de seu paiz, leva com o tirocinio adquirido indeleveis esteiras de glórias em prol do engenho humano, da arte e da civilização.

O periodico de hoje não representa mais que um dos rebentos a que nos alludimos, o qual atravessa a fase de sua oblação, por impervios caminhos ao encalço do fim collimado: — Exaltar o Brasil glorificando a raça hontem vilpêndia, cuja escravidão é u'a mancha na Historia da nossa civilização.

Seu escopo é — oppugnar pelos opprimidos sendo como directriz unica elevar o nome dessa mesma Raça, semeando os germens civis do trigo moral para a sagra da crestagem do pão-progresso.

Esperamos que *Progresso* seja acolhido sem a indiferença que mata falantes esperanças.

ALBUM

Alfredo de Souza Callado

O "Progresso", não podia deixar de prestar na primeira pagina de seu "album", um preto, muito sincero sobretudo, ao sr. Alfredo de Souza Callado, activo agente de segurança.

Servidor abnegado do estado, Alfredo tem sabido impor-se no nosso meio social, pelo seu fino trato e pela franza de seu caracter

A sua actividade tem sido posta á prova, na Delegacia de Costumes, que está sob a direcção competente do dr. Juvenal Piza. Excellente e optima recommendação essa. O dr. Piza, que temos a honra de conhecer desde Campinas, (onde a sua prudencia e autoridade activa e zelosa, evitou que se desse á orgulhosa Princeza d'Oeste, o cognome de "terra das tragedias"; não se cerca de mãos servidores. Alfredo, sob as suas autorizadas ordens, está, repetimos, optimamente recomendado.

Com que solicitude desempenha o nosso retrato, seu cargo de policia de costumes. E' de ver-se quotidianamente, nas secretarias das diversas aggrimações, a se entender com a directoria, examinando documentos que provem, não só a idade, com

Tempera excepcional de balahador, possuidor de qualidades que muito o recommendam á estima e admiração de todos, Alfredo de Souza Callado sempre se preocupou muito com os destinos dos homens pretos, que lhe devem, por isso mesmo, relevantissimos serviços.

Incapaz de uma attitude que ao de leve possa magoar esta ou aquella pessoa, acostumado a tratar todos com uma delicadeza fora do commum, o nosso homenageado conta um amigo em cada um de nós.

Queláo

13 de Maio

Com uma excellente capa de Bolmont, em papel "clace", com nitida impressão, "velchea" dos abolitionistas mais evidentes, farta collaboração, e excellente, surgiu, mais um numero do "Clarim da Alvorada", jornal que interpreta fielmente o pensamento dos brasileiros pretos. Um punhado de moços cheios de fé, e entre elles Jayme de Aguiar, José Corrêa Leite e Luiz dos Santos, leva avante, com incrível tenacidade e esforço, a cruzada a que se dedicaram: Elevar o nivel moral da gente de cor. São os pioneiros de hoje.

Com uma linda edição de seis paginas, cheias de clichés dos vultos da Abolição, farta e escolhida materia redaccional, circula no dia 13, mais um numero do "Auriverde" bem feita folha de Desoeciano do Nascimento.

Os homens pretos e a Instrução

Vemos, todos os dias, pelas ruas da nossa capital, grande numero de meninos pretos em abandono.

A quem cabe a culpa por este triste estado de coisas?!

A nos certamente. Já vamos para quatro decadas que somos livres filhos da terra de Santa Cruz, e, ainda, não temos um rancho, ao menos, onde se ministre ás primeiras letras a nossos irmãos na cor!

Que fazer? Vontade? Essa deusa, felizmente não nos falta, mas...

Haja visto os pretos norte-americanos, perseguidos pelo preconceito, luctam sem treguas pelo abc.

Não é bastante saber ler e escrever. É preciso mais. Um emprego definido. Um officio. Feliz do pae que conseguir dar um emprego a seu filho. Equivale a uma herança. «Officio é beneficio», vive na bocca do papulacho.

É urgente uma reacção. Temos força de vontade, brio em demasia, mas, fallice-nos coragem.

Supprindo a falta da escola que carecemos, ahí está o Juizo de Menores, preparando homens validos e capazes para o futuro. Abreviar o estafante serviço dessa autoridade, precisamos? Como?

Educando, de hoje em diante, a medida de nossas forças, os nossos filhos. Se assim procedermos, jamais escapará de seus labios: «Sou um analfabeto, e culpados dessa minha dessoria, foram meus paes».

Outro intuito estas linhas não têm, sinão de oppelar para os paes, de hoje que colloquem nas pequeninas mãos de seus rebentos a cartilha.

Horacio Cunha

Dr. Washington Luis



Desde ha dias, que as horas de ansiedade e de angustia, vida pelo Brasil, na expectativa do restabelecimento do exmo. sr. dr. Washington Luis Pereira de Sousa, se acham finalmente terminadas. Pois s. excia. já se encontra livre de sua pertinaz molestia, e entregue aos seus affazeres para gaudío, não só de sua exma. familia, como de todos os seus governados?

Ao primeiro magistrado da nação, que, por emquanto foi o unico presidente que na sua plataforma de governo, dedicou alguns topicos ao negro, forte columna da pujança da terra de Santa Cruz, enviamos os mais respeitosos cumprimentos.

Um gesto que se impõem

Impellido pelas funções de encargó o proprietario desta folha, sr. Argentino C. Wanderley, esteve uns dias em Tieté. E lá teve a oportunidade de conhecer o sr. Araújo, musico de valor, Alejado infelizmente. O destino, como as mulheres, tem cada capricho... Tirou as pernas do pobre filho de Cham, dando-lhe em troca uma alma sensível de artista. Todos os instrumentos musicaes, Aíão maneja com facilidade. Com dôr, naquelle zona da Sorocabaná, seu nome é pronunciado. Não ha quem não o conheça.

Pois bem. O artista alejado está actualmente na carencia de recursos. Chegou a nossa vés. A hora dos paulistanos levar um oholo a um irmão que soffre.

O "Progresso", abre hoje uma subscrição, em prol do musico de Tieté, recebendo, prazerosamente, toda quantia que for, endereçadas á sua redacção, Red. do "Progresso". 15200

H. CUNHA

O Nosso Artigo Sem Fundo

Homem NEGRO

Ha alguns milênios quando se abriu o primeiro botéquim, na era em que despontava os primeiros clarões das mentalidades civilisadoras; teve um cachaca a feliz ideia de colocar na porta desse tolerante botéquim—Homem, conhece-te a ti mesmo.

Essa legenda ficou atravez dos seculos servindo de lição para todos os individuos fracos de ideia.

Assim, caros leitores, relembrando a frase venal de um famoso tocador de pistão de vara, cujo patavão deixamos de citar diante de tanta familia presente, pedimos venia para apresentar o primeiro numero deste nosso pasquim—CHIBATA, que promove pela esculhambação, concertar os desatinados erros dos constructores da nossa grejinha...

Este pasquim seu a lume, sem temor o estouro da boiada e nem os arreganhos do valente e manhoso constructor da obra que vai salvar a patria nova, mesmo que... que tristeza...

ADIVINHAÇÃO

Um homem casado que namora uma moça solteira, o que é?

-D. João, conquistador e etc... apenas a levandade juvenil!

Nós da mocidade negra Não queremos inspeção A bem na nossa moral Exigimos punição!

Sabe da Frente secretario? Exigimos sem cessar Praticamos gente seria Que possamos respeitá.

NO PRÓXIMO NÚMERO Sensacional reportagem.

O Perdão da Santa

Sem numero São Paulo, Fevereiro de 1932 Sem anno

CHIBATA

Nós somos Judas da raça, quem serão os Christos?

Editor Quando este jornal circula, Gerente
Homem negro sente-se cheio de difunto... F. Xicozosta

Judas da Raça!...

Ha homens que se antiquam e perdem o controle do bom senso, quando alguem lhes atria uma pecha com intuito de diminuir-o...

Na luta em que nos empenhamos, temos recebido dessa mimosidade desalegantes e que sempre trazem consigo, a photographia moral e intelectual do donatario gratuito...

Portanto, descerrando as portas do amago das grandes piedades christans que possuímos em alta doze, aceitamos e fazemos questão d'ora avante, dentro do trabalho que vimos realizando sem blasonice, em sermos os «judas da raça».

Porem, como os direitos se repartem por equidade humana, queriamos que os Srs. Conselheiros da F. N. B. declarassem quem nesse caso seria Christo, mesmo porque, os que assim nos taxam, hão de de permittir em serem os «phariseus» consipientes, para que o conceito biblico não fique mutilado de maneira tão ignorante e rasteira.

GRANDE FURO

A nossa reportagem, consegue realizar o maior furo de imprensa de todos os tempos!... (?)

Sensacionaes declarações do nosso reporter Zé Candoca

Eu accuso, nem que o arranha céu do Martinelli caia sobre a minha cabeça—eu accuso...

Pronunciando essas frases balzaquianas, conseguimos colher as ultimas palavras do nosso colega que dizia—São Sebastião do Paraizo, é verdade: que eu seia «Judas da raça», é infamia dessa gente... Eu morro com a verdade, cumprindo o meu dever, jurado em plenário, porque o individuo de ma catadura, cynico e hypocrita, precisa viver, coitado, veja o que resta do teu machiavelismo com os teus amigos sinceros... Que triste figura farás, diante da tua... Eu morro, sao da frente amigo, para que eu possa vêr, não a patria velha implantada, mas a patria nova, a patria da liberdade e materialmente, caminhando em novas conquistas... Sae da frente, si é verdade que teu bis avô... E as palavras embargaram na garganta do nosso grande martyr da imprensa, morto em serviço de seu pasquim.

No recesso d'uma victoria humilhante em que ficou a personalidade nulla do secretario geral da Frente Negra Brasileira, fulgura a imagem d'uma Santa que soffocando a vergonha soffrida, no seio da familia negra de S. Sebastião do Paraizo, preferiu mesmo no engano, deixar impune o ladrão de sua tranquillidade.

Mais uma vez podemos exultar a qualidade particular da Mulher Negra, e ha que no turbilhão de todas injustiças praticadas no Brasil, se salvou pelo perdão dentro da historia americana e brasileira.

Della, sabemos a valer o stoicismo e considerarmos cada uma que tão bem symbolisa a Mulher padrão das virtudes em todas as idades.

E o grande conselho composto em sua maioria de homens paes, esposos, irmãos e filhos concorda em que se abandone ao venalismo dos individuos immoraes, todos os lares honestos da Raça.

Pobre levandade juvenil!

Patriavelha...

"Cançado doutras encrenhas,
"Disse um dia o secretario:
"Meu rapaz vá na gandala,
"Vá sem calça, vá de sãta!
"Sinta as emoções de lá.
Tintico

Encarnar D. Juan e outras figuras dos nossos tempos, deve mesmo ser de preocupação do irmão do irmão patriavelhista. Nos melhores dias "deses Brasis" repousam nas velharias da Patria que então tinha pastos á "almaria" negra em pleno paganismo americano e restringido nas sensala.

Mas, "nois" que philosophamos, uois que confessamos, nois que têm a patria na vista" devemos tirar a vista da raça porque negro nasceu para viver tapeado, deve ser alfabeto quem deve saber resar tudinho direito não não serve para ficar na patriavelha!

CHIBATA

Este pasquim proseguirá sua sua circulação enquanto elle permanecer na frente.



A VOZ DA RAÇA

O PRECONCEITO DE CÔR NO BRASIL
OS NEGROS, PODEMOS SENTIR.

S. Paulo
Sabado
18 Março
Ano 1933

ORGÃO OFICIAL DA "FRENTE NEGRA BRASILEIRA"
SEMANÁRIO INDEPENDENTE

Redator: Desconhecido Nascimento — Secretário: Pedro Paulo Barbosa — Garante: A. de Campos

ANO I — NUM. 1
NÚMERO DO FOLHETO... 100
NÚMERO ATRIBUÍDO... 100

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA CONSULHEIRO BROTERO N.º 156
PROFESSOR DE URB. EM REGISTRAÇÃO

ASSINATURA
SEMPRE... 1000
ANO... 1933

DEUS
PÁTRIA
RAÇA e
FAMÍLIA

"A VOZ DA RAÇA"

Com satisfação, assumimos o encargo da direção deste jornal que se destina à publicação de assuntos referentes ao negro, especialmente, não dispensando porém de acolher os de outras referências quando solicitadas.

Este jornal aparece na hora em que precisamos tornar público, aos dias de hoje, de amanhã e de sempre, os interesses e comunhão de ideias da raça, porque as outras folhas, aliás veteranas, por despetos políticos, tem deixado de os fazer; porém isso não tem importância; dá o dilúvio que "a mão ensina a gemer." e o não

fosse a dor... este jornal não surgiria e nos continuaríamos marcando passos e sendo alvo da contínua atitude dos diários paulistas que, na surdina, vão pondo no cesto os originais que no presente momento o seu assunto visa a moral e a unidade política do negro.

O seu programa, na parte principal é desprezar as palestras em geral e trabalhar com afinco, denodo e coragem dentro da concordia e da moral.

Assim sendo, fica entregue a população o organo acima epigrafado — A Voz da Raça.

OS DIRIGENTES

vidas da situação precária dos negros, ou originadas da incompreensão ou mau animo de negros e brancos.

Daremos, todavia, tal demonstração de coragem, perseverança e retidão de caráter;

faremos uma tal obra em nosso Brasil que: A GLÓRIA E A FIDELIDADE DO NEGRO BRASILEIRO; A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ; HÁ-DE ESPANTAR TODA A AMÉRICA.

AVALIOS VILÇA DOS SANTOS

Francisco Costa Santos

Não existe dentro de São Paulo, e numa grande parte do Interior do Estado, quem não conheça o homem, cuja fotografia enche as linhas e é a do insuspeitável baluarte Francisco Costa Santos, que não perence mais ao número dos vivos.

Com a saída hoje, do primeiro numero deste modesto

F. N. B., inclusive o Sr. Presidente Gera' muito aprenderam com as sábias lições políticas ou não de Francisco Costa Santos, nós os Fronteiras-grinos, o consideramos um portento, um verdadeiro sabão negro, (não se não exagerar alguns) porque a nosso chorado morto si bem que não fosse um intelectual, deve Lygia

a verdade, era assim o nosso saudoso companheiro; e sua vida idealista de um juadez conhecido, não poderá de forma alguma ser expressa tão somente nestas breves linhas, ela será publicada em faixas contínuas, para que todos os elementos da Raça, sem favor algum, possam venerar a memória daquele, que herdou a honra de ter sido o primeiro a apontar para os nossos justos aspirações reivindicatórias.

O nosso grande morto, na expressado acertação do nosso colega de Juntas João de Souza, deixou em nossa mão um volume aberto e imprevisível, e também uma grande saudade.

Foi um forte, vivo sorridente, e saudável homem.

No próximo numero, iniciaremos a publicação das suas obras, e esperamos que o Sr. FRANCISCO COSTA SANTOS.

AOS FRENTE NEGRINOS

Neste gravíssimo momento histórico da NACIONALIDADE BRASILEIRA, dois grandes deveres incumbem aos negros brasileiros, e esforçados, unidos num só bloco na FRENTE NEGRA BRASILEIRA: a defesa da Pátria, porque uma e outra coisa andam juntas, para todos aqueles que não querem trair a Pátria por forma alguma de internacionalismo.

A Nação acima de tudo.

O internacionalismo é para os irresponsáveis, que não têm que dar contas de uma tradição de sangue, de trabalho, de criação, de dor, mas também de glória, visto como "recordar o mal que é já passado, dá depois mais prazer que então cuidá-lo".

A Nação acima de tudo.

E a Nação somos nós com todos os outros nossos patriotas que conosco, em quatrocentos anos, criaram o Brasil. Não podemos, pois, permitir que impunemente uma geração atual, que é um simples momento na vida eterna da Nação, trais a Pátria, que atravessa nos erros materialistas do separatismo (que nada mais é do que o efeito da concepção do "materialismo histórico" — a economia, a riqueza material acima de tudo), que mamoram o terra-a-terra socialista na sua mais legítima expressão que desfecha no bolchevismo, pregado pelos traidores nacionais ou estrangeiros, e cuja resposta é e há-de ser o aniquilamento violento, seja ele cometido por cidadãos do povo, seja ele adotado por governos que trais a Nacionalidade.

O Fronteiras-grino, como o negro em geral, deve estar atento

nas suas reivindicações de direitos que defluzem em nosso manifesto do não passador; mas, para que seja digno de alcançar bases legítimas direitos no campo social, econômico e político, — é mister cumprir os Mandamentos da Lei que definem, antes de tudo, os deveres do homem, base da legitimidade dos direitos do homem.

Ao Fronteiras-grino, para que possa alcançar, em época tão distante, a realização dos seus ideais, é necessária a mais devotada e firme disciplina, condição única da vitória. Só vencem os batalhões disciplinados, que acatam os chefes e, por isso, em ordem vão para o triunfo. A eles, isto é, aos chefes é que é dado conhecer as operações de conjunto, a movimentação das forças, o movimento do fogo, o deslocamento de postos, tudo de acordo de um critério geral que muitas vezes desmarcha os soldados que queiram discutir a razão dos movimentos ordenados.

Marchar, porém. Para a frente sempre!

Não dar atenção aos fracacos que forem estido ou desanimando pelo castinho! Os potacos ou muitos bravos que restarem das longas caminhadas de sofrimento e conquista serão suficientes para despetiar a última trincheira dos inimigos da Pátria e da Raça, que são quasi sempre os mesmos.

Confiantes em Deus, com aquela profunda religiosidade dos nossos Avós, cujo espírito não haveremos de trair, confiantes na nossa Obra e esforço, nós caminharemos firmes entre as mil dificuldades ad-



FRANCISCO COSTA SANTOS

semanario, órgão oficial da Frente Negra Brasileira, cuja fundação deve-se em primeiro lugar a esse líder da Raça, prestamo-lhe esta singela e inexpressiva homenagem; assim falamos, porque o nosso saudoso CHICO, merecia contar muito maior, pois que, soube em boa hora ascultar as necessidades de sua Raça; mas ao mesmo tempo, dignos, a homenagem é inexpressiva, mas é sincera, porque pulsa ainda em nossos Cerações, essa perda irreparável... Chico morreu, mas viverá ainda e sempre nos corações bem formados daqueles que sabem avaliar a grandeza da obra, de que foi ele, o primeiro e intemerato iniciador.

No nosso querido CHICO, estava sintetizada, como ainda está, a força e o valor idealista de uma raça.

Fra é o orientador concencioso, conselheiro fiel e o amigo sincero; todos os dirigente os

aqueles que o eram, profetizando mesmo os acontecimentos futuros; era o nosso Chico, um verdadeiro modelo, como chefe de família, como orientador, como amigo, e muito especialmente como idealista.

Foi sem dúvida alguma, a falta de cumprimento dos nossos irmãos negros, que o matou, mas, contudo, Francisco Costa, apesar do grande e rar que lhe ia a alma, nunca desaniçou os seus companheiros, foi ele o sustentáculo da obra, em todos os casos, ou para todos os casos, por a sua graça que lhe parecesse, ele encarava com o mais franco e expressivo sorriso nos lábios, encorajando os fracacos, ponho em relevo o valor de sua Raça, que na sua expressão "nada deveis temer, e não sir a morte de um ou dois ou dez, que se perderá em benefício de uma coletividade".

O nosso CHICO, assim pensava, era e continua sendo esse

COM VISTAS

ao Dr. Chefe de Polícia

Na noite do dia 12 deste mês, o Corpo Genérico do F. N. B. esteve na sede social para a próxima representação que brevemente pretende levar a efeito. Às 21 horas, terminado o jantar, retiravam-se para casa diversas senhoritas, acompanhadas de rapazes quando, ao chegarem a rua Conde de S. Joaquim foram abordadas por inspetores de segurança, tendo um deles perguntado aos rapazes do onde vinham. Foi-lhe respondido que haviam todos saído da sede da Frente Negra Brasileira. O inspetor, sem um motivo justificável deu imediatamente ordem de prisão a todos, ordenando que entrassem para o carro de preso. Tal não aconteceu devido ao protesto das presenças, pois realmente não havia o menor motivo para que tal medida fosse tomada; todavia se portaram dignamente e os rapazes daqui saíram acompanhando as senhoritas para gentilmente conduzi-las às suas residências, por castela, devido ao adiamento da hora.

É necessário que o Sr. Dr. Chefe de Polícia, tome uma providência afim de evitar tais abusos de seus subordinados. A Frente Negra não é uma organização suspensa ou clandestina a por isso deve ser merecedora de respeito; não devendo os seus socios serem detidos ou passar por vexames no interior da sede da mesma.

Até a paz, a nossa justa reivindicação a S. B. para que tal fato não mais se reproduza,

O Clarim

publicação mensal

"Dos negros é que ninguém jamais quis ocupar, cometendo assim a maior ingratidão da nossa historia"

avulso 200 réis

SYLVIO ROMERO

Orgão da mocidade negra, editado pelo Departamento Intelectual do C. N. C. S.

Director: José A. Barboza

Redactores: Henrique A. Cunha

Gerente: Sebastião Macedo

Secretaria: Eunice de Paula

Manoel A. dos Santos

Em nome da Raça...

Tem-se notado, nestes ultimos tempos, que no esboço da politica que assistimos, houve momentos palpitantes que veio de mover ás camadas sociais do paiz.

No entanto, parece que a mór parte da gente negra, continua na mesma morbidez politica-social no mesmo indifferetismo em que sahio da lucta de 88.

Mas, esta situação da raça, que é uma consequencia do retardamento á evolução, tem sido um privilegio, dando até margem para explorações, não só por elementos de outras raças como também para os nossos proprios negros que se dizem cultos e se intitulam defensores, assumindo a liderança.

E, os elementos que ainda na sua ingenuidade, alimentam esperança de dias melhores, sem perceber as manobras, adherem confiantes nas promessas de tudo que se pode realisar para o seu bem, mas tudo fica apenas em promessas...

No inicio da obra, afirmações severas, insultos a outrem, legendas douradas... e dictames de instrução regeneradora, progresso, estabilidade economica e social, direitos de cidadania, abolição e guerra aos preconceitos e depois dissoluções e decepções.

Decepções e dissoluções porque tudo fica apenas como um thema de retórica para voltar a tona das explorações quando houver novas oportunidades e novos opportunistas, desfibrados, que na substancia de suas mystificações não respitam nem sequer a boa fé e a consciencia patriótica dos negros.

E assim que obras de esperanças dos negros são levados para o disvirtualmento, porque mais duzia dos líderes cabotinos veem no negro um meio facil de obter «migalhas» e «empreguinhos», pela permuta de coniuos com os oradores demagogos, representantes das organizações.

(continua)



VICENTE FERREIRA, o grande trihuo e ardoroso paladino que sempre se debateu pelas justas reivindicações de sua raça: falleção em dezembro ultimo, na Capital Federal. O "CLARIM", presta singela homenagem postuma ao nosso inquecível companheiro de luctas.

E o negro da nova republica, é ainda o que fora na velha, a expressão característica do joguete, saciador dos faminhos que vivem a serviço de estadistas interesseiros e estranhos ao nosso elemento.

Agora, quando se falar que o negro tem a fazer uma politica limpa de negro para negro, dizem logo da impossibilidade devido a falta de união.

Quando se fallar da necessidade de instruir a mocidade para os fins que integram o homem no conceito social da brasibilidade; dar ao negro o lugar que lhe compete na historia como o cimentador da estrutura nacional, talvez seja preciso esperar nova oportunidade e novos líderes que venham revestidos de interesses torpes, falar em nome da raça.

Antunes Cunha

E o toque continua...

Apresentamos o primeiro numero do O "CLARIM" que com esta edição ensaia os seus primeiros passos.

O que é o Clarim? O que será.

O que elle é todos vos estaes vendo. Uma grande vontade que um pugillo de moços idealista possuem com o escopo de servir da melhor maneira possível aos interesses de uma raça soffredora;

O que será! O trabalho sacrificio que essa pleiade de moços vem dispendendo no intuito de encontrar uma formula que venha satisfazer os interesses da mocidade Negra de São Paulo, nos dá a certeza de que, se não conseguirmos construir um grande Orgão, pelo menos está iniciativa serve de incentivo para a formação, no nosso meio, da imprensa negra, em collaboração com outros orgãos existentes.

O Clarim, como official do Clube Negro de Cultura Social, terá por diretriz a aproximação da juventude negra no sentido de ampliarmos as nossas condições intellectuaes, moraes e physicas para que a mocidade possa conquistar o seu devido lugar no conceito de outra collectividade. A tarefa está iniciada.

Officina Mechanica Irmãos Cecchini

Unicos alugatarios e vendedores de bicicletas neste populoso e aristocratico bairro de Perdizes.



Chamamos a atenção dos nossos distintos e amáveis freguezes, a visitarem a nossa officina.

Disponemos de uma officina bem montada, para concerto de Bicycletas de toda e qualquer qualidade, assim como dispomos de peças avulsas, para bem servir com rapidez a nossos distintos freguezes deste aristocratico bairro.

Concertos garantidos. Alugamos Bicycletas de 1.ª ordem e vendemos tambem a prestações e a preços convidativos.

Rua Franco da Rocha 2 - Perdizes - S. Paulo

Sapataria Izidoro DE IZIDORO FERRAZ

Executa-se todo e qualquer concerto em calçados, com rapidez e presteza
Preços Modicos



E' a unica sapataria neste bairro que trabalha com prazer e gosto para bem servir a freguezia deste bairro.

RUA MARTHA, 15

S. PAULO

BOCLECIANO NASCIMENTO

Encarrega-se de todo e qualquer serviço concernente a sua profissão, por preços insignificantes.

Rua Dr. Alvaro de Carvalho, 34

Telephone 4-2442

Typographia S. Geraldo

de
EVILASIO BASTOS

Executa-se com perfeição todo e qualquer trabalho concernente ao ramo Typographico.

Rua das Palmeiras 307

Açougue Cardozo de Almeida



de
Lencioni Della Nina & Cia.

Este açougue tem sempre completo sortimento de Carne de Vaca, Vitello, Carneiro, Leitão, e Linguiça de carne de Porco.

Entrega-se a domicilios — Preços Modicos

Avisamos a nossa freguezia, que este Telephone é provisorio.

Rua Cardozo de Almeida, 119 -- Teleph. 5-2417

TPY. AURIVERDE

Accepta-se encomendas de impressos em geral

O CLARIM DA ALVORADA

Redacção e administração

Rua Ruy Barbosa, 105 - S. Paulo

Emporio Monte Bello

— DE —

RODRIGUES & SOEIRO

Armazem de Seccos e Molhados finos, Vinhos Nacionaes e Extranjeiros, Conservas e Azeites de 1.ª qualidade e a preços convidativos, para bem servir a população deste nosso aristocratico bairro, assim como entregamos as mercadorias a domicilio.

Rua Monte Alegre, 37 - Teleph. 5-3512 - S. Paulo

Garage S. Gerardo

LARGO DAS PERDIZES

Tel.  5-5416

Autos de Luxo e com Taxi para Aluguel

ATTENDE CHAMADOS DIA E NOITE

Alfaiataria Martins

— DE —

LEONTINO MARTINS

Executa trabalhos ao rigor da moda, com esmero e rapidez, a preços moderados

Rua Tupy, 11

S. PAULO

Bar e Confeitaria São Geraldo Café-Expresso

ABERTO DIA E NOITE
Especial serviço de Médias, Chocolates, Sandwichs, Sorvetes, etc.
Rua Cardozo de Almeida, 3 — Teleph. 5-1700 — S. PAULO

Officina de Encanamentos e de Electricidade

Encanamentos de agua e gaz, collocações de bombas hydroaulicas. Instalações electricas, para



luz e força, campainhas e rega ladros. Conserta-se Ferros electricos e Aquecedores a gaz.

GUILHERME DORN

E' a unica casa neste bairro que trabalha com maior capricho seriedade e presteza. Trabalhos garantidos e preços convidativos.

Rua Turiassó, 62 Perdizes São Paulo

Tinturaria química e
É Alfaiataria SPORSTSMAN

JOSE' SPANHOLETE

Rua Liberdade, 143
Teleph. 3163 Central S. PAULO

Papelaria S. Joaquim

RICARDO A. KRICH

Rua Liberdade n. 105

Visitam a casa de calçado da rua
Liberdade, n. 135

ESCRITORIO DE ADVOCACIA

Dr. João Francisco da Cruz

Accepta causa no ramo civil, crime, commercial, orphanologico,
advogado em primeira instancia, segunda e no juizo federal

Escritorio: Rua Direita, 8 - A Sala, 12 A - (1.º andar)

- Telephone, 3687 -

SÃO PAULO

Disponível

SALÃO DE ENGRAXATE

Rua 15 de Novembro, 2

Tem sempre a venda revistas e jornaes
Nacionaes e Extranjeiros.

Domingos Viçente

Salão Internacional

Largo do Riachuelo num: 56 sob.

Telephone 4133 Central

Aluga-se para Casamento, Baptisados, Bailes
e Ensaios de sociedades recreativas.

PREÇOS MODICOS

Casa União

especialidade em calçados

Avenida Tiradentes

DISPONIVEL

O CLARIM

EXPEDIENTE

ANON. SEMESTRAL... \$2500
NUMERO AVULSO... \$200

Redação: Rua Ruy Barbosa, 105

Os originaes aceitos embora não publicados não serão devolvidos - Outrosim, estes serão contemplados apos exame minucioso a juizo da Direcção.

era o movimento de carreiros, aldeões, e tropeiros que se dispersavam para todas as bandas.

Quando lhe aproximei, disse-me bom dia Senhor! Como passa? Eu lhe respondi. Bem. Que fazes? Ficou cabibaixo. Vi dos seus olhos cahirem copiosas lagrimas: lagrimas de dores, lagrimas emfim de um desgraçado, de um misero campeiro.

Tornei interpela-lo, que fazes aqui rapaz? Ah meu bom senhor! Noutros tempos, fora nestes arredores o homem mais feliz, o campeiro da fazenda do nho Fidencio; daquellê que vae fazer casar sua bondosa filha, a Doninha... Continûe, disse-lhe. Não meu bom senhor! Basta. Para mim, nada mais ha sobre a terra. Hoje sou um infeliz.

Nem para o trabalho tenho forças, hei de viver correndo mundos, até um dia, quando não mais puder - morrerei!... Adeus caro senhor! não me posso demorar mais nestas bandas. Vou, vou para outras bandas. Adeus!...

Vou me embora meu sinhô chega de tantos pená.

Vou chorado as minhas dô
na pras bandas do Arca.

O que será daquelle pobre rapaz devido seus amores? Nós nos despedimos; eu segui a minha viagem, pensando: A tarde ia já morrendo aos poucos: muito ao longe, mugiam os gados nos curraes, o bronze annunciava com seu voserão, crotesco a Ave Maria.

Fui caminhando... Minha alegria não era a mesma; eu ia divertir, era feliz: o rapaz pobre infeliz, ia triste, desesperado. Eis o que é o amor, eis o que é a vida.

Faz o homem viver cantando; porem, muitas vezes, obriga-o andar desesperado, soluçando.

Parceles do Olimpo

GRUPO MUSICAL PRINCESA DO SUL

Dirigido pelo conhecido musicista
CASIMIRO FIVES DE ABREU
Offerece-se para tocar em Festivas,
Bailes, Casamentos, etc.
Tratar á Rua S. Joaquim, 85

Mlle. Conceição Nocera

Executa todo e qualquer traô
de costura, de modas e confeções;
a capricho sob ultimos figurinos
e preços modicos.
Rua 13 de Maio, 88 - S. Paulo

Vida Social

Occorreu a Lei de corrente mais um aniversario do sr. Faustino de Andrade, funcionario da Prefeitura Municipal.

Completoou mais um anno de existencia no dia 15 do corrente, o sr. João Bonifacio Fernandes, presidente do Club XIII de Maio. Os associados desse Club prestaram homenagem ao sr. presidente; fizeram prolongar seus ensaios até alta madrugada, seu do trocados varios brindes. Notamos nessa festa uma completa concórdia.

JOAQUIM TRES

Transcorreu a 20 do corrente mais um natalicio do jovem quartanista de Dicoite, José Molina Quartim Filho (Joaquim Tres) nosso presado amigo e collaborador.

O presado amigo aniversariante, que nos tem honrado com a sua penna valorosa, de vido os seus predicados de intelligencia e de coração magnanimo, fôra muito festejado no vasto circulo das suas relações.

Portanto, aqui firmamos os nossos ardentes votos de felicidades e de um futuro brilhante acompanhados de um sincero abraço dos dirigentes do Clarim.

Completoou mais um anno de feliz existencia a 21 do corrente o sr. Luiz Gonzaga, nosso amigo e secretario do Gremio Flor da Primavera.

Festejará a 23 deste, mais um natalicio o sr. João Hilario, vice presidente do Gremio Flor da Primavera.

No dia 1.º de Julho vindouro completará mais um anno de existencia o petiz Ary dos Santos Filho do sr. Sebastião das Neves.

Aos nossos aniversariantes desejamos longevidade e innumeras felicidades.

FESTIVALES XIII DE MAIO

Conforme noticiamos, este veterano Club commemorou com todo o brilhantismo como nos annos anteriores a Lei Aurea, dando a seus associados e convidados uma excelente partida. Conston de uma sessão solenne, onde fallaram varios oradores e ao terminar a sessão o orador official fez uma breve oração em regosio a grande data.

Terminada a sessão, incinaram as danças que foram até ao romper da aurora. Notamos nessa festa, avultado numero de moças, moças, senhoras e senhores. Foi offerecido nos

presentes, lanta mesa de doces. Tudo decorreu em completa harmonia; porem, empyrenos notar uma falta de consideração, da sra. proprietaria do salão para com a direcção do Club, falta essa que fôra justificada de prompto e paga ao pé da letra; deixando-a um tanto avexada.

Por isso felicitamos esse director pelo seu grande prestigio, que soube de prompto balancear a situação.

Aos dirigentes do Club veterano, e associados os nossos parabens sinceros.

Grupo das Margaridas

Conforme tinhamos noticiado anteriormente e em esperado por todos, que conhecem esse valoroso grupo de moças, realizon-se a 7 do corrente, com todo o brilhantismo, a sua 2.ª partida annual, que merece elogios devido o capricho com que se apresentaram os seus dirigentes aos convidados; decorrendo tudo em completa harmonia.

Essa festa teve lugar no Salão Celso Garcia, sito á rua do Carmo, 23; conston de uma sessão solemne, acto variado e de um estrondoso baile. Aos convidados em geral foi servido lanta meza de doces, deixando-os completamente satisfeitos.

Esperamos que, para o vindouro consigam dar com todo o brilhantismo, outra festa, para amortizar as saudades que guardaram aquelles que tiveram o prazer de rodopiar espiçando-se por alguns instantes de tudo e que nestas horas estão se relebrando daquelles accordes musicos; dos coraçãozinhos emmanorados e das illusões que se desappareceram. As senhorinhas componentes do Grupo e a sua exma. presidente enviamos nossos parabens sinceros.



O Clarim

Sei si avanti!

Sempre avanti dizia o grandi Garibaldi na battaglia do Terrore p'eu suo valoroso exercito. Assim tambem eu digo p'ros passados do CLARIM, nada de dissimulo porcé a primeira etapa está vencida, brilhantemente isto numero em fichare u primeiro semestre di difficultá f di ueta insana mais apitare di tuto isto a direccão ista firme a mantere u grandi programma a seu d'ista foglia, u anno passa las conquistas ficam sigundo apartó u milho barbero nu Bô Ritto, e in como nam so troxa sumento disejo qui u pissualo do Clarim cu a p'na na mó conquista as gloria qui ellis mirece, assim sendo inte u proximo numero.

Olha pissualo cuidado com quello omo que está pigando no puntero do relógio lá em gopa da cidade! Illo é verdadeiro?...

Dr. João P. Carreta



Biotônico

FONTOURA
O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



SOCIAIS

S. A. Momo Existezal

O triste carnaval do São Paulo triste, está muito mais triste que o carnaval de 1936. Momo que outrás plagas contagia do ardor juvenil e de alegria fútil, desde o respeitável estadista do esfomeado mendigo, encontra sua "cateriva" nas terras guarentas de cidade anictetana.

Porque o dinamico construtor não descaça da obra torrada, não guiza os 3 dias do carnaval, na corrida dos carros, sua cadencia dos cordões, nos carulos dos ranchos, nas arrancadas dos clubes, nas febris agitações dos brinquedos, dos bombas, dos bailes?

Porque a triste gente do minha terra não quer encontrar alegria na alegria pagá de todos os povos.

A gente vê um movimento mais intenso na cidade carnavalesca. Assim o subaudo gritante, o festico pu, a balçada hercica não surgindo. Os bailes se multiplicam. Mas mesmo assim, a gente fica pensando no triste carnaval do São Paulo triste. Que recepção triunfal do tristeza, te aguarda, Momo Abre!

LOLFAK

OS ALIADOS DE MOMO



ANTARCTICA

ANIVERSARIOS

Ficaram e fazem anos.

DEZEMBRO

— A 17, aniversariouse a srta. Noemia Nery.

— A 21, a srta. Maria Nery; ambas as aniversariantes, são irmãs do nosso companheiro sr. Irineu Nery, guardalivros da F. N. B. e colaborador social deste jornal.

JANEIRO

— A 1 e 2, esteve em festa o lar dos oprimidos frentegrinistas srta. Aníbal e José Oliveira Bastista, membros da direção da Campanha da Boa Vontade, com os aniversariantes de suas famílias e mais se privadamente, Dina e srta. Guilhermina Oliveira Bastista, — Parahiba.

— A 1, o sr. Waldemar Freitas, assistido pelo sr. João Felício.

— A 4, 104 anos a srta. Carlota Junqueira.

— A 6, o nosso querido amigo e frentegrinista, sr. Virgílio de F.

— A 6, aniversariaram-se a srta. Ana, srta. Da Anacleta Anselina da Silva, e seu esposo o sr. Sr. Benedito Anselino da Silva, ambos filhos do Dr. Francisco Lacerda, M. D. Secretário da F. N. Brasileira.

— A 6, a inteligente menina Dina Mouton dos Santos.

— A 6, o sr. Otiliano Pires, frentegrinista de volta: guarda, e operoso componente da apreciação Campanha da Boa Vontade.

— A 6, o sr. Sebastião Fonseca, pai do sr. Evellino Fonseca, nosso auxiliar de officinas.

— A 14, a exp. srta. Aparecida de Souza Barbosa, esposa do frentegrinista sr. José Barbosa.

— A 15, a srta. Paula Coelho, ardorosa frentegrinista, componente da Cruzada Feminina e cantora da Rádio C. D. F.

— A 16, o sr. João de Sousa Aranha, filio do Evellino Fonseca, nosso auxiliar de officinas.

— A 17, colheo mais uma roza no jardim de sua florida existencia, a dileta senhorita Laura Costa, filia do ornamento da sociedade frentegrinista.

— A aniversariante é filha do ex-mor. Juvenal Costa, M. D. Prof. Sr. Benedito Costa, e noiva do nosso querido colega da Redação sr. Raul Joviano Amarel.

— A 17, a dileta srta. Gealida de Oliveira.

— A 20, a jovem Eunice Faria, nossa leitora residente em Itapicoba.

— A 23, hoje, faz anos a galante menina Maria de Oliveira, sobrinha das frentegrinistas srta. Maria Otrudina de Oliveira e Antônia de Oliveira.

— A 25, a ex-m. srta. Benedita Costa Parahiba, esposa do nosso amigo ex-m. sr. Honorário Parahiba.

— A illustre aniversariante, subtil declamadora e oradora de escudo, é muito benquista e admirada na sociedade frentegrinista.

— A 29, a gentil senhorinha Leonor Macedones de Camargo, filia do nosso companheiro de redação sr. Antonio Macedones de Camargo.

FEVEREIRO

— A 23 de Fevereiro, completa 24 dois anos, o galante menino, João Roberto da Costa, filio do sr. Vaz Costa.

— Aos aniversariantes "A Voz da Raça" felicita e augura uma longa vida e prospera e feliz.

BOAS FESTAS

"A Voz da Raça", recebe e agradece os cartões de Boas Festas das seguintes pessoas e Delegações da F. N. B.:

Do sr. Artildo A. Soares, secretario da Delegação da F. N. B. em Juiz de Fora, onde também esteve a função de representação e correspondente de "A Voz da Raça".

Da Delegação da F. N. B. da cidade de Mozambique, Estado de Minas Gerais.

Da Delegação de Porto Alegre, Estado de Rio Grande.

Da Delegação de São João del-Rei, Estado de Minas Gerais.

A todos, a "Voz da Raça" agradece e reitera-lhes as mesmas palavras de pessoas solidárias no decorrer de 1937.

MUSICA

Os senhores Mario Santiago e Aristides Teles de Moraes, artistas de talento musical, apresentaram, em 27 de dezembro, um conjunto musical de suas próprias criações.

EM VIAJEM

Visto ter sido sortido para sair o Exército Nacional, transferiu-se para Juiz de Fora o jovem frentegrinista Marcos Otávio Silveira, com o nome de Comendador de Mércos, do Maracul, deixando-o neste no cumprimento do saúdo de sua breve regresso.

Estiveram varios dias na cidade de Casa Branca, em visita à esposa de sua família, a srta. Helena Costa Parahiba e seu esposo sr. Honorário Parahiba.

Regula para Olimpico onde vai passar varios meses a srta. Maria Jequeline dos Santos, mãe da frentegrinista srta. Naziride Santos, apreciada declamadora frentegrinista.

Estava em gozo de férias, na cidade de Ribeirão Preto, visitando seus familiares, a srta. Dolores Silva, professora de um das classes da Escola Frentegrinista.

Deve seguir hoje à noite para Juiz de Fora, uma comissão de redatores da "Voz da Raça", composta dos srts. Rubens Costa, Raul J. Amarel, Benedito Vaz Costa e Abner P. Barbosa.

Essa comissão vai poder se gratificar com o convite por uma visita à comissão de jovens, "Moventes Telemos", que vai promover uma actuação desportiva, intitulada "Durando com lágrimas e o olhar".

Esteve enfermo, o sr. João de Souza, tesoureiro da F. N. B. e gerente deste jornal, mas felizmente já experimenta sensíveis melhoras, com o que muito nos exultamos.

O sr. João Pedro de Arruda, membro do destacamento no centro frentegrinista e Funcionario Municipal, esteve acamado; mas já se encontra forte e sadio, para o nosso maior jubilo.

Com pesar, fomos informados que o nosso companheiro sr. Amarel,...

BATIZADO

A 28 de Dezembro, na Igreja de N. S. da Penha, recebeu o santo sacramento do batismo, a menina Nery, Aparecida, filha do novo esforçado representante junto as sociedades, sr. Lucas Freixo e srta. srta. D. Celina Castro Lacerda.

CASAMENTO

Ocorreu à 20 de corrente, na Igreja do Livino Espírito Santo, o enlace matrimonial da srta. Maria José Felix, com o sr. Cleandro da Silva. A recepção será a N. 13 de Maio, etc.

DONATIVO

A Campanha da Boa Vontade, e o Conjunto Rádio, receberam da srta. Antonieta Teles, uma linda boxeira com sabonões lindos, por livro pelo qual esse Departamento, se beneficia apresentando a srta. ofertante os mais plausíveis agradecimentos.

ENFERMOS

Esteve enfermo, o sr. João de Souza, tesoureiro da F. N. B. e gerente deste jornal, mas felizmente já experimenta sensíveis melhoras, com o que muito nos exultamos.

O sr. João Pedro de Arruda, membro do destacamento no centro frentegrinista e Funcionario Municipal, esteve acamado; mas já se encontra forte e sadio, para o nosso maior jubilo.

Com pesar, fomos informados que o nosso companheiro sr. Amarel,...

CONGRATULAMOS

Com gratidão e com mais esta brilhante victoria do Conselho Regional Frentegrinista, que é bem dirigido pelo sr. Aristides Teles, abnegado, e retornado sem dia falhar no seu nobre.

Pelos Departamentos

Campanha da Boa Vontade. Esse optoso Departamento bem dirigido pelos srts. Amarel de Oliveira e Marcos Batista e condutores por um sequito de moças e moços operosos e bem intencionados, tem prestado a F. N. B. trabalhos e benefícios inestimáveis, dignos de pessoas possuidoras de verdadeira boa vontade.

CONJUNTO REGIONAL FRENTENORINO

Este ultimo conjunto de cantores e musicistas que tanto tem abalizado as nossas Domingueiras, já vai se popularizando por esta Paizola ardente e musical!

No dia de Natal este conjunto especialmente convidado, foi executar varias peças do seu rico repertorio, no broadcast da Rádio Colômbia.

O esito conquistado foi amplamente satisfatorio, e julgamos pelo agrado que se apodou dos radiocantores, e dos criticos e directores da Rádio difusão!

O sr. Mario Bastião, competente director artistico do G. Regional, em entrevista concedida a "Voz da Raça", declarou nos que é muito orgulhoso que o conjunto seja contratado para tocar na Rádio Cultura duas vezes por semana, sendo para isso bem remunerado!

CONGRATULAMOS

Com gratidão e com mais esta brilhante victoria do Conselho Regional Frentegrinista, que é bem dirigido pelo sr. Aristides Teles, abnegado, e retornado sem dia falhar no seu nobre.

VISITAS

A sede social da F. N. B. tem sido muito visitada e o seguinte conjunto de visitantes: Sr. Benedito André Fortunato, ex Delegado da F. N. B. na cidade de Amparo, e ora residente na cidade de Osasco.

Sr. Amarel Noronha Mintz, Sr. Antonio da Rocha Campos e esposa srta. Isabel Vaz Caspou.

Sr. Olimpio Theó, sua esposa a srta. Jacira Vaz Costa Theó, e Nina Theó.

Srta. Olimpia Vaz Santos, Palmina de Moraes, Alina Ferreira Alves, Iracema M. de Oliveira, e Clotilde Ferreira.

Sr. José Barbosa e srta. Aparecida H. Barbosa.

Sr. José Mateus dos Santos, auxiliar das Obras de Estrada Mal'guk a Santos.

Sr. João Casado dos Santos, Secretario Geral das Delegações da F. N. B. no Estado de Minas Gerais.

Sr. Benedito de Andrade, secretario da Delegação de S. J. do Rio Preto, e ora, residindo na capital. Este jovem batallador, na oportunidade passada proferiu bellissimo discurso que muito nos inspirou.

A convite do nosso querido companheiro Sebastião Schifim, tivemos o inaudito prazer de sua visita e o nobre e aplaudido folklorista sr. Cornelio Pires. Esse apiedado comfrendido excentico a nossa dominar com uma conferencia entre cortada pelo riso e apreciação dos frentegrinistas.

Visitou-nos o sr. Benedito N. Fernandez Junior, Lc. Escriurario da Prefeitura "Zona Sul".

Não sairá si...

A cosinheira — Sabi-me a noite grande na loteria!!!

A patroa — Bolo? Tava eu, supponho que me vai deliciar.

A cosinheira — Sim, isto é... a não ser que o senhor queira entrar ao meu serviço.

A patroa — 711771!

«ROSAS NEGRAS»

Prá nada ficar devendo à tradição carnavalesca, Rosas Negras manterá em offensiva constante o Jaz Emereo reforçado nos "abafantes" bailes que dará na "Caverna Furiosa" do salão Lega Lombarda, sito no Largo S. Paulo 18, nos dias 7-8 e 9 de Fevereiro. Lá não imperará "a galinha morta" mas a alegria exultante dos bailes "rosalinos". Emereo, Lega, Fantasias, Serpentina, 7-8 e 9 de Fevereiro, têm um só brilho; um só reflexo: Rosas Negras nos 3 fantasticos e magistrais bailes-fantasias deste carnaval. Vai haver... Aleria foliões.

Prá nada ficar devendo à tradição carnavalesca, Rosas Negras manterá em offensiva constante o Jaz Emereo reforçado nos "abafantes" bailes que dará na "Caverna Furiosa" do salão Lega Lombarda, sito no Largo S. Paulo 18, nos dias 7-8 e 9 de Fevereiro. Lá não imperará "a galinha morta" mas a alegria exultante dos bailes "rosalinos". Emereo, Lega, Fantasias, Serpentina, 7-8 e 9 de Fevereiro, têm um só brilho; um só reflexo: Rosas Negras nos 3 fantasticos e magistrais bailes-fantasias deste carnaval. Vai haver... Aleria foliões.

Expediente

Assignatura. 1\$500 por 6 meses
O pagamento é adiantado

Correspondências. — As correspondências d'«O Menelick» devem ser enviadas a Deocleciano Nascimento, Rua da Graça, 200.

Colaboração. — Aceita-se colaboração, mas não se responde pela idéa emitida pelo colaborador

Não se devolve os originaes, mesmo não publicados

O «Menelick» declara publicamente que toda e qualquer colaboração que cahir na sua caixa e elle descobrir que ella foi roubada de algum livro, revista ou cousa que o valha, nem que seja o rei que assigne, vai pro' balão e o nome do colaborador falso é criticado por quanto tempo for lembrado.

«O Menelick» julga nullo todo e qualquer documento que for passado em seu nome sem a sua respectiva firma

offereceu um soirée ás pessoas de sua intimidade. A festa foi brilhantissima e terminou ás 6 horas da manhã. Entre as pessoas que lá compareceram pudemos distinguir as seguintes: D. Maria do Carmo, Zulmira S. Castro, Carlinda de Almeida, Nicaia S. Castro, Elviria de Oliveira, Sebastiana do Carmo, Benedicto P. Souza, Jayme de Mello, Juvenal de Mello, Aristides Costa, Mario N. do Espírito Santo e José Luiz Sampaio, representante desta folha.

— No dia 12, D. Justina de Campos

— No dia 18, o snr. Manuel Elizios dos Santos, e no dia 14 sua filha Judith.

— No dia 24, D. Julieta de Almeida.

— No dia 25, D. Margarida Prado.

— No dia 28, a sta. Maria da Conceição.

— No dia 30, o menino Clauvis, filho do snr. Arthur Correa.

— Hoje o snr. Alvelino Justino Paiva, representante desta folha pelo districto de Villa Buarque, e o seu afilhado Messias Ferreira.

— A' 4. a sta. Estella da Silva.

NASCIMENTO

O lar do snr. Sebastião Rodrigues e d. Maria da Conceição Rodrigues, acha-se enriquecido com o nascimento de um galante bebésinho que trouxe o nome de Alaercio. Parabens.

CASAMENTOS

Realizou-se no dia 8 de dezembro, o do snr. Christiano de Paula, com a sta. Ezidora da Silva, cunhada do snr. Eloyde Souza, assiduo leitor do Menelick.

Saudou esse acto o redactor desta folha.

— No dia 25, o do snr. Manuel Rodrigues Silva, com a sta. Lucia Albina dos Santos, filha de D. Angela Albina dos Santos. Um reporter do Menelick ponde apanhar em ligeiros traços as seguintes pessoas: José das Neves, José Miranda, José da Silva, Pedro Martins, Fernandes Magalhães, Deocleciano Nascimento, redactor desta folha e outros.

Por esse acto solemne o Menelick apresenta os seus sinceros parabens.

Necrologia

PASSAMENTO

Desencarnou-se nesta cidade em 16 de Dezembro p. p. a interessante menina Conceição, saudosa filha

do Snr. Mario Nogueira do Espírito Santo e sobrinha do Snr. Reginaldo Maximo Gonçalves D. D. Presidente desta folha. O enterro que foi feito no cemiterio da 4.ª Parada teve lugar em 17 do passado as 4 1/2 da tarde tendo sido o féretro conduzido por uma multidão de senhoritas de amizade dos conjuges desventurados, dentro as quaes numa ligeira reportagem conseguimos tomar os nomes das seguintes: Maria Benedicta, Iracema da Silva, Maria dos Santos, Julieta N. do Espírito Santo, Isolina de Oliveira, Maria da Conceição, Maria Barbosa, Anezia Guimarães, Barbina de Campos, Amelia Lopes, Assumpta Mingalli, Elydia da da Conceição, Antonia da Silva, Benedicta da Conceição e Maria da Penha Garcez. Apóz ter baixado o feretrozinho ao sepulcro, fora este coberto por uma immensidade de corças que até alli foram conduzidas por meninos e meninas collegias. Emquanto, provavelmente, dexam do Céu os anjos para conduzirem a irmãzinha para o Além, o nosso collaborador B. O. Paula em doce concentração escreveu esta poesia dedicada á desencarnada que passamos a publicar:

Gentil gentil criança, tão cedo partiste?!
Emfim te libertaste d'um soffrer profundo...

Emfim te libertaste d'um soffrer profundo...
Em paragem do Além... ailmé bem longe existe,
No silencio eterno, d'um viver jocundo,
Onde o morto vive e reina á harmonia...
Onde o espirito vê o que cá não via,
Da Paz o goso ou do perfume a essencia
Que cá não gosarias em toda existencia!
Deixae deixae criança felizarda,
O mundo das torturas... buscar outra morada.
Onde o espirito vê o que cá não sonha...
A morte não existe e a vida é mais risonha.
A tua mãe será consolada um dia,
Como outrora consolada foi Maria...
A virgem Santa — a mãe do Redemptor!
E levada pelo impulso do eterno amor,
Ella irá visitar-te em dias de finado,
Em doce recordação d'um sonho consumado
E no momento mais restricto de sua vida,
Ella, hade, bemdizer a tua ida,
Deixae deixae criança felizarda,
O mundo das torturas; buscae outra morada,
Onde o espirito vê, o que cá não sonha
A morte não existe e a vida é mais risonha!
S. Paulo, 17-12-1915. B. O. Paula.

No dia 14 de dezembro falleceu a senhora Edwirge da Silva, mãe da senhorita Olga da Silva, gentil leitora d'«O Menelick».

Os nossos pesames.

Concurso de Belleza

Abrimos com o presente numero um concurso de belleza feminina, cujo concurso será em duas tiragens distribuidas nas seguintes fórmãs: na primeira tiragem, a partir da proxima vindora, daremos uma demonstração geral de todas aquellas que mereceram votos e, na segunda, o resultado final do concurso.

Aquella que bater o «record» ornamentará com seu retrato a primeira pagina do nosso jornal, caso consinta que nós assim procedemos.

N. B.— O concurso é, bem entendido, entre a «classe» e os votos devem ser dados pelos nomes que fortem assignantes, enchendo para esse fim o coupon seguinte:

CARO LEITOR

Qual é a moça mais bella no seu parecer?

É

Rua

Assignante

Miss Progresso

Precisamos cuidar das moças de côr. - flores que estiolam sob o peso do trivial nas estufas senhorias, diz-nos a senhorinha Malvina Alves

A senhorinha Beatriz X. de Carvalho requer á mulher preta, uma oportunidade para "por à prova a sua indiscutida capacidade de intelligencia"



Beatriz X. de Carvalho

que com a preciosa votação alcançou o título de vice "Miss Progresso"

O resultado do nosso "Concurso de Belleza", talvez surpreenda nossos leitores, como nos surpreendeu também. Sabíamos da cabala dos grupos que se formaram, mas não confiávamos com a sua actuação a ultima hora.

Quando procediamos, perante os interessados, a apuração final, chegamos uma avalanche de votos que mudou por completo a votação comhelda, ficando então, assim disposta:

Malvina Alves	364
Beatriz X. de Carvalho	184
Levica da Silva	175
Evangelina X. de Carvalho	174

Iracema Santos	170
Clarizia Soares Braga	160
Nair Vieira	125
Alice Silva	125
Ruth C. Wanderley	120
Ritinha Baptista	116
Nene Bordine	104
Rosalina Aquino	104

Depois de assignada a acta do concurso, transportámo-nos, para a residência da senhorinha Malvina Alves, na Avenida Angelina, para lhe dar a grata nova.

— Não é com orgullo, — diz nos a senhorinha Malvina, — que recebo o título de *Miss Progresso*, mas com satisfação; porque sei cheio de responsabilidades.

Toda a mulher gosta de sacrificios, e a faixa symbolica é uma cruz.

Sou grata aos srts. em marcar me assim, para que vejam em mim, especialmente as minhas colleguinhas, não um tipo de belleza, mas a imagem apagada, que encarna todas as virtudes da atregada Raça Negra, a que pertenceo prazeirosamente!

E os lindos olhos de *Miss Progresso*, como dois esnes pretinhos, nadavam em lagrimas.

— Chora, porque?!

— Não pela honra de que me investiram e nem por mim, — como disse o Divino Mestre — mas pela minha gente, e em particular pela

mulher preta, que deve ser tratada com melhor carinho.

Ella merece.

Se veneramos hoje a *Mulher Preta*, pelas noites indormidas que passou com as flores do Brasil inatante, é ve muita justiça que cuidemos de suas legitimas filhas — flores que estiolam sob o peso do trivial nas estufas senhorias...

Deixamos *Miss Progresso*, Moça culta, intelligente sua conversa sadia prende sempre quem della se aproxima...

— D, Beatriz, o segundo lugar — dissemos logo ao entrar — é...

— da Clarizia ou da Malvina, atalhou-nos sorridente.

— Não, E' seu.

Um riso argentino que fazia inveja



Evangelina X. de Carvalho
que obteve o 4.º lugar

CAPITULO 2

IMPrensa NEGRA: EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Ha dias chegou um individuo ao pé do outro a quem não conhecia e pediu-lhe com muita insistencia que lesse uma carta. O sujeito abriu muito apressado a carta e fixou nella os olhos attentos, fingindo que lia. Passados alguns momentos, começou a mostrar-se afflictissimo, olhando para o suplicante:

- Chore, senhor! Chore!

- Por que hei de chorar? – perguntou-lhe este já com as lagrimas nos olhos.

- Chore, senhor! Chore...

- Mas por que hei de chorar, diga?

Chore, senhor, a sua desgraça e a minha, porque nenhum de nós sabe ler. (Auriverde, 29 de abr. 1928, p. 2).

2.1 Imprensa negra e educação

A imprensa negra, embora criada e produzida para um público preferencialmente marcado, se propagou para leitores diversos e, no período posterior à abolição, se destacou tanto no sentido de combater o preconceito racial em suas múltiplas manifestações quanto para tentar afirmar socialmente os negros, seja pela instrução, seja pela luta contra o que, para alguns, era tido como apatia. Neste sentido, os periódicos da imprensa negra foram um caminho para a maior integração deste grupo na sociedade republicana das primeiras décadas do século XX.

O conceito de educação vinculado nessa imprensa é compreendido nesse trabalho para além da escolarização ou de uma prática formal de construção do conhecimento. Sendo assim, a educação é compreendida no seu sentido mais amplo que envolvia a formação do caráter, a formação intelectual, a formação cultural e principalmente a formação de um espírito de solidariedade entre os negros:

Ora vista como estratégia capaz de agrupar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora como veículo de ascensão social e por conseguinte de integração; ora como instrumento de conscientização por meio do qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito a diferença e respeito humano. (GONÇALVES apud GONÇALVES & SILVA, 2000, p. 139).

Em muitos dos periódicos trabalhados, a educação é apresentada como o caminho para o negro ascender socialmente. Assim, várias recomendações são feitas às famílias para que eduquem os seus filhos. Comumente eram invocados os exemplos de Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza, dentre outros, como símbolo.

Educação

Educação corresponde a um conjunto de princípios de ordem social em que impera a delicadeza, a gentileza e a civilidade.

Educação é pois, o conhecimento e prática dos usos da boa sociedade. Posto isso julgamos que o maior trabalho a fazer-se é inspirar as mães uma educação muito particular aos filhos.

Que ellas lhe inculquem desde a tenra idade o respeito aos superiores, a cortesia aos iguaes e a civilidade aos inferiores. (COSTA, O Clarim da Alvorada, 1928, p. 4).

Observa-se nesta citação que Alcides Costa defendeu um conceito de educação que possivelmente refletia os seus anseios e de uma parcela da população negra naquele momento. Um conceito de educação vinculado a uma concepção de civilidade e moralidade que pretendiam incentivar.

A concepção de educação defendida por este autor se aproximou muito do modelo defendido pelos intelectuais brasileiros no início do século XX, para os quais a escola foi pensada, “como um importante meio de difusão de um modo de vida considerado civilizado”. (ROCHA, 2000, p. 56)

Nesta direção, segundo Alcides Costa, a infância seria o momento ideal para tal educação:

Esta mais que provada a theoria de que é a infância a época em que se formam os caracteres. É na infância que se estabelecem as directrices condutoras da vida futura os caminhos rectos ou verêdas menos dignas!

Assim saibam as mães dirigir seus filhos, ensinem-lhes o caminho do bem e da justiça; dêm-lhes exemplos salutaes e, estamos certos amanha tereis ó homens de côr, a nova geração de que necessitae! (COSTA, O Clarim da Alvorada, 1928, p.4).

Nesse sentido, ele indica que um dos caminhos para esta educação seriam os exemplos de vida. Para tanto recomenda aos leitores que, “é preciso não esquecermos de que o exemplo é a melhor arma de ensino aos pequenos.” E alerta que “o exemplo dos Paes é a maior força que affecta o espirito da criança. Seja um pae bêbado, tenha uma mãe uma vida suja e, vede que são os filhos!” (COSTA, O Clarim da Alvorada, jun. 1928, p.4)

Alcides Costa lembra aos leitores desta folha que a educação ocorre em espaços diversos e que o seu aprendizado esta relacionado ao *meio* em que ocorreu. Assim ele informa e esclarece quais são as escolas e a educação que oferecem:

Escola de Educação. Quando falamos em escola não tivemos intenção de designar um lugar onde se ensina a lêr, escrever, contar, etc.

Referíamos a grande Escola da Vida essa que se encontra na Rua, - a escola da Rua, na Sociedade, - Escola Social, no Crime, - Escola do Crime - do Vicio da Depravação, etc. (COSTA, O Clarim da Alvorada, maio de 1928, p. 4).

Segundo ele, de todas essas escolas, a pior é a da rua, pois é a porta de entrada para as demais.

Alcides Costa inaugurou neste jornal a coluna “Educação” em maio de 1928 e pretendia que ela fosse publicada regularmente nos demais números. No entanto, foi publicada em apenas duas edições. Não foi possível identificar a causa para não continuidade da publicação desta coluna visto que este jornal, assim como outros, incentivava veemente a educação dos negros.

A preocupação com a educação era constante nesses jornais e o combate ao analfabetismo muitas vezes foi encarado como uma missão:

Aos leitores

[...] o combate ao analfabetismo, essa praga que nos fazem mais escravos do que quando o Brazil era uma feitoria; [...]. Vamos, meus amigos um pouco de boa vontade, porque combater o analfabetismo é dever de honra de todo brasileiro.

Nós, homens de côm, conscientes dos nossos deveres, para com a nossa muito amada patria, desejamos que os homens, mulheres e crianças da nossa raça aprendam a ler para obterem um lugar digno no seio da sociedade brasileira. (O Alfinete, 9 de mar. de 1919, p. 1).

Segundo Carvalho (2003), neste período, o analfabetismo era encarado como freio do progresso. O novo cidadão não é mais invocado para officiar no *augusto templo da ciência*. Basta-lhe agora o manejo cívico do alfabeto. Advertindo que este manejo deveria funcionar como dispositivo de manutenção da ordem, sem que lhe fosse necessário o emprego da força.

Comparando essa proposição com aquela defendida por alguns grupos de negros naquele momento observa-se que, enquanto uma convergia para manutenção da ordem a outra buscava o seu rompimento. De outra maneira, é possível afirmar que dentro de um mesmo momento histórico, os sujeitos movimentam-se em diferentes direções.

No início do século XX, São Paulo abrigava diversos clubes criados por negros onde eram realizadas atividades variadas. Com a criação desses jornais, as atividades desenvolvidas por esses clubes passam a ser divulgadas a um número maior de pessoas o que, conseqüentemente contribuiu para o aumento do número de sócios nessas entidades.

Em uma matéria do jornal “A Liberdade”, observam-se algumas recomendações feitas por um grupo de sócias quanto a certos hábitos de lazer considerados inadequados para as moças: “As sociedades recreativas, que queiram a sua boa ordem e respeito na suas sociedades durante os ensaios, não devem aceitar como sócias e convidadas as senhoras que tem dançado maxixe ao Colombo”. (A Liberdade, 14 Jul. 1919, p. 2).

A princípio esta recomendação soa um tanto estranha por associar um gênero de dança à boa ordem, impressão esta desfeita após analisar o maxixe¹⁴, considerado escandaloso e polêmico pela extrema sensualidade de sua dança e pelo uso freqüente da gíria carioca quando cantado.

Possivelmente essas pessoas que escreveram a matéria estavam preocupadas com a imagem do clube do qual faziam parte e com a sua própria ou talvez até apreciassem o gênero, mas por ser considerado pernicioso pela sociedade branca optaram por rejeitá-lo.

Na edição nº 8 do jornal “O Alfinete”, de 1919, em uma matéria intitulada *Echos do Carnaval*, o autor faz uma crítica às moças que estavam fantasiadas de mulheres de apaches e explica que o apache¹⁵ é vagabundo, ladrão e vive em tabernas, fato que as moças desconheciam.

Importa aqui identificar e compreender as formas de compartilhamento dos valores proclamados nos diversos grupos sociais, os espaços criados para interação entre esses grupos e a mudança de alguns conceitos estabelecidos como certos. Em outras palavras, desvelar os conteúdos dos diversos discursos presentes em alguns jornais da imprensa negra, os seus possíveis significados para o leitor e sua contribuição para a formação de uma identidade de luta:

Carta sem cor

Hontem eramos escravos hoje somos livres, e tudo isso com os golpes das grandes luctas.

Precisamos luctar e não recuar, porque a lucta é o homem, é a existencia, é a própria vida.

Enquanto ha movimento quer dizer que existe vida; só não lucta o organismo que não vive – luctar é viver pois.

Devemos nos preocupar menos com o passado da raça, tratando agora de educal-a, preparando-a para as formidaveis luctas de amanhã.

O passado foi horrivel e o presente pessimo; que devemos esperar do futuro?

Tudo, se tivermos o *livro por escopo*; nada se continuarmos o culto das tabernas! (FLORENCIO, O Alfinete, 11 Nov. 1921, p.3, grifos nosso).

¹⁴ Em 1875 nasce o maxixe, ele surge da mistura do lundu com o tango argentino, a habanera cubana e a polca.

¹⁵ Segundo Perrot, apache era uma denominação dada na França no século XX, ao jovem de dezoito a vinte e cinco anos, que vive em grupo e na cidade e que gosta de dança e de mulheres.

A valorização da educação, nesse caso, se materializou no sentimento de luta herdado do passado escravocrata e a continuidade dessa luta, pelas novas gerações, passa pela educação.

Entende-se que havia uma preocupação premente dos editores e grupos que dirigiam esses periódicos no sentido de influenciar os leitores para a adoção de condutas e valores socialmente aceitos. Pretendiam, entre outras coisas, promover um *despertar* para as questões que afligiam a população negra e para a afirmação da sua identidade social. Assim, “certamente os jornais negros se constituíram num importante veículo, por meio dos quais as lideranças negras iniciaram um trabalho de conscientização e mobilização do negro, de valorização de sua identidade e de luta pela sua plena inserção na sociedade”. (PINTO, 1993, p. 66)

Os jornais da imprensa negra surgem das necessidades de dar visibilidade às diversas ações da população negra, sejam elas culturais, esportivas ou educacionais o que, via de regra, não acontecia na chamada grande imprensa, combater o preconceito e contribuir para sua inserção na sociedade.

Em diferentes jornais dessa imprensa, são notórias as críticas feitas ao poder público no trato da educação e principalmente pela falta de apoio às escolas criadas por entidades negras:

Muita gente se admira e se pasma quando se lhes afirma a existência considerável de analfabetos que engrossam a família etiópica do Brasil. Mas, embora essa admiração seja natural, nós não nos pasmamos muito porque sabemos que neste mesmo Brasil imenso, segundo estatísticas oficiais precisa e vergonhosamente, 80% dos habitantes não conhecem as letras primárias.

[...].

Em S. Paulo, onde a porcentagem de analfabetos esta reduzida, existem milhares de crianças em idade escolar. Isto é, existem escolas, existem professores, mas não existem carteiras nem bancos. Poder-se-ia pedir aos alunos que assistissem as aulas de pé escrevinhando sobre os joelhos.

Não possuem boletins mensais. Nem verbas de expediente, com que os abnegados pedagogos possam comprar sabão de cachorro e creolina de segunda mão para limpeza do prédio. (AMARAL, A Voz da Raça, 23 de jun. 1934, p.1).

Raul Joviano do Amaral, neste artigo intitulado “Burrice” descreveu a situação de penúria das escolas públicas no Brasil e com espanto em São Paulo e a falta de apoio do governo em atender as escolas criadas por algumas associações negras. Além da precariedade das escolas mencionada pelo autor os negros no início do século XX em

São Paulo dificilmente conseguiam freqüentá-las ou devido às suas condições de vida e trabalho ou por conta do preconceito que sofriam. Diante desse quadro como solução alguns grupos de negros investiram na criação de escolas que atendessem a essa população. O funcionamento dessas escolas era precário e, em geral eram mantidas pelo próprio grupo através da arrecadação das mensalidades dos seus associados e, em alguns casos eram cobradas pequenas mensalidades dos alunos.

Em outro artigo, Olimpio Moreira da Silva expôs a situação de algumas crianças negras que freqüentavam o ensino público:

[...]. Ainda há grupos escolares que recebem negros porque é obrigatório, porém os professores menosprezam a dignidade da criança negra, deixando-as de lado para que não aprendam e os pais, pobres, e desacomodados pelo pouco desenvolvimento dos filhos resolvem tira-los e entregar-lhe os serviços peçados, ainda assim dificilmente encontrado.

[...]. Sei que a fiscalização é rigorosa, e é repartidas eqüitativamente, mas os esforços aplicados ao negro aluno, não é aquele que recebem as crianças brancas. (SILVA, A Voz da Raça, 1934, p. 2).

Ele encerra este artigo com uma interrogação escrita em destaque: “ E PORQUE SERA QUE O NEGRO NÃO PODE APARECER EM UMA REPRESENTAÇÃO ESCOLAR, QUANDO HA UM FESTIVAL?” (SILVA, A Voz da Raça, 1934, p. 2)

As críticas ao descaso do Estado com relação à educação dos negros confirmam a hipótese de que a descrença no ensino público oferecido pelo Estado e o preconceito existente nessas escolas funcionaram como mola propulsora no incentivo à criação de escolas no âmbito privado. Em outras palavras, “como se pode ver contrariamente ao que se supunha, a ação dos movimentos negros se constituía muito mais na autonomia do que na tutela. Pouco se esperava do Estado, porque se desconfiava dele.” (GONÇALVES & SILVA, 2000, p. 146)

Com o movimento de 1930, criou-se uma expectativa em grande parte da população brasileira com relação à melhoria das suas condições de vida. Este anseio foi particularmente vivenciado por uma parcela da população negra que depositou no novo governo esperanças de uma vida melhor:

Aí veio a Revolução de 1930. Getúlio Vargas no poder derruba o PRP. Os negros, quando viram o PRP cair, pensaram que era a hora do governo olhar para o negro. Mas ficaram na espreita, para ver o que ia sair dali, mas ainda tentando ser unidos e organizados. O negro não gostava do sistema anterior porque nunca o governo olhou as

necessidades do negro, então ele achou bom aquelas mudanças políticas porque tinha uma esperança no Getúlio. Talvez vai melhorar a situação, o negro vai ter possibilidade de conseguir um bom lugar para trabalhar; o negro vai poder estudar; e aquela coisa toda. Mas com o tempo o pessoal foi notando, uma grande parte dos negros pelo menos, que não era aquilo, que o Getúlio não era o Messias, o Salvador. [...].

O negro não teve participação naquela república, e então uma grande parte dos negros foram se desiludindo com o Getúlio. Tanto que quando houve a Revolução de 1932, um grande número de negros formou aquele batalhão de negros [...]. (apud MOTTA, p. 57)

Passado esse momento de expectativas que não se traduziram em melhorias para a situação dos negros, têm lugar um sentimento de frustração, abandono e indignação.

Outro aspecto a ser considerado era a postura discriminatória e excludente dos professores no relacionamento com os alunos negros:

O sentimentalismo envenenado das nossas escolas, com as suas referencias mais ou menos tolas ao *pretinho Benedito*, com os seus elogios de raposas ao heroísmo de Henrique Dias, tem dado ao negro a impressão de que os seus antepassados foram uns desgraçados e de que os jovens negros só por isso tem de ser sempre uns vencidos. [...] E os negros estudem também a fim de não serem insultados a cada momento. Instruidos e educados seremos respeitados; far-nos emos respeitar. (FELICIANO, *A Voz da Raça*, 1933, p.1, grifo do autor).

Essas denúncias feitas em relação às escolas oferecidas pelo Estado, explicam em parte esse movimento de incentivo à criação pelas entidades negras de escolas para atenderem a essa população. Sendo assim, questiona-se a teoria defendida por Clóvis Moura de que os negros não tinham uma dimensão do ensino público, por isso o defendiam na esfera particular. Na verdade ocorria que, em muitas escolas e nas demais repartições destinadas ao atendimento da população, sejam na esfera pública ou privada, os negros geralmente tinham o seu acesso dificultado ou muitas vezes abertamente negado. Isso acontecia inclusive em entidades mantidas pela igreja católica:

Muitos dos colégios católicos não aceitam como aluno um negro. Outros aceitam-no excepcionalmente. A maioria das nossas instituições de caridade busca milhares de desculpas para não auxiliarem o negro. Raros são os casos em que vemos abrirem-se as portas sem resistência para receberem a um deles. (O Clarim da Alvorada apud DOMINGUES, 2004, p. 151).

Muito embora José Bueno Feliciano na citação anterior, tenha feito uma crítica contundente a essas escolas, ele chama a responsabilidade para os negros reafirmando que só através da educação conseguirão romper com esta situação. Em outras palavras, diante de um estado de abandono a que estava submetida, a população negra no início do século XX principalmente no que se refere à educação, diversos grupos de negros investiram na tarefa de educar e escolarizar essa população.

Havia ainda uma outra interpretação de algumas pessoas que escreviam nesses jornais a respeito da não escolarização de muitos negros:

Escolas ha em todos os bairros noturnas, diurnas, gratuitas mantidas pelo nosso governo por associações diversas, alumnos ha de todas as nacionalidades, mas de côr, não sei qual a razão de se contar as dezenas.

Possuimos associações nossas que para facilitar crearam cursos elemetares para os filhos dos seus associados e de todos que desejassem receber os primeiros conhecimentos de instrução porem os seus esforços fracassaram ante o grande esmorecimento a falta de alumnos freqüentes. (O Clarim da Alvorada, 24 de out. 1926, p. 2).

Diferentemente dos outros artigos, nesse o autor descreve as muitas opções de os negros conseguirem estudar. Ele se mostra surpreso diante da não freqüência dos negros às escolas ao mesmo tempo em que fala do empenho dos alunos de outras nacionalidades em estudar. Para além da crítica ao que ele denominou de *grande esmorecimento*, a construção da sua argumentação seguiu um sentido contrário na valorização da educação. De outra maneira, ele procurou mostrar e inculcar nos leitores que a escolarização dos negros depende muito mais de um ato de determinação, do que propriamente à falta de opções.

Num artigo publicado no jornal “Auriverde” cujo título era, “Os Homens Pretos e a Evolução Social”, Horacio Cunha teceu algumas considerações a respeito do preconceito contra os negros. Nas suas argumentações indicou não existir esse preconceito no Brasil, afirmando que a preferência pelos brancos em determinadas situações fazia parte de um processo considerado normal de favorecimento entre as pessoas de um mesmo grupo. Com isso, justificou que caberia aos negros educarem os seus filhos possibilitando a eles romperem com essa situação:

Ha muitos pretos que afirmam a existencia de um pequeno preconceito em nossa terra!

Não é verdade, meus patricios de cor. Existem uns incurtos e invejosos que sempre procuram obstruir á ascensão de alguns dos nossos de cor, em beneficio dos seus candidatos. *Isso sempre acontece e tem de acontecer com todas as classes ou pessoas que procuram o bem estar para seus dias.*

Para combater esses obstaculos, nós os pretos, precisamos mandar educar nossos filhos, dando-lhes uma educação conforme a nossa força; assim elles estarão preparados para tomar parte em qualquer cargo que despenda de exame ou concurso.

Bem dissera o grande grammatico João Ribeiro: “Ensinae aos vossos filhos o que não pudestes aprender”. O Dr. Sylvio Romero no seu livro Moral e Civil diz: “Todos os homens que tem o seu preparo intellectual ou professional estão aptos para ganhar sua vida honestamente”.

[...]

E’ por isso meus irmãos, que eu digo não existir preconceito, só ha incurtos e invejosos. Tenho observado do meu canto que por todas as partes vejo irmãos de cor, prestando sua actividade professional e intellectual para a grandesa da nossa industria e progresso do nosso glorioso Estado de São Paulo.

Ha muitos annos tendo eu lido uma velha revista, que contava factos dos tempos da escravidão, deparei com essas estrophes cantadas n’um samba por um dos nossos paes velhos, d’aquelle tempo:

Hoje nós somos livres

Amanhã nossos filhos

Vão todos para estudar

Depois serão: Professor, Medico, Deputado e Senador

Vedes meus patricios?

O que cantou no samba á 40 annos passados agora vem realisando o ideal dos nossos antepassados! (CUNHA, Auriverde, 29 de abr. de 1928, p. 2, grifos nossos).

No decorrer do artigo ele reconhece o avanço feito pelos negros, mencionando o que já haviam feito para o *progresso* de São Paulo. Em seguida relembra um antigo samba visionário no qual o seu autor anunciava para o futuro uma situação melhor para os negros.

Nesse artigo, Horacio da Cunha construiu a sua argumentação aparentemente negando a existência do preconceito racial, ou ainda pretendeu mostrar a situação de concorrência enfrentada pelos negros para o ingresso no mercado de trabalho e ao mesmo atribuindo às desigualdades sociais entre brancos e negros um sentido de consequência a uma situação de falta de preparo desta parcela da população. De outra maneira, os negros precisariam dotar-se de meios para disputarem em melhores condições com os brancos espaços naquela sociedade.

2.2. Imprensa negra e cidadania

Difícil tarefa definir qual ou quais os sentidos de cidadania expressos nos jornais da imprensa negra. As representações a esse respeito apresentavam contornos distintos e sinalizavam para caminhos que iam além de uma definição formal de cidadania. Nessa perspectiva, cidadania compreendia o acesso a tudo aquilo que possibilitasse aos negros uma integração plena naquela sociedade acesso a educação, a um emprego diferente, a cultura, a vida política do país, etc.

Muitas vezes a luta por essa integração não aparecia de forma explícita, é preciso buscar nas minúcias significados para determinadas ações. Em outras palavras, algumas vezes, a idéia de integração se relacionava à estética, por exemplo, o alisamento de cabelos, que aparecia em forma de anúncios em alguns jornais, é representativo, pois o fato de se alisar o cabelo, ao contrário de ser uma negação aos valores negros e uma suposta assimilação aos valores brancos como afirmou em seu trabalho Garcia (1997), acaba por revelar um outro caminho na busca pela integração:

Uma invenção maravilhosa!...

“O CABELIZADOR”

ALISA O CABELLO O MAIS CRESPO SEM DOR

Uma causa que até agora parecia impossível e que constituía o sonho dourado de milhares e milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefutável.

Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo, por mais crespo que fosse, tornando-o comprido e sedoso?

Graças a maravilhosa invenção do nosso “CABELISADOR”, consegue-se, em conjuncto com duas “Pastas Mágicas”, alisar todo e qualquer cabelo, por muito crespo que seja.

Com o uso desse maravilhoso instrumento, os cabelos não só ficam infallivelmente lisos, mas também mais compridos.

Quem não prefere ter uma cabelleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabelos curtos e crespos? *Qual é a pessoa que não quer ser elegante e moderna?* (O Clarim da Alvorada, 1 de abr. 1929, p.4, grifos nosso).

Em suma, o exercício da cidadania poderia estar em coisas consideradas mínimas, como realizar as suas festas, mostrar os seus talentos literários, expressar as suas idéias através dos jornais, dentre outras.

Na luta pela cidadania, os jornais da imprensa negra expressavam-se de variadas formas. Uma delas consistia na publicação de artigos que reavivavam um passado de lutas:

O negro do Brasil não só devastou florestas; andou a cata do ouro e de outros mineraes, plantou os primeiros pés da rubeacea que nos deu toda a riqueza, tudo quanto temos; elle, além de ser um factor da formação da grandeza primitiva, é o brasileiro que se não cansa de lutar com devotado amor, em todas as actividades humanas é o hercules das forças que se enquadram a engrandecer os incontáveis factores da nossa nacionalidade porque, é um brasileiro lutador e forte. (AGUIAR, O Clarim, 3 de jun. 1928, p.1)

Reivindicavam um direito que justificava-se na contribuição dos seus antepassados, os escravos, que com a exploração compulsória da sua força de trabalho promoveram o enriquecimento e o desenvolvimento do país.

Sempre que possível os jornais da imprensa negra evocavam o passado histórico brasileiro, no qual a base de sustentação era o trabalho dos escravos negros. Enalteciam o trabalho dos negros no sentido de ter sido ele a pedra fundamental para o desenvolvimento do país. Sendo assim, reivindicavam da sociedade um reconhecimento do valor desse trabalho, o que muitas vezes deveria materializar-se nas novas gerações.

Segundo Chalhoub (1990), o fato de os negros terem sido vitimados pelos rigores da escravidão, não os transformou em passivos receptores dos valores senhoriais, nem tampouco em rebeldes valorosos e indomáveis.

Muitas vezes faziam um paralelo desse passado com o presente, procurando mostrar que os negros continuavam a contribuir com o seu trabalho para o *engrandecimento da nação*.

Num artigo, escrito por José Correia Leite no jornal “O Clarim¹⁶” denominado “Valor da Raça”, ele discorreu sobre essa contribuição:

Se analysarmos o valor de nossos antepassados, veremos, atravez da historia, a sublime coragem de uma raça que, embora escravizada, não se deixou dominar na lucta, em conquista de seus direitos. Resignados passavam por todos a serie de amarguras, esperando sempre succumbir sob o ferro do feitor austero.

Quantas gottas de lagrimas, custou a liberdade áquelles pobres martyres, que foram um dos primeiros obreiros do progresso e da ordem de nossa patria.

O bom nome da nossa classe, depende do nosso procedimento. É o nosso dever o de introduzir na evolução social o valor de nossa raça.

Devemos trabalhar muito, numa concórdia infindavel, para que possamos ver o fructo de nossos esforços, refulgir no progresso da nossa terra. (LEITE, O Clarim, 6 de abr. 1924, p. 1).

¹⁶ Posteriormente esse jornal passou a se chamar “O Clarim da Alvorada” conforme observado no capitulo 1 .

O que permeia esse artigo é a idéia da resistência do escravo que, mesmo diante da brutalidade a qual fora vitimado, não recuou na sua luta pela sobrevivência e liberdade. Ele usou o passado como exemplo para mostrar aos leitores que, assim como os seus antepassados lutaram pela liberdade, as novas gerações deveriam lutar pela sua integração na sociedade e conseqüentemente contribuir para o desenvolvimento do Brasil.

Algumas vezes, os artigos ganhavam contornos mais radicais. Os seus autores criticavam enfaticamente o passado escravocrata brasileiro apontando que a situação de desigualdade em que os negros se encontravam tinha a sua raiz naquele passado:

Somos viciados, somos incultos, somos atrasados e analphabetos?
A culpa não é nossa: interrogae os quatrocentos annos do nosso ferrenho captiveiro, interrogae o miseravel regimem de obscurantismo em que fomos creados, interrogae a lei do atavismo e da hereditariedade.
O nosso livro foi a chibata e a nossa escola foi a senzala! (O Kosmos, 16 de nov. 1924, p. 2).

A construção da sua argumentação opera num outro sentido diferente das anteriormente mencionadas. Aqui, o autor buscou na escravidão a justificativa para os problemas enfrentados pelos negros naquela sociedade do início do século XX. Assim, os negros precisariam se livrar do jugo desse passado e lutar para modificar a situação na qual se encontravam.

2.3 A imprensa negra, os discursos higienistas e a questão do trabalho

Cabe tão somente lembrar que o reduzido desenvolvimento mental da população submetida à escravidão provocará a segregação parcial desta após a abolição, retardando sua assimilação e entorpecendo o desenvolvimento econômico do país. Por toda a primeira metade do século XX, a grande massa dos descendentes da antiga população escrava continuará vivendo dentro de seu limitado sistema de necessidades cabendo-lhe um papel puramente passivo nas transformações econômicas do país. (FURTADO, 1991, p. 141)

As considerações desse autor indicam que o longo período de escravidão ao qual foi submetida à população negra no Brasil deixou seqüelas que dificultaram a sua integração na sociedade pós-abolição. Nessas considerações, a culpabilidade pela situação de desigualdade e marginalidade acabou por ser transferida ao próprio negro.

A visão desse autor pode ser relacionada ao início do século XX, marcado pelas idéias eugênicas e medidas higienistas defendidas por uma parcela da elite brasileira e compartilhada muitas vezes pelo próprio Estado como solução para os problemas de desenvolvimento e saneamento do país.

Segundo Lima e Hochman (1996), na concepção de alguns intelectuais, a base racial brasileira representava obstáculos insuperáveis para o desenvolvimento do país. Nesse contexto, a imigração fora apresentada como solução a este problema. Promover a entrada massiva de imigrantes brancos europeus, num processo que ficou conhecido na nossa história como branqueamento da população brasileira.

Substituir a população negra por uma população branca através do caldeamento das raças, era esse o objetivo a ser atingido após algumas gerações.

Alguns jornais da imprensa negra abordaram essas questões de variadas maneiras, muitas vezes contrapondo-se a essas teorias outras vezes compartilhando de alguns de seus preceitos. Um dos exemplos foi um artigo publicado no jornal “Auriverde” no qual o seu autor contestou a teoria do caldeamento das três raças:

Não obstante, em Estados como o Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e S. Paulo a maioria das populações decendem do elemento immigratorio em grande parte germanico, slavo e italiano os Sr. positivistas insistem em querer affirmar que o brasileiro é o producto do caldeamento de trez raças.

Essa heresia ethnografica que visa crear um novo “jus sanguini”, por todos os motivos inconvenientes, só se podia comprehender a um século passado: quando o Brasil era apenas, povoado por indios, portuguezes e pretos.

[...]

É porque entendem os positivistas, que só hão de ser brasileiros, os que tem esses trez sangues?...

Alem do que o cruzamento na espécie humana não está sujeito a regras prestabelecidas.

No Brazil tanto pode haver brasileiros que decendem somente de germanicos, de latinos, de árabes, de pretos, de índios, etc. Como pode haver os que decendem de duas, trez, quatro ou mais raças. O critério do eu brasileiro deve ser, sempre, o jus soli.

Não devemos investigar a ascendências se de preto, de índio, chinez ou islandez, mas o facto de ter nascido no Brazil.(Auriverde, 8 de abr. de 1928, p. 1, grifos do autor).

Dessa maneira, o autor conduziu a sua argumentação no sentido de mostrar que o Brasil era composto de vários povos, inclusive o negro, e da sua miscigenação. Segundo ele, essa teoria das três raças acabou por criar uma divisão entre brasileiros, classificados como legítimos e ilegítimos. Assim, a população negra estaria destinada a

fazer parte deste segundo grupo. Segundo ele, o critério de atribuição da nacionalidade brasileira deveria estar fundamentado somente no direito de solo.

Na Constituição de 1891 no seu artigo 69, foram adotados dois critérios na definição da nacionalidade brasileira, o “jus sanguini” expressão latina que significa direito de sangue e o “jus soli” expressão que significa direito de solo. No parágrafo 1º indicava que são brasileiros, os nascidos no Brasil, ainda que de pai estrangeiro. Nesse caso foi utilizado o critério “jus soli” uma vez que atribuiu a nacionalidade brasileira aos nascidos no Brasil; No parágrafo 2º reconhecia como brasileiros, os filhos de pai brasileiro e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro. Nesse caso foi utilizado o critério “jus sanguini” assim, atribuiu nacionalidade brasileira aos filhos de pais brasileiros nascidos em outros países.

Alguns jornais da imprensa negra se esforçaram para desconstruir a idéia de hierarquização das raças, defendida amplamente por intelectuais da época e compartilhada pela sociedade republicana. Lutaram contra a marginalização dos negros e tudo aquilo que os impedia de participarem da sociedade.

No jornal “Progresso”, na sua edição número 6, foi publicado uma matéria na qual se questionaram os critérios de participação das crianças em um concurso de *Eugênia Infantil*, a princípio foi apresentada uma fotografia onde apareciam quatro crianças negras naturais dos Estados Unidos e em seguida foi escrito o seguinte texto:

Quatro interessantes bebês vencedores de um concurso realizado recentemente nos Estados Unidos, no qual, pela primeira vez, foram premiadas crianças pretas.
Com vista aos organizadores do Concurso de Rubustes Infantil, dessa capital, cuja clausula principal era a exclusão de negrinhos, clausula essa, que para o decoro do Serviço Sanitário se S. Paulo, não se vê no “O Brasil de Amanhã”, seu órgão official. (Progresso, 15 de nov. 1928, p. 1)

Os redatores desse jornal não eram contrários à realização desse concurso, estavam justamente reivindicando a presença de crianças negras nesse certame. Nesse sentido, utilizaram-se do exemplo americano para fazer ver que as crianças negras apresentavam qualidades suficientes para concorrerem com as crianças brancas. Junto com o “Centro Cívico Palmares”, empreenderam uma campanha contra essa proibição, chegando inclusive a recorrer junto ao presidente do Estado Júlio Prestes, pedindo-lhe a sua intervenção a favor da participação das crianças negras. Segundo esse jornal, na sua edição de 24 de fevereiro de 1929, Júlio Prestes ordenou mudanças nos critério de

participação das crianças, algo que acabou acontecendo no terceiro Concurso de Robustez Infantil, onde foi permitido concorrer todas as crianças de São Paulo na idade de 1 a 3 anos. Essa atitude foi parabenizada por este jornal, recebendo destaque nas edições seguintes.

Outra situação denunciada por este jornal, foi o caso do médico negro Enoch Carteadado. Este médico baiano, juntamente com um grupo de médicos de outras regiões do país, estava em viagem a Paris, numa missão de estudos. Ocorreu que um grupo de médicos de São Paulo não concordavam publicamente com a presença do médico negro nesta caravana. Esse fato ganhou repercussão nessa folha sendo noticiado em algumas de suas edições, como segue:

A Caravana dos médicos que, a 24 de outubro ultimo partiu para a Europa em visita á França e com o fim especial de assistir durante 45 dias no curso de varias cadeiras da Faculdade de Medicina de Paris, está sofrendo uma crise provocada de modo injustificado, pelos médicos de S. Paulo que, ao contrario dos seus collegas dos demais Estados que a constitue, se insurgiram contra a presença do medico bahiano, Enoch Carteadado, pelo fato de ser este preto. (Progresso, 16 de dez. 1928, p. 1).

O médico Enoch Carteadado, resignado com tal situação enviou dois telegramas: um ao professor responsável pela caravana informando o ocorrido e pedindo-lhe providências e outro a “Exprinter”, a agência organizadora da viagem, requerendo uma solução, uma vez que havia contribuído anualmente para está viagem. O professor Fernando Magalhães imediatamente enviou um telegrama ao embaixador Souza Dantas em Paris, pedindo-lhe proteção ao médico Enoch e um outro endereçado ao grupo de médicos da caravana no qual dizia: “Ma impressão aqui, questão Carteadado, Julgo indispensável solução pacifica, pois Carteadado tem direito iguaes – (a) Fernando Magalhães”. (Progresso, 16 de dez. 1928, p. 1).

Após descrever esta situação e criticá-la arduamente, o autor da matéria evocou algumas personalidades negras de reconhecidos trabalhos prestados à ciência:

O que deve constanger a opinião de todos os médicos da caravana, é a presença não do dr. Enoch Carteadado, mas a de seus collegas paulistas que o repellem e sobretudo daquelle que concebeu, de *alma tão negra* e tão boçal de espírito, aquela perseguição degradante em que colloca os seus promotores tão mal no paiz como no estrangeiro, sobretudo na França, a cujo corpo medico pertence Rezy Roussel, o sábio negro especialista de moléstias nervosas e que dá em Londres, simples conselhos médicos por preços cinco vezes superior aos dos

nossos melhores especialistas, para não citarmos ainda, noutros domínios, em que a intelligencia resplandece, o nome de Renne Maran, um dos mais recentes detentores do premio “Concourts”. (Progresso, 16 de dez. 1928, p. 1, grifos nosso).

Ao mencionar esses nomes e aquilo que haviam realizado, possivelmente o autor procurou mostrar aos leitores a capacidade de contribuição dos negros em outras atividades que geralmente eram destinadas aos brancos; o reconhecimento dos negros não só fundamentado no seu passado histórico, ou ainda nas atividades normalmente reservadas e praticadas por eles, mas também na sua participação em outros setores, inclusive na medicina.

Após a abolição da escravidão e mesmo antes, criou-se entre os empresários uma preferência pela mão de obra imigrante vista como mais laboriosa e preparada. O ingresso dos negros no mercado de trabalho ocorreu lentamente, as dificuldades encontradas estavam relacionadas a fatores como - a imigração européia, a preferência pelo trabalhador nacional branco e mais especificamente ao preconceito:

Por outro lado, a abolição e a Republica nada representaram em termos de cidadania, melhoria das condições de vida e participação política para as classes populares, especialmente para os negros que ainda tiveram que concorrer com os imigrantes cuja mão-de-obra era sempre preferida. A abolição formal da escravidão não foi acompanhada por nenhum tipo de mudança nas representações dos grupos dominantes sobre a população negra, que continuava a ser vítima de preconceitos e encarada como perigosa. (SALVADORI, 1990, p. 30).

A lei sancionada em 13 de maio de 1888 não garantiu aos negros os direitos mínimos necessários à consolidação da sua cidadania, nem tampouco eliminou o preconceito presente em grande parte da sociedade brasileira.

Com a promulgação da constituição de 1891 ocorreu uma ampliação do direito à nacionalidade. Entretanto, o direito à cidadania permaneceu restrito a uma pequena parcela da população brasileira, pois continuou a restringir a participação da maior parte da população na vida política do país.

José Murilo de Carvalho observou que:

A exclusão dos analfabetos pela Constituição republicana era particularmente discriminatória, pois ao mesmo tempo se retirava a obrigação do governo de fornecer instrução primária, que constava do texto imperial. Exigia-se para a cidadania política uma qualidade que

só o direito social da educação poderia fornecer e, simultaneamente, desconhecia-se este direito. (CARVALHO, 1987, p. 45).

Na verdade, nessa constituição ignorava-se esse direito, a educação foi apresentada de maneira superficial não havia o reconhecimento da obrigatoriedade do Estado em fornecê-la. Uma constituição mais preocupada em garantir e justificar o direito de propriedade do que propriamente assegurar os direitos sociais básicos de todo cidadão.

Em 1932, um ano antes de iniciarem-se os trabalhos da Assembléia Constituinte para elaboração da Constituição de 1934, foi publicada a seguinte matéria no jornal “Progresso” em alusão a Carta Constitucional de 1891:

A CONSTITUIÇÃO

De 24 de fevereiro de 1891, jamais comportou o índice social brasileiro, para que suas formulas surtisses a ordem politico social capaz de nos felicitar como povo e nação.

Catholicos, positivistas, evolucionistas, de varios matizes, metaphysicos da jurisprudencia, “e tutti quanti”, reunidos assim em assembléa heterogenea, sem um plano preconcebido de exame do homem, do meio e das actividades sociaes aqui desenvolvidas, encararam cada qual a seu modo, a “realidade brasileira” e por entre bruhaha, a barafunda e os golpes de audacia, espertezas e surpresas communs nas assembléas politicas, sancionaram a trouxe-mole, a Constituição politica do Brazil.

Si o povo, na phrase de Aristides Lobo, encontrou-se bestificado na hora da proclamação da Republica, esse animalesco estupor da manhã historica, vem acompanhando o povo brasileiro, durante 40 annos de decepções, as mais crueis, originadas do conclave amorpho, de letrados peregrinos, de lúcida intelligencia, [...]

Essa constituição de 24 de fevereiro, não podia além de tudo adaptar-se ao ambiente brasileiro, porque enquanto “na América do Norte se aprendeu a trabalhar e a governar, no Brazil se aprendeu a rezar e a obedecer”. (Progresso, 30 de abr. 1932, p. 1, grifos do autor).

Esse modelo inspirado na constituição norte-americana não levou em consideração as especificidades da população brasileira, principalmente da população negra que continuava à margem dos direitos mais elementares de um cidadão, como emprego, educação e saúde.

No que diz respeito à educação a Constituição de 1934, a colocou como um direito de todos promovendo a ampliação do seu acesso. Entretanto, não ofereceu garantias de permanência às camadas populares.

Alguns autores apresentaram algumas justificativas para as dificuldades encontradas pelos negros na sociedade pós-abolição. Segundo Furtado (1991), os negros não estavam aparelhados para o ingresso na sociedade como trabalhadores livres. Quase não possuindo hábitos de vida familiar, a idéia de acumulação de riqueza era praticamente nula. Ou seja, as dificuldades de ingressar no mercado de trabalho estavam no próprio negro que segundo ele, não assimilou esse novo sistema.

Nessa linha, Bastide e Fernandes indicaram que tais dificuldades poderiam ser explicadas,

[...] em poucas palavras, que os males enfrentados pelo elemento negro nas cidades resultavam, em grande parte, da herança por eles recebida do regime econômico anterior. A escravidão degradara a tal ponto o seu agente humano de trabalho, que tornara a sua recuperação econômica extremamente penosa, difícil e demorada. (BASTIDE, FERNANDES, 1971, p. 63)

Segundo esses autores, o problema da não assimilação dos negros estava diretamente relacionado aos efeitos da escravidão, logo o seu ingresso em alguma atividade assalariada estaria comprometido. “A desqualificação dos não brancos se faz por critérios de natureza moral e pela suposta incapacidade de produzir num sistema de livre iniciativa”. (SEYFERTH, 1996, p. 46)

É preciso considerar ainda que, possivelmente, uma parcela da população negra recém saída da escravidão tenha optado por um outro estilo de vida considerado mais autônomo, livre de patrões e da disciplina do trabalho, o viver sobre si.

Henrique Antunes Cunha militante negro que colaborou com alguns jornais da imprensa negra lembra em seu depoimento fornecido a Ubirajara Motta, dessas dificuldades enfrentadas por ele na sua juventude no início da década de 1920:

No largo São Bento havia uma agência de empregos, e estando desempregado fui lá para ver se arranjava um emprego para mim. Eu estava sentado lá no meio de todos os desempregados, quando apareceu um sujeito e disse pra o que estava ao meu lado: “Estou a procura de um, garçom que é pra mim levar lá para o hotel”. Então o camarada disse para ele: “Tem aquele rapazinho ali que entende bem do serviço de copa e cozinha, ele pode ser garçom”. O camarada olhou e disse: “É mas eu tenho ordem de não levar preto”. Então eu comecei a perceber que a coisa estava assim e ninguém fazia nada, ninguém se movimentava, ia chegar a um ponto quando o negro não teria nem mais lugar para trabalhar, e já havia o subemprego, que utilizava negros na light, nas olarias, na sacaria, empurrando carrinho

de armazém, etc, eram os serviços dos negros. (apud MOTTA, 1986, p. 48).

Essa situação descrita por Antunes Cunha foi apresentada e discutida em alguns jornais da imprensa negra. A intenção era a de denunciar a situação de desemprego entre os negros em São Paulo e apontavam como justificativa o preconceito.

No jornal “Progresso” em sua edição número 42 foi denunciada a seguinte situação:

“Entre e veja se ahi ha negros como voce...”

Foi com estas palavras que um operario, cujo crime fora ter nascido no Brasil, viu desmoronar o sonho que tivera de honestamente manter o seu lar.

Mas... vamos aos factos

Amsancio Silva, operario brasileiro nato, residente, em Santos, no morro do Pacheco, é chefe de numerosa familia e se acha sem trabalho. Disposto a tudo, para dar pão aos seus filhos, arriscou-se a ir falar com o capataz da firma Teodoro Wille e Cia. E pediu-lhe serviço. O capataz, apontando o lugar destinado aos trabalhadores, disse a Amancio:

- Entre e veja se ahi ha negros como você...

Depois disso, Amancio teve a necessaria explicação: *a firma Teodoro Wille não aceita empregados brasileiros.*

Resolveu-se, então, o operario, a ir procurar serviço no armazém 21, externo da Companhia Docas, onde se faz embarque de café por conta do governo. E teve nova desillusão. Ali também são preferidos os estrangeiros, pois estes, *costumam dar cento e cincoenta mil réis no ato da admissão.* Falando com o empreiteiro, um sr. Motta, Amâncio, lembrou-lhe que a *lei dos dois terços lhe garantia serviço.*

- Qual lei nem méis lei, respondeu, colérico, o empreiteiro. A lei aqui sou eu. (Progresso, 15 de nov. 1931, p. 2, grifos nosso).

Como foi dito anteriormente, havia preferência pelo trabalhador branco e imigrante principalmente no sistema fabril, isso não significa dizer que os negros não tiveram participação neste ramo de atividade naquele período, no entanto a sua presença foi pequena e muitas vezes restrita a atividades consideradas inferiores.

Ocorre também que nesse período, não havia ainda uma legislação trabalhista que minimamente regulasse as relações de contratação e de trabalho. Havia apenas decretos federais que estabeleciam algumas medidas, um deles mencionado pelo autor da citação, foi o Decreto Lei 19.482 de 12 de dezembro de 1930 a “Lei de Nacionalização do Trabalho”, mais conhecida como lei dos dois terços. Criada no governo provisório de Vargas como parte de uma política maior de nacionalização, estabelecia que 75% da mão-de-obra empregada na indústria e no comércio deveriam ser de trabalhadores

nacionais, o que na prática teve poucos efeitos devido principalmente à falta de fiscalização por parte do governo.

Diante desse quadro, é importante ressaltar que, muitas outras formas de trabalho, vistas com reservas por alguns setores da sociedade, foram criadas para contornar as dificuldades em se conseguir um emprego e principalmente como alternativas de sobrevivência, como por exemplo, as atividades de ambulantes, de autônomos em alguns ramos de trabalho, pequenos serviços temporários em troca de alimentos, dentre outras. A utilização dessas estratégias foram fundamentais para a sobrevivência de uma fração significativa da população negra em São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

Numa outra matéria publicada no jornal “A Gazeta”, e republicada pelo jornal “O Kosmos”, foi apresentada uma carta enviada à redação desse primeiro jornal, na qual o autor, um negro desempregado, narra as dificuldades encontradas por ele na cidade de São Paulo para conseguir um emprego:

As linhas pela “A Gazeta” foram provocadas por uma carta do nosso patricio sr. Bernardo Vianna, e que por ser preto não encontra emprego em parte alguma!

“Vae ás fabricas, mas não lhe dão serviço, muitas vezes nem lhe deixam falar com os gerentes. Procura annuncios nos jornaes, acorre preasuroso aonde precisam de empregados e embora chegue primeiro do que outro qualquer candidato, por ser de cor é posto a margem e recusado”.

[...]

Esse repudio que nos fala o sr. Vianna é um phenomeno social muito conhecido em S. Paulo, não só na capital como em quase todas as cidades do interior paulista, phenomeno esse que dia a dia cresce, augmenta constituindo já uma grave ameaça para nossa tranqüilidade e para estabilidade dos nossos direitos. (FLORENCIO, O Kosmos, 19 de out. 1924, p. 1, grifos do autor).

Bernardo Vianna há pouco chegara do Rio de Janeiro, provavelmente o objetivo da sua vinda a São Paulo tenha sido à busca de um emprego, de uma ocupação que lhe garantisse uma vida melhor.

Após descrever este triste quadro da situação dos negros na cidade de São Paulo, o autor da matéria provocou os leitores com algumas interrogações: “devemos ficar inertes e silenciosos deante dessa anormalidade?” (FLORENCIO, O Kosmos, 19 de out. 1924, p. 1.).

Ele continuou descrevendo e criticando a situação de *inércia* na qual os negros se encontravam. Segundo ele, os negros brasileiros conheciam mais a respeito do pugilismo e dos campeonatos de várzea, do que os seus próprios direitos.

Essa matéria teve continuidade em mais duas edições desse jornal, nas quais o autor continuou fazendo as denúncias e críticas e a todo o momento conclamando os negros de São Paulo a lutarem contra esse estado de coisas e principalmente pelos seus direitos. Chegando inclusive a questionar o preconceito de alguns estrangeiros no tratamento destinado aos negros.

Numa ocasião, o jornal “Fanfulla”, de propriedade de um grupo de italianos de São Paulo, publicou um artigo no qual foi discutido a presença de negros de diversas regiões do Brasil na cidade de São Paulo. No artigo questionavam-se os negros paulistas por aceitarem a concorrência com os negros vindos de outros estados.

Em resposta no jornal “Progresso” foi publicado um artigo intitulado “Ora, então, nos não estamos na nossa terra?” O autor, na sua crítica aos italianos, transcreveu um trecho desse artigo, que dizia: “Avete mai provato a contarei negri e mulati che incontre in um breve tratto di strada?” (Fanfulla apud Progresso, 31 de out. 1929, p. 2). Chamou esse jornal de fascista e em seguida em tom de revide, discorreu a respeito da participação dos negros na formação da Itália, alegando que:

Graças a Deus conhecemos um pouco de história. Sabemos a origem de Roma, e sabemos também que o moreno dos napolitanos, e dos sicilianos revela o sangue preto que foi enxertado na península pelos árabes, negamos essa pretendida pureza, que só subsiste alimentada pela falsa vaidade.

Demais, o xadrez de dialetos existentes na península é o traço dos elementos heterogêneos que se caldearam ali, gerando o italiano moderno. (Progresso, 31 de out. 1919, p. 2)

Ele encerrou o artigo lembrando que os negros foram os iniciadores da obra de construção do Brasil e que o colono europeu nada mais foi do que um substituto do negro, um continuador dessa obra.

É importante considerar, nesse contexto, o número elevado de imigrantes em São Paulo e a política imigrantista praticada pelo governo brasileiro. Desde 1840, ocorreram as primeiras tentativas¹⁷ de experiências com imigrantes europeus em São Paulo, mais especificamente nas fazendas do senador Nicolau Vergueiro. Com a lei nº. 601 de 18 de

¹⁷ Segundo Azevedo (2004), nesse momento a imigração estava reduzida à fundação de pequenas colônias pelo governo geral, contando em geral com suíços e alemães.

setembro de 1850 (Lei de Terras) foi estimulada a entrada desses imigrantes, uma vez que um dos seus artigos autorizava o uso dos cofres públicos pelo governo, afim de promover a vinda de imigrantes europeus ao Brasil.

Havia uma predileção pelos imigrantes europeus brancos e, de preferência, vindos de alguns países considerados mais industrializados. “Em suma, a característica que faltava para definir a nação. Sendo assim, os imigrantes tinham um papel adicional a exercer: contribuir para o branqueamento e, ao mesmo tempo, submergir na cultura brasileira através de um processo de assimilação”. (SEYFERTH, 1996, p. 49).

Nesse sentido, criaram a imagem do imigrante ideal a ser aceito no Brasil. Sendo assim, aqueles que não apresentassem as características do imigrante desejado deveriam ser impedidos de alguma maneira de entrarem no país.

Inúmeras foram as discussões na Câmara dos Deputados e no Senado a respeito desse assunto, inclusive com a apresentação de alguns projetos de lei que versavam sobre as barreiras a serem impostas aos imigrantes considerados indesejáveis. Nesse caso especificamente os asiáticos e os negros.

Em 1921, devido as inúmeras propagandas realizadas pelo governo brasileiro, um grupo de negros norte-americanos sensibilizados pelos atrativos oferecidos aos imigrantes no Brasil, organizaram-se em uma companhia de colonização e resolveram imigrar para o Estado do Mato Grosso com o qual anteriormente haviam entrado em negociação. Esse fato teve repercussão nacional e foi amplamente discutido pelos parlamentares brasileiros que imediatamente trataram de criar barreiras para impedir tal imigração.

Uma tentativa foi o projeto de lei apresentado pelo deputado federal mineiro Fidélis Reis em 1923. Nesse projeto, apresentado à Câmara dos Deputados constava restrições absolutas à entrada de imigrantes negros.

Segundo Ramos (1996), o temor era o de que os afro-americanos se destacassem da nacionalidade, ou seja, que a identidade negra escapasse ao fundo comum de uma nação concebida a partir do esquema classificatório do branqueamento, o qual pressupunha o domínio branco e a subordinação negra.

Esse episódio foi discutido em alguns jornais da imprensa negra. Um deles foi o jornal “Elite” que noticiou esse projeto da seguinte maneira:

E a Câmara alta que acaba de votar a lei que será o opprobrio inexoravelmente lançado em face de tantos brasileiros, continuará consciente de que cumprio o seu dever.

Todos nós estamos convencidos de que mais negros no Brasil, seria aumentar o infortunio da raça infeliz.

Mas, o que nos fere a alma, como ferro em brasa, é incontestavelmente, a forma por que certo parlamentar justificou o seu projecto, o que vae constar dos annaes do Congresso por toda um eternidade!

Sim, por toda uma eternidade vae ficar patente que, o sangue negro é uma corrupção, que o elemento negro é uma desordem na formação do caracter ethnologico nacional.

[...]

O Brasil atravessa o periodo mais amargo da sua existencia independente. Centupliquemos os nossos esforços, eduquemos os nossos filhos, sacrificemos tudo para elevel-os a altura de perfeito cidadão e dia virá em que, proclamarão bem alto, para todo universo, que *são brasileiros tão dignos como os demais o são* e o Brasil ainda mesclado de então, consciente da sua força, consciente no seu valor e orgulhoso de si, lançará fogo nos papelorios infamantes que um dia escarneceram da sua propria casa. (CAMARGO, Elite, 20 de jan. 1924, p. 1, grifos nosso).

O que gerou a revolta do autor e possivelmente de muitos negros, foi a forma como o deputado Fidelis Reis elaborou e defendeu o seu projeto na câmara, a maneira que descreveu o caráter dos negros e a sua suposta influência negativa para os brasileiros.

Ele reconheceu que a entrada de mais negros no Brasil seria um martírio para eles próprios, justificando que as condições sociais dessa população no país eram extremamente precárias. Sofriam com o preconceito e tinham poucas possibilidades de ascensão na sociedade.

No final do artigo, ele conclamou todos os negros a lutarem pelo direito de serem reconhecidos como brasileiros, enfim pelo direito a cidadania que, seria conquistado através da educação.

Algumas vezes esses jornais utilizavam-se de exemplos do trabalho imigrante para alertar os leitores. Como no caso deste artigo publicado no dia 24 de julho de 1926 no jornal “O Clarim da Alvorada”:

EVOLUÇÃO

[...]

Vejamos bondosos patricios, o bello exemplo que nos da uma numerosa colônia estrangeira, nesta capital que, com seu trabalho incessante e proveitoso conseguira já reunir a sua economia e é a que actualmente adquire por compra, casas e terrenos nesta capital e mesmo no interior.

[...].

Creio não serem estas minhas um motivo de queixas, não, apenas serão conselheiras aos que pensam, pois, será mais nobre podermos dizer:- sou independente, graças a Deus, a custa do meu suor, do que clamar injustamente:

O Brasil foi feito para os estrangeiros, nós, os brasileiros não temos sorte. (CUNHA, O Clarim da Alvorada, 24 de jul. 1926, p. 1).

Dentro desse contexto analisado, observa-se nesses jornais uma valorização de tudo aquilo que era considerado positivo para os negros em contraposição à depreciação daqueles comportamentos tidos como potencialmente perniciosos. Esses preceitos estavam inseridos num contexto nacional onde a idéia de construção do progresso passava também pela moralização do seu povo.

Vários estudos sobre a história e a história da educação no Brasil indicam que a questão moral nesse período era latente. Abandonada a idéia de que a simples alfabetização seria garantia de superação do atraso, passava-se a acreditar na educação, aliada à saúde, como garantia de construção da nação e sua orientação no sentido do progresso. Era esse o contexto no qual a população negra estava inserida e, voluntária ou involuntariamente, compartilhava desses códigos. Não é possível pensar os negros como estando aquém dessa realidade, porque excluídos, ou além dela, porque heróicos.

Eram comuns textos críticos a determinados comportamentos e atitudes, o que acontecia com maior freqüência em alguns jornais do que em outros. Numa edição do jornal “A Liberdade”, publicada em dezembro de 1919, foi denunciada uma situação na qual a queixa recaiu sobre um grupo de mulheres, moradoras de um cortiço e que cultivavam hábitos noturnos:

Na Rua Maria Paula, n. 8-A, existe um cortiço habitado por vagabundas, mulheres de côr, que dormem o dia inteiro para a noite estacionarem naquella via publica e na esquina da avenida Brigadeiro Luiz Antonio, com cigarros acesos para dizer gracejos e palavras obscenas em altas vozes, que os proprios moradores não podem dormir e transitar por ali, são obrigados a transitarem no passeio fronteiro, e para que a policia queira certificar o que ha de verdade podera mandar um agente de policia naquelle cortiço para ver o formigueiro e ainda mais as reuniões são sempre das 22 horas até as duas da madrugada. (A Liberdade, 14 de dez. 1919, p. 3).

Naquele momento, os cortiços não eram bem vistos por uma parcela da população, inclusive até por alguns dos próprios moradores. Havia um discurso recorrente que associava a esse tipo de moradia características extremamente negativas

– associavam-na a sujeira, prostituição, doenças, violência, criminalidade, indolência, etc. Assim, somente o fato de uma pessoa habitar um cortiço naquele momento já era motivo para ser vista com uma certa ressalva.

Outra situação condenada por esses jornais era a dependência ao álcool, considerado por muitos um dos piores males para homem. O indivíduo considerado alcoólatra era associado a inúmeros distúrbios, desde problemas de saúde física e mental até comportamentos de delinquência.

Segundo Luiz Barbosa, colaborador do jornal “Auriverde” o alcoolismo era um mal que assolava todos os países. E continuou afirmando que:

O individuo alcoolisado torna-se alegre e agressivo, capaz de praticar os maiores delictos, indo muitas vezes parar nos carceres da prisão, sem ter a minima consciencia do acto que praticou.

[...]

Poder-se-á por ventura, na epoca actual, crer n'um individuo: que se nos apresenta pela primeira vez e se diz possuidor de moral casta, caracter impolluto e ferrea força de vontade, pondo de lado a presunção? Somente os pobres encantos que desconhecem a classe dos “parasitas”, dos “scrocs”, dos “agiotas”, e principalmente dos “vigaristas”, poderiam fazel-o. É difficil ver-se um “parasita” que não beba um “scroc” que não tome o seu traguinho de “whiskey”, um “agiota” que se tenha esquecido da pinga antes de encetar os “trabalhos” e um “vigarista” que deixe de convidar a sua victima para tomar um “chop”.

O peor distribuidor d'essa maravilha que é o cerebro humano, é o alcool! Quem é seu adepto, é elemento desprezivel, vil incompativel com a sociedade.

Elle obstrue o cerebro, destróe a moral, a intelligencia e abre as portas a todas as horrendas molestias que infestam a Terra. (BARBOSA, Auriverde, 15 de abr. 1928, p. 1, grifos do autor).

Nas suas considerações, a pessoa que faz uso do álcool terá comprometidas a suas faculdades mentais e físicas e, haverá ainda uma transmissão hereditária desse vício. Entretanto, ele aponta como maior consequência do seu uso o comprometimento moral do indivíduo, ou seja, esse vício como uma característica típica da malandragem, das pessoas de má índole.

Pode-se entender que ao condenar o consumo do álcool, esse autor possivelmente pretendeu mostrar aos leitores desse jornal, um caminho oposto àquele criticado.

O período inicial do regime republicano também é marcado pela valorização do trabalho, a ociosidade representava um mal a ser combatido. “E, em uma sociedade

onde o trabalho passa a ser visto como um dever moral do individuo, o ócio se torna uma ameaça”. (SALVADORI, 1990, p. 38).

É importante observar que naquele momento havia uma distinção entre o ócio no meio popular, tido como vagabundagem e amplamente condenado e reprimido sendo considerado inclusive como caso de polícia, e o ócio das elites que não era condenado e visto como lazer. A definição do ócio estava relacionada às diferentes posições sociais e ao estatuto jurídico.

O trabalho passa a ser valorizado como um ingrediente fundamental para o desenvolvimento econômico e moral do país.

Nesse contexto, os negros, como foi dito anteriormente, devido às dificuldades em se conseguir um emprego, foram constantemente associados à vagabundagem. Um paradoxo, pois em geral grande parte daqueles que não tinham uma ocupação, era justamente por falta de oportunidades e não por vontade própria.

A valorização do trabalho foi retratada também nas páginas de alguns jornais da imprensa negra:

O TRABALHO

É a semente que germina, brota e fructifica em toda a terra. Forma as cidades, fertilisa os campos e crea as maravilhas que enaltecem o valor e reflectem o adiantamento das nações. Ninguém póde viver sem o trabalho, desde o isecto mais insignificante; dos animaes aos homens, todos tem as suas occupações, misteres estes impugnados pela natureza, desde a época mais remota até aos nossos últimos tempos.

[...]

Dizia notável escriptor patricio: “Envelhece-se mais pela inactividade do que pelo trabalho. O trabalho é a funcção mais nobre da vida. O trabalho é a lei da natureza. Quem não trabalha, não é digno de viver. Quem não trabalha, está fora da lei porque é inimigo da sociedade”. (BARBOSA, O Clarim da Alvorada, 20 de jun. 1926, p. 3).

Em outros momentos publicavam-se artigos condenando a ociosidade, descreviam os seus supostos prejuízos para o individuo e a sociedade. O indivíduo considerado preguiçoso era marginalizado e a ociosidade era descrita da seguinte maneira:

A Preguiça

Segundo uma antiga maxima em que esta contida uma verdade profunda, é a preguiça a mãe de todos os vicios.

Observamos num carcere escuro, onde passa os seus dias, cabisbaixo um infeliz sentenciado cumprindo á pena que a sociedade lhe impoz.

[...]

Habitado á preguiça desde a sua infancia, nunca achava um meio honesto de viver.

Impossível seria para elle trabalhar. Os homens que não trabalham fatalmente hão de errar.

[...]

Segundo a religião o espirito das trevas é amigo do ocioso sempre disposto ao mal, porque não trabalha. Sua alma é um campo onde livremente o mal age.

O homem que trabalha, é uma verdade corriqueira não tem tempo disponível para engendrar cousas que prejudiquem a outrem. [...].

Onde se encontram os preguiçosos?

Nos botequins, nas esquinas, pelas ruas, a esmo ou junto nas mesas de jogo, completamente esquecido de tudo, de si e da família [...].

(FREITAS, O Progresso, Jul. 1932, p.2).

A crítica à preguiça e a outros comportamentos considerados inadequados não deve ser entendida como sinônimo de uma visão negativa dos próprios periódicos em relação à população negra. Tampouco deve ser dela deduzida uma suposta vida desregrada por parte dos negros. Considerando que esta população estava inserida em uma sociedade preconceituosa que a todo o momento associava aos negros características negativas, é possível pensar que tais mensagens se constituíam, antes, numa forma de combate ao preconceito e de integração social, tomando para si condutas e comportamentos socialmente valorizados também por outros grupos sociais.

2.4 O lugar da mulher na imprensa negra

O objetivo proposto nessa análise não tem como intenção promover uma discussão de gênero na imprensa negra, mas sim tentar mostrar como as mulheres foram retratadas e de que maneira colaboraram com essa imprensa.

Nos primeiros jornais da imprensa negra as matérias relativas à mulher e ao feminino, no geral, enalteciam algumas qualidades associadas ao lar. No caso das que escreviam nos jornais, tratavam-se com freqüência de poemas, seção doméstica e das chamadas notícias sociais.

Regina Pahim Pinto, ao analisar os jornais da imprensa negra em São Paulo no período de 1907 a 1937, constatou que: “Uma outra característica desta imprensa é que ela foi eminentemente masculina. Do total de 244 colaboradores computados, apenas 15 eram mulheres”. (PINTO, 1993, p. 64)

De fato as mulheres pouco apareciam nas páginas desses jornais, fosse na situação de colaboradoras no envio de matérias para serem publicadas ou retratadas nas suas

páginas. No entanto, foi possível verificar que as mulheres colaboraram ativamente para a manutenção de alguns jornais. Como foi dito anteriormente, a situação econômica dos jornais era precária, uma forma de ajudá-los era a realização de determinados eventos, que muitas vezes eram organizados pelas mulheres.

Em abril de 1928 foi criada no jornal “O Clarim da Alvorada” uma coluna intitulada “Página Feminina”. Os artigos eram distribuídos de maneira a ocuparem quase uma página inteira deste jornal. Esta seção foi inaugurada com a publicação de alguns artigos assinados por mulheres, dentre os quais um intitulado “A Borboleta” assinado por Mairy que, descreveu a beleza de uma borboleta orgulhosa que trocou o aconchego de uma flor por um brilho sedutor que a queimou, pois se tratava do brilho do fogo. Em seguida a autora faz um paralelo entre a atitude da borboleta e a de um rapaz que trocou a sua namorada por outra e depois se arrependeu.

Duas edições após a inauguração desta seção, os editores deste jornal escreveram uma nota de esclarecimento a respeito do que pretendiam e esperavam:

Apresentamos hoje, com íntimo regalo, pela segunda vez, a nossa modesta secção literaria das nossas gentis leitoras. Esta pagina está destinada a todas as senhoras ou senhoritas, que queiram nella colaborar, porém *sugeitando as nossas exigências*, isto é, não queremos aqui banalidades inuteis e cousas infastiosas aos leitores inteligentes. Devido a grande falta de espaço, não podemos ventilar o nosso intento, que publicaremos vagarosamente e parcelladamente nesta columna. Podemos adiantar também, que estamos dispostos a dar um modesto premio, a qualquer senhora ou senhorita que nos enviar um trabalho mais ou menos solido, sobre a Mãe Preta, ou a questão da Mulher na política militante. (O Clarim da Alvorada, 1928, p.3, grifos nosso).

Os redatores ao mesmo tempo em que incentivavam a participação das leitoras nesse jornal, colocavam sérias restrições àquilo que deveriam escrever.

Foram poucas as edições deste jornal que publicaram essa coluna, sendo que somente em duas os artigos foram assinados por mulheres; nas demais que ainda contavam com esta seção, os artigos foram assinados por homens. Outro fato interessante é que neste jornal um dos seus redatores, Jayme de Aguiar¹⁸, às vezes assinava com o pseudônimo de Maria Rosa ou Ana Maria. Possivelmente este expediente tenha sido utilizado em outros jornais da imprensa negra.

¹⁸ Segundo Ferrara (1981), a fim de dar importância a esse jornal os redatores assinavam as matérias com pseudônimos; assim Jayme de Aguiar assinava com os seguintes: Maria Rosa, Moysés Cintra, Jim de Araguay, Praxedes, Ana Maria e Jim do Vale.

O conteúdo desta citação revela um pouco do contexto da época, em que as relações de gênero eram marcadas pelas desigualdades e o cerceamento das ações femininas. Contudo, mesmo diante dessas barreiras, muitas mulheres conseguiram escrever em alguns jornais da imprensa negra e esse fato, independente do teor daquilo que era publicado, revela uma ação de autonomia que, possivelmente contribuiu para a formação e valorização da sua identidade e pela luta por igualdade.

Em uma matéria intitulada “A mulher moderna e a sua educação”, do jornal “O Clarim”, a sua autora faz críticas à sociedade machista e patriarcal da época e reforça a idéia de que a educação seria o meio de se chegar à igualdade entre os sexos:

A vida activa dos nossos dias, mobilizando todos os seres capazes, não podia deixar de utilizar como elemento de primeira plana, a mulher valida, principalmente aquella que pela instrução, se tornou capaz para certos serviços como o homem.

Mau grado, porém, todos os ensinamentos da vida pratica, muitos paes existem ainda que não comprehendem as vantagens de uma educação moderna. (O Clarim, n. 4, Maio 1935, p. 5).

Em outra matéria publicada nesse mesmo jornal, com um tom mais contestatório e palavras engajadas, observa-se uma crítica à ação de algumas mulheres da elite branca:

Carta a Nice

As mulheres abastadas de nossa terra, essas que dizem de nobre estirpe e alta linhagem, mas que se esquecem na sua ignorancia, que a sua genealogia, se fôr aprofundanda, vae acusar no mais remoto dos seus descendentes, um degredado lusitano ou um velho negro da Africa e quando muito um produto do cruzamento racial, um mameluco, essas mulheres minha amiga é que pretendem fundar uma escola onde as famílias de São Paulo poderão encontrar para seu lar, auxiliares revestidas de idoneidade e competencia. [...].

O nome que deram a nova escola foi o de Luiz Gama. Nós bem sabemos Nice, quem foi Luiz Gama e o seu nome em tal escola é o oppobrio é a vergonha, é o ridiculo com que nos querem atingir (ARAUJO, O Clarim, n. 4, Maio 1935, p.6).

A ação que a autora critica é a atitude de algumas mulheres brancas da elite em criar uma escola para os negros. Nesse sentido, ela procurou mostrar às leitoras que, por trás da *capa da philantropia* estava escondida uma outra intenção que era a formação e exploração da mão-de-obra doméstica.

Ela termina sua carta esclarecendo que Nice são todas as leitoras: “Isso, somente isso, Nice, era o que eu tinha para lhe dizer hoje, que é o dia maximo de uma maxima

conquista, porque falando a você, eu tenho a certeza plena e a plena convicção de estar falando a todas as mulheres de nossa raça”.(ARAUJO, O Clarim, n. 4, Maio 1935, p.6)

Outro artigo bastante contestador foi o de Rachel Bensliman publicado no jornal “Brasil Novo” em julho de 1933:

Os direitos da mulher tem sido vasto campo de discussões entre homens e mulheres, tem sido objecto de mil troças, de mil caricaturas. [...]

Na Inglaterra levantou-se uma estatua a Pank, a maior defensora dos direitos femininos, abriram-se deante das mulheres todos os cargos publicos, todos os ramos de ensino. Desde que assim se proceder diminuir o numero de prostitutas, e não se verificou abaixamento da natalidade. É que a mulher é um ser fundamentalmente doce e profundamente honesto,, talhado não para viver no aviltamento a que o egoismo do homem até rir a luz do dia plenamente, humanamente.

[...]. No Brasil foi facultado o direito de votar as mulheres, é portanto necessario que a mulher brasileira saiba exercer esse direito plenamente conscientemente. É preciso que a mulher aprenda em cada dia que passa uma coisa nova, que se eduque, que se instrua, que se torne alguém. Aquellas que renegam a liberdade, que se deixam prender como escravas, que se resignam a ser toda a vida um objeto de luxo ou um instrumento de prazer, atraçoam uma causa sagrada atraçoando as que deram a sua vida e a sua intelligencia na defesa dos direitos della. Que as mulheres continuem trilhando o seu caminho. Sem uma hesitação e sem um desfallecimento. Assim farão o inferno das convenções que as fecham num circulo de ferro, assim se tornarão, não as creadas graves dos homens, mas as suas amigas, as suas companheiras. (BENSLIMAN, Brasil Novo, 17 de jul. 1933, p. 4).

É interessante notar como o seu discurso está relacionado à concepção política do jornal que era declaradamente um órgão socialista. Ela reivindicou um lugar naquela sociedade, para isso citou o modelo inglês.

A sua fala estava inserida num contexto, de reivindicações em prol da democratização do voto no Brasil e da sua extensão às mulheres. No final ela indica que o caminho para igualdade é se manterem firmes nesse propósito.

Na edição número 45 do jornal “Progresso”, Thomazia F. Teixeira escreveu um longo artigo discorrendo sobre o envolvimento das mulheres nas atividades sociais, de início rememora a participação feminina em tempos passados e da sua condição de submissão no lar, em seguida faz um paralelo com o momento presente descrevendo os avanços conquistados por elas:

A mulher na actividade social

Desde os tempos mais remotos, de que ha memoria, apparecem sempre como factor indispensavel nas sociedades parcellas de coisas e factos taes que vêm positivar o valor da personalidade feminina.

A mulher sempre se esboçou pelas suas maneiras delicadas e solicitas em todos os feitos sociaes. Mostram-nos os argumentos e provas que ella não foi creada unicamente para o recesso do lar. A sua missão vae além; tende a desdobrar-se em todos os ramos de actividade. Mister é que ella saiba comprehender e definir o seu thesouro interior.

Ao lado do homem – *cellula maxima da civilização* - deve ao desfructar as recompensas que lhe são conferidas, redobrar os seus esforços para a perfeição synthetica do meio social em prol dos seus direitos.

Antigamente, a sua vida se limitava restrictamente da sala para a cosinha. Nada mais.

Hoje graças ao desenvolvimento cyclopico dos povos, ella, sem abandonar o seu recateamento, sem se desviar doa misteres que lhe estão affectos nas lides domesticas, imprescindivel é o seu concurso intellectual e materia no seio da sociedade. Fazendo vibrar as suas forças latentes, doutrinará, estimulará as suas companheiras ora aprendendo ora ministrando ensinamentos puros. Por outro lado sem se agarrar ao sentimentalismo, desviando-se dos briaréos que lhe surgem, póde descortinar horizontes limpidos, marchando para perfeição da raça, numa senda luminosa, util a todos, e difundindo o espirito de união salutar e nobre conforme o seu grau de aperfeiçoamento intellectual.

O seculo é pleno de evoluções. A mulher deve despertar dessa *morbidez retrogada e evoluir* tambem . O saber é, ao mesmo tempo, refrigerio alma e luz da materia. E como conseguil-o? Pelo esforço, pela vontade!

E agora que se cogita de grandes surtos, em prol da raça, a mulher sublimando o amor, saberá cerrar fileiras, numa arrancada idealista, para a *aprimoração de tudo quanto for util á pátria, á sociedade e ao lar*. (TEIXEIRA, Progresso, 31 de jan. 1932, p 3, grifos nosso).

Segundo ela, o momento era propicio para o *despertar* das mulheres, um período de transformações que não poderiam ignorar. Contudo, observa-se que ao passo que ela defendia a luta das mulheres pelos seus direitos, atribuía ao homem um papel principal na sociedade e no lar, deveriam lutar para romperem com uma visão que as definiam apenas no espaço do lar, deveriam ultrapassar esse limite. Essas considerações se relacionam a um momento em que, por um lado havia o crescimento do movimento feminista no Brasil e por outro um período ainda marcado pelas concepções patriarcais inclusive compartilhadas por muitas mulheres. É importante lembrar também que as restrições aos direitos das mulheres, eram ainda maiores no caso das mulheres negras.

Numa outra direção, foram publicados textos que de alguma maneira satirizavam a situação da mulher na sociedade. Eram textos escritos por homens e que, acabavam por revelar de certa maneira como entendiam o papel da mulher naquela sociedade:

A MULHER E A MUSICA

A mulher tem de **concordar** com o homem, para haver **harmonia**. A falta de **concordancia** dá em resultado a **desafinação**.

Quando a mulher falla em casamento está em **tom natural** ; quando é desprezada e chora, esta em **tom de dó** mas se do lado opposto lhe fizerem a corte **muda para lá**.

O **tom** da mulher é **relativo** com o seu bom ou mau humor: quando soffra **alteração no tom** primitivo passa de **maior** a **menor**, são **pizzicatos** que vibram nas cordas do coração, enquanto que as pouco meigas são **sons de pancadaria**.

A mulher muda com os **tempos e accidentes**; o seu tom é **suave**, quando é menor expressivo e arrebatando quando é maior.

Enquanto nova é uma **valsa**, quando velha é uma **marcha fúnebre**.

[...]

A mulher divide-se em **três** partes como o **compasso ternário**, **duas no chão** que são os pés, e **uma no ar**, que é a cabeça.

Finalmente quando a mulher morre, acaba-se a **simphonia** terminando em **tom de dó**. (O Kosmos, set. 1922, p. 3, grifos do autor).

Sem dúvida, a idéia expressa nessa sátira não era compartilhada de uma maneira geral na imprensa negra. Contudo, ficam alguns questionamentos – qual o lugar a ser ocupado pelas mulheres negras naquela sociedade idealizada e constantemente defendida pelos jornais? Quais os limites à sua ascensão social?

CAPITULO 3

HISTÓRIAS DE VIDAS, HISTÓRIAS PARA VIDA.

João Candido, conhecido em todo o paiz e mesmo no estrangeiro por “almirante negro”, assim recorda a revolta do S. Paulo:

[...].

Contávamos com todos os elementos para vencer. O governo, como se viu, teimou em não attender. Circunstancias eventuaes fizeram mallograr depois a revolta, mas, o nosso objectivo foi plenamente attingido. Queríamos acabar com o castigo corporal na maruja e o obtivemos. Hoje, a maruja é tratada como gente.

Daquillo tudo só me arrependo de uma cousa: foi uma “burrada”.

O almirante Sire Scotts que comandava a esquadra ingleza, no porto, ofereceu-nos refugio sob a bandeira de sua magestade britânica. Recusei por confiar no meu governo e quando desembarquei no Arsenal, fui preso, sob pretexto de estar ligado ao movimento do batalhão naval que elle mesmo provocara para justificar o estado de sitio. (A Gazeta do Rio de Janeiro apud Progresso, 16 de dez. 1928, p. 1).

3.1 Histórias: lições para a vida

Só se reconhece a importância das lutas que aparecem de forma explícita, isto é, aquela cujas razões podem ser remetidas as premissas adotadas e que atestam uma racionalidade do desenvolvimento histórico. Já as pequenas lutas disseminadas pelo cotidiano, não organizadas num todo coerente e dotado de ideário próprio, e quase sempre reprimidas e derrotadas, são deixadas de lado. (AZEVEDO, 2004, p. 154).

Os jornais da imprensa negra apresentavam em suas páginas histórias e personagens que, de alguma maneira, possibilitaram aos leitores apreenderem significados de alguns conceitos e seguirem alguns exemplos. Em geral, eram personalidades negras, muitas com um histórico de luta em favor dos negros, outras cujas trajetórias de vida se resumiam ao sucesso alcançado na conquista de espaços diferentes naquela sociedade. Negros que, através da sua abnegação, do seu trabalho e, principalmente, através da educação ocuparam posições que até então eram destinadas aos brancos. Através dessas histórias biográficas ou não, apresentaram racionalidades diferentes na compreensão de determinados acontecimentos.

Assim, por exemplo, no jornal “O Clarim”, uma matéria transcrita do jornal “Correio Paulistano”, intitulada “A abolição e o pão”, publicada por ocasião das comemorações do dia 13 de maio, narra a história “da cafuza Joanna Baptista, filha de uma índia, que sendo forra e, pois *senhora de si*, espontaneamente compareceu perante a autoridade judiciária, aos 19 de Agosto de 1780, na cidade do Pará com o objetivo declarado de vender-se”. (REGO, O Clarim, n. 4, Maio de 1935, p. 4, grifos do autor).

A história conta que ela vendeu-se pela quantia de 80 mil réis, algo intrigante, pois o valor para a época era considerado baixo e também porque no período da escravidão os negros estavam justamente lutando pela liberdade. Como interpretar a atitude dessa mulher?

[...] Joanna Baptista declara e o escrivão toma termo, o seguinte. . . e como ao presente se achava sem pae e sem mãe que dessa pudesse tratar e sustentar assim para a passagem da vida como em suas moléstias, nem tinha meios para poder viver em sua liberdade, [...] assim o fazia ella outorgante de sua livre e espontanea vontade sem constrangimento de pessoa alguma tinha ajustado e contractado com o dito Pedro da Costa vender-se a si mesma por sua escrava. Como se tivera nascido de ventre captivo [...]. (REGO, O Clarim, maio de 1935, p. 4).

O fato de Joanna querer vender-se para ter um descanso na velhice, alguém que a sustentasse até o fim dos seus dias, não era justamente um tipo de comportamento que os negros combatiam e condenavam como sendo imoral? Qual a relação dessa história com 13 de maio?

Comentando este documento Carlos Pontes lembra o princípio dos romanos que tornava inalienável a liberdade. Mesmo em 1780, os romanos estavam em bem remota antiguidade. Contra todos os princípios, o que prevalecia no caso era a razão da cafuza: não tinha meios para viver em sua liberdade.

[...], a liberdade que, vê-se pelo caso da cafuza Joanna Baptista era alguma coisa de pior que a escravidão. [...].

A cafuza Joanna Baptista pode haver sido como pareceu a Carlos Pontes, uma escrava original: mas o que ella fazia, vendendo a um senhor sua própria liberdade, era sorrir, com a antecedencia de cento e nove annos dos estadistas que deram a abolição sem dar o pão. (REGO, O Clarim, maio de 1935, p. 5).

A matéria pode ser compreendida, apesar de um provável estranhamento inicial, como uma crítica aos desdobramentos posteriores da Lei Áurea. Se é certo que o Império pode desfrutar, em seu período final, de relativo apoio por parte dos negros, obtido pelas medidas de caráter abolicionista, também é verdadeiro que os primeiros anos da República foram de intensa perseguição contra as classes populares em geral e os negros, em particular. Durante a Monarquia promoveu-se a lei que pôs fim à escravidão dos negros, mas foi durante a República o momento de vivenciar essa lei.

Por outro lado, esta história procura mostrar a ação de diversos negros que, mesmo depois da conquista da liberdade, se conjugaram com seus senhores para continuarem trabalhando nas fazendas, casas e comércios: “(...) Estamos na verdade diante da guerra entre sujeitos históricos que concebem a vida de forma radicalmente diferente”. (CHALHOUB, 1988, p.102). É preciso considerar também a possibilidade da matéria ter sido escrita de modo ficcional, com o objetivo de denunciar o descaso com que os negros foram tratados após a promulgação da lei Áurea.

No jornal O Menelick, de 1º de janeiro de 1916, em sua primeira página, foi publicado um texto intitulado “Episódio da revolta da Ilha de São Domingo”. A história, embora seja uma ficção, narra o dilema de um escravo que se apaixonou por uma moça branca que o desprezou como se observa na seguinte passagem:

Então ella o reconheceu e suas faces que estavam lividas tornaram-se vermelhas como o carmin, teve vergonha, tinha-o insultado e agora ella via claramente aquella scena em que ella lhe dissera, no auge da raiva, - que negro não era gente, então elle jurou vingar-se. (PRIMUS. O Menelick, 1 de janeiro de 1916, p.1).

O contexto desta narrativa é o momento em que os negros declararam-se livres no Haiti e promoveram duras investidas contra os antigos donos de escravos:

Agora que estão livres, agora que estão senhores de si, vingam-se das humilhações que sofreram tão cruelmente. Então matam, incendiam, arrazam tudo que no seu caminho encontram. E aquella turba lançou-se sobre aquelles infelizes e já um preto, um dos mais ardentes chefes daquela memoravel revolta, estava com um punhal agudo sobre a cabeça da moça!

Mas, oh milagre! Outro preto obsta que seu chefe consumma aquelle acto! Por que! Porque elle ama. Ama com toda a sua alma aquella moça.

[...]

O chefe fez-lhe lembrar da sua lei. [...] lei que era imposta a todos que desejavam vida de quem quer que fosse – a morte – [...], morreu por amor de uma branca, cumprindo assim d'um modo sublime o seu juramento,

E agora junto ao cadaver puderam dizer: que os negros são tão gente como os brancos. (PRIMUS, O Menelick, 1 de janeiro de 1916, p. 1-2).

O fim dessa trágica história revela uma intenção velada de mostrar a nobreza do negro, enaltecendo o gesto de sacrifício. Desta maneira, os redatores desse jornal utilizaram-se de um acontecimento real, a independência do Haiti, para criarem uma narrativa envolvendo personagens negros e brancos e, principalmente, trazerem à tona uma discussão que povoava os meios de comunicação da época. A nobreza deste herói aparecia como contraponto frente a uma visão evolucionista que apresentava os negros como desprovidos de valores morais, ociosos e intelectualmente inferiores. A matéria, possivelmente, pretendia enaltecer certos valores considerados ideais e principalmente despertar os leitores para a situação de discriminação e opressão a que estavam sujeitos.

O teor de narrativas como esta, comum em vários desses jornais, pode ser compreendido como uma ação afirmativa, no sentido de contrapor-se aos estigmas aos quais os negros recorrentemente eram vinculados.

Por outro lado, alguns artigos escritos em determinados jornais da imprensa negra demonstravam uma visão que impregnava o imaginário social da época reiterando

que, a escravidão seria a fonte de todos os males do país. “O brasileiro negro, esse é naturalmente inimigo do trabalho, é indolente e preguiçoso, mas não por sua culpa. O nosso negro é atavicamente uma vítima do passado e do viciado cativo de quatrocentos anos”. (Getulino apud AZEVEDO, 2004).

Ao findar a escravidão, foram reforçados os mitos raciais onde procurou-se justificar que o atraso brasileiro em grande medida era de responsabilidade do negro, muitas vezes visto como a *encarnação do antitrabalho*.

No jornal “A Voz da Raça”, em alguns exemplares, havia uma seção de recomendações onde eram divulgados cursos e incentivado o uso da biblioteca da “Frente Negra Brasileira” e, também eram indicadas as leituras de alguns livros. Em uma matéria publicada em abril de 1933, cujo título era “Bibliografia”, Deocleciano Nascimento descreveu e recomendou um drama escrito pelo colega de imprensa Isaltino Veiga dos Santos:

“Marieta a Heroína” – Livro escrito pelo sr. Isaltino Veiga dos Santos, baseando sobre um episódio da Guerra do Paraguai, onde seu autor põe em relevo o heroísmo dos brasileiros, demonstrando quanto o negro é filho e amigo sincero do Brasil. (NASCIMENTO, A Voz da Raça, 8 de abr. 1933, p. 3).

Segundo a narrativa, após ser ferido mortalmente em combate, Henrique regressa ao Rio de Janeiro, para morrer em território brasileiro e fazer um último pedido à sua viúva Marieta:

- Querida, tire aqui de dentro da minha camisa o pano sagrado que você vai levar e que custou a bala que me vai tirar a vida... quero ver pela última vez o “Auri-verde pendão da minha terra, que a brisa do Brasil beija e balança...”
 - Querido Henrique, perante Deus e a Virgem Santíssima juramos defender o Brasil e a Raça até o fim. (NASCIMENTO, A Voz da Raça, 8 de abr. 1933, p. 3, grifos do autor).

Marieta abre a bandeira do Brasil para que Henrique possa olhá-la pela última vez e, em seguida, parte para o fronte para ocupar o lugar deixado vago pelo marido.

Utilizando-se de um acontecimento que marcou a história do Brasil este autor descreveu por um outro viés a participação do negro na guerra contra o Paraguai, não simplesmente lutar em troca da alforria como comumente se convencionou escrever na história, mas sim, lutar também por outros objetivos e ideais como, por exemplo, o amor

à pátria. Nesse sentido, essa narrativa possivelmente objetivou reforçar o espírito de nacionalidade nos leitores e o reconhecimento da sua cidadania.

Nesse contexto, um discurso recorrente em vários jornais da imprensa negra, versava sobre a necessidade do reconhecimento do negro enquanto cidadão brasileiro. Analisando o conteúdo das diversas matérias, pode-se inferir que a intenção dos editores seria, primeiro, fazer com que houvesse no meio negro que tinha acesso a esses jornais um auto-reconhecimento da sua brasilidade para, em seguida, conquistarem o reconhecimento geral, seguindo alguns caminhos que muitas vezes eram recomendados:

[...], trabalhem para si mesmos e para os seus, para o engrandecimento da patria, para maior conceito do Estado de São Paulo, para maior gáudio da raça preta do Brasil, e, maximo, para que esta raça seja admirada e amada pelos estrangeiros, para honra e gloria dos brasileiros. (O Alfinete, ago.1921, p.1).

Outro exemplo foi uma coluna cujo nome era “contos de libertos”, publicada no jornal “Auriverde”. O autor narra a trajetória de vida de uma antiga escrava, capturada na África ainda jovem, transportada e vendida no Brasil.

Na trama, o autor descreve alguns aspectos do antigo povoado onde ela habitava com a sua família, os seus amigos e as suas tradições. Em seguida ele expôs a violência praticada pelos europeus na destruição desse povoado:

Tia Joaquina

[...] tia Joaquina que assentada em um banquinho de frente a sua casinha, remendava algumas roupas que ella mesmo lavava para viver. Velha octogenária, carapinhas branca em contraste com a sua tez preta, enrugada e triste como se cada ruga escondesse um sofrimento. (JOGONASPI, Auriverde, 13 de maio 1928, p. 2).

Nesse momento ela foi interrompida nas suas divagações por sua neta que havia ido visitá-la para apresentar-lhe o noivo. Iniciaram uma conversa e logo tia Joaquina começou a ter algumas recordações da sua juventude e da sua história de vida:

Conta-me, conta-me tia joaquina – disse Lola assentando-se sem cerimoniais na soleira da porta, com a curiosidade propria de seu sexo e idade.

[...]

Foi nas longinhas regiões africanas, no meio das selvas. Em uma aldeia cujas casas, diferentes das d’aqui, eram feitas de palha de capim ou de madeira, numa dessas palhoças, caprichosamente construída morávamos eu meu pae minha mãe e mais alguns

crioulinhos. Do lado tres palhoças a esquerda morava o chefe da aldeia. [...].

Desde garotinhos... Nos crescemos quase que juntos. Meu pae e o delle já tinham combinado e eu já usava o seu collar de dentes o que só uma amizade profunda é que faz o heroe dispor em favor de sua escolhida.

Não pense vocês que lá se casava como aqui! Não! O dia estava marcado. [...]

E casou, tia Joaquina? Foi feliz? A preta estremeceu ligeiramente e contrahiu a phisionomia, como que despertada bruscamente de um sonho doce com uma alfinetada casual. Curvou a cabeça sobre o peito e depois de um longo e dorido suspiro respondeu triste e vagarosamente:

- Oh não! Antes do dia de cerimônia, numa noite de luar quando architavamos as mil maneiras dos festejos desse dia uma chusma de brancos cahiu sobre a nossa, os que tentaram resistir foram mortos, os mais medrosos entregaram-se logo e os que fugiram foram perseguidos e pegos a laços, todos: homens, mulheres e creanças foram amarrados e conduzidos até o littoral, jogados ao porão de um navio e depois de alguns mezes de viagem chegamos todos a este paiz. Fomos vendidos na praça como animaes e quase dia a dia eu mudava de dono... Nunca mais vi um só dos de minha aldeia, e meu noivo quando tentava defender-me rolou sob a pancada da coronha de uma arma... Tia Joaquina fez uma pequena pausa como para tomar alento e com um suspiro que mais parecia um soluço continuou:

- Não sei se morreu aquella hora ou se viera também... (JOGONASPI, Auriverde, 13 de maio 1928, p. 4).

Nessa narrativa, foram retratados a invasão do continente africano pelos colonizadores europeus, a devastação do território, o massacre do seu povo e a sua transformação em escravos numa terra estranha. Observa-se ainda a valorização do amor, da família e da vida em comunidade, valores que foram constantemente negados por grande parte da sociedade brasileira que, embuída de uma visão negativa dos negros e afrodescendentes associavam-nos constantemente a um modelo de vida desprovido de qualquer valor moral. Cabe aqui retomar as palavras de Robert Slenes: “A afirmação de que os escravos viviam em geral na licenciosidade, na promiscuidade ou na prostituição conduz facilmente ao argumento de que eles foram profundamente marcados por essa experiência”.(SLENES, 1989, p. 190). O que tem duas implicações: a teoria da degenerescência hereditária e o preconceito também com a mulher.

Essa história, embora ficcional, revela uma situação verídica de milhões de negros africanos, que assim como tia Joaquina foram retirados da sua terra e transformados em escravos.

3.2 Narrativas biográficas¹⁹

Algumas matérias apresentavam histórias de vida de negros que traziam em suas trajetórias, embora distintas, aspectos comuns como a origem, a determinação e o lugar social alcançado. Essas matérias procuravam, através dos exemplos, mostrarem aos leitores negros a possibilidade de ascensão social. Em outros termos, apresentaram biografias de negros que, mesmo diante de todas as dificuldades advindas do passado escravista, conseguiram superar a sentença de submissão social a qual estavam condenados.

Uma dessas histórias foi a do engenheiro Antonio Martins dos Santos publicada no jornal “A Voz da Raça” pouco tempo após o seu falecimento, em homenagem a sua memória:

ENGº ANTONIO MARTINS DOS SANTOS

Em 2 de setembro de 1911 em Bom Sucesso, estado de Minas, nasceu Antonio Martins dos Santos. De condição humilde, sempre sentiu necessidade de trabalhar para vencer. [...].

[...], Antonio conseguiu formar uma base sólida para seus estudos vindo, em 3 de fevereiro de 1928 continuar sua instrução no meio mackenzista. [...].

Como estudante, soube também vencer. Abraçou por ideal, o estudo da engenharia; especializou-se em eletricidade, terminando o curso e defendendo tese em 19 de março de 1936. [...]

Antonio adormeceu aqui, na madrugada do dia 24 de abril de 1937, para acordar na região da vida eterna, onde recebeu a corôa de glória do Senhor, justo juiz. [...], lembramo-nos também do belo exemplo de mansuetude e luta, de humildade e renúncia, que Antonio Martins dos Santos nos deixou. (ANDERS, A Voz da Raça, n. 67, Jul. 1937, p.4).

Segundo este jornal, Antonio Martins alistou-se na “Frente Negra Brasileira” em 1932 e, em 1935, junto com um grupo de pessoas, fundou o curso de formação social nessa instituição, sendo considerado um dos mais brilhantes professores. Foi membro do conselho da Frente Negra Brasileira e redator chefe deste jornal.

No jornal “A Voz da Raça” não foram encontradas informações a respeito desse curso, mas certamente ele tinha como diretriz uma formação dentro dos preceitos da “Frente Negra Brasileira” e possivelmente representou para o período um avanço na luta dos negros, pois de certo modo procurou dar suportes considerados necessários a sua

¹⁹ No trabalho de catalogação dos jornais da imprensa negra no período de 1907 a 1937, Pinto(1993) contabilizou cerca de 410 citações referentes às pessoas negras.

luta. Segundo Pahim (1993), O currículo desse curso baseava-se em aulas de história, educação moral e cívica e conhecimentos gerais.

Antonio Martins, provavelmente não era conhecido de grande parte dos leitores, no entanto, ao descreverem nesta matéria a sua trajetória de vida e sua lição de luta, os editores deste jornal possivelmente contribuíram para a formação de um espírito mais combativo e de busca por espaços naquela sociedade.

O jornal “A Liberdade”, em suas duas primeiras edições no ano de 1919, traz uma matéria relatando parte da historia de Luiz Gonzaga Gama de Miranda, filho de Luiza Mahin, uma africana livre e de um fidalgo baiano, nascido em 1830 na cidade de Salvador onde viveu apenas o período da sua infância, pois devido ao envolvimento de sua mãe com os levantes escravos, foi vendido pelo pai:

Este era natural da Bahia, foi vendido com outros escravos para o Rio de Janeiro, ahi foi elle comprado pelo mercador de escravos da cidade de Lorena, Antonio P. Cardoso. Remettido a cidade de Campinas, onde não encontrou quem o comprasse por ser bahiano, e tendo aprendido a ler escrever e contar, dotado de rara intelligencia, em breve tempo poudo adquirir sua liberdade. (DOMINGUES, A liberdade, jul. 1919, p.1.).

Segundo Azevedo (1998), em 1848 Luiz Gama prova que havia sido escravizado ilegalmente conseguindo a sua liberdade. A partir daí a sua vida adquiriu contornos múltiplos se envolvendo em diversas atividades pelo fim da escravidão.

Compreender esta história implica lembrar a fama de parte dos escravos baianos, tidos como revoltosos e *fujões*, o que se deve principalmente aos desdobramentos e repercussão da Revolta dos Malês ocorrida no ano de 1835 em Salvador.

Essa revolta, segundo Reis (2003), teve repercussão nacional, sendo inclusive noticiada em parte da imprensa norte-americana. Com essa repercussão, os outros Estados numa atitude de tentar impedir a sua influência em seus territórios, reforçaram a fiscalização interna a fim de coibir supostos boatos de levantes.

O jornal “A Liberdade”, como já salientado, teve o seu primeiro número publicado no dia 14 de julho de 1919, numa clara alusão à Revolução Francesa, especificamente ao dia 14 de julho de 1789, data da Queda da Bastilha. Assim, o seu título era uma menção a um dos preceitos desse movimento, *liberdade*. Neste sentido, os redatores deste jornal procuraram publicar nos seus primeiros números matérias que

pudessem contribuir para o esclarecimento e alargamento do conceito de liberdade. Então, afirmaram que este periódico, seria uma escola para a população negra²⁰.

Para ilustrar a idéia de liberdade, escolheram publicar este artigo trazendo a trajetória de vida de Luiz Gama, um ex-escravo autodidata, o seu histórico de luta em defesa dos negros e o seu empenho pelo fim da escravidão:

[...] tornou-se pelo estudo e perseverança, excellente advogado, poeta e escriptor, collaborou em diversos jornais, onde publicava belissimos artigos sendo apreciado pelo seu estylo correcto e mordaz.
-Nasceu escravo, porém, consagrou sua vida inteira batalhando em prol da liberdade de seus irmãos. (DOMINGES, A Liberdade, ago.1919, p.1).

Nessas histórias, observa-se uma estratégia de tentar incutir na população negra que tinha acesso a esses jornais, a idéia de que poderiam de alguma maneira, lutar contra a situação de desigualdade da qual eram vítimas, criando novas perspectivas para a história de suas vidas, contrapondo-se a um discurso racista que buscava desqualificar essas ações. Além do que, através dessas histórias promoveram a discussão de questões mais amplas relacionadas à integração dessa população na sociedade.

Outra história bastante interessante foi a de Salvador de Paula publicada no jornal “Progresso” em setembro de 1929. Essa narrativa biográfica apresentou aos leitores uma figura que, dentre os muitos anônimos, lutou e socorreu diversos negros no início do período republicano na cidade de São Paulo.

Nascera em Santos. Tornara talvez por molde na vida pratica o encarpellado mor, sempre inquieto, em rolos erguendo-se para os céus. Salvador de Paula não para.

[...]

Seus paes, Luiz Gabu e Rita Maria, eram africanos livres importados antes da lei 3581, em que era o trafego, considerado pirataria.

Não podendo então elles dar ao seu primogenito uma educação condigna, confiaram-no aos cuidados da illustre dama paulista d. Ephigenia Francisca de Paula. Esta senhora que era cunhada do brigadeiro Oliveira, director da **Casa de Correção**, ensinando, as primeiras letras ao crioulinho, tornou-o um excellente cosinheiro.

No habil culinario, a nobreza paulista encontrou um professor dedicado, que, não perdia occasião de pedir a suas alumnas liberdades aos escravos que possuiam.

Salvador, á medida que os annos chegavam, Santos tornava-se pequena para os seus surtos.

Subio para São Paulo.

²⁰ Ver jornal “A Liberdade” de 14 de julho de 1919 página 1.

Fez-se aprendiz de architecto.

[...]. Mais tarde com empreiteiro, concorrendo com os afamados mestres de então, Ludovico e Gregorio Salvador, construiu a maioria dos predios da rua Quinze. A construcção da igreja de Santo Antonio, o velho templo, que o progresso esqueceu na praça do Patriarca, esteve sob a direção do bonissimo velhinho que, sobraçando uma pasta, anda por todo essa São Paulo que elle ajudou a construir...(Progresso, 26 de set. 1929, p. 2, grifos do autor).

Nessa narrativa está presente uma idéia muito defendida pelas lideranças negras que dizia respeito ao papel desempenhado pelos negros na construção da nação, no caso especifico aqui na construção da cidade de São Paulo.

Além dessas qualidades, o narrador apresentou o lado solidário de Salvador de Paula:

Quando mestre de obras instituiu entre seus companheiros, a Cesta dos quebrados. Contava ella da compra de guloseimas com fracções de mil réis, do pagamento da semana aos quaes, alegremente eram deglutidas no descanço do almoço.

Dessa brincadeira surgiu a **Sociedade dos Marceneiros, Pedreiros, Pintores e outras Classes**, que resistindo ao tempo chegou aos nossos dias com o nome de **Classes Laboriosas**. [...].

Na discussão de estatutos, divergindo de um artigo, Salvador retirou-se temporariamente da **Laboriosas**, fundando a **União e Trabalho** de que é socio honorario.

Em 13 de Maio de 1908, fundou a **Sociedade Beneficente Amigos da Patria**.

Até hoje essa agremiação, a despeito de seus parcos recursos, não deixa de socorrer o grande número de socios que possui.

Lamentavel. A sua escola mixta **Progresso e Aurora** depois de distribuir, gratuitamente por dez annos, o pão de espirito a mil e tantas pessoas, por falta de uma pequena subvenção, foi obrigada a fechar.

Esse como outros contratemplos, ao contrario de me desanimar, disseros Salvador, num sorriso levam-me a trabalhar com mais vontade! (Progresso, 26 de set. 1929, p. 2, 7, grifos do autor).

Um aspecto ressaltado nessa narrativa foi a participação de Salvador na fundação de algumas associações de trabalhadores, algo que a historiografia brasileira parece ter ignorado. Com a criação dessas associações muitos negros em condições precárias, desamparados pelo Estado e rejeitados pelas sociedades beneficentes brancas e católicas passaram a ter um lugar para auxiliá-los.

No início do século XX, muitos negros se organizaram para criação de associações beneficentes. Domingues (2004) catalogou em São Paulo as seguintes associações: Clube 13 de Maio dos Homens Pretos (1902); Sociedade Cooperativa dos Homens Pretos (1902); Sociedade Beneficente dos Homens de Cor (1906); Associação

Beneficente Amigos da Pátria (1908); Centro da Federação dos Homens de Cor de São Paulo (1914); Sociedade Beneficente Grupo 13 de Maio (1915); Associação dos Homens Unidos (1917); Sociedade Beneficente Feminina Arte Culinária (1920). Segundo esse autor diferentemente das associações similares brancas que não permitiam a filiação de negros, em algumas associações negras foi permitida a participação de pessoas brancas.

Essas associações eram mantidas com as mensalidades pagas pelos associados com isso ofereciam alguns serviços como educação, encaminhamento a um emprego, auxílio funeral, ajuda financeira às viúvas e auxílio médico e farmacêutico.

Outro fato mencionado foi à criação da escola “Progresso e Aurora” em 1919 que funcionou com salas mistas atendendo num período de dez anos várias pessoas.

Essa situação atesta a participação de alguns negros no processo de escolarização dessa parcela da população nas primeiras décadas do século XX, situação que somente recentemente tem sido divulgada por alguns estudos realizados no âmbito da história da educação. Segundo Demartini (1989), a escolarização da população negra em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, era fundamental para que tivessem acesso a melhores condições de vida.

Ao publicarem essas trajetórias de vida, esses redatores apresentaram alguns exemplos de luta e, aos negros, a possibilidade de lutarem de formas variadas pela sua afirmação social. Esses objetivos aparecem de maneira contundente no depoimento de Antunes Cunha:

Ali entre a Rua Benjamin Constant até a Rua Quinze der Novembro se formavam grupinhos de negros contando as aflições, as desilusões, as barreiras, era um muro das lamentações. Mas também outros vinham contando: Tem um negro que pegou um emprego bom, ou que tem um negro que se formou doutor, o que era coisa rara. Só para entrar na escola já era uma dificuldade tremenda. Então se contava isso tudo no sentido de mostrar as capacidades negras que eram negadas pelo branco, porque eles diziam que o negro não tinha capacidade para coisa nenhuma. Era só aquela coisa de ser marginal, de ter que fazer os serviços deprimentes, que ninguém queria. É então os negros não aceitavam estas colocações que os brancos faziam, porque todos tinham consciência das suas capacidades, só não existiam as oportunidades para fazê-las. (apud MOTTA, 1986, p. 53)

Além dessas histórias de sujeitos que se dedicaram de maneiras diferentes à luta pelo alargamento das possibilidades de ascensão dos negros, observam-se em alguns

desses periódicos histórias de negros que se destacaram no desempenho da cátedra religiosa. Nesse sentido, uma matéria bastante interessante e intrigante foi a publicação da longa biografia de São Benedito:

Cousas da Egreja

S. Benedicto de Philadelpho – sua patria – sua vida – sua morte.

[...]

Não são os accidentes exteriores, e sim as boas ações que nos nobilitam aos olhos de Deus e de nossos semelhantes. São Benedicto era realmente de cor bastante escura.

A cor é um accidente que nada influe nas qualidades psychicas ou da alma do individuo, que pode ser pura como um raio de luz, brilhante como crystal, e alva como corollas dos lyrios, embora ande prisioneira ao envulcro de um corpo preto.

Seus Paes foram os escravos mouros Christovam Monassero e Diana Lecon, naturaes da África septentrional. [...].

São Benedito não sabia ler nem escrever, sabia apenas debuxar o seu nome, o que aliás naquelle tempo e infelizmente ainda hoje é muito comum no sul da Italia, entre as pessoas da plebe, e entre nós brasileiros tambem. (FRANCO, A Liberdade, nov.1919, p.1).

Neste trecho notam-se ambigüidades na narrativa do autor que, por exemplo, simultaneamente nega a influência da cor na estrutura física do indivíduo, enaltece os negros referindo-se à cor da sua pele e, por fim, refere-se a isso como um *accidente* exterior. Tais ambigüidades permitem inferências sobre o difícil processo de sua inserção numa sociedade livre, porém de mentalidade escravista. Ainda nesta passagem, ao mencionar a condição de analfabeto de São Benedito, o autor faz uma crítica à situação de analfabetismo no Brasil, possivelmente ao caso específico da população negra.

São Benedito, ainda jovem, foi levado a convite do frei Jerônimo de Lanza para um convento de frades franciscanos onde, depois de alguns anos, com o falecimento do frade superior, foi escolhido para o seu lugar. Desempenhou ainda as funções de vigário do convento e de mestre de noviços, promovendo uma série de mudanças no local.

Segundo essa narrativa, após exercer diversas ocupações no convento, São Benedito humildemente voltou a ocupar função de cozinheiro. Faleceu no dia 4 de abril de 1589 e teve a sua canonização celebrada no Vaticano, em 1807, pelo papa Pio VII.

O fato de não saber ler e escrever não foi obstáculo à renitência de São Benedito, visto que conseguiu realizar as tarefas as quais fora incumbido com bastante competência. Nesse caso, qual a intenção dessa história se, justamente em outras

matérias e em outros jornais, as histórias enaltecem principalmente a determinação dos negros em estudar em instruir-se? A resposta está na continuação do texto: “Meus caros ouvintes sejamos humildes como São Benedicto e Deus nos exaltará”. (FRANCO, A Liberdade, dez.1919, p.1).

3.3 Os abolicionistas

A abolição da escravidão foi um tema rotineiro nas páginas dos jornais da imprensa negra. Nos meses de maio e setembro esses jornais tinham as suas edições carregadas de artigos e matérias em geral, versando sobre a abolição e as personalidades ligadas a esse acontecimento.

Havia em alguns jornais a preocupação em explicar os fundamentos das leis abolicionistas e as conseqüências dessas leis para as novas gerações. Faziam um resgate histórico das lutas abolicionistas procurando manter vivos os seus ideais, não os deixando cair no esquecimento. No jornal “Alfinete,” em sua edição de setembro de 1921, foi publicado o seguinte artigo:

LEI DO VENTRE LIVRE

Eis em resumo, o espírito da lei de 28 de setembro, de que tantas vezes fallando, sem conhecer a sua efficacia, porem, não dizendo ella respeito á actual geração, provavelmente veio beneficiar muitos dos nossos, que ainda vivem neste mundo, e que não lembramos de homenagear esta lei, como igualmente ignoramos a lei de 28 de setembro de 1885, ignorando seus efeitos, não procurando de acordo com tantas sociedades, organizar neste dia uma conferencia, onde homens habilitados viessem nos dizer o porquê destas datas. (O Alfinete, set. 1921, p. 2).

O autor apresentou e comentou ponto a ponto todos os artigos dessa lei, utilizou praticamente duas páginas do jornal. No final, ele ainda fez uma rápida referência à lei dos sexagenários, que poucas vezes apareceu nos jornais.

Normalmente, nos artigos escritos nessas ocasiões, os seus autores faziam uma retrospectiva da escravidão, escreviam a respeito do martírio dos escravos, da sua luta da sua resistência e principalmente do valor do seu trabalho, mesmo que ainda um trabalho compulsório. Alguns voltavam no tempo, ao período em que os negros foram retirados da África, separados das suas famílias, transportados para uma terra estranha e vendidos como peça.

Um desses artigos foi publicado no jornal “O Clarim da Alvorada” no qual o autor realizou uma longa retrospectiva voltando aos áureos tempos bíblicos, desde a descendência de Adão:

Destas três raças, dizem as escripturas, foi a de Cahin, a raça maldita, a primeira que teve preponderancia, indo estabelecer-se no *Egypto*. Ora, deste modo dir-se-ia que somos amaldiçoados até hoje e que portanto não temos razão de lamentar a nossa sorte.

Qual foi o crime praticado pelo pae dos negros, nos tempos primitivos que fez com que essa raça até hoje seja escarnecida pelos ignorantes, despreza pelos cegos de espírito, perseguida e trucidada pelos brancos selvagens lá na Norte América?

A raça maldita foi a primeira que teve preponderancia, isto é, foi a mais *civilizada*, a que dominou as outras raças: Quer isto dizer que os brancos e outros beberam ensinamentos dos negros malditos, receberam as suas instruções, etc., etc.

Até hoje os negros dão o que beber ás outras raças, pois não é necessario lembrarmo-nos do cimento armado, do auto-piano, novidades chimicas, etc.

Quanta cousa não fez outr’ora, quantos beneficios recebeu a humanidade cujas bases estão assentadas no sacrificio da raça negra?

Hoje, 13 de Maio! Data que em sendo triste, canta, em sendo alegre chora.

Data em que foram despedaçados os grilhões de ferro que nos escravizavam, em que cessaram de estalar os chicotes infames, em que os olhos lacrimajantes de nossas mães, brilharam n’um lampejo de esperança, data em que afinal estavam terminadas as bases para o progresso do Brasil! (BOOKER, O Clarim da Alvorada, 13 de maio 1926, p. 3, grifos nosso).

A raça maldita, a descendência de Caim²¹ que, segundo ele, foi a base da civilização, habitou o Egito e, com o tempo espalhou os seus conhecimentos para toda a humanidade. É importante ressaltar que ao fazer alusão a esses fatos antigos, procurando destacar o que ele chamou de *preponderância*, pretendeu deixar evidente aos leitores a influência dos negros na história das civilizações. Em outras palavras, que os negros mesmo sob o jugo da maldição, conseguiram resistir e mostrar os seus valores.

O paralelo feito com o 13 de maio pode ser interpretado, segundo Garcia (1997), como uma tentativa de ultrapassar o mito da subalternidade, da incapacidade ou da maldição do negro brasileiro preservado durante séculos.

²¹ Segundo o livro de Gênesis, no seu quarto capítulo respectivamente nos versos 11e 16: És agora, pois, maldito por sobre a terra, cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão; Retirou-se Caim da presença do SENHOR e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden.

Figura constante nessas publicações comemorativas da abolição foi a princesa Isabel, considerada por muitos a redentora dos escravos. Ela foi retratada e homenageada de diversas maneiras. Como nesse poema:

NEGRO VELHO

Si acabou se a escravidão
 Nas terras de Santa Cruis
 Oito lustros hoje fais,
 Graças aos herois e a Jesus,
 Viva a princeza Izabé!
 Nossa grande Redemptora,
 Que livrou todos escravos,
 Foi dos nego, a protetora.
 Quem vai fala, não e branco
 Nego é, mais bão trovado. (Auriverde, 13 de maio, 1928, p. 3).

Certamente, a simpatia pela princesa Isabel principalmente pelo fato de ter assinado a lei Áurea que, acabou legalmente com a escravidão no Brasil influenciou na construção de uma representação calcada numa concepção cristã de salvação. A imagem da princesa como redentora dos escravos e libertadora de um povo oprimido. Essa representação é apontada por Daibert Junior (2004) também, como a busca da construção de uma nacionalidade a partir da integração das diferenças entre os povos formadores da nação, aventando a idéia de apagar a lembrança de um passado caracterizado pela extrema violência de exploração do trabalho escravo.

No jornal “O Clarim da Alvorada” algumas vezes comemorava-se o 13 de maio homenageando a princesa Isabel:

A PRINCEZA ISABEL

Soberana toucada pela alvura
 Ou dos cabellos, ou da estirpe, ou da alma;
 Pomba cuja asa real a gloria espalma
 - Tão clara! – sobre a dor da gente escura.
 Conquistastes, banindo a escravatura,
 Quase divina, a mais humana palma
 E, ao recordal-o, eis que o Brasil se acalma,
 Repassado de fé serena e pura.
 Perdoae, senhora, a nossa iniquidade!
 Si proscrita viveis ente ostrangeiros,
 O exílio nos augmenta a magestade.
 Si remiste, outr’ora, os brasileiros,
 Hoje, os escravizaes, pela saudade,
 Que é, de certo, o maior dos captiveiros.
 (FONSECA, O Clarim da Alvorada, 13 de maio 1927, p. 13).

A simpatia pela família real ficou evidente antes mesmo da abolição da escravidão, aumentando nos anos posteriores a esse acontecimento, situação que incomodou muito os republicanos. A República iniciou um movimento de apagar da memória dos brasileiros as lembranças da monarquia e de tudo que estivesse relacionado a ela. A presença da princesa Isabel no imaginário popular precisaria ser combatida e um dos artifícios utilizados foi a tentativa de relacionar o 13 de maio ao dia 15 de novembro, uma aproximação não só das datas mas, principalmente dos seus significados.

Segundo Daibert Junior (2004), a República esforçava-se em estabelecer um vínculo com a abolição ao mesmo tempo em que tentava retirar da memória dos brasileiros a sua associação com a monarquia.

Esse expediente utilizado, não teve os resultados esperados; muito pelo contrário, as homenagens e manifestações de apoio à figura da princesa Isabel continuaram. No jornal “Auriverde” por ocasião das comemorações do 13 de maio foi publicada a seguinte matéria:

A LEI AUREA

Fazem, 40 anos, hoje, que a princeza Izabel, assignou o decreto, abolindo a escravatura, no Brasil. Por esse motivo, nós os brasileiros, em conjunto, rendemos-lhe mais profunda homenagem. (Auriverde, 13 de maio 1928, p. 1).

A presença da redentora continuava viva na memória dos brasileiros, principalmente dos negros, sendo lembrada simbolicamente nas inúmeras festas realizadas por esse grupo.

Alguns jornais da imprensa negra, além das homenagens, empreenderam uma campanha pelo fim do exílio da família real e após a morte da princesa Isabel, que foi noticiada por essa imprensa, passaram a reivindicar a transladação dos seus restos mortais, como prova de gratidão a ela.

Outras personalidades ligadas à abolição também ocupavam as páginas desses jornais. Inúmeras foram as homenagens a Luiz Gama e José do Patrocínio, também algumas vezes apareceram os nomes de Joaquim Nabuco, José Bonifácio e o Barão de Rio Branco. “Portanto, essa ênfase das lideranças negras nas personalidades que seriam responsáveis pela abolição está absolutamente de acordo com um modo de pensar que,

inclusive, não se restringia nem ao senso comum, sendo adotado também pela historiografia”. (PINTO, 1993, p. 194)

Alguns jornais davam um outro tom às comemorações da abolição, criticavam de maneira veemente os efeitos das leis abolicionistas para a população negra, classificando o fim do cativeiro como:

LIBERDADE UTOPICA

Passa-se hoje mais um aniversário da abolição da escravatura negra no Brasil... e que liberdade, e que abolição... uma liberdade mentirosa esfacelada e vergonhosa: *uma tapeação* muito bem engendrada pelos magnatas, e pela fadada aristocracia escravocrata brasileira, que ainda hoje por ai andam, com a sua consciência roída pelos remorsos, provindos dos crimes idiondos que praticaram, com o cinismo torpe dos desumanos.

E a raça foi liberta em 13 de maio de 88, e nós os negros dentro do Brasil que é nosso e que foi construído com o nosso sangue, continuamos escravos.

[...]

O negro tem como espelho e exemplo frisante da sua bravura indômita, os gigantes Henrique Dias, Zumbi, Catarina Caramuru e outros [...]. (SANTOS, A Voz da Raça, 13 de maio 1933, p. 1, grifos do autor).

Segundo esse autor, a abolição foi uma farsa, uma manobra das elites junto com o governo para que, após a libertação legal dos escravos fosse mantida a mesma estrutura social e política do período da escravidão. Sendo assim, ele elencou alguns exemplos de pessoas a serem seguidos, dentre os quais a figura de Zumbi dos Palmares que raramente era mencionado nesses jornais.

Os jornais da imprensa negra surgiram num período marcado pelo aparecimento de inúmeros jornais alternativos criados em geral pelas colônias estrangeiras e pelo crescimento da chamada grande imprensa. Raramente os negros apareciam nessa imprensa e, quando isso acontecia eram retratados de maneira pejorativa e preconceituosa. Assim, necessitavam de um veículo que pudesse servir de meio de comunicação e ao mesmo tempo um órgão de divulgação da sua cultura, dos seus valores e principalmente dos seus protestos e reivindicações.

ANEXO 2

Ilustrações de algumas edições comemorativas da abolição da escravidão:

Ilustração 23 – Jornal “O Clarim da Alvorada” - Mãe Preta - São Paulo, 13 de maio de 1927, ano IV, nº. 33, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 24 – Jornal “Auriverde” - Lei Áurea - São Paulo, 13 de maio de 1928, ano I, nº. 6, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 25 – Jornal “O Progresso” - Lei do Ventre Livre - São Paulo, 28 de setembro de 1930, ano II, nº. 29, p. 3. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 26 – Jornal “O Progresso” - Príncipe de Gales - São Paulo, março de 1931, ano III, nº. 34, p. 3. Acervo CEDIC – PUC/SP.

Ilustração 27 - Jornal “O Clarim da Alvorada” - Hontem e Hoje - São Paulo, 13 de maio de 1932, ano IX, nº. 41, p. 1. Acervo CEDIC – PUC/SP.

O Clarim d'Alvorada

Orgam literario noticioso, pelos interesses dos homens de côr, de S. Paulo

Direcção: Jayme de Agular & José C. Leite

Anno IV

São Paulo, 13 de Maio de 1927

Num. 33

MÃE PRETA

O Brasil,
um gigante
que hoje
vive a ver-
tigem de sua
civilização e de
suas energias,
cresceu ao
calor do teu
carinho, ou-
vindo o teu
idioma de
ternura hu-
mana, que
não fala se-
não pelas lagrimas
e pelos sorrisos, e
tudo expressa num

olhar, numa ben-
çã e um gemido,
o Brasil gigantesco foi
acalentado no teu collo, be-
beu a seiva de teus seios
opulentos, tu o criaste,
Sim, do teu seio no-
cturno de esera-
va e martyr,
de mãe por
instincto e pelo
devotame nto, bebemos
o leite pu rissimo, que
nos foi ali mento para o
organismo e para a alma,
porque desse leite gene-
rosamente dado dima-
na nossa bondade,

que nos si ngulariza
como raça affectiva,
que tem o dom do a-
grado e a virtude su-
prema do perdão. // //
A minha ge ração ainda
conheceu o influxo de
tua maternal grandeza e
de tua capacidade chris-
tã de sacrificio, recebendo
no berço e na infan-
cia a doçura de teus o-
lhos tristes, que sempre
chora vam, mes mo que
quand o uma a legria
quese abria o clarão
de um sorriso. Foste a
imagem da abnega-
ção e da bondade
humana. Em no-
sso lar ha via, en-
fão, o teu suave
encanto o suavls-
simo mila gre de

teu stoi-
cismo fe-
minino //
porque es-
tas um po-
ema de de-
dicção, u-
ma existencia
votada no ho-
locausto, alma
que difundia as
claridades divi-
nas, como um ly-
rio que: só flores-
cesse á noite.....
Nabuco, que foi
azeloq uencia
attica do //
abolicionismo glo-
rificou: sua mão
preta, quando
escrev eu com
o cora ção as
pagina s mara-

vilhosas
que evo-
cam a sua
meninice
em Mas-
sanganã,
e o seu
engenho
patriar-
chal em
Pernambuco. //
Os nos-
sos maio-
res poe-
tas can-
tam essa
raça es-
cura e o-
bscura:
raça sol-
fredora,
cuja alma
ardente

tem a ex-
tensão e a
dolorosa ex-
pressão das sel-
vas e desertos a-
fricanos: raça que
vibrou n o verbo
de Patr rocino, e
que se elevou
no estro de Cruz
e Souza, esse ne-
gro que trazia //
na sua n oite o
turbilh ão dos
sões e d as cons-
tellaçõ es.. Er-
gamos u m monu-
mento v otivo à
MÃE PRETA, e ujo san-
gue cor re em //
no ssas veias cujo
leite nos deu
vigor e alma
de bons.

POR SAUL DE NAVARRO

Redacção do Clarim d'Alvorada
Rua Ruy Barbosa, 105

Seu único independente
Publicação aos
Domingos

AURIVERDE

Littera
Humor sãico
Político

DIRECTOR PROPRIETARIO
João Augusto de Campos

REDACTOR RESPONSÁVEL
D. Celestino Nascimento

ANNO I

São Paulo 13 de Maio de 1928

N. 6

A LEI AUREA

Fazem, 40 annos, hoje, que a princeza Izabel, assignou o decreto, abolindo a escravatura no Brasil. Por esse motivo, nós os brasileiros, em conjunto, rendemos-lhe mais profunda homenagem.

Em todas as épocas, existem creaturas que vivem espreitando, entre seus semelhantes, uma brecha onde elle possa encaixar os principios de seus bem estar, embora em prejuizo de outrem.

Nos tempos idos, em que assignaria a base da oppressão, morta em 88 pelos poderes da Lei Aurea algum a inventara, como um invento qualquer, com caracteres com merciaes, industriaes e seus congêneres. Levado a idéa em presença dos poderes constituídos, aquelles não excitaram em ordenar a marcha de torpe acontecimento.

Olhares embuçados de aventureiros, foram lançados através do Atlantico; meditarão que se o demandassem iriam ter ao continente africano e de lá trariam as "machinas humanas," empregando, como capital, a negação adicionada com a famigerada usurpação.

A idéa fôra posta em pratica... Lucros fabulosos, etc.



Para comprehensão desse excerpção, é necessario repetirmos, que a escravatura referida, recahira, sobre os hombros da raça negra, que era tida como um pária, assim afirma a historia, assim afirma alguns sobreviventes daquella época.

Si os immortaes abolicionistas, Luiz Gama, José do Patrocínio, Euzébio de Queiroz, Antonio Bento, Visconde do Rio Branco, e tantos outros, que a Parca implacavel levou para a eternidade, pudessem surgir de além tumulo, em todas as datas em que se commemora a de 13 de Maio, que alegria, que prazer... Como é lindo ver florecer o producto do sacrificio... Nós, os modernos, nem de longe fazemos uma idéa do quanto custou aos heroes abolicionistas, para derrocarem o nefando captivo, porque só o conhecemos através da historia; temos todo o conforto, com que, bem ou mal, vamos suprimindo as nossas necessidades da maneira que nos aprou ver.

Agora a nossa evolução, depende, unicamente, de nós, educando cada vez mais a intellectualidade afim de podermos arrojarnos em empresas onde está accento o seu ponto culminante.

Não era nosso intuito chegarmos até este ponto para comentar o dia de hoje, mas o sentimento, o amor pelo nossos antepassados, nos arrastaram até aqui.

O mundo é constituído de pensamentos diversos: ha coraçãoes malignos e bondosos. Estes, talvez, movidos pelos poderes Divinos, tem que, fatalmente, derrubar o seu antagonista e quasi sempre em seu desproposito como aconteceu com o Anjo Redemptor...

A LEI DO VENTRE LIVRE E DOS SEXAGENARIOS

Um discurso do Visconde do Rio Branco definido a sua posição e defendendo a sua coherencia.

Os ultimos momentos do grande parlamentar.

Commemora-se na data de hoje a passagem do 59 anniversario da lei do ventre que, antecedendo de 17 annos a lei de 13 de maio, ferira de morte o captivo.

De facto a partir de 28 de Setembro de 1871 a escravatura estava virtualmente extinta no Brasil. Era, apenas, uma questao, de tempo. A lei Eusebio de Queiroz, de repressao do trafico, acabara com esse commercio indigno da vida de seres humanos. Ninguem entrava mais escravo no territorio do nosso paiz. A lei Rio Branco, vindo e declarando que não se usava mais captivo no Brasil, estancava nas suas origens a ignominiosa e odienta instituicao.

Foi uma campanha memoravel a que se travou no paiz, em torno ao projecto do ventre livre. O gabinete Rio Branco foi um dos mais combatidos que se contaram no 2.º Reino, dividida a Camara quasi a meio, lutando o ministerio com difficuldades que pareciam intrasponiveis e arcando com responsabilidades tremendas.



UM DISCURSO DE RIO BRANCO

É curioso recordar aqui um dos notaveis discursos do visconde do Rio Branco, pronunciados em defesa da grande causa que advogava. Annos antes, no Conselho de Estado, elle se havia manifestado pela inopportuna de qualquer reforma do elemento servil. Assumindo, agora o patrocínio da reforma que anteriormente condemnara, os adversarios não o poupavam, accusando-o de con-traditório e de illogico.

O presidente do Conselho então se defendia:

— A opiniao que manifestei em 1867, quando tinha a honra de assis-

tir as conferencias do Conselho de Estado, foi trasida por alguns nobres deputados como accusação de incoherencia. Felizmente, senhores, os meus pareceres estão impressos.

Nós estavamos então em principios de 1867, e pela primeira vez nos conselhos da coroa agitava-se essa grave questao. Conheci que já havia opinões muito adeantadas; foi, portanto, muito cauteloso, pelo que respeito á questao da opportuidade: mas reconheci que não era possivel adiar por muito tempo a reforma, e adoptei desde então todos os meios que se acham consagrados no projecto que ora discutimos. Nessa época cumpria considerar, pelo que respecta á opportuidade da reforma, que a guerra intestina dos Estados Unidos chegava apenas ao seu termo; que a guerra do Paraguay nos assistava, e o seu termo não era previsto.

Qual seria qual poderia ser o seu desfecho?

Qual o estado do Brasil depois dessa grande crise? Declarei, por isso que convinha preparar o projecto, mas que não se podia desde logo assignalar como época de sua opportuidade a terminação da guerra do Paraguay.

Eu me achei, porém, sr. presidente, depois disso, entre não menos de 50.000 brasileiros que estiveram em contacto com os povos dos Estados vizinhos; e sei por mim, e, por confissão de muitos dos mais illustros dentre elles, quantas vezes a permanencia dessa instituicao odiosa no Brasil nos vexava e nos humilhava ante o estrangeiro. Cada vez mais me convenci de que uma das principais causas, se não a mais influente, das antipathias, das prevenções, e algumas vezes até do desdem, com que somos vistos nos Estados sul-americanos, nasce de uma falsa apreciação sobre o Brasil, em consequencia do estado servil...

Estamos em 1871 e não em 1867. As circumstancias do paiz são diversas, os tempos são outros.

Já então eu adoptava todos os principios contidos na proposta e porque sustentei que a reforma não era naquelle tempo opportuna hei de ser forçado a sustentar eternamente a sua inopportuidade? Singular maneira de entender a coherencia, sr. presidente.

Em "Homens e cousas do Imperio", conta Taunay, que victima de um ataque uremia o Visconde do Rio Branco agonizava, cercado pela familia e pelos amigos.

Pallido como cera, o olhar cerrado tentava de quando em quando erguer o braço, no seu gesto de orador, deixando escapar frases que davam idéa do seu delirio.

— Sr. Presidente... exclamou, grave - peço a palavra...

Momentos de silencio, e depois: — Peço licença para falar com muita pausa, devido ao meu estado de saude...

Novo silencio; e, em seguida: — Não perturbem a marcha do elemento servil...

E, com energia, na frase derradeira: — Confirmarei deante de Deus tudo quanto houver affirmado deante dos homens!...

Momentos depois, era a morte.

O negro deve ter, como principal objectivo a remocao de todos os resentimentos que possam haver entre um e outro, para que permaneam unidos numa politica de realizações.

Primeiro anniversario do trespasso do chronista do "O homem que passa".

Ha um anno, em 23 de Agosto o telegrapho nas trazia de Paris a contristadora noticia do fallecimento, num sombrio leito de hospital da «Cidade Luz», de José do Patrocinio Filho, uma expressao mental das mais fulgurantes de seu tempo, no jornal como no livro, no theatro como na conferencia, na poesia como na prosa, emfim o herdeiro do grande nome historico da imprensa e da tribuna, pela Abolição e pela Republica — José do Patrocinio.

O generoso movimento de fraternidade espirital que então chefiou o Globo ainda está na memoria de todos, e os despojos do malgrado confrade foram trasladados para o Rio, a sua cidade natal, onde receberam a mais commovida consagração de todas as classes e onde repousam para sempre, no carneiro perpetuo de seus avós maternos, na necropole de São Francisco Xavier, graças á iniciativa daquelle jornal carioca e ao apoio que lhe deram o sr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e os antigos collegas, amigos e admiradores do saudoso autor da «Sinistra Aventura».

CHOCOLATE

O sympathico pugilista preto continua a merecer o prestigio já conquistado.

Assistido por quatro mil pessoas, encontraram-se em Nova York, os pugilistas Jack Kid Berg e Kid Chocolate.

Ambos lutaram ardorosamente desde o primeiro instante até ao fim. Não houve quedas mas os dois combatentes golpearam com a maior violencia em todos os assaltos, dando á luta uma impressao maravilhosa, em technica e aggressividade. Berg pesava mais dez libras do que Chocolate, differença de que elle soube aproveitar-se, principalmente nos corpo-a-corpo.

Quando terminou o combate e o arbitro declarou o inglez vencedor, Chocolate rompeu num pranto convulsivo que commoveu os presentes. Até então o sympathico negro cubano nunca fora derrotado, em 168 combates profissionais, e o resultado dessa luta deixou-o profundamente abalado. No entanto, é opiniao unanime de que elle se conduziu irreprehensivelmente, enfrentando um homem mais pesado e levez o melhor elemento da sua categoria, durante os dez assaltos do encontro mais espectacular já visto nos ultimos tempos.

A VIDA É BELLA...

...sim A vida é bella... — exclamava heiten, em surdina, ao deparar, diante de mim um pobre cego que me estendia a mão encarquilhada, a pedir "uma esmola pelo amor de Deus"...

A manhã fugiu de esplendor. E eu deposito nas mãos do pobre um nickell, preferindo continuar a minha peregrinação pelas ruas cheias de sol, para ter a quntura de distribuir com os outros o rectante de uma fortuna.

Mulheres tagarela. Homens carancudos. Crianças chãrentes, caminham para as fabricas e para as escolas. Esse espectáculo é bem a alvorada da Vida... E eu caminho, absorto, a pensar na vida...

... a vida, que é o dia de hoje; que nós fitamos, ora com os olhos marejados de lagrimas, ora com os labios entreabertos em sorrisos.

A vida é bella... Dir-se-á que esse pobre, quando me estendeu, supplica, a mão, tinha na alma; accumulada, uma série enorme de tudo quanto é Felicidade na Terra...

Qual o cego, eu fecho os olhos, para não ver o desenrolar dessa beleza tragica da vida.

A beleza tragica da vida daquelle ricoço barão, cujo palacio é um mysterio, envolto na decadencia moral que o caracteriza, e no mal physico que o abate.

Entre a ventura do pobre e a desgraça do rico está a belleza magnifica da vida...

Entre a humildade daquelle e a resignação deste, desaparece todo o amargor do ingrem Calvario. E eu caminho, silencioso, absorto, por essas alamedas vivas. E balbucio, em surdina: A vida é bella...

EUCLIDES DE OLIVEIRA.

"Filhos do Sertão".

Para o maior desenvolvimento da musica regional brasileira acaba de ser fundado o "Grupo Regional Filhos do Sertão".

O grupo que fará sua estréia proximoamente, num dos theatros desta capital, é formado dos seguintes musicistas: flauta, Ernesto Nicolli, Rouxinol; violões, Fausto M. Souza, Mulatinho, e Benedicto dos Santos, Mano; cavaquinho, Mario Ramos, Catulé, réco-réco, Euclides de Souza, Batinguera; cantor solista, Fausto M. Souza, Mulatinho; pandeiro, Paschoal Giglio, Porigo.

"PROGRESSO"

ASSIGNATURAS

Anno 6\$000
Semestre 3\$000

CORRESPONDENTES

LIBERABA (Minas) — Isabel de Freitas
RIO CLARO — Eloy Francisco
BOTUCATU — D. Gabriela de Almeida
PINDAMONHANGABA — Lucidio Marcondes
LARANJAL — Luiz de Toledo
PIRACICABA — Geremias Geraldo Costa
SANTOS — Antonio de Campos e Octavio de Moraes.**"Passaro preto" foi indultado**

José da Silva, vulgo "Passaro Preto", compareceu no dia 12 no Palácio da Justiça. Sómente o facto de haver José da Silva, apparecido em Palácio, não despertava tanta curiosidade, por isso que, inúmeras vezes elle tem ali apparecido, escollado, affirm de responder a julgamento por crime de morte e crime de ferimentos graves, perpetrados em 1915, no conflicto do 1.º Regimento de Cavallaria.

Mas Passaro Preto appareceu sóto, completamente livre, passando a sua figura de athleta pelos corredores do Palácio da Justiça.

Todos que o viram indagavam dos motivos que determinaram a soltura do accusado. É sabido que em Dezembro do anno passado, por conseguinte ha dois mezes e meio, "Passaro Preto" foi condemnado pelo ultima vez a 25 annos e meio de prisão cellullar. E seu nome constava da lista dos julgamentos para de novo comparecer perante o jury.

Ha poucos dias, o accusado foi o autor de mais um conflicto na Cadeia Publica e por isso foi transferido para a penitenciaría do Estado, por ordem do juiz de direito da ha vara criminal.

A soltura de José da Silva, merecia uma indagação e foi o que fizemos. Conseguimos saber que o Governo do Estado, resolveu indultar o criminoso, ja que o jury popular não havia reconhecido a nullidade do processo que lhe movera a Justiça Publica.

Passaro Preto, em plenário, pleiteou a nullidade do processo, porque se tratava de um crime verificado em consequencias de um começo de levante do Quartel e, assim, não era crime comum. Mas o jury de modo quiz saber e condemnou o accusado a 25 annos de prisão cellullar.

Pharmacia São Benedicto**LEVY A. SANTOS**

Rua Amaral Gurgel, 47 — Telephone: 4-4960

Completo sortimento de drogas e perfumarias nacionaes estrangeiros

Artigos de borracha. Secção completa de Homeopallia

Perfumarias finissimas. — Fabrica do Dulcibr.

Entrega rapida a domicilio — — — — — Preços minimos

ABERTA ATE AS 24 HORAS

APPLICA INIECÇÕES GRATIS

General Miguel Costa

Officiaes da Força Publica estão promovendo uma homenagem ao general Miguel Costa, Secretario da Segurança Publica, a qual, constará de um grande banquete de quinhentos talheres, para o qual já estão sendo recebidas as adhesões.

Príncipe de Galles

Deve chegar hoje a esta capital o príncipe de Galles e seu irmão, o príncipe Jorge, que estão realizando uma excursão pelos países da America Latina.

S. A., a quem caberá o throno do maior imperio do mundo, é, dentre os príncipes de sangue real, o que mais se sobressa, pela sua cultura invulgar, pelo fino trato, pela sua sympathia que tem suscitado onde quer que tenha apparecido.

As tradições de amizades que nos ligam ao imperio Britannico, são motivos bastantes para que a visita de S. A. se revista de um caracter excepcional, merecendo-nos por isso as melhores attentões a sua personalidade.

O Progresso, sauda na pessoa de S. A. R. não sómente o futuro grande monarcha, mas tambem o "gentleman" perfeito, que se destaca dentre os seus mais illustres pares.

Festival em Santos**para a Herma a Luiz Gama**

Os srs Antonio de Moraes e Antonio de Campos, residentes em Santos, organizaram para o dia 17 de maio em vespéral na quella cidade littoranea, um festival cujo producto se destina a construção da herma a Luiz Gama.

Essa é a contribuição da cidade de Braz Cubas, ao empreendimento dos negros de S. Paulo que em nome dos de todo o Brasil, vão perpetuar na praça publica a memoria de Luiz Gama.

O festival de Santos, segundo desejo dos organizadores, obedecerá ao mesmo programma da nottada de hoje no Municipal, fazendo a conferencia o secretario geral da commissão, a qual terá o seguinte titulo — Luiz Gama, o filho dilecto da desgraça.

Com o convívio dos livros prepararemos as lutas de nossa emancipação moral para a grandeza do Brasil que ajudamos a construir. L. Guedes.

A "raça cosmica," sahirá do mestiço

De quando em vez, depois de uma certa descrença em nós mesmos, é reconfortante receber-se, como uma ducha fria que retempora a esperança, a opinião de certos pensadores que andam pelo mundo, á procura da verdade e da salvação humana.

O conde Keyserling é uma dessas figuras. Encontrou elle nessa nossa America Latina, tão redicularizada pelos europeos, o verdadeiro, o unico caminho da humanidade. O thema da sua Conferencia, de ha dias em Paris não foi senão um elogio eloquente ao futuro espirital do nosso Continente.

Nós povos latino-americanos herdeiros ancestraes da tradição Atlantica, que Fawcett affirmava enterrada aiueda, nós é que iremos levar adiante o facho sagrado que salvará a hmanidade de uma ruina certa. A "raça cosmica" de que falava José de Vasconcellos sahirá dessa heterogeneidade de mestiços inquietos, cuja inferioridade foi um velho thema, forjado a proposito, pelas raças saxonicas, para explicação commoda e utilitaria de sua tendeuca imperialista.

O Operario

Completoou 18 annos de existencia no dia 14. O operario. Jornal que espasa os interesses da Igreja de Christo, não poderia deixar de ser apreciado pelos brasileiros, nascidos á sombra do Cruzeiro.

Fazendo votos pela longividade do colega, enviamos ao dirigentes os cumprimentos



A formosa filha dos pampas que no memoravel certame de belleza internacional conquistou o titulo de Miss Universo, convidada, especialmente, para as homenagens ao filho de Jorge V, encontra-se no Rio.

Vindo a S. Paulo, conforme nós communicou o academico Erasmo Flores da Cunha, a mais linda Brasileira tomará uma iniciativa para beneficiar a herma que o Progresso, em nome dos pretos do Brasil vae erigir ao grande abolicionista Luiz Gama.

Este gesto da senhorinha Yolanda Perleira, põe a prova a lhaneza e o alto espirito do filhos do sul.

As Sociedades, cabe reagir e procurar desenvolverem se em todos os sentidos de modo a resolverem o problema de alphabetização de seus associados. L. Guedes

O dia de fè da Raça Negra

O Clarim da Alvorada

LEGITIMO LORGAM DA MOÇORA DE NEGRA

Editado: Pela Soc. Cooperadora FUNDADO EM JANEIRO DE 1924
 O CLARIM DA ALVORADA Redacção e J. de RUA S. ANTONIO, 206 Independência
 ANNO IX São Paulo, 13 de Maio de 1932 DOUTRINA Doutrina Verdade NÚMERO 41

13 DE MAIO

(A DATA DA REDEMPÇÃO DOS CAPTIVOS)

Especial para "O CLARIM DA ALVORADA"
 Arthur NOYTA
 Da Academia Paulista de Letras

IN FELIZMENTE, tive ainda a lenço de alcançar os ominosos tempos da escravidão em meu país.

Contava, quando se decretou a abolição, 9 annos de idade e vivêra em uma fazenda do município S. Matheus, no Estado do Espírito Santo, desde o começo do anno de 1867 aos primeiros mezes de 1869.

Na fazenda de Sant'Anna, de propriedade dos meus avós paternos, não havia o arsenal de instrumento de tortura experimentados na idade média e conservados pela maldade dos homens.

Lá só reinavam o azorrague e a palmatória, discretionalmente nas mãos do feitor prepotente, para castigo de adultos e menores.

Mas, embora simplificados os castigos, ou reduzidos a estipendio mais simples, eram os mesmos dolorosos, humilhantes e vergonhosos.

Minha saudosa Mãe, que sempre tinha vivido na Corte, cuja educação era forrada dos mais elevados princípios da religião christã, não podia suportar semelhantes processos correctivos considerados como brandos ou simples pelos que estavam habituados aos trocos ou pelourinhos, às grilhetas ou grilhões, ou quaisquer outros instrumentos de supplicio.

Quando sabia que iam infligir castigo corporal a algum dos infelizes escravos, ella dava-me instruções para evitar que se applicasse a tortura.

Conhecia a grande amizade que a minha avó e madrinha me dedicava e aconselhava-me a conseguir relevação da pena.

Habituei-me a exercer as funções de apadrinhador os anjo da guarda dos infelizes escravos. E, de cada vez que eu conseguia sustar a sova ou surra, como se dizia no tempo, experimentava duas satisfações: a gratidão do captivo que devia ser castigado e, sobretudo, o prazer sublime de um beijo quente e significativo que me dava a legítima protectora dos míseros pretos.

Até hoje sinto a impressão desses beijos, assignalando os meus actos de bondade suggerida pela santa advogada da raça negra.

Posso affirmar que os espectáculos horríveis do captivo actuaram beneficentemente sobre a formação do meu caracter e sobre a ternura do meu coração.

A observação quotidiana dessas scenas tragicas aporou-me os sentimentos de compaixão e tornou-me piedoso e luctuoso no espirito esse elemen-

Continua na 3. pagina

Hontem e Hoje



1888 LEGENDA de evocação, com a força symbolica de confrontar duas épocas. Ella é a linguagem da verdade que perennemente se curvra, através dos choques e dos entre-choques em que a raça se deito ascendir, na alieitua de nobres inspiraçoens que se abrem nos horizontes de suas grandes esperanças...

Hontem! O rebo do couro crú, anavilhando carnes e derrendo energias. Hoje! O sol corrusco d'uma liberdade pro-forma, salientando o negro das carnes aos ignorantes para toda a sorte de escarneo... densas que não nos supportam—deve ser a seta e a ultima arma do combate, dentro da sociedade nacional, anciosa por dictar ao mundo, as leis mais concentradas duma democracia interessante. Hontem e hoje! Dois sentidos que são, dois polos em cuja delimitação o negro está dentro deste seculo, responsável pelo amanha, herança aos que continuaram uma obra que nós não iniciamos, mas ajudamos conservar sobrepondo pedra sobre pedra.

E' ainda no curso da vida nacional, uma data de expressiva grandiosidade, a que hoje transcorre.

Muito embora, fosse abolido o feriado, o dia 13 de Maio não deixa de ser a data que assignala no calendario da nossa historia politica, a mais bella jornada que a tempera combativa da nacionalidade emprehendeu no campo das reviduções humanitarias. Rememorar os feitos da grande vibração brasileira, no fulgor da batalha, não nos obrigamos. Estamos como ja se vem a quizal um decennio, cumprindo o nosso dever civico.

Isso porque a data de hoje, tem no sentimentalismo puro da raça reingatada o culto do silencio na tormenta dos sophismas que plasmam na esteira da vida. E no cyclo onde as ideias revessem, no symbolismo universal, a campanha abolicionista tem na legenda dos tempos, esse facto de projecções luminosas que enfaixa as afaixas das multidoes. E' uma data humana na

os principios civilisados que o christianismo resalta no quadrante das aspirações de igualdade e fraternidade terrrena. Echos ainda na ressonancia das cropitações no remontar desse captulo de fogo, a agitação dos corsiclos, os debates parlamentares, e o entusiasmo do mais bulio do nosso jornalismo. O captivo é a mancha que no reverso da medalha, alguns descendentes de escravos e de escravocratas, procuram apagar a quizal de vergonha do passado.

No entanto, desde o esertor do regimen do trabalho forçado, na humilhação do chicote, esses brasileiros em—ipso facto, não se envergonham da situação de abandono em que raça negra ficou.

A obra dos abolicionistas não foi completada pelos governos, não foi visitada pelos que se enriqueceram no suor do negro e nem mesmo pela piedade christã. O 13 de Maio, é o dia de fé da raça capelinhada.

O dia de reconhecimento aos imortales defensores da sua liberdade, e O CLARIM DA ALVORADA, interpretando, esse sentimento real, os politicos da sangualia redemptora, suas honraças.

Leiam 'O CLARIM DA ALVORADA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Poema do Perdão

*Lavra, lavrador.
Mas cuidado: lavra, com carinho.
Em cada enxadada, que desferires
contra o flanco franco da terra, põe amor.
E não derrubes aquelle jequitibá; não o magoes:
lembra-te de que aquelle jequitibá viçou,
regado pelo pranto quente
dos escravos, que teu pae amortahou.*

*Lavra, com amor.
Lavra, alegre; trabalha contente.
E lembra-te, sempre,
de que, cada arvore que nascer,
será duas mãos postas,
a rezarem, clementes,
por que Deus abençoe
os escravos bravos.
Que teu pae amortahou!
(CAMPOS, Progresso, 31 de jan. 1932, p.3).*

Os primeiros jornais da imprensa negra iniciaram um movimento jornalístico de luta pela integração social dos negros nas primeiras décadas do século XX. Abriram caminho para consolidação de uma imprensa voltada para a defesa dos interesses dessa população.

Com a publicação dos primeiros jornais ocorreu um movimento de encorajamento dos diversos grupos de negros e associações naquele momento o que possibilitou o aparecimento de outros periódicos e o fortalecimento das propostas defendidas por essa imprensa.

Os periódicos da imprensa negra circularam em diversas regiões do país. Alguns tiveram uma vida efêmera outros circularam durante alguns anos. No entanto, devido à fundação de vários desses jornais o período de abrangência desta imprensa se prolongou por mais de cinco décadas.

Foi uma imprensa de informação e formação, de protesto, de reivindicação e de educação da população negra que teve acesso a ela. Lutou pela integração dos negros na sociedade e contra o preconceito. Atuou em várias frentes, sendo assim não pode ser compreendida apenas como um veículo de contestação ou simplesmente como uma imprensa adicional.

Pelas páginas desses jornais foram veiculadas diversas matérias e, em cada uma os discursos apontavam para diferentes direções que, em alguns momentos condenavam determinadas atitudes dos negros frente à situação em que se encontravam, outras vezes valorizavam determinadas ações e, ainda em algumas ocasiões colocavam o fardo da situação de desigualdade social no próprio negro. Foram as escolhas e os percursos feitos por esses jornais.

Os jornais da imprensa negra discutiram e colocaram em evidência questões relacionadas aos negros e, principalmente proporcionando-lhes um espaço que certamente não teriam em outros meios de comunicação.

As pessoas que colaboraram para o funcionamento dessa imprensa, em geral eram trabalhadores assalariados que, muitas vezes utilizavam-se de parte dos próprios ordenados para ajudar no custeio dos jornais. Além desses, colaboraram também muitas mulheres que com a organização de diversos eventos socorreram economicamente em momentos difíceis alguns desses jornais.

A valorização da educação era um aspecto comum nesta imprensa. Foram vários os artigos escritos que procuravam conscientizar o leitor da importância da educação

para a melhoria da sua condição social e para a conquista de um lugar diferente na sociedade.

[...], certamente os jornais negros se constituíram num importante veículo, por meio dos quais as lideranças negras iniciaram um trabalho de conscientização e mobilização do negro, de valorização de sua identidade e de luta pela sua plena inserção na sociedade. As bandeiras de luta, as campanhas levadas a efeito por estes jornalistas para conseguir este objetivo e, ainda, as causas pelas quais lutaram ou o seu posicionamento perante os acontecimentos que diziam respeito ao negro e à sociedade em geral constituem um importante documento para aqueles que pretendem entender o movimento negro. (PINTO, 1999, p. 66)

A educação muitas vezes se revestia de uma dualidade, pois ao mesmo tempo em que representava o caminho para ascensão social, funcionava em determinados momentos como justificativa para a situação de desigualdade. Em outros termos, dependendo das circunstâncias serviria tanto para romper com uma determinada situação como para conformá-la – estudou por isso *conseguiu um lugar digno na sociedade; vivem em estado de decadência*, pois não estudaram.

As representações de algumas personalidades ligadas à abolição da escravidão foi um aspecto comum em parte desses jornais que, em geral procuravam descrever de maneira positiva a ação dessas pessoas. Os significados atribuídos à atitude dessas pessoas estavam relacionados à idéia de gratidão e, no caso específico daquelas ligadas à monarquia havia ainda uma valorização da realeza, a recriação e ressignificação de concepções culturais africanas pelos seus descendentes no Brasil.

A integração defendida por esses jornais como demonstrado anteriormente foi manifestada de diversas maneiras, buscava-se um espaço naquela sociedade. Nesse sentido, havia um compartilhamento e a reelaboração de alguns valores que circulavam na sociedade naquele momento.

O sentido dessa imprensa não deve ser buscado naqueles textos aparentemente críticos ou ainda em determinados posicionamentos políticos, não havia uma homogeneidade nos jornais e as contradições eram visíveis, pois foram criados por homens que viviam as incoerências, as incertezas e os dilemas do seu tempo. Sendo assim, o seu sentido deve ser buscado no seu conjunto e ao mesmo tempo nas suas particularidades.

Desta forma, a imprensa negra paulista pode ser vista como um órgão de educação e de luta pela cidadania no período pós-abolição. Em outras palavras, pode-se dizer que

com a publicação desses jornais evidenciou-se no interior das comunidades negras um movimento de fortalecimento das suas ações e de divulgação ao público, sobre um outro enfoque, da situação de desigualdade vivenciada pelos negros, ou seja, sob o olhar do próprio negro.

Nesse trabalho, procurou-se evidenciar o papel educativo desempenhado pela imprensa negra em São Paulo, ou seja, a sua influência na luta dos negros pelos seus direitos ou ainda pela sua consolidação.

Em suma, a ação desses jornais se configurou como um ato de luta política e, nesse sentido, é preciso buscar a história desses jornais e dos sujeitos que se organizaram para sua produção e distribuição compreendendo-a a partir da ampliação do entendimento do campo político e da valorização das lutas mais cotidianas.

Relação de arquivos e bibliotecas consultadas

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Biblioteca Ana Maria Popovic – Fundação Carlos Chagas.

Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e ciências humanas – USP.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Biblioteca Municipal Nuto Sant' Anna.

Centro de Documentação e Informação Científica, PUC/SP.

Departamento do Patrimônio Histórico (Divisão do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís).

Fontes

Impressas

A imprensa negra em São Paulo 1918/1965: (exposição) 31 de maio a 26 de junho. São Paulo; Pinacoteca do Estado, 1977.

Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 24 de fevereiro de 1891.

Constituição dos Estados Unidos do Brasil, 16 de julho de 1934.

Decreto-Lei nº 19.482, Lei de Nacionalização do Trabalho, 12 de dezembro de 1930.

Prontuário 1538. DEOPS, Ofício ao Gabinete de investigações, Frente Negra Brasileira. 23 de dezembro de 1931.

Prontuário 1538. DEOPS, Ofício ao Gabinete de investigações, Frente Negra Brasileira. 28 de março de 1932.

Prontuário 1538. DEOPS, Ofício nº 509, Frente Negra Brasileira. 1 de junho de 1933.

Prontuário 1538. DEOPS, Ofício ao Gabinete de investigações, Frente Negra Brasileira. 23 de dezembro de 1931.

Prontuário 1538. DEOPS, Ordem de serviço, Investigador nº 240. 7 de março de 1938.

Jornais

O Menelick, São Paulo, out. 1915 – jan. 1916.

A Rua, São Paulo, fev. 1916.

O Xauter, São Paulo, maio 1916.

O Alfinete, São Paulo, set. 1918 – nov. 1921.

O Bandeirante, São Paulo, set. 1918 – abr. 1919.

A Liberdade, São Paulo, jul. 1919 – out. 1920.

O Sentinela, São Paulo, out. 1920.

O Kosmos, São Paulo, ago. 1922 – jan. 1925.

Getulino, Campinas, ago. 1923 – maio 1926.

O Clarim d'Alvorada, São Paulo, Jan. 1925 – set. 1940.

Elite, São Paulo, jan./fev./mar. 1924.

Auriverde, São Paulo, abr./ maio 1928.

Progresso, São Paulo, jun. 1928 – ago. 1932.

Chibata, São Paulo, fev./mar. 1932.

A Voz da Raça, São Paulo, mar. 1933 – nov. 1937.

O Clarim, São Paulo, fev./maio 1935.

Brasil Novo, São Paulo, abr./jul. 1933.

Bibliografia

Dissertações

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista 1915-1963*. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

GARCIA, Marinalda. *Os arcanos da cidadania: A Imprensa Negra paulistana nos primórdios do século XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: A militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas. Campinas.

MOTTA, Ubirajara Damaceno da. *Jornegro: um projeto de comunicação afro-brasileira*. São Paulo – 1978. 1986 Dissertação (Mestrado em jornalismo) – Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo.

PINTO, Regina Pahim, *O Movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. 1993. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. *Capoeiras e malandros: Pedacos de uma sonora tradição popular (1890-1950)*. 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas. Campinas.

Livros e artigos

A BIBLIA SAGRADA. Tradução João Ferreira de Almeida, 2 ed. ver. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: O negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

AZEVEDO, Elciene. “Lá vai verso!”: Luiz Gama e as primeiras trovas de Getulino. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.). *A história contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 145-170.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 129-156.

BLOCH, Marc. *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 69-87.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CHALHOUB, Sidney. Medo branco de almas negras: Escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 16, p.83-105, mar./ago. 1988.

_____. Os mitos da abolição. In: *Trabalhadores*. Campinas: Fundo de Assistência à cultura, 1989, p. 36-40.

_____. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel, a “Redentora” dos escravos: uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. Bauru: EDUSC, 2004.

DARNTON, Robert; Roche, Daniel. (Orgs.). *Revolução impressa: A imprensa na França 1775-1800*. São Paulo: EDUSP, 1996.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 259-273.

_____. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. A escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século. *ANDE, Revista da Associação Nacional de Educação*, v. 14, n. 8, p. 51-61, 1989.

DOMINGUES, Petrônio José. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

FONSECA, Marcos Vinicius. *A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002 a.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 24 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1991.

GINZBURG, Carlo. Sinais; Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, p. 143-179.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira.; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 15, p. 134-158, set/out/dez. 2000.

HOBSBAWM, Eric. Da história social à história da sociedade. In: *Sobre a história*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, p. 83-105.

_____. Os destruidores de máquinas. In: *Pessoas extraordinárias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 15-33.

LARA, Sílvia Hunold. *Campos da violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Tiradentes e a nação esquartejada. In *Pátria amada esquartejada*. São Paulo: DHP, 1992, p. 19-28.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: O Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista na Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996, p. 23-40.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Crime e escravidão: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas 1830-1888*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MOURA, Clóvis. A Imprensa negra em São Paulo. In: *Imprensa Negra*. Estudo crítico de Clóvis Moura. Legendas Miriam Nicolau Ferrara. São Paulo: Imprensa Oficial: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2002, Edição fac-similar.

PERES, Eliane. Sobre o silêncio das fontes... A trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico-raciais. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. São Paulo, n. 4, p. 75-102, jul/dez. 2002.

PERROT, Michelle. A juventude operária. Da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude (Orgs.). *História dos jovens*. Vol. 2. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 83-136.

RAMOS, Jair de Souza. Dos Males que Vêm com o Sangue: as Representações Raciais e a Categoria do Imigrante Indesejável nas Concepções sobre Imigração da Década de 20. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996, p. 59-82.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica. In: *Cadernos Cedes*. São Paulo, n. 52, p. 55-73, nov. 2000.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo, 1993.

_____. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996, p. 41-58.

SILVA, Adriana Maria Paulo da. *A escola de Pretextato dos Passos e Silva: questões a respeito das práticas de escolarização no mundo escravista*. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. São Paulo, n. 4, p. 145-166, jul/dez. 2002.

SLENES, Robert W. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XIX. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 16, p. 189-203, mar./ago. 1988.

_____. Escravos em Campinas. In: *Trabalhadores*. Campinas: Fundo de Assistência à Cultura, 1989, p.25.